



**UERN**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC**  
**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E**  
**INCLUSÃO**

**ROSILENE DA COSTA BEZERRA RAMOS**

**ENTRE MEMÓRIAS, RIMAS E VERSOS:**  
**EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA VOZ DE UM POETA POPULAR NO**  
**PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO – BARAÚNA/RN**

**MOSSORÓ-RN**

**Abril/2018**

**ROSILENE DA COSTA BEZERRA RAMOS**

**ENTRE MEMÓRIAS, RIMAS E VERSOS:  
EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA VOZ DE UM POETA POPULAR NO  
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO – BARAÚNA/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

**MOSSORÓ-RN**

**Abril/2018**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

R175e Ramos, Rosilene da Costa Bezerra  
ENTRE MEMÓRIAS, RIMAS E VERSOS:  
EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA VOZ DE UM POETA  
POPULAR NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO -  
BARAÚNA-RN. / Rosilene da Costa Bezerra Ramos. -  
Mossoró-RN, 2018.  
202p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-  
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

1. Experiências formadoras. Narrativas  
(Auto)biográficas. Memórias. Saberes. Programa Brasil  
Alfabetizado. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade  
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

ROSILENE DA COSTA BEZERRA RAMOS

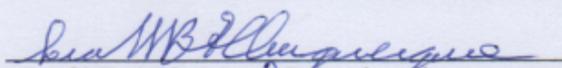
ENTRE MEMÓRIAS, RIMAS E VERSOS: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA  
VOZ DE UM POETA POPULAR NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO –  
BARAÚNA/RN

DATA DE APROVAÇÃO: 10 / 04 / 2018

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Oliveira Aguiar  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof.ª Dr.ª Lia Matos Brito de Albuquerque  
Universidade Estadual do Ceará



Prof.ª Dr.ª Normandia de Farias Mesquita Medeiros  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Dedico aos meus alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos, mestres na vida, inspiração primeira deste trabalho. Homens e Mulheres de vozes abafadas pela história oficial, sujeitos silenciados em suas práticas cotidianas, mas que exalam desejos de sabedoria e cultivam vestígios de esperança de um mundo melhor.

## CAMINHOS DO CORAÇÃO

Gonzaguinha (1982)

Há muito tempo que eu saí de casa  
Há muito tempo que eu caí na estrada  
Há muito tempo que eu estou na vida  
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz

Principalmente por poder voltar  
A todos os lugares onde já cheguei  
Pois lá deixei um prato de comida  
Um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar

E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme  
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos  
É tão bonito quando a gente vai à vida  
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração

E aprendi ...

Final:

O coração, o coração

## AGRADECIMENTOS

A vida ensina no amor, na dor, na luta, no sofrimento.

Nildo da Pedra Branca (2017)

Com a inteireza que há em mim, agradeço à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, por todos os ensinamentos, pela disponibilidade, confiança e escuta afetiva. A sua postura ética, seu amor pelo ser humano e pela vida e, as sábias palavras em nossos muitos momentos de orientação continuarão a produzir efeitos em mim. O seu profundo conhecimento a respeito do Método (Auto)Biográfico, oferecido de maneira generosa, zelosa e atenta, foi expressiva fonte de inspiração. A você, Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia, devo a semente germinadora deste trabalho. É grande a felicidade de ter o seu apoio para ancorar minha ventania e lançar-me ao mar. Por essas e muitas razões: *Danke fur alles!*

Agradeço à minha família, pilar de sustentação da minha história de vida, por ter compreendido as minhas angústias e ausências até mesmo quando estava presente. Em especial aos amados netos Françóis e Laura. Na feitura deste texto, eles me brindavam com divertidas e barulhentas brincadeiras. O espírito livre e a leveza desses pequenos ensinam-me uma nova maneira de sorrir e viver.

Ao filho Alexandre Ramos, pelos diálogos nos momentos de idas e vindas ao *locus* da pesquisa, pela contribuição em fazer os belos registros fotográficos e por não medir esforços quanto a minha alfabetização digital.

Ao poeta Nildo da Pedra Branca, figura humana singular e gigante da geografia mossoroense. Esse homem de alma e vida simples, ao partilhar suas experiências e histórias vividas, preencheu meu espírito com os encantos da vida sertaneja transformada em poesia. Neste momento, a frase do personagem Chicó, da obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, faz todo sentido: “Não sei, só sei que foi assim”.

Minha imensa gratidão!

## RESUMO

O projeto desta dissertação tornou-se possível porque, a partir da interação com a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, descobri novas formas de enxergar o mundo. As experiências formativas vivenciadas junto a ela me fizeram vislumbrar a oportunidade de trazer para o centro do presente estudo os saberes dos sujeitos ditos comuns, cuja formação é ancorada nas raízes da cultura popular, de modo a considerar suas contribuições e experiências de vida, fatores decisivos no seu constituir-se pessoal e profissional. Refleti a respeito das experiências formadoras presentes na narrativa das histórias de vida do poeta popular Nildo da Pedra Branca. Na trilha dos fios da história de vida desse sujeito, busquei analisar, por meio das suas narrativas (Auto)biográficas como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal. Essa análise teve como objetivo compreender como os saberes alicerçados nas experiências do cotidiano do referido poeta contribuíram para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado (PBA). As inspirações teóricas de embasamento foram os estudos de Freire (1980, 1981, 1987, 1996 e 2007), Josso (2010), Halbwachs (2006), Martins (2000), Brandão (1981) e Tardif (2010). Utilizei os conceitos e definições desses autores por contribuírem com as discussões levantadas e para o alcance dos meus objetivos. Como resultados, o estudo aponta algumas percepções. A primeira delas diz respeito aos fecundos processos formativos do seu narrador personagem, tecidos nos fios da memória que enredam a sua trajetória de vida. Destacam-se os saberes construídos com o pai, as lutas sindicais, a experiência de tornar-se poeta e à docência no PBA, que resultaram em transformações existenciais e cognitivas. As experiências narradas revelam também o seu empoderamento a partir do seu aprender, nas relações estabelecidas na labuta do cotidiano. Conhecimentos que o impulsionaram ao espaço da sala de aula como alfabetizador e formador de professores do PBA. A relevância deste estudo está em representar uma significativa contribuição para reflexão nos espaços de formação docente. As histórias de vida, além do seu significado investigativo, representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra e para os outros. As narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, da formação e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Experiências formadoras. Narrativas (Auto)biográficas. Memórias. Saberes. Programa Brasil Alfabetizado.

## ABSTRACT

The project of this dissertation became possible because, due to the interaction with my academic counselor, Prof. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, I discovered new ways of seeing the world. The educational experiences that I have experienced with her, made me envision the opportunity to bring to the center of this current study, the knowledge of the so-called common individuals, whose education is anchored in the roots of popular culture, to consider their contributions and life experiences, decisive factors in their personal and professional background. Reflected on the educational experiences present in the narrative of the life stories of the popular poet Nildo da Pedra Branca. In the trail of the threads of the life story of this individual, I sought to analyze, through his (auto)biographical narratives, how the knowledge and educational experiences contributed to his (self)education and his professional and personal development. This analysis aimed to understand how the knowledge based on the experiences of the poet's daily life contributed to his qualification as a literacy teacher and as an educator of literacy teachers in the *Programa Brasil Alfabetizado* - PBA (Brazil Literate Program). The theoretical basis was inspired by the studies of Freire (1980, 1981, 1987, 1996 and 2007), Josso (2010), Halbwachs (2006), Martins (2000), Brandão (1981) and Tardif (2010). I have used the concepts and definitions of these authors because of their contributions to the discussions raised and to the achievement of my objectives. As results, the study points out some perceptions. The first one concerns the productive educational processes of his narrator character, woven into the threads of the memory that entangle his life trajectory. It is highlighted the knowledge built with his father, the union struggles, the experience of becoming a poet and teaching in the PBA, which resulted in existential and cognitive transformations. The narrated experiences also reveal the empowerment from his learning, in the relations established through daily toil. Knowledge that drove him to the classroom environment as a literacy teacher and an educator of literacy teachers of the PBA. The relevance of this study is to represent a significant contribution for reflection in the teachers' training environment. The life stories, in addition to their investigative meaning, represent a training tool for the narrated person, as well as for others. The narratives serve as material for understanding the processes of knowledge, educational training and learning.

**Keywords:** Educational training experiences. (Auto)Biographical narratives. Memory. Knowledge. Brazil Literate Program.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Foto 1</b> - Registros da primeira orientação individual de Dissertação. ....	31
<b>Foto 2</b> - Rosilene da Costa Bezerra Ramos, aos 7 anos de idade, em sua residência localizada na cidade de Mossoró/RN. ....	36
<b>Foto 3</b> - Capa ilustrada do Cordel As proezas de João Grilo. ....	39
<b>Foto 4</b> - Elenco de ‘O Sítio do Pica-Pau Amarelo’, versão da década de 1970. ....	41
<b>Foto 5</b> - Imagens da abertura e dos atores do seriado “Shazan, Xerife & Cia”, 1972. ....	42
<b>Foto 6</b> - Conclusão do 2º Grau – Habilitação Específica para o Magistério. ....	49
<b>Foto 7</b> - Visita à Universidade de Havana. Cuba, 2016. ....	56
<b>Foto 8</b> - Poeta Luiz Campos no Sarau de Poesias do Colégio Diocesano Santa Luzia - Mossoró/RN. ....	71
<b>Foto 9</b> – Fotos do Poeta Nildo da Pedra Branca na Oficina de Cordel, no Colégio Diocesano Santa Luzia, localizado na cidade de Mossoró/RN. ....	83
<b>Foto 10</b> - O poeta Nildo da Pedra Branca ministrando a Oficina <i>O Cordel na Sala de Aula</i> para os alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, em Baraúna/RN. ....	85
<b>Foto 11</b> - Momento de formação para alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, promovido pela autora, no município de Baraúna/RN. ....	107
<b>Foto 12</b> - Estudo de campo na cidade de Angicos/RN. Em 19/03/2016. ....	112
<b>Foto 13</b> - Roda de conversa com um aluno remanescente de Paulo Freire, na Cidade de Angicos/RN. Em 19/03/2016. ....	113
<b>Foto 14</b> - Praça da Matriz – Fonte: Site patativadoassare. ....	118
<b>Foto 15</b> - Lajedo da Escada – Fonte: Arquivos da Autora (2017). ....	118
<b>Foto 16</b> - Poço de Vertentes – Fonte: Arquivos da Autora (2017). ....	118
<b>Foto 17</b> - Parque Nacional da Furna Feia – Fonte: Isis Evelen (2016). ....	118
<b>Foto 18</b> - Veículo de comunicação escrita da cidade de Mossoró dá destaque à realização do I Seminário de Educação de Jovens e Adultos do município de Baraúna/RN. ....	125
<b>Foto 19</b> - O poeta Nildo da Pedra Branca e a pesquisadora em uma conversa à sombra do pau branco – local de inspiração do poeta para a criação dos seus poemas. ....	140
<b>Foto 20</b> - Exemplar original do primeiro Cordel publicado por Nildo da Pedra Branca. ....	143
<b>Foto 21</b> - O poeta Nildo da Pedra Branca em sua residência, narra sua história de ida para as crianças da sua comunidade. ....	154

**Foto 22** - Veículo de comunicação escrita da cidade de Mossoró destaca o protesto dos moradores do assentamento Independência/Sítio Pedra Branca por melhorias de infraestrutura..... 156

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2015.....	92
--	----

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> - Localização do Município de Baraúna/RN .....	116
--	-----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Programa Brasil Alfabetizado – Resoluções Normativas (2010, 2011, 2012 e 2013) ....	101
<b>Quadro 2</b> - Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil alfabetizado.....	115
<b>Quadro 3</b> - A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência e a atuação do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA.....	170

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CONSEP	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
DIRED	Diretoria Regional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal do Semi-Árido
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
GTs	Grupos de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
DAIN	Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MAMAPE	Magistério das Matérias Pedagógicas
NURE	Núcleo Regional de Educação
MEC	Ministério da Educação
PROFORMAÇÃO	Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios
PNAC	Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania
PAS	Programa Alfabetização Solidária

SEADIS	Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
PNE	Plano Nacional de Educação
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
SEEA	Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
PPALFA	Plano Plurianual de Alfabetização

## SUMÁRIO

<b>PRELÚDIO DE PARTIDA PARA MUITOS DESTINOS.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>28</b>
<b>ARTESANIA DE MIM: TECITURA DE LEMBRANÇAS DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E APROXIMAÇÃO COM O POETA NILDO DA PEDRA BRANCA NA ESTEIRA DA FORMAÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>1.1 Memórias de uma infância embalada pela poesia popular .....</b>	<b>30</b>
<b>1.2 O debruçar-me sobre as minhas Narrativas(Auto)Biográficas da escolarização: reflexões, descobertas, lastros e rastros em um contínuo aperfeiçoamento .....</b>	<b>44</b>
<b>1.3 Trajetória Docente na Educação Básica e a Travessia de Docente à Professora Formadora .....</b>	<b>66</b>
<b>1.4 Na trilha da formação, cruzar caminhos: o eu na construção da pesquisa (Auto)Biográfica e o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca .....</b>	<b>77</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>87</b>
<b>ENREDO HISTÓRICO DO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO .....</b>	<b>87</b>
<b>2.1 Histórico das Políticas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: um retrospectivo .....</b>	<b>89</b>
<b>2.2 Programa Brasil Alfabetizado e o seu embasamento legal .....</b>	<b>98</b>
<b>2.3 Fundamentos teóricos-metodológicos do Programa Brasil Alfabetizado.....</b>	<b>105</b>
<b>2.4 Programa Brasil Alfabetizado no município de Baraúna/RN: Fazer falar o silêncio pelas lembranças na voz de um caminhante .....</b>	<b>116</b>
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>128</b>
<b>NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DO POETA NILDO DA PEDRA BRANCA:(RE) TRILHANDO EXPERIÊNCIAS FORMADORAS COMO RECURSO DE (AUTO)FORMAÇÃO .....</b>	<b>128</b>
<b>3.1 O poeta por ele mesmo: Alegrias e agruras de um poeta sertanejo .....</b>	<b>130</b>
<b>3.2 O poeta na peleja de sua escolarização: reminiscências doloridas entre o desejo de estar na escola e o abandono pela necessidade de trabalhar .....</b>	<b>146</b>
<b>3.3 Do sertão de lutas aos palcos dos Movimentos Sociais: memórias de conquistas tecidas entre sonhos, suores e versos .....</b>	<b>154</b>
<b>3.4 Um galope à beira mar na esteira da formação: fecundas tramas na experiência docente e de formador do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA .....</b>	<b>161</b>
<b>ARREIMATE EM NOVOS PONTOS DE PARTIDA: MUITO POR PRODUZIR A VIDA .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>185</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>195</b>

## **PRELÚDIO DE PARTIDA PARA MUITOS DESTINOS**



Dentre desejos, sonhos, lutas, poesias e histórias de vida, encarnadas em almas humanas, brota a escrita que compõe esta dissertação. Ao iniciar a feitura deste texto, encantada com o tema, por trazer à tona o universo das coisas miúdas e despercebidas do cotidiano, deixei-me seduzir por uma linguagem metafórica, fértil em significados, capaz de traduzir a complexidade do percurso vivido em uma pesquisa com o mote da subjetividade humana.

Nas trilhas, encruzilhadas, voltas e curvas que o tema poderia proporcionar, vesti-me como o roteiro de minha viagem (SARRES, 1993), em um contínuo ir e vir. Uma viagem aos saberes, histórias de vida, experiências e fazeres de um cidadão comum - Nildo da Pedra Branca -, sertanejo, agricultor, morador do campo e poeta. Homem simples, capaz de romper, como fez, o invólucro das barreiras impostas pelas dificuldades sociais e econômicas e inscrever-se no mundo como um sujeito de superação e de empoderamento.

Esta pesquisa, intitulada **Entre Memórias, Rimas e Versos: Experiências Formadoras na voz de um Poeta Popular no Programa Brasil Alfabetizado – Baraúna/RN**, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na linha **Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão**, investigou como os saberes alicerçados nas experiências do cotidiano de um poeta popular contribuíram para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado.

O percurso de escuta da história de vida do poeta Nildo da Pedra Branca, sujeito de desta investigação, movido pelo desejo de lançar um olhar à cultura popular, ancorou-se no objetivo central de analisar, por meio das narrativas (Auto)Biográficas desse poeta popular, como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (auto)formação e seu desenvolvimento profissional e pessoal.

A escolha inicial pela temática justifica-se pela tentativa de trazer o universo estético da cultura popular ao palco da minha viagem investigativa. Na busca aos arquivos da memória, deparei-me com laços ancestrais da minha infância, atravessada por implicamentos no fio da literatura de cordel.

Minha infância é cheia de sertões e poesia. Por um tempo, morei no Sítio Santa Rosa, na zona rural de Apodi/RN. Durante o dia, me envolvia com as brincadeiras por entre as carnaubeiras e o cenário da caatinga. À noite, escura como o assum preto, as rodas no alpendre da casa, à luz do luar ou de uma lamparina, envolviam crianças e adultos na debulha do milho

e feijão, atividade regada pelas histórias de trancoso e pelo recitar dos romances e versos de cordel. Pelas vozes e narrativas poéticas da vizinhança, as portas do rico universo da cultura popular se abriram para mim. Ali começou o meu fitar com o cordel. A poesia animava meus dias e noites.

Naquele cenário camponês, os versos exalavam encantamento. A entonação da voz, a cadência e as longas gargalhadas davam vida aos versos sobre os mais diversos temas, que bailavam do flagelo da seca aos romances dos amores proibidos. Viajávamos ao mundo do cangaço, aos temas da religiosidade e histórias de botija e assombração. O cordel, considerado um dos principais representantes da poesia popular nordestina, àquela época adquirido na feira da cidade de Apodi (RN), erguia e alimentava as prosas do alpendre. Todo esse universo me fascinava e aguçava meu imaginário. As personagens dos poemas pareciam fazer parte da vizinhança.

Quando voltei da cidade de Apodi/RN à Mossoró/RN, dividia o tempo em, durante o dia, flertar com a rotina da arte circense, pois o meu bairro recebia com frequência o picadeiro dos circos. Os aromas, sons e tons da magia daquele espaço roubavam o meu coração. À noite, do terreiro de casa, acompanhava o meu vizinho e poeta, Luiz Campos, improvisar sextilhas e realizar leituras performáticas dos cordéis na calçada da cantoria. Dono de um rico imaginário, o reconhecido e um dos maiores repentistas do Brasil, Luiz Campos, envolvia a plateia com a sua narrativa poética encantatória!

Esses momentos de arte e poesia, entrecruzados em minha infância, alimentaram o meu imaginário e integram o enredo da composição do meu ser. Ao refazer os caminhos percorridos quando criança pude (re)compor traços básicos da significação da escolha do meu tema de pesquisa e descobri-lo como raiz fincada na minha história. Das reminiscências do tempo de criança, das memórias embaladas pela poética e magia do circo percebo os primeiros contatos e aproximação com a temática.

As reflexões primeiras justificam o meu desejo em buscar o estudo da temática; elas mostram como a pesquisa desabrochou, vingou e caminhou aderida a minha história. O interesse acadêmico pelo tema iniciou quando lecionei em turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos, na década de 1990. Naquele momento, percebi a história dessa modalidade, construída à margem das políticas públicas. Conheci estudantes marcados pela exclusão, com percepções negativas de si, em virtude das más concepções sobre o sujeito analfabeto disseminadas na sociedade. Como educadora e cidadã não conseguia visualizar no chão da

escola a alardeada universalização do Ensino Fundamental no Brasil e o direito à educação estendido a todos.

No ano de 1999, a partir da percepção da negação do direito à educação a uma parcela significativa da população brasileira, as inquietações me possibilitaram um estudo inicial da temática de Educação de Jovens e Adultos. Os resultados apontados no referido estudo suscitaram em mim o desejo de continuar as pesquisas na área. Nessa busca por mais conhecimento sobre a temática me encontrei com os referenciais teóricos do método (Auto)biográfico. Esse encontro foi aquecido pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, no ano de 2015, quando retornei aos bancos da universidade como aluna especial do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN. A educadora me apresentou, por meio de sua prática e das atividades propostas, as bases teórico-metodológicas das narrativas (Auto)biográficas e o método (Auto)biográfico, sustentadas por autores como Josso (2010), Dominicé (2006) e Souza (2006).

Até então, inebriada pelos paradigmas da ciência cartesiana e positivista, me inquietava e indagava: “Isso é Ciência?” No transcorrer da disciplina *Memória Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica*, ocorreu a ruptura paradigmática. Ao ouvir as explanações da professora sobre a pesquisa (Auto)biográfica, narrativas e histórias de vida como potencializadoras de autoconhecimento decidi trazê-la para minha prática. Descobri que a lógica do cidadão comum, que a sociedade insiste em torná-lo anônimo, tem muito a nos ensinar. Nesse momento, decidi trabalhar com a história de vida do poeta Nildo da Pedra Branca.

O meu encontro e convívio com o poeta data do ano de 2010, quando vivenciei com ele uma experiência formativa e pude conhecer um pouco sobre a sua trajetória de vida. José Antônio da Silva,<sup>1</sup> o popular Nildo da Pedra Branca, natural de Mossoró/RN, desde criança cultivava o verso. Admirador de eventos religiosos, o poeta também aprendeu a tocar violão. Diante das dificuldades para estudar, começou a trabalhar ainda criança, por isso, conseguiu concluir o ensino fundamental já adulto

Líder de Reforma Agrária, o poeta desempenhou serviços em instituições de caridade da cidade. A sua história de vida, marcada por dificuldades e, ao mesmo tempo, embalada e

---

1 Nome de batismo do poeta. Na infância dado pela família recebeu o apelido de Nildo e na fase adulta, foi cognominado de “Nildo da Pedra Branca” pelo poeta Antônio Francisco, em homenagem a sua comunidade, Pedra Branca.

suavizada pela cultura popular, me inspirou por suas experiências formadoras, essenciais no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Tais experiências poderão fortalecer as discussões e estudos voltados à formação de professores. A história de vida de Nildo da Pedra Branca ecoa versos da reinvenção de si, nos ensina e nos faz revisitar a nossa própria história.

Em virtude da necessidade de compreensão mais aprofundada da temática Educação de Jovens e Adultos, realizei um levantamento bibliográfico para compor o Estado da Arte ou do Conhecimento. Garimpei os bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o banco de dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN e o banco de teses da UFRN. Foquei na produção acadêmica referente ao período compreendido entre 2000 e 2015. Encontrei alguns estudos significativos no tocante à temática: um total de doze teses e trinta e seis dissertações. Do universo levantado em dois meses, selecionei para análise cinco trabalhos com aproximação ou relacionados ao tema investigado, os quais descrevo a seguir.

A tese intitulada *O Mundo de Jove (A História de Vida de Um Cantador de Coco)*, de Ana Cristina Marrinho Lúcio, apresenta um estudo sobre a relação entre literatura popular oral e as experiências pessoais dos indivíduos participantes de uma manifestação popular conhecida como coco. A autora tomou para análise, mais especificamente, o relato pessoal do cantador Joventino Guilhermino Soares. Como resultado concluiu que o relato de vida do poeta sujeito da pesquisa comunica uma experiência para a compreensão da literatura popular.

A dissertação de autoria de Ana Maria do Nascimento Moura, intitulada *Narrativas Poéticas e Trajetórias dos Poetas em Mossoró/RN*, teve como objetivo analisar as trajetórias e as narrativas dos poetas atuantes na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. A partir do registro das narrativas e dos eventos nos quais elas foram produzidas, a autora procurou refletir sobre a cultura em Mossoró, transmitida e, simultaneamente, transformada pelos poetas na cidade. O estudo apontou como resultado o levantamento de questões sobre a complexidade da cultura popular e das relações sociais entre os artistas da cidade, trabalhados na pesquisa.

Ana Carolina Braga desenvolveu o trabalho dissertativo denominado *O desafio da superação do analfabetismo no Brasil: uma análise do Programa Brasil Alfabetizado no município de Araraquara/SP*, com o objetivo principal de identificar os possíveis caminhos para a construção de programas e projetos com melhores resultados na superação do analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. A autora destacou virtudes e méritos do

Programa Brasil Alfabetizado e chamou atenção para o fato de esse programa reproduzir deficiências verificadas em outras iniciativas.

A tese de Francisca Gorete Bezerra, intitulada *Educação de Jovens e Adultos: Análise da Política e da Prática de Formação de Educadores no Programa Brasil Alfabetizado*, teve como finalidade analisar as políticas públicas de formação dos educadores de jovens e adultos do Programa Brasil alfabetizado e do MOVA/Guarulhos. A investigação buscou possíveis avanços nas propostas e nas práticas de formação desses educadores. A partir do estudo, a autora identificou os princípios orientadores das políticas públicas de alfabetização de jovens e adultos, nos referenciais político-pedagógicos de Paulo Freire. Identificou, ainda avanços quanto à concepção de alfabetização, apesar da política de formação dos alfabetizadores prosseguir com certas fragilidades e na formação inicial como na continuada.

Com o objetivo de analisar a contribuição do Programa Brasil Alfabetizado executado pela UECE, voltado à inclusão social dos alunos da quinta turma – período 2007/2008, os estudos de Rejane Mary Moreira, sistematizados na dissertação *Programa Brasil Alfabetizado na UECE: a alfabetização como mediação de inclusão social*, levantaram reflexões no tocante ao cumprimento dos objetivos propostos pelo programa Brasil Alfabetizado. A autora buscou responder a seguinte indagação: o Programa Brasil Alfabetizado está atingindo seu objetivo de ensinar a ler, escrever e contar, favorecendo desta maneira, sua inclusão social? Ao final do estudo, conclui que a experiência de alfabetização executada pela UECE, apesar de sinalizar alguns avanços, não promoveu o desenvolvimento satisfatório da leitura e escrita dos alfabetizando sujeitos da pesquisa.

Em uma incursão aos aromas dissertativos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN, encontrei dez pesquisas orientadas pela Prof<sup>ª</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, com a abordagem e utilização do método (Auto)biográfico, também utilizado no estudo em tela. As investigações refletem acerca da história de vida de sujeitos considerados cidadãos comuns, distanciados do panteão da academia. Esses estudos se situam num paradigma capaz de privilegiar as subjetividades dos sujeitos, se contrapõem a um paradigma de ciência pautada na objetividade e são reveladores das práxis humana (FERRAROTI, 2010).

Na esteira do mote (Auto)biográfico, este trabalho, alicerçado nas reflexões acerca dos saberes, fazeres e experiências da vida cotidiana do poeta popular Nildo da Pedra Branca, sujeito que construiu sua formação galgada nas raízes das experiências vividas, se une aos demais encontrados nas dissertações da UERN. Seu enfoque está nas experiências formadoras

de um poeta popular mossoroense, com o propósito de analisar como os saberes de histórias de vida e essas experiências formadoras contribuíram para a sua (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

O passeio primaveril pelos textos dissertativos selecionados permitiu a conclusão de que coadunam com a nossa pesquisa, pois apresentam discussões pertinentes sobre a história de implantação do Programa Brasil Alfabetizado e a respeito das Políticas Públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos. Alguns desses trabalhos se alinham mais diretamente ao foco de nossa discussão, pois abordam o universo da vida dos sujeitos simples, suas histórias, saberes e experiências pessoais construídas a partir do mote da cultura popular.

No viés da preocupação em creditar valor aos conhecimentos dos sujeitos comuns, considerei pertinente fazê-lo por meio das narrativas (Auto)biográficas, visto que proporcionam o conhecimento dos processos formativos do ator da pesquisa, bem como permitem reconhecer os saberes constituídos nas suas experiências individuais e coletivas ao longo da trajetória por ele vivida. A partir do trabalho com as narrativas (Auto)biográficas, a abordagem experiencial configura-se como um processo de produção de conhecimento. Com base nas narrativas e experiências de vida do poeta popular Nildo da Pedra Branca, o estudo adquire um cunho social e coletivo por permitir o diálogo e uma aproximação das histórias de outros sujeitos, sobretudo daqueles oriundos da mesma realidade social, isto é, atores e autores à margem da sociedade e da história oficial.

As narrativas aqui contidas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, de formação e aprendizagem. Assim posto, este trabalho representa uma significativa contribuição para reflexão nos espaços de formação docente, pois, as histórias de vida, além do seu significado investigativo, representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra e para os outros. Enquanto atividade formadora, a experiência de escuta do outro me coloca como pesquisadora, na possibilidade de ampliar minha trajetória de formação e minha própria história. Nesse aspecto, considero a pertinência e a autenticidade do ponto de vista acadêmico deste estudo.

Como formadora dos alfabetizadores de um programa de alfabetização para jovens e adultos vislumbrei a oportunidade de trazer para o centro da formação continuada os saberes dos sujeitos ditos comuns, cuja formação é construída ancorada nas raízes da cultura popular, de modo a considerar suas contribuições e experiências de vida, fatores decisivos no seu constituir-se pessoal e profissional.

Este estudo, *Entre memórias, rimas e versos: experiências formadoras na voz de um poeta popular no Programa Brasil Alfabetizado – Baraúna/RN*, ancorado pelo método(Auto)biográfico, foi desenvolvido em três momentos. De início, com o objetivo de construir a base teórica acerca da temática, realizei o levantamento bibliográfico dos documentos e normas do Programa Brasil Alfabetizado e textos dos nossos aportes teóricos/metodológicos.

No segundo momento, centrei o olhar na construção das narrativas. Nessa etapa, através das sessões (Auto)biográficas, o poeta Nildo da Pedra Branca narrou sua história de vida. Os fios da narrativa versam sobre famílias, locais, sentimentos, dores, lutas e o seus saberes construídos ao longo da vida. Ao mesmo tempo em que gravava as suas narrativas, fazia o registro escrito dos sinais, olhares, gestos e silêncios no instante das falas.

No terceiro momento, apoiada nos referenciais teóricos da investigação, dediquei-me à análise e interpretação das narrativas e à compreensão do contexto pesquisado, alinhada ao problema e aos objetivos norteadores deste trabalho. Articulei diálogo entre os teóricos Freire (1980, 1981, 1987, 1996 e 2007), Josso (2010), Halbwachs (2006), Martins (2000), Brandão (1981) e Tardif (2010), que alicerçaram as minhas reflexões.

A investigação, que traz à tona a história, os saberes, as experiências e os fazeres do poeta Nildo da Pedra Branca, foi feita a partir de recortes/fragmentos de memórias do protagonista. Nas reflexões sobre o entendimento do caráter coletivo das memórias caminhei com as ideias de Halbwachs (2006). Em sua obra, *A Memória Coletiva*, o autor defende a existência de um fundo social coletivo em todas as nossas lembranças. Para ele, a memória individual é um trabalho do sujeito, mas construída em grupo, sempre contida no conjunto maior da memória coletiva. Assim, a memória individual se apoia em um suporte relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica.

Halbwachs (2006) afirma que toda história de nossa vida faz parte da história em geral. As contribuições do teórico referenciam a feitura dos recortes vivências do poeta popular Nildo da Pedra Branca. Os estudos do citado autor ancoraram a compreensão quanto ao entendimento do papel fundamental desempenhado pela memória coletiva nos processos que permitiram o poeta Nildo da Branca partilhar, por meio das narrativas de suas experiências, um conjunto de significados.

Das reflexões teóricas emergidas sobre o conceito de alfabetização, foram utilizados os referenciais das lições freireanas. Em sua obra *Educação como Prática da Liberdade* Freire (1967) explicita os pressupostos filosóficos e políticos do seu método de alfabetização de ensino

para adultos. Tais pressupostos são embasados em uma Educação Libertadora, como um ato político e uma prática emancipatória do ser. Segundo o ideário freireano, a educação e a democratização da cultura são elementos inseparáveis, como inseparáveis também são a democracia e a conscientização. O ato de educar torna-se, antes de tudo, desenvolvedor do ato de libertação em comunhão entre os homens.

Em Freire (1980), a alfabetização é instrumento de conscientização. Nessa perspectiva, o processo alfabetizador deve ser desenvolvido numa ótica problematizada, que pressupõe a leitura do mundo e da palavra. Essa concepção de diálogo se entrelaça com sua concepção de cidadania, entendida como conquista do direito à participação, na construção da vida social. A abordagem do autor permitiu a compreensão da natureza política da alfabetização, entendida como um processo além da leitura da palavra, carregado de significações a partir de problematização da realidade social. Para ele, a apropriação dos conhecimentos técnicos da língua escrita se dá em um contexto discursivo de interlocução e interação social, com linguagens e realidade entrelaçadas.

Na trilha da discussão teórica sobre o empoderamento do sujeito, o arcabouço teórico freireano, centrado nos argumentos comunicadores de uma educação capaz de colaborar com o homem na indispensável organização reflexiva de seu pensamento, ajudou a refletir sobre o empoderamento, em seu sentido transformador e emancipatório. Conforme Freire (1979), o empoderamento é um processo necessário para o processo de transformação social. Os sujeitos, por meio da educação, se descobrem como homens no mundo, capazes de transformar a realidade. Essa concepção me possibilitou enxergar, nas narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca, o pronunciar do seu empoderamento, defendido por Freire (1979) como algo que acontece na vida do indivíduo com o propósito de melhorar sua autoafirmação, experiência vital para que tenha as condições de alargar seus horizontes e perspectivas de vida.

Na abordagem a respeito dos saberes comuns ligados ao sujeito em sua vida cotidiana, estabelecemos um diálogo com Martins (2000). Em sua obra, *A sociabilidade do homem simples*, há uma importante reflexão a respeito dos elementos, que envolvem a vida cotidiana e o senso comum. O autor enfoca o mundo do homem simples e o seu relacionamento, bem como as preocupações, perspectivas materiais e imateriais circundantes da complexa sociabilidade na modernidade. Trata ainda das suas condições de atuação no processo histórico e do seu fazer histórico. Suas ideias foram relevantes para o entendimento do processo formativo do homem simples, calcado nos saberes do seu fazer do cotidiano.

A escrita deste texto dissertativo está permeada pela linha de teorização, que discute a relevância dos saberes experienciais como decisivos na constituição da identidade profissional. Dito isto, é de extrema importância a obra *Saberes Docentes e Formação Profissional* de Tardif (2010) pois, nesse livro o autor estabelece uma relação entre os saberes docentes e sua relação com a formação profissional dos professores, bem como com o próprio exercício da docência. O estudo reconhece e chama a atenção da relevância dos saberes experienciais e dos conhecimentos adquiridos em toda trajetória de vida dos docentes, construídos no próprio exercício da atividade profissional, a partir dos desafios da prática cotidiana, na relação com seu trabalho e sua realidade.

A obra citada colaborou para a compreensão do desenvolvimento dos saberes experienciais, considerados pelo autor como bases ao ofício do professor e sua formação profissional. Ainda, oportunizou compreender a diversidade de saberes, que atravessam a prática docente, advindos e calcados nas histórias de vida dos professores.

Alicerçada na abordagem metodológica pautada nas histórias de vida, no trabalho com as narrativas e no método (Auto) Biográfico, o fio condutor desta pesquisa foi a compreensão de como os saberes alicerçados nas experiências do cotidiano de um poeta popular contribuíram para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado.

Colaborou para suscitar reflexões quanto à abordagem escolhida Josso (2010) com sua pesquisa sobre o método (Auto)Biográfico e sobre narrativas de experiências, tendo como dimensão os processos (auto)formativos dos sujeitos. A autora afirma que, como metodologia de pesquisa, as narrativas singulares em cada sujeito valorizam as dimensões pessoais do ser, seus sentimentos, afetos, suas trajetórias de vida e experiências vividas. Em síntese, admite que as narrativas de experiências formadoras nos permitem compreender as mudanças que ocorrem no plano pessoal e social. "É neste movimento dialético que nos formamos como humano" (JOSSO, 2004, p. 54).

Essa pesquisadora apresenta conceitos-chave relacionados às histórias de vida em formação e às experiências formadoras. Destaca ainda, a relevância da narrativa nesse percurso. Dialogar com construções teóricas subsidiou o entendimento de como as narrativas das experiências de vida do poeta Nildo da Pedra Branca, sujeito da pesquisa potencializaram nele mudanças e transformações. As narrativas o auxiliaram a compreender seus processos formativos, a partir de suas experiências do cotidiano, da influência do contexto e do outro em sua própria constituição.

No diálogo estabelecido com os autores da nossa discussão, cheguei ao desenho do texto. Para atender ao objetivo cerne deste trabalho - analisar, por meio das narrativas (Auto)biográficas de um poeta popular, como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal -, a presente dissertação foi estruturada em três capítulos, ao longo dos quais há uma interlocução entre o aporte teórico e a análise das narrativas do poeta popular Nildo da Pedra Branca.

No primeiro capítulo, intitulado **Artesania de Mim: Tecitura de Lembranças da Minha Trajetória de Vida e Aproximação com o Poeta Nildo da Pedra Branca na Esteira da Formação**, trago a minha trajetória de vida, marcada pelo envolvimento com a magia e beleza do circo e pela poesia popular desde o tempo de infância. Tratamos nesse capítulo, o despertar da pertença com a problemática da pesquisa. Apresento as minhas experiências formativas vivenciadas junto à professora e orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Narro como se deu a minha aproximação com o método (Auto) Biográfico e a sua pertinência para minha investigação. Esse capítulo responde ao primeiro objetivo específico da pesquisa, que consistiu em relatar, minhas experiências de vida, vivências e experiências formativas no Programa Brasil Alfabetizado na perspectiva da pesquisa (Auto)Biográfica.

No segundo capítulo, **Enredo Histórico do Programa Brasil Alfabetizado**, apresento os marcos históricos e legais do Programa Brasil Alfabetizado. Para sua composição, trilhei o percurso das políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos promovidas pelo Governo Federal a partir das duas últimas décadas, em virtude do tema, nesse período, ser apresentado com frequência e aprofundamento em várias outras pesquisas. Trago uma análise dos princípios teórico-metodológicos da proposta pedagógica do referido programa e analiso a execução do PBA no município de Baraúna-RN. Por fim, teço subsídios com vistas a atender ao segundo objetivo específico: inventariar os marcos históricos e legais do Programa Brasil Alfabetizado.

No terceiro capítulo, intitulado **Narrativas (Auto)Biográficas do Poeta Nildo da Pedra Branca: (Re)Trilhando Experiências Formadoras como Recurso de (Auto)Formação**, alicerço o arcabouço teórico/prático da pesquisa, estruturado a partir das narrativas (Auto)biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca. À luz de autores tomados como referência quanto à abordagem do método (Auto) Biográfico, com destaque para os escritos de Josso (2010), costurei as narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca com os fios teóricos urdidos desde o início do trabalho. Como hálito vital desse capítulo temos as narrativas de história de vida do protagonista da investigação, seus saberes, aprendizagens da vida e fazeres calcados nas experiências do cotidiano, considerando as expectativas do terceiro objetivo específico:

identificar nas narrativas (auto)biográficas do poeta popular os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras que potencializaram a sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional.

Nas considerações finais, retomo aspectos cruciais da pesquisa, com destaque para as inferências e interpretações a partir das narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca, que me possibilitaram acessar o objetivo geral da investigação: analisar, por meio das narrativas (auto)biográficas de um poeta popular, como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Da imersão no universo da trajetória de vida de um cidadão comum, de saberes menosprezados frente ao pensamento científico defendido pela academia, foi construído este material relativo à experiência do uso do método (Auto)Biográfico e do seu papel na formação do sujeito, bem como da relação entre os sujeitos e suas histórias de vida e da necessidade de se colocar este novo olhar - de experiências formativas - para a comunidade acadêmica.

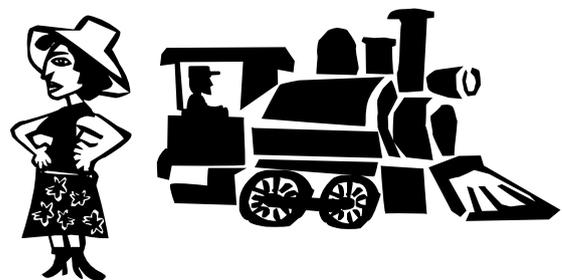
Investigar os saberes e experiências formadoras que contribuíram para a (auto)formação e o desenvolvimento profissional e pessoal do poeta Nildo da Pedra Branca suscitou processos de aprendizagens e (auto)formação para minha vida/ trajetória humana e profissional, e, também, para a do poeta sujeito da pesquisa. No ato de apreender as significações produzidas pelo personagem, ele mesmo relatou o seu crescimento e aprendizado ao participar do estudo. Revelou que o olhar retrospectivo para o seu percurso vivido o fez compreender melhor a sua vida. Ao falar de si, ele refez experiências e transformou o sentido das coisas do cotidiano. No deleite de suas memórias, ele disse ter ficado surpreso com lembranças tiradas do “fundo do seu baú”, mais ainda por ser personagem de um estudo científico e por ter dado uma história à sua vida.

O poeta arremata sua fala com a afirmação de ter sentido a essência do seu viver, a partir do entendimento do que aprendeu com os pais, com o sertão, com os movimentos sociais e com as experiências nas escolas. Por meio da (Auto) biografia ele pôde compreender a sua própria história e como se tornou o sujeito que hoje é. Ao falar de sua aprendizagem e da construção do seu percurso o poeta Nildo da Pedra Branca confirma a importância do resgate das histórias de vida e memórias dos sujeitos. O contar de si propicia a percepção da forma como cada sujeito se faz, se constrói e se forma na trajetória da sua existência.

**CAPÍTULO I****ARTESANIA DE MIM: TEGITURA DE LEMBRANÇAS DA MINHA  
TRAJETÓRIA DE VIDA E APROXIMAÇÃO COM O POETA NILDO DA  
PEDRA BRANCA NA ESTEIRA DA FORMAÇÃO**

COMO É BELA UMA ASA EM PLENO VOO...  
UMA VELA EM ALTO-MAR...  
SUA VIDA - TODA ELA! - ESTÁ CONTIDA  
ENTRE O PARTIR E O CHEGAR.

MÁRIO QUINTANA ( 1906 - 1994 )



Ao iniciar a escrita deste texto<sup>2</sup> brotou em minha mente a seguinte pergunta: qual será o ponto de partida deste caminhar? A resposta surgiu em seguida: metaforizar uma viagem, com suas expectativas e seus percursos. Nesse processo, o encantar-se pelos caminhos, muitas vezes desconhecidos e sinuosos têm uma forte aproximação com o exercício investigativo, mais intenso quando o pesquisador é impulsionado a lançar um olhar sobre si, num caminhar para si (JOSSO, 2004). Essa ação é propiciada pela pesquisa que traz em seu bojo as narrativas (auto)biográficas.

O ponto fundante de embarque e partida deste estudo se inicia pela busca em refletir a respeito da própria existência, do meu Eu. Neste primeiro capítulo, dedicarei esforços ao anúncio da minha trajetória de vida, esclareço, também, as razões da escolha do tema. As narrativas de mim trazem consigo lembranças e aromas poéticos do meu tempo de infância, das minhas origens, do meu percurso formativo. Este itinerário me levará à aproximação com o meu objeto de estudo na perspectiva (Auto)biográfica. O uso da primeira pessoa do singular, em momentos da dissertação, se justifica por fortalecer a opção da autora pela perspectiva (Auto)biográfica e por valorizar a singularidade do sujeito da pesquisa e do pesquisador.

Em relação à linguagem, pontifico, ainda, que o leitor encontrará uma escrita diferente da costumeira encontrada nos trabalhos acadêmicos. Deixei-me seduzir por uma escrita cravada pela beleza e o gozo da poesia com a intenção de quebrar os grilhões de uma escrita mecânica e burocrática. Esta talvez não fosse capaz de traduzir a complexidade do percurso vivido em uma pesquisa com o mote da subjetividade humana. Para ilustrar remeto-me aos versos de Manoel de Barros<sup>3</sup> (1997), poeta que me instiga à fruição e à imaginação: *Há várias maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.*

Ao reviver e reconstruir a minha trajetória em diferentes fases, me proponho a não apenas desvendar, e a problematizar experiências e trajetórias significativas da minha história de vida. Essas memórias, entrelaçadas por diferentes emoções e sentimentos, refletem aprendizagens, evidenciam medos, angústias, questionamentos e possibilitam a reconstrução

---

2 O texto foi escrito em duas pessoas verbais. Traz momentos de narrativas de experiências pessoais da autora da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. Desse modo, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar a opinião da autora e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa.

3 Manoel Wenceslau Leite de Barros, poeta brasileiro nascido em Cuiabá, Mato Grosso do Sul, em 1916 é uma das grandes vozes da poesia brasileira contemporânea. A criança, apelidada de Nequinho por sua família, passou sua infância sentindo a textura da terra nos pés, brincando e correndo entre personagens que definiriam sua obra, os currais e os objetos que chamavam a atenção do futuro escritor. Aos 19 anos, Manoel de Barros escreveu seu primeiro poema, e a partir de então sua veia poética não mais deixou de pulsar. Faleceu no dia 13 de novembro de 2014. Disponível em: < <http://www.infoescola.com>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

do meu ser “pessoal”, em diálogo constante com o meu ser “profissional”. Nesta viagem investigativa, me coloco como sujeito incluso (FREIRE, 1997), repleto de incertezas; um ser ávido por descobertas e novas formas de conhecer, que rompem com o quadro lógico formal positivista legitimador do conhecimento resultado, apenas, do meio acadêmico e das ciências.

### **1.1 Memórias de uma infância embalada pela poesia popular**

Contar e ouvir histórias são ações intrínsecas ao ser humano, “[...] não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002). Narrar fatos, vivências e experiências, nos permite compreender quem somos e como nos tornamos quem somos. O trabalho com as narrativas (Auto)biográficas lança um convite de ativa participação do indivíduo no processo investigativo de sua prática, coloca-o como protagonista nesse processo reflexivo. Ao tomar conhecimento dessa metodologia, me senti instigada a dar voz e vez ao meu percurso de vida, a partir de um incentivo de minha orientadora, professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar<sup>4</sup>. Além de me apresentar o Método (Auto)Biográfico e os aportes teóricos alicerces das pesquisas com o referido método como ferramenta de investigação, ela foi enfática, na primeira orientação para a escrita desta dissertação, ao sugerir, no capítulo inicial, a inserção de minha história de vida.

No itinerário desta empreitada, guardo nos escritos e nas lembranças os ensinamentos da primeira orientação coletiva, marcada pela professora/orientadora para o dia 05 de agosto de 2016. Naquela manhã de verão, a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar promoveu uma interação entre os seus mestrados veteranos e novatos. Folheou lembranças e anunciou como em versos declamados, pela beleza do momento, a alegria em estar com cada um de nós, nesse percurso de (trans)formação de si, do/ e com outro. No encontro primeiro, lançou a indagação: O que é ser um aluno de Mestrado? Na discussão, a professora apontou caminhos e possibilidades ancorados no desejo, interesse e compromisso do mestrado com o estudo, a pesquisa e a produção. Traçou rotas, estabeleceu acordos e fez a solicitação de um cronograma de estudos.

---

<sup>4</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e representante da Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. É Diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN). Possui licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pernambuco; mestrado em Sociologia, pela Universidade Federal de Pernambuco; doutorado em Sociologia, pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

A cada orientação, a aprendizagem se processava em um exercício dialógico. A orientadora, firme em seus encaminhamentos, alia o rigor exigido ao trabalho, com a expressão da afetividade, essencial para a emancipação do sujeito. A fim de guardar muito bem suas orientações, optei por anotá-las em meu diário de pesquisa (Foto 1), caderno organizado para o registro do percurso da investigação, com as anotações da primeira orientação individual, esta realizada no dia 08 de agosto de 2016.

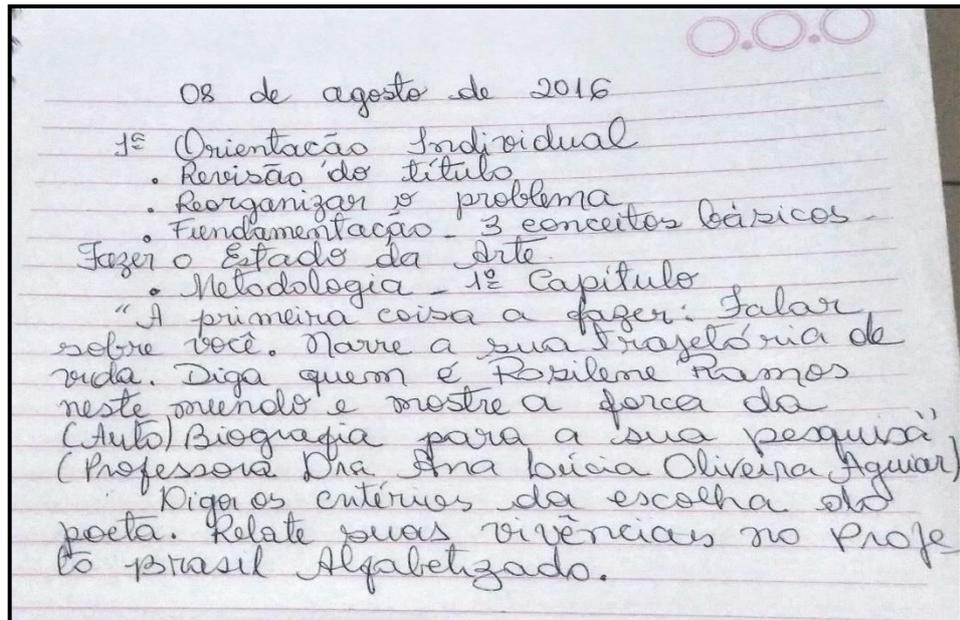


Foto 1 - Registros da primeira orientação individual de Dissertação.  
Fonte: Arquivos da autora (08/08/2016).

Diante das recomendações da minha orientadora, surgiu em mim um mosaico de memórias, que me ajudaria a compor as narrativas da minha história de vida. Não me dei conta, naquele instante, do quanto o parar para me escutar, refletir acerca dos meus sentimentos, fatos e demais elementos, se constituem um processo complexo. O desafio de contar-se é dificultoso. A escrita (Auto)biográfica permite uma reflexão profunda a respeito da prática de cada um (MEDEIROS, 2013). Possibilita uma ação, na qual o sujeito da pesquisa, escuta suas próprias experiências e analisa suas ações, age sobre elas com intuito de mediar a construção de um conhecimento significativo para si e para o outro.

Adentrar e expor singularidade do meu ser, pelo ato de descrever minhas memórias, lançou-me em um profundo processo reflexivo. Através da escrita de mim mesma, pude mergulhar no meu interior, voltar ao passado, dialogar com os meus anseios, frustrações, medos, dúvidas, afetos. Esse processo me permitiu reviver e reconstruir minha própria vida.

Conforme Josso (2004, p. 40) “falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”.

Início a pesquisa na trilha dos versos do poeta Manoel de Barros (2008), “nas experiências rastejantes e delirantes dos quintais da minha infância”. As primeiras linhas da história da minha vida começaram a ser traçadas na calada de uma noite chuvosa de 1971. Naquele ano, o Brasil vivia o auge do Regime Militar, instaurado no país no ano de 1964. Um período marcado por vozes silenciadas, através da manipulação de informações, torturas, repressão e forte interferência por parte do Estado.

Sou Rosilene da Costa Bezerra Ramos e conheci o meu verdadeiro nome quando cheguei à escola. Desde bebê, todos me chamam de Rosa. Filha primogênita, nasci na cidade de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte (RN), em 17 de abril, no ano de 1971, como conta minha mãe:

Nunca tinha visto um inverno tão pesado como aquele do ano em que você nasceu. Era tanta chuva, tanto relâmpago e trovoadas. A casa pingava por todo canto. Para não lhe molhar, foi aberto um plástico em cima da sua rede. Por causa da chuva, a gente dividia a casa com os bichos da sua avó - as galinhas, um bode e um galo, que começava a cantar quatro horas da manhã. A lagoa encheu tanto que bateu no pé da porta. (Entrevista com Luzia Maria da Costa Bezerra, Mossoró/RN, 18/10/2016).

Ao nascer, embalada por densas gotas de água, estabeleci um enlace afetivo com a chuva e com os elementos da natureza. O gosto pelas correntezas, o frescor do banho de chuva, e o aroma da terra molhada me aguçam os sentidos e me remetem a um estado de leveza e satisfação. Sentimentos límpidos. Água, símbolo de purificação e renovação da vida. Diante do espetáculo austrífero concedido pela natureza, junta-se à minha voz a do poeta Fernando Pessoa (1990) “Até o meu pensamento tem chuva nele a escorrer”.

Sou filha do casal Raimundo Bezerra e Luzia Maria da Costa e tenho três irmãos, dois homens e uma mulher. De origem pobre, com raízes no campo, papai nasceu na zona rural de Caraúbas e mamãe no Sítio Santa Rosa, em Apodi, municípios próximos a Mossoró. Meus pais possuem apenas a escolarização primária inicial, pelas dificuldades da época, tiveram, como única opção, a luta sobrevivência. Começaram a trabalhar muito cedo e não conseguiram prosseguir os estudos.

De caráter íntegro e perseverantes, os dois me serviram de base e me influenciaram com seus ensinamentos de honestidade e superação de dificuldades, aspectos imprescindíveis à formação humana. O exemplo da minha mãe marca a minha vida ao agir com força e conseguir superar os obstáculos. Órfã de mãe aos 14 anos, passou por inúmeras privações. Embrenhou-se

na cidade grande em busca de trabalho e, por anos, desempenhou a função de empregada doméstica em alguns lares mossoroenses. Após o casamento, com disciplina e organização se tornou empreendedora do próprio negócio. Seguem suas próprias palavras:

Já sofri muito na vida. Quando mamãe morreu de parto, eu fiquei com os irmãos pequenos para cuidar. Fazia tudo em casa: o comer, carregava água da cacimba, carregava lenha para cozinhar, não tinha direito a nada. Ainda trabalhava no roçado e papai ainda me açoitava. Um dia cansei daquela vida e sai em busca da sobrevivência, porque aquilo não era vida. (Entrevista com Luzia Maria da Costa Bezerra, Mossoró/RN, 18/10/2016).

Numa conversa informal com a minha mãe, ela exclamou o grito da dor e rasgou seu sofrimento. Afirmou: “mas venci, trabalhei, batalhei, criei vocês e vivo sem depender de ninguém”. A sua subjetividade reconstruída na narrativa denota a força e persistência em superar as dificuldades da vida árdua. Diante desse relato, reitero ter minha mãe como um exemplo de resiliência e superação.

Quanto a meu pai, trago, tatuados na alma, seu exemplo de generosidade para com os animais. Amar a natureza e cuidar dos animais são atributos aprendidos com esse homem carrancudo e lacônico, até hoje, mesmo com a saúde debilitada, dedica parte dos dias a recolher, alimentar e cuidar com porções de afetos dos animais abandonados. Talvez herança de meu pai, percebo, em mim, forte relação com a natureza e com os animais. Por isso, desde a mais tenra idade, flerto com a liberdade de explorar os ambientes e tudo existente neles. Quando criança sem pedir licença pude *curiosar* o território natural de um bairro de periferia, onde morei. As ruas de chão de barro, a brisa leve e fresca no meu rosto, o bálsamo aromático do matagal verde da salsa e outras plantas da vegetação do semiárido potiguar, aliados às águas barrentas da Lagoa do Mato, faziam parte do meu cotidiano e das crianças do bairro.

Os banhos com os colegas, na lagoa se repetiam todos os dias. No ir e vir da memória, emergem lembranças inundadas pelas águas daquela lagoa. Pássaros, peixes, bichos e os arbustos exaltavam o ecoar da vida no chão do lugar. Suas águas fluíam alegres, libertas e de natureza maternal. A lagoa cravada no coração da comunidade deu vida e nome ao bairro. Com a força do mergulho no imaginário, neste instante, tomo emprestados a memória e os versos do poeta Antônio Francisco<sup>5</sup> para trazer à tona o contexto social e a geografia física e humana do meu bairro de infância.

---

<sup>5</sup> Antônio Francisco é cordelista norte-rio-grandense, nascido aos 21 de outubro de 1949, em Mossoró – RN. Aventureiro e esportista, dedicou-se ao ciclismo, realizando turismo de bicicleta pela região Nordeste do nosso

Um bairro chamado Lagoa do Mato

Antônio Francisco (S/d).

Nasci numa casa de frente pra linha,  
 Num bairro chamado Lagoa do Mato.  
 Cresci vendo a garça, a marreca e o pato,  
 Brincando por trás da nossa cozinha.  
 A tarde chamava o vento que vinha  
 Das bandas da praia pra nos abanar.  
 Titia gritava: está pronto o jantar!  
 O Sol se deitava, a Lua saia,  
 O trem apitava, a máquina gemia,  
 Soltando faísca de fogo no ar.  
 O galo cantava, peru respondia,  
 Carão dava um grito quebrando aruá,  
 A cobra piava caçando preá,  
 Cantava em dueto o sapo e a jia,  
 Aguapé se deitava e depois se abria,  
 Soltava seu cheiro nos braços do ar  
 O vento trazia pro nosso pomar,  
 Vovô se sentava no meio da gente  
 Contando história de cabra valente  
 Ouvindo lá fora do vento cantar

Recorrer aos versos do poeta e tomar de empréstimo suas memórias para falar do bairro onde nasci, me trouxeram lembranças afetivas e saudades de pessoas e lugares. Ajudaram-me no forjar das minhas memórias. Nesse sentido, segundo Halbwachs (2004, p. 12):

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

O autor citado ajuda-me a pensar sobre o caráter coletivo das memórias, Halbwachs (2004) defende que a memória individual está contida no conjunto maior da memória coletiva. A trajetória e a história de um sujeito estão sempre em intercomunhão com um contexto social,

---

país continental. Somente voltou-se para a literatura popular e aos 46 anos, quando escreveu sua primeira poesia, *Meu Sonho*. O texto apresenta traços impressionistas e surrealistas. Apesar da carreira literária tardia, é reconhecido publicamente pela musicalidade de seus poemas, passando a ser alvo de estudo de vários compositores brasileiros. O reconhecimento da qualidade da sua produção levou-o a ser eleito para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em 15 de maio de 2006, onde ocupa a cadeira de número 15, cujo patrono é o poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>> Acesso em: 10 set. 2016.

com um coletivo. Por serem concordantes com os meus, os testemunhos apresentados nos versos do poeta Antônio Francisco complementam e reforçam a caracterização do bairro onde vivi sonhos leves e suaves de infância.

É preciso deixar claro, que a vida singular se entrelaça com situações de amplitude mais global, ou seja, transcorre sem se separar da coletividade plural. Ao narrar o percurso de minha vida, penso, reflito e (re)construo não somente a mim, mas, a muitos homens, mulheres e o mundo do qual faço parte. As experiências por mim vivenciadas revelam outras tantas histórias submersas nas camadas mais profundas das lembranças. A minha vida e as memórias extrapolam os muros do meu ser, fazem parte de um emaranhado de relações coletivas.

Lembro-me com fresquidão o flunar às ruas do bairro, incandescente rotina vivida até os seis anos de idade, caminho habitual voltado à liberdade do brincar nas ruelas, becos e arrabaldes do bairro do Lagoa do Mato. Na companhia dos colegas de infância e do meu irmão Marcos, corríamos juntos, rodopiávamos, arengávamos, dividíamos as frutas roubadas das árvores e juntávamos garrafas de vidro para trocar por picolés. Ecos e sons de uma sinfonia de lembranças e memórias de afetos ao lugar e aos sujeitos impregnados na minha alma. Um passado frutivo de recordar.

Os brinquedos eram comprados apenas uma vez no ano, na época do Natal. Em compensação, caixas de fósforo, pau, talo de carnaúba<sup>6</sup>, lata e outros materiais, encontrados em um terreno baldio do bairro serviam de matéria-prima para a construção de nossas casinhas, carros e outros brinquedos. Nas brincadeiras, utilizávamos as embalagens de cigarros como moeda de circulação. Na época, única “moeda” conhecida por mim.

A foto a seguir a Foto 2, feita na sala da minha casa, é um dos poucos registros fotográficos da minha infância. Retrata a passagem do meu aniversário de sete anos. Meus pais, sem condições de fazerem uma festa de aniversário, resolveram comprar um vestido fino de festa e uma sandália nova. A foto também foi presente.

---

<sup>6</sup> A carnaubeira é uma planta nativa do Nordeste brasileiro que, em condições normais cresce, em média, cerca de 30 cm por ano, atingindo a maturidade botânica (primeira floração) entre 12 e 15 anos de idade, podendo atingir uma altura superior a 10 metros e produzir entre 45 e 60 folhas anuais. Disponível em: <<http://gibsonmachadocm.blogspot.com.br>>. Acesso em: 29 nov. 2016.



Foto 2 - Rosilene da Costa Bezerra Ramos, aos 7 anos de idade, em sua residência localizada na cidade de Mossoró/RN.  
Fonte: Arquivos da autora (17/04/1978).

Um tempo fundante para a constituição do meu ser. Eu apreciava a vida de forma intensa. As brincadeiras, nesse período, se diferenciavam, havia as específicas para meninos e as de meninas. Mas, me recordo das brincadeiras de roda, nelas, meninos e meninas dividiam o mesmo espaço. Dentre tantas, escolho “Fui lá na esponja” (sic). Assim a entoávamos. Essa cantiga povoou a minha infância e, até hoje, faz parte de melodiosas lembranças:

Fui à Espanha<sup>7</sup>  
 Buscar o meu chapéu,  
 Azul e branco  
 Da cor daquele céu.  
 Olha, palma, palma, palma!  
 Olha, pé, pé, pé  
 Olha a roda, roda, roda  
 Caranguejo peixe é  
 Caranguejo não é peixe,  
 Caranguejo peixe é,  
 Caranguejo só é peixe  
 na vazante da maré [...]

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/temas-infantis/462712/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

Naquela época, as meninas dispunham de menos tempo para brincadeiras, pois, precisávamos ajudar nas tarefas domésticas. Antes dos momentos lúdicos, eu tinha a obrigação de cumprir o ritual de ajudar a arrumar a casa, lavar louça, varrer o chão e limpar o quintal. Algumas vezes, levei peia e recebi castigo pela transgressão de trocar os afazeres de casa pelas brincadeiras na rua.

Hoje, com um olhar reminescente e emotivo, recorro às lembranças desse tempo e, neste instante, as lágrimas banham o meu rosto e a minha alma. Em minha memória, trago, ainda, fragmentos da convivência com os meus avós paternos. Revivo o cenário e o aconchego da casa da minha avó. Vejo-me sentada à beira da rede do meu avô, João Marinheiro Roque, seu Joca Marinheiro (*in memoriam*). Homem do campo, nos contava sobre os sabores e saberes do labor na roça. A terra, para o meu “vô Joca”, denotava o leite, o colo, fonte de vida. Na fase adulta, perdeu a visão e se entregou às barreiras impostas pela condição de cego. Não saiu mais de casa e se prostrou em uma rede durante muitos anos. Mas as limitações causadas pela deficiência visual não o impediam de brincar, conversar e contar muitas histórias para os netos. Esbanjava simpatia, gostava de prostrar e não economizava palavras.

Minha avó, Maria Barbalho (*in memoriam*), mulher carrancuda e de poucas palavras, de história costurada pela luta em seu cotidiano, foi labirinteira e uma competente oleira. Com a argila, retirada da terra com as próprias mãos, moldava utensílios domésticos e os vendia para ajudar no sustento da casa. Nas minhas reminiscências, a alquimia dos seus quitutes. Chego a sentir o aroma da sua comida feita no fogão à lenha, da casa impregnada de fumaça. Especialidades, chouriço<sup>8</sup> e sopa de feijão. No quintal, havia uns canteiros, onde cultivava coentro, cebola e tomate. Recordo-me das tardes destinadas ao crochê, quando, entre agulhas e linhas e as pitadas no cachimbo, vovó me ensinou com muito afeto os pontos e segredos do crochê. Ao fim de cada entardecer, aquela senhorinha de aparência amuada, suavizava a voz e dava-me bátegas de bênçãos: “Deus te abençoe, te dê saúde e felicidade”. Como os bramidos de uma trovoadas, as palavras ditas, há tanto tempo, tomam forma nas minhas lembranças. E eternizaram-se no meu viver. “Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos”. (CORA CORALINA, 1989).

Ainda da paisagem da infância, rememoro um momento marcante. Com idade de cinco anos, fiz uma viagem à terra natal da minha mãe, Apodi/RN. Fiquei seis meses na casa de uma

---

5 Tripa de porco cheia de sangue, pedaços de carne, temperos e, às vezes, açúcar. Disponível em: <[www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br)>. Acesso em: 29 out. 2016.

tia materna. As lembranças dessa experiência são muito vivas. Brincava com os primos (pega-pega e cozinhadinho), colhíamos manga nas árvores e corríamos no meio das plantações. Os dias pareciam infundáveis, e, também, longa a tardança do sábado, dia do padeiro passar com os seus balaios de pão, no lombo de um jumento. Nas manhãs de sábado, cedo estávamos eu e os quatro primos - Jacinto, Noêmia, Gilson e Marcos - na porteira da casa grande, à espera do “homem do pão”, com a nossa moeda de troca, os ovos de galinha caipira, que juntávamos a semana inteira.

Pela manhã, antes dos raios de sol baterem na janela grande de madeira maciça, as canções sertanejas transmitidas pelo rádio à pilha anunciavam a chegada do novo dia. Sofria ao ouvir as músicas de Luíz Gonzaga, Assum Preto e a Triste Partida. Construía na mente a cena do sofrimento do pássaro da canção. Segundo a letra da canção, o pássaro teve os olhos perfurados e cantava de dor. À noite, escura como o assum preto, as rodas no alpendre da casa grande, à luz do luar ou de uma lamparina, envolviam crianças e adultos, na debulha do milho e feijão, atividade regada pelas histórias de trancoso<sup>9</sup> e o recitar dos romances e versos de cordel. As portas do rico universo da cultura popular se abriram para mim, pelas vozes e narrativas poéticas da vizinhança. Começou o meu fitar com o cordel. A poesia animava meus dias e minhas noites.

Minha infância é cheia de sertões. Naquele cenário camponês, os versos exalavam encantamento. A entonação da voz, a cadência e as longas gargalhadas davam vida aos versos sobre os mais diversos temas. Estes bailavam do flagelo da seca aos romances dos amores proibidos. Viajávamos ao mundo do cangaço, aos temas da religiosidade e histórias de botija e assombração. O cordel, considerado um dos principais representantes da poesia popular nordestina, àquela época adquirido na feira da cidade de Apodi (RN), erguia e alimentava as prosas do alpendre. Todo esse universo me fascinava e aguçava o imaginário.

As personagens dos poemas pareciam fazer parte da vizinhança. Sentimento nutrido quando escutei um dos primeiros romances de cordel do poeta pernambucano João Ferreira de Lima<sup>10</sup>: As proezas de João Grilo (Foto 3).

---

9 Houve um escritor português, colecionador de contos, que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos e fábulas. Hoje em dia, história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

10 João Ferreira de Lima (1902-1972) nasceu, em São José do Egito (PE). Além de poeta, foi astrólogo. Autor do mais célebre almanaque popular nordestino, o *Almanaque de Pernambuco*, lançado em 1936, e que entre 1936 e 1972 alcançou uma tiragem de mais de 70.000 exemplares. Percorreu vários temas da poesia popular, privilegiando as Discussões e Pelejas, publicou *Discussão de dois poetas, Antônio da Cruz com Cajarana e Peleja de João*

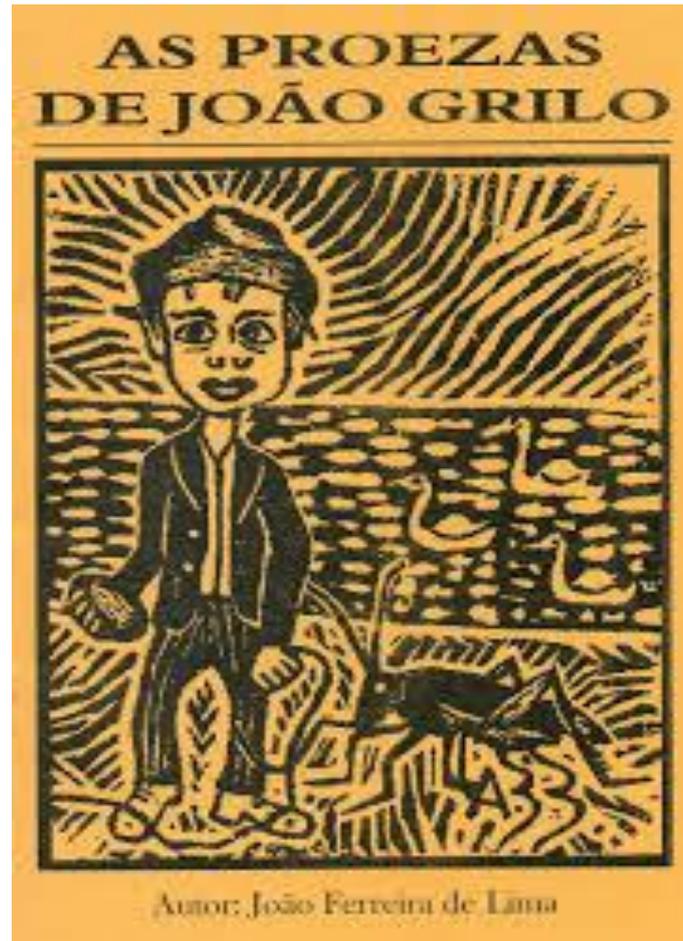


Foto 3 - Capa ilustrada do Cordel As proezas de João Grilo.  
Fonte: Site Massanordestina (2017)<sup>11</sup>

A linguagem utilizada para narrar as presepadas e traquinagens do personagem, o cenário rural onde se passava o enredo e pedaços dos versos ainda hoje habitam os pensamentos. Cito algumas estrofes aquecidas pelas memórias de infância:

As proezas de João Grilo

Ferreira de Lima (2007, p. 1).

João Grilo foi um cristão  
Que nasceu antes do dia  
Criou-se sem formosura  
Mas tinha sabedoria

---

*Athayde com João Lima*, Francisco, 1957. Também abordou os temas de malandragem e presepada, cuja obra mais conhecida é *As palhaçadas de João Grilo*, folheto de 8 páginas, em sextilhas que, em 1948. Foi ampliada por João Martins de Ataíde para 32 páginas, em sextilhas, sob o título de *Proezas de João Grilo*. Disponível < <http://www.casaruibarbosa.gov.br>> Acesso em: 18 jun. 2017.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://urlm.com.br/www.massanordestina.com>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

E morreu depois das horas  
 Pelas artes que fazia.  
 [...]
 A mãe de João Grilo disse:  
 Choro por necessidade  
 Sou uma pobre viúva  
 E tu menor de idade  
 Até da escola saíste;  
 João lhe disse ainda existe:  
 O mesmo Deus de bondade

Como visto nos versos acima, por tratar de questões e inquietações da humanidade, a arte do cordel coaduna a fantasia e o imaginário com a racionalidade de fenômenos do cotidiano das pessoas. Além do encantamento pelo personagem, me causava admiração a inteligência de João Grilo. A semântica do texto tinha sentido para mim, palavras como *natureza do cão*, *beijudo*, *sambudo* faziam parte da minha realidade. Anos depois, adquiri o folheto para ler e reler por puro prazer.

Nas lembranças, aromas pungentes de uma realidade econômica e social bem próxima a do personagem do cordel. Vivi durante a infância: tempos de muitas dificuldades. À época, o meu pai possuía uma banca de verdura, em um mercado da cidade. Pelos relatos da minha mãe, a sobrevivência se tornava mais difícil ainda nos anos de inverno com chuvas fortes, a água inundava as plantações de verdura à beira do rio Mossoró e a atividade econômica da família sofria prejuízos.

Durante os primeiros meses de vida, morei com os meus pais na residência dos avós paternos. Segundo as palavras da minha mãe, ainda quando eu era bebê de colo, daquela casa saímos e fomos para um imóvel de aluguel. Alguns anos depois, meus pais venderam uns poucos bens e conseguiram comprar um chamado vão de casa. De um único cômodo, a casa de taipa ficava localizada no mesmo bairro. Nesta época, o meu pai também se desfez da sua banca no mercado e, próximo a nossa casa, abriu um quiosque. Durante o dia, vendia gêneros alimentícios e à noite tomava conta de um jogo de cartas de baralho.

Quando a família começou a galgar uma condição financeira melhor, saímos da pequena casa de taipa para outra morada de aluguel, mais ampla e mais confortável. Cenas desse ano de 1977 estão marcadas em mim, por exemplo, o dia da compra de um televisor da marca Philco, preto e branco, um verdadeiro luxo na época. Um dos programas, nesse tempo, me marcou muito, a série *O Sítio do Pica-pau-Amarelo* (Foto 4). Aguardava ansiosa cada episódio, exibido às 17h 30min, de segunda a sexta-feira. Adentrava no mundo ficcional das histórias do sítio,

contadas pela avó Dona Benta e vividas por crianças espertas, curiosas, cheias de ideias e aventureiras.



Foto 4 - Elenco de 'O Sítio do Pica-Pau Amarelo', versão da década de 1970.  
Fonte: Veja *online* (2011)<sup>12</sup>.

No tempo de infância, as histórias, os personagens folclóricos e o escritor Monteiro Lobato (1882 – 1948) me foram apresentados por meio dos episódios televisivos do Sítio do Pica-pau-Amarelo. Em casa, tampouco na escola, tive acesso aos livros de literatura infantil. Nos labirintos das memórias, se entrelaçam os fios de uma das histórias marcantes: “O Minotauro”. Nela, o pessoal do sítio e nós, telespectadores, fizemos uma viagem à Grécia Antiga, a partir das narrações de Dona Benta sobre Teseu, Ariadne e a mitologia grega.

Ainda das memórias televisas dos programas assistidos, mergulho em um seriado infanto-juvenil, “Shazan, Xerife & Cia” (Foto 5), protagonizado por uma dupla atrapalhada de mecânicos que fazia uma viagem pelo mundo em uma espécie de caminhão/bicicleta. As aventuras dos personagens, por serem muito engraçadas, me faziam lembrar as comédias dos circos. Mergulhada nas lembranças, me transporto do terreiro de casa aos terrenos baldios, palcos destinados à montagem do circo, com sua palhaçaria. De tempo em tempo, chegava no bairro alguma companhia circense. A cultura nômade do circo me seduzia a ponto de sonhar e

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

desejar a itinerância identitária<sup>13</sup> daquela gente. “Porque amor desse, cresce primeiro; brota é depois” (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 192).



Foto 5 - Imagens da abertura e dos atores do seriado “Shazan, Xerife & Cia”, 1972.  
Fonte: Site de buscas Google. Publicada em 18/05/2016<sup>1</sup>

Um suspirar profundo pelo palhaço. Queria ir embora, acompanhar o circo e alcançar quilômetros mundo a fora. *O Respeitável Público!* fervia nas minas veias e anunciava a liberdade de muitos seres habitantes do meu Ser. Quantos seres existem dentro de nós? Uma infinidade por certo.

No meu mexer e remexer da memória transbordam as lembranças do Circo do Palhaço Facilita. Atração cativa no bairro por diversas temporadas. Neste momento, a minha alma caminha na pegada do *páthos*<sup>14</sup>, na esteira da paixão em seu caráter de excesso e transbordamento. Recordo a beleza da espera do início do espetáculo. As luzes coloridas do picadeiro. O vai e vem das pessoas, crianças eufóricas corriam, como uma dança sem pausa. O cheiro da pipoca amanteigada tomava conta do entorno composto por fios de um tecido furta-cor e alegres estampas. Rememoro as peraltices e transgressões, algumas crianças alcançavam

---

13 Sua itinerância está ligada diretamente à sua identidade, à sua estrutura, seus processos e às suas estratégias de viver e produzir. Por meio de sua itinerância descobre caminhos e lugares concretos e simbólicos. Redefine suas estratégias e adequa-se a novas situações porque para ele a mudança não significa um momento crítico e eventual em sua existência. É essencial para sua sobrevivência. Oxigena sua estrutura e lhe permite ocupar novos espaços na sociedade, apesar desses espaços serem muitas vezes negados. (COSTA, 1999, p.109)

14 Palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento e assujeitamento. Disponível em: < <http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 24-jan-2017.

as arquibancadas por baixo da lona. Até hoje sou assídua frequentadora de circo, prefiro os de pequeno porte, cada dia menos presentes em nossa urbe. Isso muito me preocupa e entristece, a escassez do público compromete a tradição da cultura circense.

Ao despir-me pela palavra ancorada pelo escavar das memórias, as lembranças estão a fervilhar, mesmo aquelas de momentos não prazerosos e de traumas não superados. Como exemplo trago um registro desagradável de interação com os poemas, ocorrido na Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel, onde cursei a 3ª série. A professora, Dona Flora<sup>15</sup> apresentou para a turma a proposta de ensaiarmos uma poesia para uma apresentação em homenagem à Semana da Pátria. Com cuidado, a educadora fez a escolha dos poemas e nos entregou. Peguei o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, como se fosse uma sentença final. Ao receber o papel, não conseguia parar de tremer. Um pavor de apresentar-me em público e para a escola toda tomou conta das minhas preocupações dias a fio, antes mesmo de ler o poema. Li, reli, ensaiei o máximo de vezes. A cada ensaio ouvia as palavras da professora Dona Flora: “você vai recitar sem olhar para o papel”.

Tudo pronto para a apresentação. Chega o grande dia e a escola, mobilizada para as comemorações da Semana da Pátria, se inicia o recital. Para minha surpresa, ao ver todas aquelas pessoas diante de mim, não consegui lembrar-me uma única palavra do poema. Olhei para a professora e, com palavras clementes de socorro, falei: “Dona Flora me dê o papel”. Em coro, ouvi uma gargalhada da plateia e o olhar de decepção da professora. Ao pegar o papel recitei sem, sequer, olha-lo. Eu estava em pedaços. Após a apresentação chorei muito e, nos dias seguintes, servi de chacota para os colegas, as crianças riam e repetiam: “Dona Flora me dê o papel”.

O verso da canção Como Nossos Pais<sup>16</sup> “Na parede da memória esta lembrança é o quadro que me dói mais”, ajuda-me a expressar o sentimento resguardado daquela experiência. Ao olhar para trás, percebo como é difícil mexer nas feridas ainda não cicatrizadas. Rasgos abertos deixam à mostra e revelam as dores acumuladas. Credito a esse episódio, parte da aflição e limitação em falar em público.

Ainda da década de 1970, recordo os shows de cantoria e repentes realizados por um vizinho da família, proprietário de um bar. Na calçada do estabelecimento, uma vez por semana, os cantadores de viola se reuniam. Após as apresentações, passavam o chapéu para arrecadar o

---

15 A professora ganha nome fictício pela impossibilidade do contato da autora para a devida autorização. A escolha do nome “Flora” se justifica pelo enlace afetivo da autora com os elementos da natureza.

16 Composição de Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes (1976).

cachê. Homens, mulheres e crianças disputavam um lugar na calçada do repente no Bar dos Amigos. Em várias ocasiões, na referida calçada, assisti às apresentações do poeta mossoroense Luíz Campos reconhecido e considerado um dos maiores repentistas do Brasil. Dono de um rico imaginário sua narrativa poética envolvia a plateia. Os seus poemas apresentavam uma crítica aos problemas sociais e, ao mesmo tempo, tornavam as nossas noites mais poéticas, aromáticas e leves. Letrista, violeiro e repentista, “o poeta” fazia parte do meu ciclo de vizinhança, possuiu residência fixa no bairro Lagoa do Mato até 2013, ano de seu falecimento. Acompanhei o poeta Luiz Campos improvisar sextilhas e realizar leituras performáticas dos cordéis, durante parte da infância. Tais momentos alimentaram o meu imaginário e integram o enredo da composição do meu ser.

Ao refazer os caminhos percorridos na infância - tarefa dolorosa no início do trajeto, porém, instigante e prazerosa -, pude (re)compor traços básicos da significação da escolha do meu tema de pesquisa e descobri-lo como raiz fincada na minha história. Essa viagem, por meio da narrativa (Auto)biográfica me fez (re)descobrir reminiscências do encontro com o meu objeto de estudo – eu mesma - e me proporcionou acessar memórias e acervos desveladores para a compreensão do meu desejo de investigar as tramas de um poeta popular.

## **1.2 O debruçar-me sobre as minhas Narrativas(Auto)Biográficas da escolarização: reflexões, descobertas, lastros e rastros em um contínuo aperfeiçoamento**

Nesse processo de olhar para mim e sobre mim, a viagem segue. Trago mais um de seus capítulos, aquele de quando, morava em um bairro periférico da cidade de Mossoró, sonhava em ir à escola formal, algo distante naquele momento. Por isso, minha mãe procurou garantir o aprendizado das primeiras letras aos filhos mais velhos em uma escola particular. Matriculou-me e, tempos depois, levou o meu irmão Marcos, o segundo filho do casal.

A escola do Professor Milton funcionava em uma residência do bairro Lagoa do Mato. A sala de aula ficava em um pequeno cômodo, sem quadro-negro, nem carteiras. Realizávamos as atividades em uma grande mesa, rodeada de bancos. Nesse espaço, deflagrei o meu processo inicial de alfabetização. As atividades, a partir da cartilha do ABC, desenvolviam-se com base em muitas cópias, treino e repetições. Lembro-me dos castigos físicos com o uso da palmatória para os alunos rebeldes ou aqueles com dificuldades em realizar as atividades. Enquadrava-me no primeiro grupo, costumava quebrar as regras e ser contestadora. Não me sentia feliz na escola. Aquele modelo de aula me deixava impaciente. O aluno, o ser do silêncio, tarefas

escritas à exaustão. Um verdadeiro pacote instrucional. O calar a voz e os corpos robustecia a ordem e a disciplina exigidas no percurso das aulas.

Recordo cenas daquela menina vivaz, buliçosa e curiosa, a escutar a mãe dizer: “estude para ser alguém na vida e não depender de ninguém”. Entre o tempo dedicado aos estudos e alguns enfadonhos afazeres domésticos, os instantes poéticos das brincadeiras regavam aquela humilde infância. Entre tantas brincadeiras, a de escolinha tinha frequência garantida.

No ano de 1979, aos oito anos de idade, vivi a aventura de experimentar pela primeira vez o chão de uma escola formal. Consegui uma vaga para o grupo escolar do bairro, a Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel. No trajeto dos caminhos difíceis chegar à escola, significou a realização de um sonho. Almejava fazer parte daquela instituição de ensino para participar dos festejos juninos, dos desfiles cívicos, receber livros, praticar educação física. Como não lembrar da primeira professora? Mulher firme, segura, atenciosa e muito amorosa com os alunos e alunas. Se chamava Dona Raimunda. Momentos marcantes nessa escola compõem um cabedal de lembranças na mente.

O modelo de ensino continuava o mesmo vivenciado na escola anterior: o professor o detentor do saber e os alunos meros receptores de informações e fórmulas prontas. Uma instituição de ensino distante do meu sonho de escola. Na minha expectativa, a escola deveria ser a descrita por Freire (S/d) em seu poema “Escola”<sup>17</sup>.

O lugar que se faz amigos.  
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
 Programas, horários, conceitos...  
 Escola é sobretudo, gente  
 Gente que trabalha, que estuda  
 Que alegra, se conhece, se estima.  
 O diretor é gente,  
 O coordenador é gente,  
 O professor é gente,  
 O aluno é gente,  
 Cada funcionário é gente.  
 E a escola será cada vez melhor  
 Na medida em que cada um se comporte  
 Como colega, amigo, irmão.  
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados  
 Nada de conviver com as pessoas e depois,  
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
 Nada de ser como tijolo que forma a parede,  
 Indiferente, frio, só.  
 Importante na escola não é só estudar,

---

17 Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

Não é só trabalhar,  
 É também criar laços de amizade,  
 É criar ambiente de camaradagem,  
 É conviver, é se “amarrar nela”!

Sou solidária à ideia do autor, escola é lugar de vida e humanização. Naquele modelo de escola, hoje, percebo a ênfase dada à consecução dos produtos e as teorias psicológicas da aprendizagem, com destaque para aquelas de enfoque comportamentalista, como a behaviorista. Essa teoria deriva do empirismo, corrente filosófica defensora do conhecimento como produto da experiência sensorial. O homem é considerado um organismo passivo, governado por estímulos fornecidos pelo meio externo e o seu comportamento pode ser controlado, através de adequado controle de estímulos do meio. (LOPES, 2008).

Nessa escola, somente, na 5ª série<sup>18</sup>, senti o prazer de ser apresentada ao mundo da leitura e dos livros literários. A instituição possuía uma biblioteca ampla e bem estruturada em relação ao espaço físico. Quanto ao acervo dispunha de muitos livros e títulos variados. A Série ‘Vaga Lume’<sup>19</sup> faz parte da minha memória afetiva junto com a professora de Língua Portuguesa Dona Camélia<sup>20</sup>, responsável por me aventurar no mundo da leitura. A referida professora nos levava à biblioteca e desse espaço, afloram as minhas lembranças uma sucessão de acontecimentos: a escolha dos livros, disputa com os colegas, quando escolhíamos uma única obra, e a ansiedade pelo empréstimo.

Acontecimentos acompanhados pelo aroma do lugar e o perfume sedutor do livro. Impossível não me lembrar do ritual: pegava o livro, abria-o e desfolhava-o apenas para sentir o cheiro exalado pelas suas páginas. A leitura acontecia em sua essência, por fruição, sem a necessidade de preencher fichas ou fazer avaliações sobre as obras lidas. Tínhamos como tarefa uma roda de discussão e apresentação dos livros lidos pelos estudantes da sala.

Da citada série li muitos dos livros, mas um em especial considero inesquecível. A leitura do livro *Menino de Asas* do autor Homero Homem, que me arrancou lágrimas. O livro conta a história de um menino diferente. Ao nascer com asas, o fato causou muita tristeza aos

---

18 Hoje, 6º ano, a mudança aconteceu a partir da Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que alterou a LDB e ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração.

19 A série Vaga-Lume foi lançada pela Editora Ática na virada de 1972 para 1973, e é composta de romances voltados ao público infanto-juvenil. Disponível em: < <http://homoliteratus.com>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

20 Nome fictício para preservar a identidade da professora citada. O nome Camélia foi escolhido por representar um elo entre a autora e os elementos da natureza.

pais. A trama desencadeia uma série de sofrimentos e discriminação por ele vivenciado. Vejo nesse livro, uma fecunda oportunidade de encontro com a diversidade.

Percebo o quanto os alunos daquela escola perderam oportunidades em relação a formação leitora. Com exceção da experiência das rodas de leitura da Prof.<sup>a</sup> Camélia, no primeiro ano ginásial, não tivemos outros mestres com a postura de incentivo à leitura. Em casa eu e muitos outros colegas não possuíamos livros, considerados supérfluos por nossos pais.

Quando cursava a 6<sup>a</sup> série, aconteceu algo, até hoje, entranhado na memória. Participei como candidata às eleições para líder de classe. Tornei-me a líder da 6<sup>a</sup> série “A”. Procurava ser atuante. Em um dado momento, na aula de Ciências, a professora chamou o líder de sala com o propósito de dar alguns avisos. Ao ser informada do nome da líder de sala, a professora afirmou não aceitar uma menina como líder de classe. A função deveria ser exercida apenas pessoas do sexo masculino. Em seguida, de forma arbitrária tratou o assunto com o vice-líder da turma.

Estimulada a refletir sobre os significados dessa experiência, afirmo, que o sabor amargo do episódio, me acompanha até os dias presentes. Memórias doloridas. Senti-me humilhada, mas silencieei, não tive forças para reagir. Considero a experiência um momento charneira<sup>21</sup> na minha história, essa experiência me influenciou em escolhas e caminhos, por isso possui um aspecto formador. O tratamento preconceituoso por parte da professora propiciou-me empoderamento. Um importante processo de fortalecimento. Identifico, nessa vivência, a motivação para a escolha em atuar, hoje, com o público de Educação de Jovens e Adultos, enveredar pelo caminho da inclusão escolar e de luta pelos direitos dos sujeitos à margem da sociedade.

Estudei na escola Estadual Raimundo Gurgel até a 8<sup>a</sup> série<sup>22</sup>. No ano de 1986, um acontecimento quase me levou à evasão. Refiro-me ao casamento, acompanhado do nascimento da minha primogênita, uma das minhas pétalas. Por alguns dias, vi o sonho de continuar os estudos quase interrompido, não por falta de vontade e interesse, mas pelo preconceito, que cruzou o meu caminho outra vez. O meu esposo não aceitava a minha decisão de estudar. Os seus argumentos de que mulher casada deveria cuidar da casa e dos filhos soaram como um desafio.

---

21 Expressão utilizada por Marie-Christine Josso (2010). Representa as vivências que possibilitam rupturas (auto)formativas no nosso modo de ser/fazer.

22 Hoje, 9<sup>o</sup> ano.

A minha alma arengueira, libertária e sonhadora não me faria calar. Nasci para voar. Neste instante, não posso deixar de trazer à lembrança os versos de uma canção do compositor Benito di Paula<sup>23</sup>: “Eu sou como a borboleta. Tudo que eu penso é liberdade. Não quero ser maltratado, nem exportado desse meu chão [...] A ordem da humanidade não pode ser destruída. Quando eu voar me proteja. Sou parte da sua vida”.

Quinze dias após o nascimento da minha primeira filha, alcei voo e voltei aos bancos escolares com mais força e vontade de vencer. No galgar da trajetória da escolarização, decidi cursar, no 2º Grau<sup>24</sup>, um curso profissionalizante. Optei por Habilitação Específica para o Magistério<sup>25</sup>. Pesou na decisão a necessidade de conquistar um espaço no mercado de trabalho. Na realidade local, o Curso do Magistério favorecia a empregabilidade para os concluintes.

O primeiro ano cursei na Escola Estadual Justiniano de Melo, instituição localizada próximo ao meu bairro. No ano seguinte, essa escola não prosseguiu com turmas do 2º Grau. Transferi-me para o Colégio Estadual Jerônimo Rosado. No início do curso, percebia ter realizado a escolha certa. Encantava-me com o estudo sobre questões pedagógicas, mas confesso um sentimento de decepção pela falta do uso de livros de aprofundamento teórico. Mais tarde, ao participar dos festivais de Música e Literatura Infantil, pude explorar o meu potencial criativo na produção de paródias e poemas.

Em meados de 1986, no 2º ano do Magistério, dei à luz a minha segunda pétala. As coisas pareciam ficar mais complicadas. Conciliar os afazeres domésticos, duas filhas pequenas e os estudos não seria tarefa fácil. Impulsionada a seguir os estudos, cumpri o ritual de ficar quinze dias em casa após o nascimento da cria. Em seguida, estava de volta à rotina dos livros, cadernos, seminários e provas. Concebia a escola como um lugar especial, de esperança e de luta (FREIRE, 1997).

Em 1990, formei-me professora. A foto logo a seguir (Foto 6) registra o momento em que recebia os parabéns da minha madrinha Flor<sup>26</sup>, no dia da minha colação de grau do Magistério. Ainda no último ano do 2º Grau (atual Ensino Médio), vislumbrei a possibilidade

---

23 Canção *Proteção Às Borboletas*. Benito di Paula (1977).

24 Atual ensino médio, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira- Lei Nº 9394/96.

25 A Lei Nº 5691/71, que trata da reforma do ensino de 1º e 2º graus, classificou o Magistério como uma habilitação específica do ensino de 2º grau. A formação podia acontecer em três anos de duração e habilitava para atuar na Educação Infantil e nas séries de 1ª a 4ª séries do 1º grau ou quem cursasse em quatro anos, estaria habilitado para atuar nas 5ª e 6ª séries do 1º grau.

26 Nome fictício para preservar a identidade da pessoa. O nome Flor foi por mim escolhido pela ternura com que trata os semelhantes.

do início da carreira docente. Inscrevi-me no concurso público promovido pelo governo do Estado e obtive aprovação.



Foto 6 - Conclusão do 2º Grau – Habilitação Específica para o Magistério.  
Fonte: Arquivos da autora (13/01/1990).

O sonho de lecionar em uma escola e de possuir as próprias turmas estava prestes a se realizar. No itinerário da viagem, entre pedras e curvas, surgiu um novo lugar: a Formação Inicial. No mês de março do ano de minha formatura, comecei a exercer a profissão de docente. Junto à realização do sonho, um momento de aporia. Habitavam em mim sentimentos plurais. O medo polissêmico de não saber ser professora, de não corresponder às exigências a mim impostas naquele novo caminho.

Em busca de conhecer melhor a profissão, dois anos após o término do Curso do Magistério, ingressei no Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Mossoró. Naquela época, o Curso de Pedagogia ofertava em sua matriz curricular as habilitações: Magistério das Matérias Pedagógicas (MAMAPE), Administração

Escolar do Primeiro e Segundo Grau; Supervisão Escolar e Orientação Escolar. Esperançosa em aperfeiçoar a prática pedagógica a partir do ingresso no ensino superior, optei por fazer MAMAPE.

No momento da escolha do curso, fiquei em dúvida se prestaria vestibular para o Curso de Pedagogia ou Letras. Nutria admiração pela literatura brasileira. Sonhava em cursar Letras, mas, outra vez, a escolha responde a uma necessidade profissional. Como professora da rede estadual com o magistério, pelas regras da Secretaria de Educação do Estado apenas mudaria de nível para professor nível superior quem cursasse Pedagogia.

Foram enormes os desafios para cursar a graduação no período noturno, a começar pelo acesso, a Universidade ficava em local distante, o meu bairro não possuía linha de ônibus e fiz o contrato com um transporte particular, mesmo com as finanças apertadas. No meio do curso, outra gravidez.

A licença-maternidade não me afastaria das aulas por muito tempo. Entre cadernos e livros, pausas para amamentação e troca de fraldas, continuei os estudos. Como se não bastasse, o filho recém-nascido me acompanhava à universidade, a cada intervalo, parada obrigatória para amamentá-lo. Apesar das barreiras, a força de vontade e o interesse pelos estudos me motivavam a superar todas as dificuldades.

Na minha trajetividade de formação inicial possuía uma verdadeira sede pelo conhecimento. Esperava aprender, no Curso de Pedagogia, o saber específico de como ensinar melhor e tornar-me uma educadora competente. As inquietações e dúvidas vivenciadas estimulavam-me a efetuar buscas pelo saber.

Encontro nas afirmativas de Tardif (2010), uma compreensão para a situação de preocupação e busca pelos saberes necessários para o ser professor. Ao discutir sobre o saber docente, o autor destaca a pluralidade desse saber, “[...] formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, essencialmente heterogêneo” (TARDIF, 2010, p.54).

No primeiro período da graduação, brotam lembranças de uma professora e uma disciplina sedutoras: Professora Violeta<sup>27</sup> de Língua Portuguesa. Uma educadora de olhar incandescente pela paixão e o gosto pela leitura, provocou-nos a um encontro especial: a leitura da obra de Machado de Assis. Devorei o livro *Dom Casmurro* em questão de dias. Adentrava

---

27 Nome fictício para garantir a privacidade das pessoas citadas na pesquisa. Ao escolher o nome de uma flor a autora reforça sua admiração pelos elementos da natureza.

em um mundo distante, imaginava as personagens. Sofri com a condição de Capitu e o seu filho personagens da obra machadiana. Não me conformei com aquele final. A figura da mulher anulada de olhar baixo, sorriso pálido e de voz abafada. A literatura começou a fazer parte da minha vida. Os livros acompanharam-nos até o fim do semestre. Travei um fértil diálogo com autores como Érico Veríssimo, Jorge Amado e Rachel de Queiroz. Tempo feliz de descobertas. Memórias prosaicas por entre os muitos lugares e passeios propiciados pela leitura.

A partir dessa experiência firmei o prazer com a companhia dos autores. Vem-me à mente, anos depois, em uma formação de professores, a leitura de um achado. Li para os professores, em uma semana, parte da obra *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado<sup>28</sup>. Na trama a autora faz uma homenagem ao livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Ela aproveita as lacunas e silêncios deixados na obra machadiana e resgata a trajetória da personagem Capitu, por meio da narrativa do romance sob outro ponto de vista. Capitu passa a expressar suas vivências e tem o poder de protagonizar a própria história.

De volta às memórias acadêmicas do Curso de Pedagogia, com o passar dos semestres, as disciplinas direcionadas aos estudos pedagógicos me fascinavam pela provocação em compreender assuntos didáticos até então desconhecidas. Foram muitas leituras, trabalhos, seminários, uma efervescência de produções. Eu já exercia a docência e conseguia transpor à minha prática em sala de aula alguns conhecimentos adquiridos na academia. Considero uma experiência singular. Momento do meu cálido abraço com a profissão docente.

A conquista do ensino superior, além de uma realização pessoal, foi um passo decisivo para a atuação profissional. O contato com as teorias me fez ressignificar a prática. Conclui a graduação no ano de 1996 e, no ano seguinte, voltei à Universidade para cursar, em Pedagogia, a habilitação de Supervisão Escolar. Nesta reflexão sobre a esteira formativa, a narrativa convida-me a um momento de purgação.

No ano de 2005, tive a oportunidade de voltar a à universidade para realizar um sonho, cursar Letras na UERN. Me impus tantos embargos: o cansaço, os filhos, o trabalho. Entraves externos miúdos, o maior estava dentro de mim, a fraqueza de enfrentar um novo desafio. Os sentimentos emanados da experiência narrada, expõem um travoso arrependimento e frustração.

---

28 Ana Maria Machado, nascida em 1941, é autora de mais de cem livros, publicados no Brasil e em mais de 17 países. Conquistou muitos prêmios ao longo de sua carreira como escritora, que conta com trinta e três anos de atividade, dedicados em sua maior parte à literatura infantil. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/lwbfarias>>. Acesso em: 24-nov- 2016.

No início do ano de 1999, após um concorrido exame de seleção para o Curso de Especialização em Educação da UERN, conquistei aprovação e passei por mais um momento charneira em minha vida. Necessitei trocar o horário de trabalho, pois, as aulas da especialização aconteceriam pela manhã. Comecei a lecionar no turno noturno. Após nove anos de experiência com crianças da educação infantil e ensino fundamental, assumi, na escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, em Mossoró, uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Nos primeiros meses da especialização, a disciplina Fundamentos Linguísticos para a Alfabetização, ministrada pela professora Petúnia<sup>29</sup> propiciou-me um desequilíbrio em relação aos conhecimentos construídos na graduação sobre o processo de alfabetização. As reflexões partiram da proposta de cada aluno reviver e registrar o seu processo de alfabetização.

Dos fios da minha memória, feito alfenim<sup>30</sup>, puxei as lembranças. Resgatei memórias da carta de ABC. Lembrei-me do período das primeiras lições: da alfabetização aos 7 anos de idade, antes do ingresso na escola formal, pelo método de soletrar e memorizar as famílias silábicas. As atividades partiam das letras apresentadas nas formas manuscritas, maiúsculas, minúsculas e de imprensa, seguidas dos ditados de palavras e frases.

A partir das memórias de como fomos alfabetizados, a professora ministrante da disciplina apresentou um livro de Paulo Freire, *A importância do ato de ler*. Na obra, o autor discute questões relacionadas à aquisição da leitura e defende a alfabetização como um processo para além da decodificação das letras. Para Freire (1989), a leitura de mundo precede a leitura da palavra. A reflexão proposta ao grupo seguiu com uma discussão sobre como alfabetizar letrando, processo de olhar atento à aquisição do código escrito e às práticas sociais da leitura.

Confesso o quanto fiquei desequilibrada com cada ideia apresentada pela professora Petúnia. Conhecimentos cristalizados em minha prática alfabetizadora caíam por terra. Percebi a necessidade de abrir mão das certezas para compreender as bases teórico-metodológicas da proposta da alfabetização na perspectiva do letramento<sup>31</sup>.

---

29 Nome fictício para preservar a identidade da citada professora. Nome de flor escolhido pela autora em virtude dos seus afetos pelos elementos da natureza

30 Alfenim ou alfinim é o nome dado a uma massa branca de açúcar e óleo de amêndoa doce. Um doce muito comum, vendido nas feiras livres das cidades nordestinas.

31 A palavra letramento vem do inglês - *literacy*, que quer dizer estado ou condição daquele que é literate - que possui a habilidade de ler e escrever. Letrado é, então, o indivíduo que, além de saber ler e escrever, faz uso competente da leitura e da escrita.

O Curso de Especialização em Educação na UERN proporcionou-me um aprendizado significativo e uma mudança substancial em meu fazer pedagógico. Dentre as contribuições, destaco a ampliação de conhecimentos sobre autores como Vygotsky, Dewey e Piaget e concepções de aprendizagem.

Àquela época, quando apresentada ao ideário freireano, percebi uma imbricação entre a minha prática docente com jovens e adultos e os pressupostos teóricos defendidos pelo autor. Brotou em mim um forte desejo de aprofundar as leituras a respeito da obra freireana. Esperançosa de concretizar tal desejo, direcionei o meu projeto de pesquisa para o ensino de jovens e adultos.

A primeira experiência com o meu orientador aflorou sentimentos de desapontamento e preocupação. Ao aludir o referencial teórico do meu projeto, o Professor Floriano<sup>32</sup> em seu dizer, destacou não possuir interesse em discutir as bases teóricas freireanas, por considerá-las frágeis. Concordou aceitar o desafio com a certeza de após o estudo, a orientanda ter construído outro olhar, não mais ingênuo e romântico, sobre o autor. A maior preocupação residia no fato de escutar dos colegas de classe conselhos a respeito da impossibilidade de o orientando questionar as orientações do orientador e sim segui-lo.

Aporias juntavam-se a indagações e tomavam conta do cotidiano daquela aluna-pesquisadora. Como as posturas e práticas desenvolvidas em um curso de pós-graduação ainda se assemelhavam as vivenciadas na educação básica? Essas concepções estavam arraigadas a uma educação do silêncio, da obediência e do sujeito passivo.

Ao debruçar-me sobre a pesquisa, assumi o risco de, no percurso, desencontrar-me com o meu orientador, contrário ao ideário freireano. O estudo, com foco no construtivismo-interacionista, resultou no trabalho monográfico intitulado “Tecnicismo e Construtivismo: notas sobre a implantação da Proposta de Educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte”.

A referida pesquisa, conduzida à luz de indicações de uma postura histórico-crítica, aborda a implantação da proposta do Curso de Educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte. Teve como ponto de partida a constatação da não mudança de postura na metodologia de ensino nas salas de EJA, pela não compreensão da nova proposta por parte dos educadores e educandos envolvidos, diretamente, na Educação de Jovens e Adultos, na cidade de Mossoró.

---

32 Nome fictício por opção da autora, com o objetivo de resguardar a identidade do sujeito.

Concluído o trabalho, me descobri desejosa de conhecer e aprofundar ainda mais as ideias de Paulo Freire e comecei a perceber, a partir do experimentado, que a apreensão do seu ideário promoveu um ressignificar do meu fazer pedagógico. Fundava-se em minha ação docente uma travessia; a passagem de uma prática ingênua para uma prática crítica e compromissada com os grupos populares que ainda não conseguiram “ver” o opressor “fora” de si (FREIRE, 1981).

No ano de 2011, os caminhos me levaram à atuação voltada para a inclusão escolar e, veio a necessidade de qualificação. Iniciei, à distância, o Curso de Atendimento Educacional Especializado na perspectiva da inclusão, realizado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

O trabalho de conclusão desse curso, intitulado *Um breve estudo sobre as práticas pedagógicas e a inclusão escolar dos alunos com deficiência que participam do AEE*, possibilitou-me perceber a dissonância da garantia do acesso aos alunos com deficiência na escola e garantia da permanência com sucesso. As escolas, ainda, convivem com empecilhos físicos, dificultadores da acessibilidade, e outras barreiras (políticas, didáticas, sistêmicas, atitudinais). A permanência bem-sucedida de todos os alunos nas escolas, sobretudo, daqueles com necessidades educacionais especiais é prejudicada (MELERO, 2008).

Consciente da minha inconclusão/incompletude (FREIRE, 1997) na aventura em busca da conquista do conhecimento cada vez mais elaborado, após vinte e cinco anos de atuação docente, vislumbrei a possibilidade de fazer um Curso de Mestrado em uma universidade pública, sonho alimentado desde muito antes. No primeiro semestre de 2015, encontrei o edital do processo seletivo para alunos especiais do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Naquele momento, algumas dúvidas surgiram: daria conta da demanda de estudos, pesquisa e o trabalho em duas instituições distintas? E se não fosse selecionada, como ficaria diante da frustração e do sentimento de fracasso?

Naquele contexto, a única certeza era a disciplina escolhida para cursar, denominada *Movimentos Sociais*, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Esse desejo fora movido por uma experiência no ano de 2011, quando participei do *II Seminário Potiguar Sobre Inclusão e Diversidade*<sup>33</sup>. Na oportunidade, pude conhecer o trabalho desenvolvido pela professora acima citada em prol da inclusão. Os seus princípios éticos e a postura comprometida na luta

---

33 Evento realizado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

pelos direitos das pessoas com deficiência, por meio de uma prática implicada com o outro despertaram-me admiração.

Após vencer fantasmas internos decidi por participar do processo seletivo. Enviei a carta de intenção. Consegui a aprovação e voltei aos bancos da universidade como aluna em caráter especial na disciplina *Movimentos Sociais e Educação Popular*. A professora propiciou à turma trilhar um percurso formativo para além do proposto: refletir sobre a dimensão formativa dos movimentos sociais, por meio de seu diálogo com a educação popular.

No processo de construção de conhecimento, ressalto o a respeito da educação popular como saber e incentivo para o diálogo na perspectiva da participação popular para o redimensionamento da vida social. A professora provocou um importante momento em minha trajetória profissional e acadêmica: a descoberta da narrativa (Auto)biográfica como processo de autoformação.

Nesses diferentes caminhos e possibilidades apontados nas aulas e durante a convivência com a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, aprendi a ser mais, a empoderar-me, a pensar no outro, a quebrar barreiras, a vivenciar a teoria na prática. Ela nos apresentou autores e descortinou horizontes. Mais uma vez as memórias seguem o rastro do *páthos*, a paixão em excesso. Ao ser cutucada, incitada pela professora, quebrei o casulo. Na verdade, sempre quis voar, ultrapassar limites, e a referida professora colocou-se para nós, como um facho de luz neste mundo multicolor cingido por possibilidades.

Ao longo da disciplina, outra construção marcante na minha trajetória de vida e profissional se iniciou e teve sua culminância no ano seguinte. Em maio de 2016, tive a oportunidade de ir, com a professora e mais quatro colegas, ao *IX Encuentro Internacional Presencia de Paulo Freire Espacio para Reflexionar y Crecer*, realizado em Cuba. Experiência vivenciada em um outro país, outros lugares, outros povos, outra cultura e outros costumes nos ajudam a reafirmar a nossa identidade.

Vivenciei, com meus amigos, a chamada *liminaridade*, tal como anunciada por Turner (1974). Refere-se ao processo de transição que o ritual desenvolve. “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela Lei, pelos costumes, convenções e cerimonial” (TURNER, 1974, p. 117). Para o autor, o estado de *liminaridade* ocorre quando um indivíduo é retirado do convívio e levado a um estado de “não ser” num entre lugares. Conhecemos, *in loco*, um pouco da geografia humana e social da ilha e participamos de atividades culturais na Universidade de Havana, primeira cidade visitada.



Foto 7 - Visita à Universidade de Havana. Cuba, 2016.  
Fonte: Arquivos da autora (08/05/ 2016).

Depois foi a vez de conhecermos *Cienfuegos* cidade localizada na baía do mesmo nome. Nos impressionaram a qualidade da educação de Cuba e os serviços de saúde oferecidos. No Brasil acompanhei, por meio de fontes como livros e imprensa escrita, as informações dos altos índices de alfabetismo na ilha. Em visitas às escolas e universidades, lancei-me em buscas para compreender a realidade deste fenômeno social. Os professores e demais funcionários nos revelavam o quanto as instituições não possuíam tecnologias avançadas. As condições físicas dos espaços não eram das melhores, mas isso não os impedia de desenvolver um trabalho de qualidade. Todas as crianças em idade escolar se encontravam nas escolas e com aprendizagem satisfatória.

Na cidade de *Cienfuegos*, fomos aos museus, aos centros de cultura, além de conhecermos e à Universidade. No período de 02 a 06 de maio, os dias foram intensos com a programação do evento. Na oportunidade, apresentei, em forma de pôster, dois trabalhos: “Formação docente: escrita de si como recurso para (auto)formação” e “Programa Brasil Alfabetizado: contribuições de Paulo Freire para uma alfabetização emancipatória do sujeito”. Nossos trabalhos receberam muitas visitas do público. Os participantes nos parabenizaram e fizeram perguntas pertinentes às pesquisas. Mas o grande destaque considero, a exibição de um vídeo. Dirigido pela prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, o material com uma hora de duração, produzido por um grupo de seus mestrados, que retrata a etnografia feita com de seis ex-alunos de Paulo Freire, na cidade de Angicos, município localizado no sertão do Rio Grande do Norte.

Nessa localidade, Paulo Freire, no ano de 1963, desenvolveu sua experiência de alfabetização conhecida como *As 40 horas de Angicos*.

O vídeo apresenta as narrativas de seis alunos remanescentes do educador pernambucano a respeito de suas experiências de participação no projeto de alfabetização. O recurso visual despertou comoção entre os participantes do congresso, pela apresentação emocionada da Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar. A educadora, comprometida com a vida, narrou a feitura do vídeo e ressaltou a satisfação em poder compartilhá-lo com aquele povo reconhecedor do valor do educador Paulo Freire.

O processo formativo promovido pela professora ultrapassou a viagem de campo a Cuba. Após o nosso retorno ao Brasil, mobilizou os alunos e organizou, coletivamente, o *I Seminário de Narrativas* com a Temática, intitulado “Lugares e Biografização: reflexões a partir da experiência no *IX Encontro Internacional Paulo Freire, em Cuba*”, realizado no dia 17 de junho de 2016. O evento objetivou compreender as dimensões das narrativas de si a partir do olhar sobre o lugar do outro diante de uma experiência em situação de *liminaridade*.

Tive a oportunidade de participar do referido seminário na composição da comissão organizadora e também como palestrante do Salão de Conversa 3, cuja temática foi “Atores e Autores: uma forma de ver lugares conhecendo”. Na ocasião, os participantes realizaram uma roda de conversa, espaço organizado para compartilhar e debater as nossas narrativas sobre a experiência formativa em Cuba.

Nas idas e vindas desta viagem, retorno a rota do ano de 2015, quanto mais convivía com a educadora Ana Lúcia, conhecia a sua história, suas lutas e suas ideias, mais queria estar próxima e fazer parte do seu grupo de alunos. No segundo semestre de 2015, dei outro salto relevante. Conquistei uma vaga de aluna especial do mesmo programa *com a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica* e, mais uma vez, aluna da prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Impulsionada pela prática da professora e seu ideário, comecei a enxergar outros horizontes em meu processo de formação permanente. Ainda no mesmo ano, recebi uma proposta do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró/RN, instituição de ensino na qual desempenho a função de coordenadora pedagógica, para organizar um evento sobre a inclusão escolar. Considero um grande desafio na trajetória profissional, nesses eventos, havia experimentado a condição de espectadora.

O projeto, denominado *I Seminário Regional sobre Educação e Inclusão Escolar: Formação, Linguagens e Práticas em Diálogo*, começou a ser gestado a partir da parceria decisiva com a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, a educadora que vivencia, na prática, e nos

ensina a sermos possibilidades para o outro. Nas reuniões para o planejamento do referido evento, a professora coordenou as discussões se dispôs a participar ativamente das ações necessárias. Com o amor armado, segundo suas palavras “armado na perspectiva freireana”, construiu uma parceria com um grupo de pessoas do seu ciclo de trabalho e pesquisas, fez parte da construção da programação, convidou palestrantes, organizou os GTs, coordenou uma mesa redonda e o Grupo de Trabalho, ao mesmo tempo nos incentivava a produzir artigos para as apresentações no seminário.

A cada encontro, e foram muitos, confesso o encantamento por significativo aprendizado. As inúmeras dificuldades, os percalços me faziam mais forte pela superação. O referido seminário, pensado com o objetivo de propiciar um espaço de reflexão, difusão de conhecimento e troca de experiências a respeito da Educação Inclusiva, realizou-se de 05 a 07 de dezembro de 2015. Na ocasião, dei início a uma nova ação, a apresentação de trabalhos por meio de comunicação oral em eventos científicos. Dessa largada inicial se seguiram outras, como a apresentação do trabalho “Diálogos com quem ousa nascer a cada momento para a eterna novidade do mundo: experiências formadoras e a escrita de si como recurso para (auto) formação”, no *II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas*<sup>34</sup>. Em seguida, o artigo “Inclusão escolar e a formação continuada do PNAIC para professores alfabetizadores das escolas do campo do Município de Baraúna/RN”, apresentado no *II Seminário Potiguar de Inclusão*. No *III SEADIS*<sup>35</sup> a apresentação oral da pesquisa “Contribuições da formação continuada do PNAIC frente à prática pedagógica inclusiva dos professores alfabetizadores das escolas do campo do município de Baraúna/RN”.

No ano de 2016, dei sequência a participação e apresentação em eventos, em busca da qualificação e formação continuada. Destaco, nesse ano, a participação, antes mencionada, no *IX Encuentro Internacional “Presencia de Paulo Freire”*, em Cuba e no I Seminário de Narrativas: Lugares e Biografização.

Devo citar também a participação no *VII Seminário Nacional Sobre Educação e Inclusão Social de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais em Natal*, com a apresentação do trabalho intitulado “Uma reflexão acerca das práticas pedagógicas e a inclusão

---

34 Evento promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Na sua essência, traz a perspectiva de ouvir as narrativas de sujeitos do campo que possuem suas histórias de vida marcadas pelo cheiro da terra, a dor e alegria do trabalho, pela força dos movimentos sociais, pelo sentimento, pela pertença e pela identidade campesina. Disponível em: < <http://ernab2015.blogspot.com.br/>>. Acesso: 12 nov. 2016.

35 Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade, Inclusão Social promovido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

escolar de crianças com deficiência na educação infantil”. Ainda na cidade do Natal, participei do *II Congresso Nacional de Educação (CONEDU)*, no qual apresentei o artigo “Narrativo de si: o Enlace da experiência e do conhecimento para ressignificar a inclusão”.

Nessa caminhada, fortaleci a decisão de participar, pela primeira vez, da seleção de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), da UERN. Pelo percurso com o trabalho com alunos com deficiência na prática como coordenadora pedagógica em escolas da rede básica de ensino, iniciei a construção de um pré-projeto direcionado para a pesquisa na área da inclusão escolar, intitulado “Práticas de Inclusão na escola regular: as vozes dos Coordenadores Pedagógicos frente à inclusão escolar de um aluno autista na rede particular de ensino de Mossoró/RN”. A princípio, o objeto de investigação seria a prática pedagógica do Coordenador Pedagógico frente à inclusão escolar dos alunos autistas na escola regular. Por meio da análise do papel e das ações desse profissional, queria avaliar sua contribuição face ao processo de inclusão dos alunos com deficiência, na escola regular.

O ano de 2016 reserva mudanças em minha vida. Ao participar da seleção de Mestrado em Educação na UERN obtive aprovação. Uma eufórica alegria tomou conta de mim e, ao mesmo tempo, uma preocupação me consumia. Em dez dias apresentaria o anteprojeto de pesquisa. Confesso vivenciar um sofrimento durante três dias seguidos, pelo desejo de apresentar a provável orientadora um projeto autêntico e pertinente.

Certo dia, quando pensei não ter mais forças, adormeci e, ao amanhecer, parecia um conto ficcional, pulei da cama feliz da vida: acordei com um mote poético tema da investigação. Percebi que o objeto de pesquisa do nosso projeto havia caminhado com a minha trajetória de vida. Na infância, gravitei em meu imaginário no universo mágico dos espetáculos sob a lona. Do fascínio pelo cotidiano circense, o meu ser transborda de afeto e paixão por essa arte milenar. Ainda infante, encantei-me pelo ritmo, letra e melodias dos poemas e romances populares.

As tramas e urdiduras dos fios, que engendram a minha história trazem, desde a infância as marcas da problemática desta investigação, a minha essência se entrecruza com a arte. Na marcha e contramarcha da vida as experiências vieram-me não por acaso, elas são definidoras de minha história. O projeto de pesquisa e o meu projeto de vida estão intrinsecamente ligados, pude perceber as amarraduras e nós desses fios, depois do encontro com a abordagem (Auto)biográfica, ao vivenciar o potencial autoformador das narrativas das histórias de vida.

Nesses primeiros roteiros da viagem, percebo os aromas da poesia imbricados em mim. Na arte penetrada nas entranhas do no meu ser, percebi o porquê: as artes dizem muito sobre

nós. A partir das produções artísticas de determinada época e de uma cultura, podemos entender o pensamento científico, filosófico, religioso, estético, seus valores, crenças e o seu modo de evolução, portanto, a arte se constitui o reflexo de uma sociedade. Sua expressão é essencial na formação do ser humano, por desenvolver a sensibilidade, o senso-crítico, socialização, e possibilitar ainda, o autoconhecimento. A arte é responsável por ativar as dimensões cognitivas, físicas, afetivas e sociais do indivíduo, além de permitir a socialização dos bens culturais produzidos pela humanidade ao longo de sua história.

Na busca pelo objeto de pesquisa, ao largar algo em construção, até me refazer e partir para algo novo, a caminhada deu-se em terrenos acidentados. Utilizo uma personagem da obra *As margens da alegria*, de Guimarães Rosa (1972), para referenciar o momento vivido. No texto, um menino personagem principal, encontra-se na sua lenta descoberta do mundo. Ao longo da narrativa, ele transforma tudo o que passa diante dos olhos em experiência de dor e alegria, descoberta e aprendizagem. A partir da obra, sinto-me autorizada a dizer, que no meu primeiro voo em um trabalho investigativo com o método (Auto)biográfico, me percebo na condição daquele menino. Minhas inquietações, curiosidades e interesses levaram-me a descortinar novas possibilidades.

Ao refletir sobre o caminho percorrido, propiciado pelo uso das narrativas (Auto)biográficas, analiso e reconstruo os saberes profissionais. Nesse percurso, não posso deixar de comunicar uma experiência considerada essencial em minha trajetória de vida. Ainda aluna especial quando cursava a primeira disciplina do Mestrado, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar fez um relato a respeito do Projeto ReFaz da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Este compõe um Programa Interdisciplinar de Ressocialização Carcerária do Rio Grande do Norte, criado com o objetivo de promover diálogos entre as entidades sociais e acadêmicas em prol da População Carcerária. Na cidade de Mossoró/RN, a ação integrada do Refaz teve início no mês de setembro do ano de 2015, no Complexo Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio, com a realização de ações direcionadas aos detentos do regime semiaberto.

No contexto do projeto Refaz, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, também diretora da DAIN<sup>36</sup>, junto com sua equipe, propôs o Projeto *Histórias de Vida em Música, Teatro e*

---

36 Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas. Oficialmente, a DAIN foi criada pela Resolução N° 2/2008 do Conselho Universitário - CONSUNI, de 18 de abril de 2008. Em 2010, passou à Diretoria, através da Resolução N° 31/2010-CD. Posteriormente, tornou-se Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), através da Resolução N° 5/2015-CD. O trabalho desenvolvido pela DAIN consubstancia-se nas propostas gerais de ação com base nas Legislações Nacionais e Internacionais de Educação Especial - buscando promover e ampliar intercâmbio com diversas entidades, objetivando o gerenciamento, a transmissão e a fixação de técnicas e metodologias no campo do ensino da Educação Especial. Disponível em: <<http://www.uern.br/site/dain>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

*Desenho - Vozes Silenciadas*<sup>37</sup>. Como meta do projeto, uma vez por mês, ela e seus alunos levam ao Complexo Penal Dr. Mário Negócio atividades culturais, oficinas de Artes, desenhos, escrita, teatro e atividades voltadas para o aprendizado de conteúdos escolares. Por comungar com o ideário do referido projeto, engajei-me nele a partir da 5ª ação. Este ano, no mês de outubro, realizamos o 12º encontro.

A participação nessas atividades aprimorou minha compreensão acerca da necessidade da viabilização de ações e políticas voltadas para a diversidade e inclusão. Fortaleceu a minha concepção de educação, pois concebo o ato de educar na direção da condição humana. Não sou eu, mas é Freire (2013, p. 127) quem nos diz: “[...] a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem”. A luta pela humanização dos processos educativos dá sentido ao meu trabalho como educadora.

Nos encontros com os apenados, ao chegarmos ao local, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia nos propôs o primeiro exercício com seu respectivo aprendizado: enxergar o encarcerado como um ser humano. Encontram-se naquele espaço sujeitos com um direito suspenso, o da liberdade, mas todos os outros devem ser resguardados. Confesso angustiar-me muitas vezes, com as condições às quais os seres humanos são submetidos nas instituições prisionais. Alivia-me um pouco poder, durante aquele momento, desenvolver ações contrárias a dureza da vida naquele espaço. As rodas de conversa com os apenados - sujeitos invisibilizados -, as atividades realizadas, a alegria externada por aqueles sujeitos por estarmos em interação, possibilitam-me um crescimento nas dimensões profissional e humana.

O trabalho desenvolvido com os apenados inspirou o tema *do II Seminário de Narrativas (Auto)biográficas: Vozes silenciadas nas pegadas ao chão do lugar, cuja temática discutiu* “Sujeitos, Narrativas e Histórias: um passeio pela memória purgativa embalada pelo voo da alma”. O evento, realizado em 15 e 16 de setembro deste ano, teve, em sua abertura, a

---

37 A Ação intitulada “Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho - Vozes Silenciadas”, proposta pela DAIN, em conjunto com alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, é uma ação que vem sendo realizada, uma vez por mês, desde setembro de 2015, quando foi lançado o Projeto ReFaz, pelo Ministério Público, com a parceria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, através da Pró-Reitoria de Extensão/UERN (PROEX). Objetiva trabalhar a construção de saberes e fazeres na perspectiva da (re)socialização através do aprendizado da música, do exercício do teatro e do desenho, ou seja, é um projeto como uma prática que busca promover a recuperação do detento no convívio social, considerando a Lei de Execução Penal e seus dois eixos: punir e (re)socializar. Fundamenta-se na busca pela (auto) formação, autonomia e independência dos sujeitos apenados, em seu lugar de vivência, pela troca de experiências e compartilhamento do seu saber/fazer, motivados pela verticalização de ações no mote da Educação para a Diversidade e Inclusão. Para mais informações: Projeto elaborado por Ana Lúcia Oliveira Aguiar, oficializado no SigProj. Sistema Nacional de Projetos.

palestra de um quilombola, João Luís Joventino do Nascimento, do quilombo do Cumbe<sup>38</sup>. Sujeito das margens subterrâneas, “sem voz”, João do Cumbe narrou suas histórias de vida e mostrou suas conquistas diárias, sinônimo de resistência em prol da pertença e identidade no quilombo onde nasceu.

O evento ainda contou com uma Mesa Redonda, *Histórias e Narrativas: entre memórias silenciadas*, com a participação da diretora do Complexo Penal Dr. Mário Negócio e da Pedagoga do Presídio Federal, que narraram sobre suas ações naqueles espaços prisionais. Fez parte do cenário desse seminário, uma exposição de quadros dos desenhos dos apenados do Complexo Penal Dr. Mário Negócio, produções construídas nas atividades do Projeto *Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho - Vozes Silenciadas*. O evento promoveu um passeio pela memória purgativa, nos lastros das histórias de vida dos sujeitos em suas teias culturais e suas contribuições para os diálogos entre as histórias de vida em seus contextos e espaços de vivências, sociabilidade e humanização, conforme objetivo proposto.

Na retomada à viagem, é oportuno afirmar que, nas tramas da vida, uma coisa nunca acontece sozinha. No *II Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas* tive a oportunidade de coordenar o Salão de Conversa, com a temática “Um passeio pela memória purgativa embalada pelas poesias do lugar”. Uma experiência relevante, na ocasião, pude reencontrar o poeta Nildo da Pedra Branca<sup>39</sup>. O poeta narrou sua história de vida calcada nas raízes da pertença da cultura popular e ainda promoveu uma Oficina de Cordel. Um momento inesquecível, conforme está dito no fragmento da sextilha<sup>40</sup>, compartilhada abaixo, composta por Nildo da Pedra Branca e os participantes do evento.

Evento Maravilhoso

Nildo da Pedra Branca (2016).

Na terra da liberdade  
Pra falar de poesia  
Tendo a responsabilidade

---

38 A Comunidade do Cumbe/Aracati é uma comunidade com ascendência negra. É considerada quilombola composta por famílias de pescadores/as, agricultores/as e artesãos/as, com aproximadamente 702 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e idosos, distribuídas em 168 famílias. “Cumbe é uma palavra de origem africana que significa quilombo. Cumbe é o nome que, na Venezuela, se dá aos quilombos – comunidades formadas por negros no período escravista. Mucambo ou mocambo tem o mesmo sentido” (LIMA, 2004 apud RIBEIRO, 2013).

39 Poeta sujeito social da nossa investigação que nos autorizou o uso do nome e imagem.

40 Estrofe de seis versos de sete sílabas, com o segundo, o quarto e o sexto rimados; verso de seis pés, colcheia, repente. Estilo muito usado nas cantorias, onde os cantadores fazem alusão a qualquer tema ou evento e usando o ritmo de baião. Disponível em: <<http://cordelistaaurineide.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Grande reconhecimento  
 Tendo criatividade  
 Fizemos um seminário com  
 Nildo da Pedra Branca  
 Com a poesia franca  
 Eu tentei fazer direito  
 A você o meu respeito  
 Meu verso quebrou a tranca.

Assumir-se sujeito de possibilidades para o outro é dito e vivido na prática pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, responsável por nossa incursão nessas atividades de amplitude acadêmica e humana. A sua prática reafirma os dizeres de Freire (1996, p. 23):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos[...]

A presença da professora nas nossas vidas simboliza esse convite realizador de sonho, à alteridade. Feliz por participar ao mesmo tempo de tantas atividades, fico a indagar-me: darei conta das atividades e projetos propostos? A resposta vem a cavalo<sup>41</sup>. Eis o convite para um novo projeto. No percurso da viagem, um caminho ainda inexplorado: participar de um grupo de teatro formado por ela e os seus alunos. Uma nova experiência com a poética do corpo e do gesto toma conta do meu ser. Um desafio instigante e provocador mediado pela professora e o Grupo Arruaça de Teatro<sup>42</sup>. Dessa forma Vida e Arte se encontram.

Começo a situar o convite na categoria de instigante pela possibilidade de me reinventar. Nos enredos da constituição do meu ser, vejo-me uma pessoa tímida e introspectiva. Sair das coxias<sup>43</sup> e entregar-me ao outro “plateia” exige a quebra das amarras internas: o medo e a insegurança.

---

41 Expressão popular utilizada para mencionar algo que acontece com muita rapidez.

42 O Grupo Arruaça foi fundado, em 1985, por jovens que brincavam de teatro nas escolas e em outros lugares. A paixão comum pelo teatro levou o coletivo ao encontro diário em busca de novas informações, pesquisas, experimentos, estudos...e a brincadeira virou coisa séria, virou Arruaça. Disponível em:<<http://arruar.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

43 Lugar situado dentro da caixa teatral - mas fora de cena - no palco italiano, em que o elenco aguarda sua deixa para entrar em cena em uma peça teatral. Por analogia, é qualquer espaço situado fora de cena, em que os atores aguardam sua entrada. Disponível em:<<http://teatrototalilheus.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 jan.2017.

Ao lançar-nos ao novo desafio algumas questões me inquietavam. Como iríamos construir e dar vida a proposta de fazer teatro? O que queríamos comunicar com a proposta? Por que dialogar com essa forma de expressão artística é importante? No início das oficinas percebemos a prática do Grupo Arruaça atrelada aos pressupostos do educador Paulo Freire. O trabalho caracterizou-se um processo colaborativo, todos os seus partícipes experimentavam “[...] a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral” (ABREU, 2004, p. 01). Cada encontro valorizava o diálogo entre diferentes formas culturais como parte de um amplo processo de troca. A dialogicidade, nascida na prática da liberdade, enraizada na existência e comprometido com a vida.

Parte da trupe não possuía experiência com o teatro. Dos doze participantes, quatro compõem o Grupo Arruaça, mas todos tinham direito a palavra e o seu saber era valorizado. Outro ponto aproximador da prática do Grupo Arruaça ao ideário freireano, diz respeito ao reconhecimento dos sujeitos produtores de cultura e protagonistas de sua história. Nos momentos das oficinas, os trabalhos propostos partiam do entendimento do ser humano como aprendiz com toda a sua corporeidade. Por parte de quem estava à frente dos trabalhos, não havia a visão de detentor do saber, mas de um sujeito mediador de situações, através das quais todos pudessem avançar em sua condição de aprender a aprender.

No primeiro registro das oficinas, experienciamos os jogos dramáticos e dinâmicas de expressão corporal. A respeito de experiência Larrosa (2002, p. 25) afirma “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriamo-nos de nossa própria vida”. A experiência gera conhecimentos e possibilita reflexões acerca das ações e realizações. Os jogos dramáticos impulsionaram o conhecimento sobre as possibilidades do nosso corpo e a capacidade expressiva e interpretativa. As dinâmicas e discussões nutriam um diálogo sensível. A reflexão nos possibilitava um conhecer a nós mesmos, um mergulho dentro de si amplificado na dimensão coletiva com o aprimoramento das relações humanas e de abertura ao outro.

Na construção de nós mesmos no engajamento individual e coletivo, dávamos vida à proposta de fazer teatro. Junto aos momentos de exploração corporal e interpretativa, a professora propôs pensarmos sugestões para o nome do nosso grupo de teatro e palpites de textos para as oficinas de construção e composição da cena teatral. Por nossa pertença identitária com o sertão, os textos deveriam ter os aromas e as tramas da cultura nordestina. Na poética do teatro colaborativo chegamos ao consenso, desfiaríamos os enredos dos romances e versos da literatura de cordel. Definimos como nosso primeiro o texto o cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião do cordelista mossoroense Antônio Francisco*.

Os afetos dos versos perfumam a minha memória. As lembranças vislumbram o encontro entre plateia e artistas. Nas palavras de (GROTOWSKY, 1992, p. 50) “[...] a Essência do Teatro é o encontro” [...] O encontro resulta de um fascínio”. Ainda nos preparativos para o encontro, vivíamos o Bom da Viagem<sup>44</sup>. O cordel escolhido retrata o cangaço, prenhe de sentido para o grupo e para a realidade local. O texto é representativo do lastro histórico do município de Mossoró-RN, conhecido por derrotar o bando de Lampião.

Com a data da apresentação da primeira performance cênica os ensaios se intensificaram. Fariamos a abertura<sup>45</sup> do *III Seminário Potiguar Educação, Diversidade, Acessibilidade e Direitos Humanos*, evento promovido pela UERN. Na etapa de ensaios finais, em um momento fecundo de discussão, escolhemos o nome da nossa companhia: Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire.

Na esteira das ideias freireanas, a materialidade expressiva por meio da linguagem cênica, da dança e da linguagem musical. Em cena o Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire com o espetáculo: O ataque de Mossoró ao bando Lampião. A prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar personificou Maria Bonita e nós os seus cangaceiros. Sentimentos e emoções trasbordaram. Os ensaios não nos deram o mote da intensidade de sentimentos experimentados quando ficamos diante dos espectadores. Experiência no falar de Larrosa (2002) como algo que nos passa e nos deixa marcas. O substrato essencial dessa experiência: a marca de explorarmos os nossos próprios limites.

A vivência com o teatro permitiu-me um cotejar aos estudos realizados com o método (Auto)biográfico. Ambos promovem o contato do indivíduo consigo mesmo. O fazer teatral como prática mediadora de transformação e a experiência com pesquisa (Auto)biográfica nos dão possibilidades de autoconhecimento, de transformação de si, de compreensão da intensidade da nossa existência no mundo.

Ao aceitar participar do projeto pude regar uma semente existente nas minhas entranhas. O desejo de expansão interpessoal, a sede de viver, de liberdade, de transgredir, de aprimoramento das relações humanas e de abertura ao outro. Vivo com o Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire a expressão estética de enxergar o belo nas coisas do cotidiano. Impulsiona a vivência de uma construção colaborativa de aprendizagem, ancorada em emoções e sentimentos. A cada encontro com o grupo, promovo um mergulho dentro de mim. São

---

44 Conceito utilizado pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar em defesa da força do vivenciado no percurso das experiências.

45 Que ocorreu no dia 07 de dezembro de 2016.

descobertas singulares. A profunda relação com personagens gestados por mim suscita-me ao estado de *liminaridade*, definido por Turner (1974), descrito em momento anterior. Transcendo o existente e vou além dos meus limites.

### **1.3 Trajetória Docente na Educação Básica e a Travessia de Docente à Professora Formadora**

Esta seção é dedicada às tramas singulares do compor-me como docente na trilha da formação de outros educadores. No esforço de me aproximar dessa compreensão, ressignifico experiências e revivo os meus primeiros passos na docência.

A escolha do magistério, para mim, não foi algo gestado por paixão, afinidade ou sonho, mas pela necessidade de um vínculo empregatício e independência financeira, conforme já citado. Em março de 1990, após concluir o Curso do Magistério, antigo 2º grau, comecei a lecionar. À época, o Núcleo Regional de Educação (NURE)<sup>46</sup>, órgão da Secretaria da Educação do Rio Grande do Norte, responsável por encaminhar os professores aprovados em concursos para as escolas, direcionou-me para o Instituto Pequeno Príncipe, uma escola particular, conveniada<sup>47</sup> com a Secretaria de Educação do Estado, a unidade atendia crianças da educação infantil a 4ª série<sup>48</sup> do Ensino Fundamental.

Vieram as alegrias e agruras do começo. Aos dezoito anos estava diante de uma turma de maternal, com crianças de três anos de idade, na função de professora auxiliar. Confesso não sabia por onde começar. Em meu eu, houve um vulcão em erupção de dúvidas, medo, dilemas, limitações e insegurança.

A professora titular da sala Dona Hortênsia<sup>49</sup> trabalhava na escola há cinco anos em regime de contrato provisório. Ela possuía um lastro de experiência. Há doze anos atuava como professora de crianças da educação infantil. Hoje, no exercício de reflexão sobre a constituição docente, percebo a importância de no momento inicial da carreira ter tido uma companheira mais experiente em sala. A Professora Hortênsia me ensinou muito, até mesmo quando não quis dividir conhecimentos, informações e experiências.

---

46 Hoje, denominado DIREC – Diretoria Regional da Educação e Cultura.

47 Instituição particular que atendia alunos da rede pública, por isso recebia alguns benefícios e recursos financeiros do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

48 Hoje 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

49 Nome fictício para preservar a identidade da professora citada. Ao escolher o nome de uma flor a autora evidencia a sua relação com os elementos da natureza.

Nos meus primeiros anos de magistério, constatei possuir lacunas e limitações teórico/metodológicas. Quão frágil fora a minha formação inicial! Desempenhava uma prática descontextualizada, esvaziada de sentido, com conteúdos estéreis. O processo vivenciado e criticado por mim nos bancos escolares reverberava na prática com os meus alunos. Isso comprova “[...] as experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e o seu conhecimento prático” (TARDIF, 2005, p. 73).

A forte relação das experiências escolares anteriores, a ponto de repeti-las com os meus alunos, legitimaram em minha prática docente o modelo de educação bancária, cuja concepção revela “[...] a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...]” (FREIRE, 1981, p. 66). Muito me incomodava essa postura educacional. À época, ainda não havia sido apresentada à obra de Paulo Freire, mas já seguia suas pegadas. As inquietações me faziam um ser inacabado e inconcluso.

Desejosa de melhoraria da prática pedagógica e aperfeiçoar-me profissionalmente embrenhei-me na busca do saber mais. No ano de 1999, mais um momento charneira me ocorreu. Refiro-me à relação com a Educação de Jovens e Adultos. A aproximação estreitou-se a partir da seleção para um curso de especialização na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O lidar no cotidiano da escola com um público de faixa etária, realidades e interesses diversos, com especificidades até então por mim desconhecidas suscitou um misto de sentimentos: medo, dúvidas, incertezas, descobertas e indagações, como: Quem são os alunos de EJA? Como aprendem? Como lidar? Precisaria mudar a minha prática?

Além do esforço pelos momentos de formação continuada, com os meus pares, nas raras oportunidades ofertadas pela escola, alimentei muitas expectativas no Curso de Especialização em Educação promovido pela UERN, quando pude conhecer os fundamentos da educação de jovens e adultos. Os estudos vivenciados na disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação, oferecida pelo curso, possibilitaram a formação de um pensamento crítico em relação à realidade da modalidade de EJA. A compreensão do desenvolvimento dessa modalidade de ensino requer possibilidade de apreendê-la como um processo dinâmico, articulado às relações sócio-políticas e por elas determinadas. Não podemos compreender os fenômenos educativos sem relacioná-los com a organização e com o funcionamento do tipo de sociedade que os gera.

Como professora de turmas de alfabetização de jovens e adultos, percebia essa modalidade possuir uma história construída à margem das políticas públicas. A EJA é destinada àqueles excluídos do direito à educação, embora em nosso país esse direito se encontre

formalmente garantido desde a primeira Constituição Federal de 1824, “[...] onde se assegurava: a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos” (BRASIL, 1824, art. 179, XXXII). Esse mesmo direito foi confirmado pela primeira Lei do ensino primário, de 15 de outubro de 1827.

Segundo Paiva (1983 p. 61), a citada Lei, [...] “estabelecia que em todas as cidades, vilas, lugares mais populosos, haveria as escolas de primeiras letras que fossem necessárias”. Na atualidade, essa trajetória legal se completa com as diretrizes da Constituição Federal de 1988 e a Lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira, lei N° 9394/96 em vigor. Esses dois dispositivos legais reafirmam a educação como direito. O Estado deve assegurar o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito a todos, inclusive aos que a ele não tiveram acesso na idade própria. Esse último aspecto é um destaque para a Educação de Jovens e Adultos.

Na experiência cotidiana com os educandos marcados pela exclusão, com percepções negativas de si, em virtude das concepções negativas do sujeito analfabeto, disseminadas na sociedade, não conseguia visualizar no chão da escola a alardeada universalização do Ensino Fundamental no Brasil e o direito de educação estendido a todos. Ciente da educação como um ato político, intencional e orientado para determinados fins sociais em dadas conjunturas, vi nascer em mim a vontade de ser agente, por meio da educação, e tentar contribuir para a concretização de uma situação social mais justa para aqueles sujeitos. Encontramos em Freire (1996), afirmações alinhadas ao nosso pensamento, para o autor, ensinar exige convicção de que a mudança é possível. Nas palavras de Freire (1996, p. 46) “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. A acomodação em mim é apenas o caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade”.

Na especialização, os estudos, impulsionaram-me a repensar o meu fazer pedagógico. As aulas com os meus alunos transformaram-se em um desafio, para juntos, criarmos uma possibilidade de alfabetização de jovens e adultos ancorada nos saberes e vivências daqueles sujeitos aprendizes. Experimentar uma prática inovadora, uma nova forma de conceber as aulas, exigiu um tempo para a conquista da parceria dos alunos, por serem vistos como meros receptores de informações prontas e acabadas, traziam para as aulas as marcas dessas experiências.

Uma forte evidência se fazia presente nos momentos iniciais das aulas. Por acreditar na escola como base da construção leitora, de forma rotineira, iniciava as aulas com uma roda de leitura, oferecia aos alunos uma diversidade de textos. Eles escolhiam os de sua preferência para uma leitura, mesmo sem saber ler de forma convencional. Passados poucos minutos da ação de folhear e degustar os livros, os estudantes perguntavam quando a aula começaria. Para

eles, aula significava o quadro cheio para uma mera transcrição, fortes resquícios da educação bancária.

Mostrava-me persistente e audaz na experiência inovadora, a partir do ensino por compreensão: esperançava o aluno passivo dar lugar ao ser ativo, pensante e crítico, capaz de atender as novas demandas sociais. Crescia em mim a necessidade de apropriação dos conhecimentos teóricos, pilares da nova forma de conceber o processo ensino-aprendizagem: a abordagem epistemológica defensora do sujeito como construtor de conhecimento, em uma ação interativa com a natureza e o mundo social.

Os momentos de conquistas, inseguranças e desafios foram uma constante, mas me lancei a me dedicar à formação para ressignificar a ação pedagógica como ser humano capaz de se expor e se constituir a cada experiência formativa vivenciada, como propõe Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. A oportunidade de aprofundar os conhecimentos acerca de um novo paradigma teórico - marco explicativo da aquisição do conhecimento: o construtivismo-interacionista, significou um aprendizado inigualável. A cada dia, sentia a necessidade de transformar a minha prática de professora alfabetizadora, e, assim, passei a me tecer a partir das dúvidas, questionamentos e vontade de aprender.

Ao rememorar os achados da memória, atijo saudades. Lembro-me de uma colega de trabalho, Tonhita (*in memoriam*) com frequência, fazia questão de acompanhar as minhas aulas. Dizia admirar o dinamismo das ações em sala. Em outubro de 1999, convidou-me para assumir uma vaga de coordenadora pedagógica em uma escola particular de Mossoró. Recusei de imediato. Acabara de concluir o curso de especialização e não desejava assumir tal desafio. No diálogo, Tonhita argumentou não aceitar uma resposta negativa. Destacou em sua fala a admiração e o respeito pelo meu trabalho fincado na paixão pelo magistério.

Continuei firme na resistência, ainda, por um tempo, até resolver aceitar. Em dezembro do mesmo ano, resolvi visitar a escola e no ano seguinte assumi a coordenação pedagógica da educação infantil do Colégio Diocesano Santa Luzia<sup>50</sup>. Essa oportunidade significou novos desafios. Aproximou-me de um mundo diferente do meu. Desempenhava um trabalho com as

---

50 Uma das mais tradicionais escolas do Rio Grande do Norte. Fundada em 02 de março de 1901 e localizada em Mossoró/RN, há mais de um século oferece atividades educacionais da Educação Infantil ao Ensino Médio, atendendo crianças, adolescentes e jovens da região Oeste Potiguar. O Colégio Diocesano Santa Luzia até o ano de 2016 teve como diretor Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas que havia sido nomeado por Dom Gentil no 1961 atuou como diretor até o ano de 2016. No mês de dezembro de 2016 assumiu a direção Pe. Charles Lamartine de Sousa Freitas.

classes populares, atuava na educação de jovens estudantes residentes em bairros periféricos da cidade. Passaria a dedicar-me a uma escola de classe média/alta, em nova função. Confesso, um desafio sedutor.

Iniciar o trabalho na coordenação pedagógica representa para mim um “momento charneira” descrito por Josso (1988, p. 44).

Nestes momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo próprio ou o que de si mesmo para se adaptar à mudança, evita-la ou repetir-se na mudança.

Considero esse, um momento-charneira em minha carreira profissional. Na época, a escola passava por um declínio no número de matrículas, dificuldades financeiras e insatisfação por parte das famílias quanto à qualidade da aprendizagem dos filhos. A empreitada nessa instituição me exigiu muito empenho. Precisava pensar no aluno, no professor, nas questões pedagógicas e ações com as famílias. Optei por um ritmo intenso. Trabalhava dois expedientes durante o dia e continuei com as aulas na turma de Educação de Jovens e Adultos no turno noturno.

Dediquei atenção à formação dos professores. A experiência aflorava o desejo de fazer daquele espaço de educação um local de vida para as crianças ávidas por aprender. Sonhava construir novas possibilidades nas relações vividas naquele espaço educativo. Fiz dos versos do poeta espanhol Antônio Machado (1899-1982) um ritual do cotidiano: *Caminhante são tuas pegadas, o caminho e nada mais, caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar.*

No fazer do caminhar, investi nos estudos e na formação continuada sobre a primeira infância e a aprendizagem na Educação Infantil. A escola revelou-se uma grande aliada, conquistei liberdade de ação no apoio aos novos projetos implantados na proposta curricular, dentre eles: *Alimentação Saudável, os Circuitos de Leitura, os Circuitos de Movimentos e Brincadeiras e o Sarau de Poesia.*

Com o passar do tempo, era uma boniteza de se ver. O árduo trabalho da equipe deu cara nova ao espaço de educação infantil do Colégio Diocesano. Construimos uma proposta em defesa do direito do brincar, um espaço aberto à diversidade e fecundo de possibilidades, crianças aprendizes a partir das experiências lúdicas e em interação com as diversas linguagens. Uma proposta de educação formadora da pessoa humana em sua plenitude.

Naquele tempo, pensava e voava. Nos voos rasantes houve um reencontro especial com a poesia popular através da realização do Sarau de Poesia: *É Tempo de Poetar!* O projeto intencionava promover a inserção cultural das crianças, por meio de ricos encontros com poetas da cidade e região. Fizeram parte da história dos nossos saraus os poetas Antônio Francisco, Nildo da Pedra Branca, Lalauzinho de Lalau e Luíz Campos.

Em sua apresentação no ano de 2011, registrada na foto abaixo (Foto 8), o poeta Luiz Campos com a saúde debilitada, fez uma expressiva apresentação para as crianças e familiares presentes no Teatro Municipal *Dix- Huit* Rosado.



Foto 8 - Poeta Luiz Campos no Sarau de Poesias do Colégio Diocesano Santa Luzia - Mossoró/RN.

Fonte: Arquivos da autora (07/04/2011).

Pela possibilidade de tirar lições do vivido, propiciado pelas narrativas (Auto)biográficas, percebo os meus caminhos entretecidos com as artes. Ao promover o encontro do poeta com um público considerado diferente da sua plateia de costume, me encaminhava por fazer as vozes de sujeitos comuns se amplificarem em espaços de notoriedade acadêmica. Posso, hoje, afirmar, as incursões realizadas no mundo da formação continuada vieram, em grande parte, da interseção do Colégio Diocesano Santa Luzia. Dois segmentos distintos e sedutores me arrebataram: a educação infantil e a Educação de Jovens e Adultos.

No ano de 2003, lancei-me ao desafio da docência no Ensino Superior. A chegada à docência universitária começou quando resolvi participar de uma seleção para a vaga de docente no Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica

(PROFORMAÇÃO) no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na cidade de Mossoró. Vaga conquistada, assumi o exercício da docência no ensino superior, com a disciplina Fundamentos de Educação de Jovens e Adultos.

O referido programa surgiu para atender às exigências colocadas na legislação brasileira e no contexto do debate sobre reformulação curricular dos cursos de formação docente, com a emergência das diretrizes curriculares propostas pelo MEC. Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em específico, foi implantado no ano de 1999. Segundo Oliveira (2010, p.71) o objetivo do programa é:

Formar professores através de uma metodologia alternativa, utilizando a formação em serviço como procedimento acadêmico, na qual o aluno-professor mantém, durante o processo da oferta do curso, uma relação constante com a própria prática, que se constitui como objeto de ação-reflexão-ação.

A partir do semestre letivo 2003.1, iniciaram-se às atividades docentes com professores-alunos. A disciplina propôs o estudo da trajetória histórica das políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos. Em minhas lembranças, uma atividade marcante, o seminário temático sobre as contribuições de Paulo Freire na Educação de Jovens e Adultos. No evento, o encontro com a história de vida e experiências educativas deste grande educador brasileiro.

Em sua concepção pedagógica, o educador supracitado aborda a educação a partir de uma visão democrática com direitos e deveres iguais para docentes e discentes. Para Freire (2010, p. 93):

A prática da autoridade coerente democrática é o que nos torna quase escravos de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindos de fora de si, reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o 'espaço' antes 'habitado' por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida.

Nas ações desenvolvidas, chamavam-me a atenção o empenho e o interesse dos alunos-docentes pelas atividades propostas. Os encontros permeados por angústias, cansaço, dadas as características organizativas dos momentos presenciais e de orientação das horas/aula vivenciais, realizadas aos sábados e férias dos docentes. Mas sem a presença de desânimo ou desinteresse por parte dos discentes/educadores.

As dimensões de abordagem prática reflexiva possuem uma intrínseca concepção de professor como profissional em aprendizagem com sua prática. Em outras palavras, sua

aprendizagem é caracterizada por um aprender fazendo. Por meio da prática do ensinar, experimentei, cometi erros, tomei consciência deles, criei novas estratégias e aprendi. Passados 11 anos de docência, da educação infantil ao ensino superior, um novo desafio estava por vir. Em 2001, obtive aprovação em concurso público para o cargo de coordenadora pedagógica no município de Baraúna-RN. Apesar das experiências anteriores, começar em uma nova empreitada me provocava dúvidas e incerteza, e com esses sentimentos a força e a vontade da busca da formação continuada.

Ao assumir o papel de coordenadora pedagógica na Escola Municipal Maria Barros, no município de Baraúna-RN, desde a primeira formação docente com o público de professores do ensino fundamental, dos anos iniciais, inquietei-me com a prática pedagógica por mim desenvolvida. Mais uma vez, busquei apoio nos estudos e pesquisas fortalecedores da formação continuada.

Afirmo que a reconstrução do profissional perpassa pela formação continuada e pela necessidade da qualificação permanente. Conforme Freire (2014, p.32):

E hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem incluem vigias, merendeiras, zeladoras. Formação permanente científica a que não falte, sobretudo, o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que relute a ingerência crescente dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola.

Ressalto o reflexo dessa formação docente na qualidade da educação. Impera a necessidade de constante atualização para os profissionais da área educacional, que estes são desafiados a auxiliar os estudantes na tarefa de aprender a aprender. Por considerar o caráter inconclusivo da aprendizagem, afirmo, se ao alunado é garantido o direito à aprendizagem, também se faz necessário garantir o direito de o educador aprender a ensinar melhor.

Frente ao novo desafio, decidi investigar acerca das atribuições e papel do coordenador pedagógico. Debrucei-me sobre a literatura relacionada ao tema e encontrei Almeida e Placoo (2009), que defendem, a figura do coordenador, apenas, como, um dos atores do coletivo da escola. Para coordenar, direcionar suas ações para transformação, o coordenador pedagógico precisa estar consciente que o seu trabalho não se dá isoladamente, mas no coletivo, mediante a articulação dos diferentes atores escolares.

A par da necessidade do trabalho coletivo e da necessidade de fortalecer o papel do coordenador pedagógico, como responsável pela formação dos professores, não prossegui o trabalho na escola assumida em Baraúna-RN. A história continua, a convite da secretária de educação do município, passei a atuar na citada secretaria como coordenadora dos programas de formação continuada.

Iniciei a logística de Programas de Formação Continuada dos Professores. Uma experiência carregada de significado e sentido na minha constituição de educadora/formadora. Como primeiro desafio, tive de organizar os estudos com os coordenadores pedagógicos da rede municipal, a respeito dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>51</sup> das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Em nosso primeiro encontro, criamos um grupo de estudo – Uma Comunidade de Aprendizagem.

Os ensinamentos de Freire (1996, p. 136) ecoavam nas minhas reflexões, meus atos, prática docente e minha constituição como educador/formador. Conforme suas palavras, “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com o seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”.

O grupo composto por seis coordenadores pedagógicos se reunia uma vez por semana, às terças-feiras. Ainda nesse primeiro encontro, discutimos acerca do ato de aprender com os nossos pares, com o objetivo de auxiliar os profissionais na compreensão de entender um pouco mais sobre como aprendem e, com isso, iniciar uma longa caminhada voltada à construção de conhecimentos sobre o aprender a aprender. A relação vivida pelo grupo em seu coletivo norteava-se pela participação, diálogo e cooperação. Uma relação horizontal, um espaço onde docentes trocavam experiências e aprendiam com os seus pares.

Hoje, encharcada pelos contributos da pesquisa (Auto)biográfica, percebo a necessidade de iniciar a incursão dos sujeitos nos processos formativos a partir das nossas histórias de vida. A escrita de si, proposta por Josso (2006) possibilita o reencontro com acontecimentos, enquanto a reflexão sobre as experiências, que contribuíram nas escolhas permite um repensar de si mesmo, uma reflexão compreensiva de si (JOSSO, 2006, p.8).

---

51 Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, bem como subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, 1997, p. 13).

Enxergo a formação docente nos encaminhar a um processo de reconhecimento de si, nas dimensões pessoais e profissionais. E como participante do grupo de coordenadores, guardo na memória a ação de contribuir na construção de um espaço de formação marcado pela participação. O coletivo outorgava-nos à participação, ao confronto, ao relato de experiências, à relação teoria-prática. Pude acompanhar o cotidiano dos colegas coordenadores, que deram continuidade ao processo formativo com os professores em suas escolas.

No ano de 2008, recebi o convite para assumir a formação dos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, da Secretaria Municipal de Baraúna-RN, etapa 2008/2009, com o desafio de promover uma formação crítico/reflexiva, na perspectiva de uma educação libertadora, proposta nos referenciais freireanos. Para Freire (1996), a prática docente crítica implica no pensar certo e envolve o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, nesse caso, o discurso teórico necessário a essa ação tem precisa de tal modo concreto a quase se confundir com a prática.

Iniciei o Curso de Formação dos Alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado com uma turma composta por quarenta educadores. Trinta e dois iriam atuar em salas de escolas ou espaços educativos das escolas do campo, enquanto os demais assumiriam turmas em escolas da zona urbana do município. A formação pautada na construção e reconstrução de uma prática educacional específica para a EJA, de modo a compreender e discutir a realidade social de cada localidade, intencionou promover uma formação teórica e metodológica, que possibilitaria ao coordenador de turmas e o alfabetizador: conhecer concepções e respectivas metodologias para a ação alfabetizadora; discutir conteúdos de fundamentação para o desenvolvimento das práticas pedagógicas; esclarecer a articulação e a relação com outras ações voltadas à melhoria da qualidade da alfabetização de jovens, adultos e idosos.

O modelo proposto para a formação inicial deu-se através de encontros dialogados e reflexivos, com o objetivo de pensar as políticas da educação brasileira em uma perspectiva histórico-crítico e enfatizou os marcos políticos e legais da educação de Jovens e Adultos. A provocação dos diálogos ocorreu a partir do estudo das concepções de alfabetização e propostas de letramento para o público em questão. Realizamos oficinas pedagógicas de produção de textos, construção de jogos, debates, leituras, complementados pela discussão e exposição dialogada por meio das concepções dos alfabetizadores e dos textos da bibliografia sugerida. Houve ainda a apresentação de experiências exitosas de alfabetização de EJA e produção e apresentação de seminários.

O curso oportunizou a participação ativa do grupo, pautada no processo dialógico. Como atividade inicial sugerimos uma roda de leitura do texto “O quintal foi meu quadro negro”, de Freire (1989), um fragmento de sua obra *A importância do ato de ler*. Após a leitura, seguiu-se o registro das memórias dos alfabetizadores, relacionadas ao tempo inicial de escolarização e de como se deu o seu processo de alfabetização.

O registro das memórias se mostrou uma atividade fecunda de significado. A cada passo, os alfabetizadores compreendiam a necessidade de mediar a aquisição da linguagem escrita a partir de uma concepção pouco conhecida por eles: a abordagem de alfabetização dialógica e problematizadora. Os participantes esperavam da formação momentos instrucionais e aulas expositivas.

Nos princípios de uma educação emancipatória, presentes nas concepções freireanas, a centralidade do processo educativo está na autoria do conhecimento e não na mera transmissão de conteúdos, como se dá na “educação bancária”, abordada por Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Freire (2007), com propriedade, lembra-nos, ressalta a necessidade de transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico amesquinha o caráter formador do exercício educativo. Não seria ético e coerente tratar os conteúdos da formação numa abordagem mecânica, pois a aprendizagem envolve construção e compreensão. Aprender é refletir sobre as informações, os fatos observados e compará-los com a realidade. Como os alfabetizadores, eu, estava em pleno processo de identificação com a profissão de formadora de outros professores, aberta à novas possibilidades do ensinar e do aprender.

Fazia parte da formação, o acompanhamento do trabalho realizado com os alfabetizando nas classes de alfabetização. Nas visitas *in loco*, percebíamos os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização – alfabetizadores e alfabetizando – demonstrarem maior interesse pelos aspectos instrumentais da linguagem escrita. As aulas priorizavam diálogos, discussões e rodas de conversa, a partir de temáticas relacionadas aos problemas sociais, com destaque para: mundo do trabalho, direitos humanos, sustentabilidade, questões econômicas e políticas do país e do município. Mas, os portfólios dos alunos denunciavam a escassez de atividades problematizadoras e conscientizadoras.

A experiência com o projeto de formação do Programa Brasil Alfabetizado me fez despertar para a alegria de acolher e ser acolhida por um grupo distinto em sua diversidade. Deu-me possibilidades de compreender a minha trajetória tecida em sonhos e, em comunhão com o grupo, construí a minha identidade docente pela prática, num espaço de formação

continuada com alfabetizadores em percursos dialógicos e fundamentados nos pressupostos da pedagogia freireana, quais sejam: o respeito ao saber do outro, a construção coletiva do conhecimento, o rompimento da concepção da aprendizagem como somente transmissão do saber. Seguiu na caminhada de transformação da minha curiosidade ingênua em curiosidade crítica e epistemológica.

Conforme Josso (2010), quando assim se posiciona: as experiências de que falam as recordações referenciais constitutivas das narrativas de formação contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu e experimentou nas circunstâncias da vida. A identidade docente se constitui ou se transforma na trajetória de formação profissional. Os reflexos das experiências analisadas estão presentes no meu fazer pedagógico e no meu modo de ser professora.

De acordo Nóvoa (1995, p.16), “[...] a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. É necessário, perceber, que no caminho de luta e de construção, nos formamos na medida em que nos tornamos protagonistas do nosso próprio processo de formação.

Por meio da reflexão da minha história e da apropriação retrospectiva do meu percurso de formação, pude compreender, no forjar da minha identidade profissional, a busca por aprender continuamente e a coragem de me entregar a novos desafios e caminhos como princípios edificadores no exercício da docência.

#### **1.4 Na trilha da formação, cruzar caminhos: o eu na construção da pesquisa (Auto)Biográfica e o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca**

Neste instante da viagem recorro às palavras poéticas da canção *Encontros e Despedidas*, de Milton Nascimento e Fernando Brant (1985).

Encontros e Despedidas

Mande notícias do mundo de lá  
 Diz quem fica  
 Me dê um abraço, venha me apertar  
 Tô chegando  
 Coisa que gosto é poder partir  
 Sem ter planos  
 Melhor ainda é poder voltar

Quando quero

Todos os dias é um vai e vem  
 A vida se repete na estação  
 Tem gente que chega pra ficar  
 Tem gente que vai pra nunca mais  
 Tem gente que vem e quer voltar  
 Tem gente que vai e quer ficar  
 Tem gente que veio só olhar  
 Tem gente a sorrir e a chorar

E assim chegar e partir  
 São só dois lados  
 Da mesma viagem  
 O trem que chega  
 É o mesmo trem da partida  
 A hora do encontro  
 É também despedida  
 A plataforma dessa estação  
 É a vida desse meu lugar  
 É a vida desse meu lugar  
 É a vida...

[...]

E assim chegar e partir  
 São só dois lados  
 Da mesma viagem  
 O trem que chega  
 É o mesmo trem da partida  
 A hora do encontro  
 É também despedida  
 A plataforma dessa estação  
 É a vida desse meu lugar  
 É a vida desse meu lugar  
 É a vida...

É a vida desse meu lugar  
 É a vida...

A letra da música traz com intensa poesia os movimentos, sentimentos e subjetividades dos encontros e (re) encontros reservados pela vida, me inspira neste trecho da viagem onde “a vida deste meu lugar” me prega um inefável. O movimento de chegada e partida em uma estação, descrito nos versos musicados, propaga em mim odoríficas lembranças de vozes, lugares, pessoas, personagens e muitos sujeitos partícipes desta narrativa singular e plural (JOSSO, 2010). No ritmo de partidas, pausas, avanços, desassossego, calma e muitos destinos, a cada chegada minhas memórias convocam-me a reviver o meu encontro com os

estudos da pesquisa (Auto) biográfica e com o poeta Nildo da Pedra Branca, sujeito desta investigação.

Grande parte do tempo dedicado à escrita deste primeiro capítulo, passei a ruminar como escreveria este tópico, representativo da finalização de um ciclo de escrita inicial e, ao mesmo tempo, a abertura infinita de possibilidades. Como a investigação trabalha com as narrativas (auto)biográficas, considero oportuno descrever as singularidades do tipo desta pesquisa e o seu papel em minha vida.

Vem-me à mente um velho adágio: “o mundo dá muitas voltas”. Recorro ao dito popular para compartilhar uma experiência vivida com a escrita dos memoriais de professores, no ano de 2012. Na época, aquela produção escrita me deixou intrigada. Naquele ano, como docente do ensino superior, no Curso de Pedagogia da UERN pude participar de algumas bancas de conclusão do curso. A produção de um Memorial de Formação cumpria a exigência do trabalho de conclusão do curso. Confesso estranhar e discriminar aquela forma de trabalho científico. Perguntava-me: “Como assim a descrição de uma vida, de um sujeito comum, como pode ser considerado um trabalho de encerramento em uma academia? E a validade disso perante a ciência? Qual a contribuição?” Participei das bancas, manifestei parecer, porém permaneci com o posicionamento, semelhante àquele de quando voltei aos bancos da universidade em 2015, como aluna especial do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN.

Ao ouvir as explanações da Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar sobre a pesquisa (Auto)biográfica, narrativas<sup>52</sup> e histórias de vida como potencializadoras de conhecimento e autoconhecimento, minhas lembranças se transportavam aos memoriais. A sensação e as inquietações semelhantes ao do momento das bancas. Embebecida pelos paradigmas da ciência cartesiana e positivista, eu fitava os olhos no olhar vivo da professora e com receio da professora desconfiar, perguntava ao meu interior: “Isso é Ciência?”

No transcorrer da disciplina *Memória Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica*, ocorreu a ruptura de paradigma. A professora me apresentou, por meio de sua prática e das atividades propostas, as bases teórico-metodológicas das narrativas (Auto) biográficas e o método (Auto)biográfico. Autores como Josso (2010), Dominicé (2006) e Souza (2006) sustentavam as discussões e reflexões.

---

52 “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência, encontram possíveis implicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. (Jovchelovitch e Bauer, 2002).

Ainda quando aluna em caráter especial do Mestrado, aproximei-me do referido método e dos conceitos centrais dessa modalidade de pesquisa. Como primeiro artigo da disciplina, escrevi acerca de experiências sobre a minha formação, a partir das lembranças de momentos por mim vivenciados como formadora de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado, no município de Baraúna-RN.

A partir dos contributos da professora e dos autores como Josso (2010), Dominicé (2006), Passeggi; Souza (2006), estudiosos das pesquisas (Auto)biográficas, percebi, algo até então invulgar em minha vida. Escrever sobre mim, narrar a minha história significa revelar o sentido da minha vida.

Como afirma Dominicé (2006, p. 356), [...] “uma narrativa (Auto) biográfica é, antes de tudo, a escrita de si que tem como código primeiro [...]” elucidar como nos tornamos o que somos ou como aprendemos o que sabemos”. O exercício autobiográfico me permitiu descobrir quem me tornei por meio da minha história de vida e das experiências. Isso porque, como sujeito da prática, não sou pronta e acabada, vivo permanentes experiências, por mim significadas, e estas me permitem transformações constantes.

Josso (2010, p. 62:63) fortalece o meu pensamento, quando diz “[...] a reflexão biográfica permite explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas”. As narrativas (Auto)biográficas possibilitam a (auto) formação dos sujeitos, cuja reflexividade e o processo de memória promovem a tomada de consciência de si e do outro. Elas permitem reconhecer o homem como ser de razão e de emoção, além de fazer emergir os aspectos conscientes e inconscientes das relações existentes na formação.

O trabalho com pesquisa (Auto)biográfica, o mergulhar dentro de mim, contribuiu para a apreensão a respeito dos elementos sobre o meu percurso de formação e experiências do cotidiano acadêmico. Mostrou-se essencial para o meu aprendizado profissional, ampliou o meu pensamento sobre a formação docente na trajetória de busca pela formação permanente e o meu crescimento humano. Oportunizou autoconhecimento e a minha assunção de ser mais. Como nos diz Benjamin (2006) a ideia de narrar a própria história é a ideia de resistir.

Após encontrar-me com o método (Auto)biográfico, o percebo como capaz de dar conta da complexidade humana, analisar os fenômenos e os verdadeiros problemas da vida e da existência, pois as narrativas se legitimam como dispositivos para a compreensão desses fenômenos. Atenta “às voltas que o mundo dá”, no percurso de minha trajetória de vida, em uma experiência formativa, encontro um sujeito dito comum, com uma história embebida de

experiências do cotidiano, basilares em sua formação. Refaço a pergunta suscitada ao me deparar com os memoriais dos professores: “A descrição de uma vida, de um sujeito comum, como pode ser considerada um trabalho em uma academia?” E a validade disso perante a ciência?

Descobri o quanto as vozes silenciadas dos sujeitos à margem da história oficial têm a nos ensinar. Segundo Denzin (1984 p.32), por meio das narrativas “[...] as pessoas comuns universalizam, através de suas vidas ações, a época histórica em que vivem”. Com base nessa concepção, me descobri pessoa comum potencialmente produtora de história e conhecimento. Souza (1997, p.29 - 30) comunga do mesmo pensamento de mudança de lugar dos sujeitos da pesquisa com o método (Auto)biográfico, quando afirma a prioridade dessa metodologia são os “[...] significados da fala do cidadão comum, do homem que está esquecido pela cultura dominante, a partir dos aviltamentos socioculturais que a população vive na sociedade moderna”.

Ao encontrar o poeta popular, em uma experiência formativa, comecei a aflorar inquietações. José Antônio da Silva, conhecido por Nildo da Pedra Branca, natural de Mossoró/RN. Desde criança cultivava o verso. Admirador de eventos religiosos, o poeta também aprendeu a tocar violão. Diante das dificuldades para estudar, conseguiu concluir o ensino fundamental já adulto<sup>53</sup>. A sua história de vida, marcada por dificuldades e, ao mesmo tempo, embalada e suavizada pela cultura popular, inspirou-me, por suas experiências formadoras, essenciais no seu desenvolvimento pessoal e profissional. As experiências do sujeito comum poderão fortalecer as discussões e estudos voltados à formação de professores. A partir deste percurso da viagem descreverei o nascedouro da curiosidade pela história de vida e narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca na lápide de sua existência.

Após um biênio à frente da formação do Programa Brasil Alfabetizado, em abril de 2010, principiei a organização e o planejamento de um evento no município de Baraúna, com o propósito de promover um debate sobre as políticas voltadas para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Lembro-me da maratona de encontros, reuniões e contatos com professores, gestores, comitês e colaboradores para a logística do *I Seminário de Educação de Jovens e Adultos de Baraúna/RN*. O evento foi realizado no dia 1º de julho de 2010. Na oportunidade, o diretor de Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte (IFRN)

---

53 Mais informações em: <<http://jullyetth-emboladorespotiguares.blogspot.com.br>>.

discutiu com os educadores e alunos os desafios e perspectivas da educação de Jovens e Adultos.

Envolta numa teia de lembranças, trago minúcias do momento inicial do referido seminário. Estar à frente de um planejamento estratégico de um evento me fez viver um misto de felicidade, ansiedade e preocupação. Minutos antes, uma inquietude consumia o meu ser. O responsável pela acolhida cultural ainda não havia chegado. Estava no meio do “furacão”. Disfarcei a tensão, sentei-me junto aos convidados. Olhar fixo o corredor de entrada da Secretaria Municipal de Educação, local do seminário. De repente, como um cavaleiro andante e estabonado, adentra ao espaço o poeta Nildo da Pedra Branca. Confesso, naquele momento, veio-me ao juízo o livro *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, lido há muito tempo.

Como o personagem principal da obra de Cervantes, o poeta exalou um sentimento de empatia. De cordéis em punho, espalhou a sua poesia nos quatro cantos da sala. O resultado surpreendeu. Poesia e vida se revelavam. Em seguida, narrou um pouco sobre a sua história de vida. A coordenação do Seminário o convidou para o evento, por sua pertença ao tema em discussão, Nildo da Pedra Branca é egresso da Educação de Jovens e Adultos.

Aquele instante poético arrebatou a atenção de todos. Os versos do cordelista Nildo da Pedra Branca revelaram o seu compromisso com a sua comunidade e com suas raízes. Uma poesia rica em dizeres e fazeres das coisas do campo, versos revertidos de uma beleza estética, poemas sensíveis e espontâneos. Um olhar voltado para as próprias raízes culturais, sensível aos problemas de sua gente. Da acolhida cultural do *I Seminário de Educação de Jovens e Adultos do município de Baraúna/RN*, tal como o bailar do singelo florescer da bromélia flor de macambira nos campos da caatinga, brotava a nossa parceria. Tempo de sementeira.

Um ano depois, o afinamento das emoções. Eu e o poeta embalávamos o sonho de uma construção estética com crianças. Uma proposta de apreciação e produção de cordéis com os educandos da Educação Infantil, conforme o registro das imagens abaixo (Foto 9). Em meados de 2011, realizamos uma roda de cordel com a turma do Infantil “IV”<sup>54</sup>, do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró/RN no contexto do projeto *Encanta Cordel*, com o objetivo de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura dos textos poéticos. Durante o evento, o cordelista adentrou a sala de aula e permitiu às crianças entrarem em contato com a linguagem poética,

---

54 Nomenclatura para denominar, na educação infantil, turmas de crianças de quatro anos de idade.

presente: nas canções de ninar, nas cantigas de roda, nas parlendas, quadrinhas e letras de canções.

A vivência poética, o degustar e o apreciar a musicalidade e os múltiplos sentidos transmitidos pelos cordéis resultaram na organização de um sarau poético, registrado nas fotos a seguir.



Foto 9 – Fotos do Poeta Nildo da Pedra Branca na Oficina de Cordel, no Colégio Diocesano Santa Luzia, localizado na cidade de Mossoró/RN.

Fonte: Arquivos da autora (05/03/2011).

No ano seguinte, ergueu-se a proposta de um momento de formação de alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, com a metodologia das oficinas de cordéis. Convidei o poeta Nildo da Pedra Branca para realizar uma oficina para professores responsáveis por desenvolver o projeto com os cordéis em suas salas de aula com os alfabetizandos jovens, adultos e idosos no município de Baraúna-RN.

Trilhei o caminho das narrativas feitas das imperfeições do caminhar. Destaco, nesse andar como coordenadora e formadora, no ano 2011, havia realizado uma oficina direcionada para o aspecto metodológico de como utilizar o cordel como ferramenta de aprendizagem da linguagem escrita com adultos e idosos. Durante a experiência, percebi minha carência em relação aos conhecimentos específicos a respeito da linguagem do cordel. Vi no trabalho do referido poeta um aliado para articular os conteúdos metodológicos e específicos, além do enriquecimento cultural propiciado pelo recital de poemas realizado pelo poeta.

Firmada a parceria com o poeta, em uma tarde de terça-feira, no verão de 2012, no auditório da Secretaria Municipal da Educação de Baraúna/RN, Nildo da Pedra Branca fez sua apresentação aos alfabetizadores. Iniciou o encontro formativo com a narrativa de trechos de sua vida e a sua ligação com o cordel. Segundo o poeta, ainda no ventre escutava a mãe, recitar

os romances e antes de ir à escola conhecia as primeiras letras e palavras por causa dos cordéis. Sua genitora apresentou-lhe os versos e o mundo das letras.

O poeta Nildo da Pedra Branca declamou o poema *Romance do Pavão Misterioso*, de autoria de José de Camelo de Melo Resende<sup>55</sup>. Disse ter escolhido o referido cordel por ser um dos seus preferidos e porque, no ano seguinte, o romance completaria 90 anos. Desenvolveu o trabalho com o princípio freireano da dialogicidade em um círculo de conversa. O círculo é um convite à participação. Conforme Freire (1994, p. 155):

Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo.

A metodologia do círculo oportuniza o protagonismo dos participantes com direito à voz. Erguido o debate, o poeta buscou a palavra dos educadores. Cada alfabetizador expressou suas as expectativas em relação ao encontro. Naquela tarde, o poeta Nildo da Pedra Branca espalhou pelo espaço muitos cordéis do seu acervo pessoal, considerados raros e de grande valor afetivo, guarda alguns desde a infância. Aguçou as lembranças dos educadores com um pedido: cada um deveria lembrar de um cordel visto ou, recitado em um momento da sua vida.

Alguns alfabetizadores resgataram vivências do tempo de infância com familiares nas rodas de leitura dos romances. Outros narraram experiências de uso dos cordéis com os alunos em sala. Com a atividade, constatamos o quanto o gênero cordel fazia parte da realidade do grupo.

Na sequência das atividades, o poeta apresentou a origem do cordel e os principais cordelistas da região nordeste. Discutiu ainda o conceito e as características dessa literatura, apresentou a divisão gramatical dos versos, utilizou para isso o *Romance Pavão Misterioso*. Propôs ao grupo a construção coletiva de uma sextilha para, em seguida solicitar a produção de um cordel individual. Nossa oficina se transformou, por excelência, em um espaço de produção.

---

<sup>55</sup> Natural do povoado de Pilõesinhos, município de Guarabira, PB, José Camelo de Melo Resende nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu na cidade de Rio Tinto, PB, aos 28 de outubro de 1964. Poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo, era, segundo Átila Almeida e José Alves Sobrinho, homem imaginoso e brilhante. Começou a versar romances por volta de 1923, mas não escrevia suas composições: guardava-as na memória para cantá-las onde se apresentasse. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

O poeta Nildo da Pedra Branca criou meios e oportunizou aos alfabetizadores a construção de suas aprendizagens. As atividades desenvolvidas nas oficinas de formação nos lembram muito os ciclos de cultura<sup>56</sup> de Freire, os cordéis partiam de palavras geradoras e propiciava um instrumento de expressão e aprendizagem. A foto a seguir (Foto 10) apresenta o registro do momento do diálogo do poeta Nildo da Pedra Branca com os alfabetizadores sobre a história do cordel.

Essa experiência inspirou a minha atuação, volto a me encontrar com a arte, com a poesia e com a literatura. A cultura popular está presente na minha memória, fincada em minhas raízes e se integra à prática docente. Na caminhada da formação continuada, busco conceber as experiências formativas como espaços privilegiados de construção de conhecimento e de aprendizado contínuo.



Foto 10 - O poeta Nildo da Pedra Branca ministrando a Oficina *O Cordel na Sala de Aula* para os alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, em Baraúna/RN.

Fonte: Arquivos da autora (08/05/2012).

Quis trazer à tona o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca, no rastro da formação, por esse cenário ter despertado e provocado em mim o desejo de beber na fonte da história de vida deste sujeito, exemplo de superação. O poeta popular Nildo da Pedra Branca, cuja a vida

---

56 “No ciclo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a, dizer a sua palavra” (BRANDÃO, 2010, p. 69).

não canta em vão, acumulou aprendizagens e tem muito a nos contar sobre a sua história e sobre a sua experiência. No resgate dessa vivência, pude perceber, àquela altura, já havia em mim uma pesquisadora atravessada pelas narrativas formadoras de um sujeito de saberes erguidos na poesia popular, mesmo sem ter, naquele momento, o caráter de pesquisa. O cenário nos ofertou condições de um cidadão comum de voz abafada pelos modelos tradicionais cristalizados, herança da perspectiva positivista de entoar seus saberes, pelo som de sua voz. Mote principal da nossa investigação. História detalhada a posteriori, em mais uma parada desta viagem investigativa.

## **CAPÍTULO 2**

### **ENREDO HISTÓRICO DO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO**

[...] UM ACONTECIMENTO VIVIDO É FINITO,  
OU PELO MENOS ENCERRADO NA ESFERA DO VIVIDO,  
AO PASSO QUE O ACONTECIMENTO LEMBRANDO  
É SEM LIMITES, PORQUE APENAS É UMA CHAVE  
PARA TUDO O QUE VEIO ANTES E DEPOIS [...]

WALTER BENJAMIN ( 1892 – 1940 )



Entre caminhos e caminhadas segue esta viagem investigativa. Como bússola atuam a infinitude do horizonte, o movimento do deslocamento, a curiosidade e inquietações. Neste peregrinar, surgem novas paisagens responsáveis pela alegria de iniciar a segunda parte da dissertação não mais, apenas, como uma viagem metafórica. A construção da escrita, neste momento, é permeada pelo cheiro das estradas e rodagens norte-rio-grandenses até a capital alencarina (Ceará). Desse ponto em diante novos voos e o desembarque na cidade do México.

Como parte da agenda de trabalho das atividades desenvolvidas no mestrado, a nossa orientadora propõe a vivência de uma viagem internacional por ano, para a participação em eventos relacionados aos aportes teóricos e metodológicos das pesquisas em desenvolvimento. No ano de 2017, o planejamento e os encaminhamentos apontaram como destino a Cidade do México, rumo ao XI Congresso Internacional de História Oral.<sup>57</sup>

Palmilhar os caminhos da memória convoca as lembranças formativas e provoca a narrativa da experiência<sup>58</sup> da viagem ao México como instrumento de formação. Graças ao deslocamento do tempo e do espaço geográfico, convivi com o novo, conheci outros povos, outras formas de viver, outros comportamentos e processos de produzir a vida. Um percurso de crescimento e aprendizado.

Este capítulo, em diálogo fecundo com a pluralidade e com a originalidade de experiências humanas vividas na tessitura da prática social, tem como objetivo inventariar a trajetória histórica do Programa Brasil Alfabetizado e o seu embasamento legal, com ênfase nas políticas públicas de Alfabetização de Jovens e Adultos, promovidas pelo Governo Federal a partir das duas últimas décadas. Apresenta, ainda, uma análise dos princípios teórico-metodológicos da proposta pedagógica do referido programa. E discute a efetivação do PBA no município de Baraúna-RN. A escrita do percurso histórico do PBA na cidade de Baraúna

---

57Ao costurar o registro do itinerário percorrido as lembranças de uma experiência ímpar, fruto do contínuo processo de construção de possibilidades efetivado por nossa orientadora, o lançamento do nosso livro intitulado *Educação: (Auto)Biografias e Inclusão – Entre a escuta e a escrita de si*, foi lançado no XI Congresso Internacional de História Oral, no dia 05 de julho do ano corrente. A obra tem a prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar como uma das organizadoras e configura-se como um peculiar presente. Trata-se de um livro produzido por muitas mãos. Apresenta uma coletânea de textos a partir de estudos e vivências plurais. Uma polifonia de escritos, entrelaçamentos, tramas, relatos e trajetórias formativos propagadores da diversidade, da convivência com a diferença e da quebra das barreiras atitudinais. A obra aponta horizontes para a chama viva do respeito aos direitos humanos e à emancipação humana.

58 O conceito de experiência segue o de Tardif (2010, p. 78), que a define como “aquilo que nos passa ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma”.

será feita a partir do olhar de quem cumpliciou esse trajeto, a alfabetizadora Lúcia de Fátima Azevedo. Os fios da sua memória darão voz ao silêncio das fontes oficiais.<sup>59</sup>

## **2.1 Histórico das Políticas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: um retrospectivo**

No passear pela história da Educação de Jovens e Adultos, o destino primeiro é a discussão das políticas públicas, com destaque para a alfabetização de adultos, seguido pela visita na forma como as referidas políticas são tratadas da década de 1990 até os dias atuais. Nesse percurso, faremos uma breve incursão pelos dispositivos legais - A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei Nº 9394/96) - e sobre as ações e programas de alfabetização desenvolvidos nesse período.

O recorte temporal da pesquisa tem como foco o universo histórico e as políticas de Alfabetização de Jovens e Adultos na modalidade de EJA. A escolha se deu em virtude de o tema ser apresentado com frequência e aprofundado em várias outras pesquisas. Justifica-se ainda pelo registro, na década de 1990, de uma mobilização internacional em favor da Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos. Essa mobilização e os acordos entre os povos através das conferências internacionais impulsionaram a legislação brasileira a reconhecer a EJA como uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio com especificidade própria. Reconhecimento responsável pelo fortalecimento das políticas para a EJA, no campo da legislação brasileira

Um olhar sobre um dado período histórico e social, a partir de leituras, análises e interpretações possíveis é o nosso objetivo. Para o momento, não é pretensão desenvolver uma investigação sobre como as políticas públicas de EJA se constituem no contexto da história da educação brasileira. O foco é um debruçar sobre as Políticas de Alfabetização de Jovens e Adultos a partir da *Conferência de Jomtien*, cujo tema foi Educação para Todos<sup>60</sup>. Realizado na Tailândia, no ano de 1990, o evento destacou a Educação de Jovens e Adultos como central

---

59 No percurso da pesquisa não foi possível o acesso aos documentos oficiais responsáveis pelo desenho e execução do referido programa no município. Em conversa com a minha orientadora a professora sugeriu elaborar o tópico a partir da escuta de um sujeito que tivesse com pertença caminhado pelo programa na cidade de Baraúna. Sugestão acatada, meu primeiro passo foi cair em campo. Mapeei a localização de alfabetizadores que atuaram no programa e consegui marcar a entrevista com a alfabetizadora Lúcia de Fátima Azevedo que de modo solícito aceitou em participar do nosso estudo.

60 O documento na íntegra está disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

na superação dos desafios sociopolíticos do século XXI, definiu que a alfabetização não poderia ser separada das necessidades básicas de aprendizagem e discutiu a importância do tratamento de questões curriculares na Educação de Jovens e Adultos. O que significou um dos marcos na definição de diretrizes e metas educativas para vários países e nos novos rumos da educação mundial.

A partir da *Conferência de Jomtien* a educação começou a ter um novo enfoque: a universalização da educação básica. O documento, com dez artigos, elaborado ao final da conferência, privilegiou a promoção da satisfação das necessidades básicas de aprendizagens e a educação básica como prioridade. A educação foi, assim, conclamada a tornar-se universal, de qualidade e ao longo da vida. O compromisso firmado com a Universalização do acesso à educação, objetivo tratado no Artigo 3º da *Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)*, representou um importante ganho do evento.

O reconhecimento da necessidade de a educação básica ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos exerceu influência na legislação brasileira. Inspirada nos ares de *Jomtien* a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Lei Nº 9.394/1996 ratifica o direito público e subjetivo à educação, garantido pela Constituição Federal. Na mesma linha de raciocínio, o Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei Nº. 10.172/2001 resguardava em seu desenho final, os objetivos da educação para todos. Dos seis objetivos apresentados no referido PNE, dois eram destinados ao acesso equitativo e à qualidade da educação de jovens e adultos.

Tecer a trajetória histórica das políticas públicas da EJA me encaminha para as camadas subterrâneas do meu percurso profissional e humano. No meu trilhar, é possível reviver lembranças dos meus primeiros passos como professora de alfabetização de jovens e adultos. As memórias pulsam. “Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente [...] minhas lembranças são aves. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança” (MIA COUTO, 2009, p. 25).

A reminiscência de um momento da minha prática como formadora de alfabetizadores de adultos provoca-me a inspiração para iniciar este momento da escrita. No ano de 2013, estava na Secretaria da Educação do município de Baraúna/RN, em uma tarde de formação continuada. Após um esforço artesanal para conseguir a logística da aparelhagem eletrônica, me entreguei ao deleite do curta-metragem de animação *Vida Maria*<sup>61</sup>. O filme se passa no sertão nordestino.

---

61 O curta-metragem de animação “Vida Maria” (2006), é uma produção cearense de Joelma Ramos e Marcio Ramos, que também foi o seu diretor, editor e roteirista. Foi patrocinado pelo 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, Governo do Estado do Ceará e Secretaria da Cultura. Feito em computação gráfica 3D, colorido e finalizado em 35mm, tem aproximadamente nove minutos de duração. Recebeu mais de quarenta prêmios em festivais de

Narra a história de Maria, uma criança de cinco anos, obrigada a abandonar os estudos para trabalhar e ajudar nos afazeres domésticos. Maria cresce, casa, tem filhos e a sua história se repete por gerações e gerações.

O curta metragem provoca uma reflexão ao espectador, retrata a realidade de uma parcela significativa de brasileiros, em um país de enorme desigualdade social. Muitos homens e mulheres não alfabetizados<sup>62</sup>, em situação de maior vulnerabilidade, diante dos problemas estruturais, que assolam os mais pobres desse país, são excluídos dos direitos básico de cidadania. Tais de vozes, há séculos, são abafadas nos porões de navios negreiros, nas senzalas; vozes dos retirantes, camponeses, indígenas, operários, trabalhadores informais desconhecidos ou vistos de forma desvalorizada pela cultura escolar e distantes da história oficial.

Ao definir minha opção por um método investigativo que busca a voz e o olhar desses sujeitos que vivem e praticam o cotidiano, hálito vital do nosso estudo, recorro a Martins (2000, p. 11), em sua obra *A sociabilidade do Homem Simples*, a respeito desses sujeitos, o autor adverte: “Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido”. A linha puxada nessa reflexão envolve o entendimento desse homem simples que na adversidade vivida, descobre caminhos, supera obstáculos e se constitui agente ativo em sua historicidade.

Nesse contexto, as ideias realçadas por Martins (2000) fortificam o nosso terceiro objetivo específico deste trabalho, considerando que eu vou centrar o olhar na voz do poeta Nildo da Pedra Branca para identificar, nas suas narrativas (Auto)biográficas, os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras, que potencializaram a sua trajetória formativa no seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional. As reflexões trazidas pelo autor citado me ajudam a responder indagações formuladas sobre o cotidiano do poeta, situações de desordem e de dilemas vividos por esse sujeito do mundo da margem, que, na prática da vida cotidiana, ressignifica a si e a sua realidade.

---

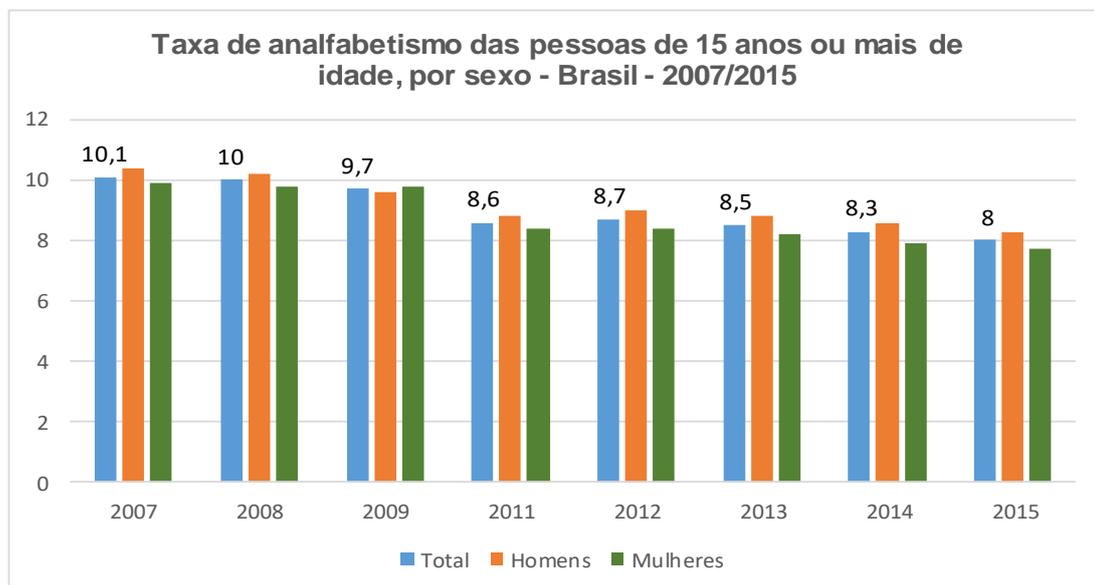
cinemas no país e no exterior (MASIERO; SILVA, 2013). Disponível: <<http://www.ufrgs.br>>. Acesso em: 19 de jul. de 2017.

62 No decorrer do texto, a opção pelo termo não alfabetizados para nos referirmos aos homens e mulheres que não sabem ler e escrever, se justifica pelo fato da palavra analfabeto conter o prefixo “a” com o significado de privação, negação, insuficiência, carência e ausência, por consequência resulta em caracterizar o sujeito por aquilo que ele não possui, o analfabeto é visto como incapaz e despreparado. Essa visão negativa reforça práticas discriminatórias e estigmas construídos historicamente pela sociedade. Na perspectiva da quebra desse discurso, partilhamos da visão de Galvão; Di Pierro, 2012, p.100, ao refletir a necessidade de entender o sujeito não alfabetizado como “produtor cotidiano de riqueza material e cultural e não ignorante de saber”.

Na sua obra, Martins (2000) faz uma sociologia da vida cotidiana. A partir da mediação e da referência dessa vida cotidiana, propõe investigar e elucidar o processo histórico do homem comum. Para o autor, a vida cotidiana não é um resíduo desprezível da realidade. Seus escritos nos interessam por ser o tom do nosso estudo. Assim, foi possível penetrar nas experiências do cotidiano de um cidadão comum de voz abafada pelos modelos tradicionais cristalizados, herança da perspectiva positivista. Sujeito de emancipação e superação cujo destino em sua tessitura do cotidiano é “mudar a vida”. (MARTINS, 2000). Como ele, quero apresentar a paisagem de uma pesquisa na qual centro o olhar na história de vida dos anônimos.

Nos caminhos e trilhas das discussões dos sujeitos comuns, ressaltamos, nas linhas de sua história, a dimensão do direito à educação. Para o enfoque da realidade educacional no Brasil, de 2007 a 2015, o Gráfico 01, a seguir, registra os dados do analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios<sup>63</sup> (Pnad) e revelam uma estimativa de 12.9% milhões de pessoas não alfabetizadas. Estatísticas reveladoras de uma forma de exclusão.

Gráfico 1 - Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2015



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2007/2015).

63 Pesquisa realizada pelo IBGE. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br>>. Acesso: em 19 jul. 2017.

Como afirma Vale (2008, p. 13), “[...] não saber ler e escrever constitui a marca da desvalorização social e cultural. Numa sociedade em que a classe dominante valoriza o padrão culto de linguagem escrita e falada, o não domínio adequado da Língua Pátria significa fator de discriminação social, cultural e ético”. Os sujeitos alijados do direito à educação veem suas oportunidades diminuídas no mundo do trabalho, na inserção social, cultural e na dimensão humana. Em relação a esses preconceitos um alerta de Freire (1996, p. 20) não pode deixar de ser registrado: “Práticas preconceituosas de raça, de classe, de gênero, ofendem a subjetividade do ser humano e negam radicalmente a democracia”.

Esse contexto é um desafio para a tessitura de muitos fios sobre esses homens e mulheres. Sujeitos para além dos números, eles não, apenas, compõem uma estatística. São pessoas com marcas históricas, com toda uma teia de experiências, de valores, de saberes, de formas, que articulam suas práticas e suas ações no forjar do cotidiano. Sujeitos capazes de tecer seu caminho e sua trajetória.

O direito à educação está no âmbito do direito fundamental. No perfazer de uma linha cronológica das Políticas Públicas<sup>64</sup> de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil a opção caminha por situar a educação como um direito social garantido em dispositivos legais, como a Constituição de 1988, considerada por muitos estudiosos da área um marco, haja vista ter ampliado o dever do estado para com a EJA.

O texto original da Constituição de 1988, em seu Artigo 208, inciso I, expressa: “Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988, p. 85). Em seu Artigo 60, da Disposições Transitórias, ainda faz menção ao compromisso com a eliminação do analfabetismo.

Um novo fio se entrecruza na trama árdua da luta pelo direito à educação para todos. No ano de 1990, foi realizada, na Tailândia, a *Conferência Mundial de Educação para Todos* que “reuniu representantes de governos de 115 países, entre os quais estava representado o Brasil”. (UNESCO, 2008, p. 26). Na oportunidade, a educação foi defendida como base do desenvolvimento humano.

---

64 Normalmente, políticas públicas são compreendidas como ações realizadas pelo Estado, através de mecanismos diversos que podem variar desde planos, programas e projeto, até incentivos ou inibições. Nessa perspectiva, o que melhor expressa esses mecanismos é o aparato jurídico, representado por lei e normas. É mais correto, no entanto, entender políticas públicas como uma junção das iniciativas do Estado, ou melhor, da sociedade política com as ações e pressões da sociedade civil organizada, que se dirigem ao Estado para cobrar a garantia de direitos ou implementá-los por meio de outras alternativas. No caso das políticas de Educação de Jovens e Adultos, em particular, é muito importante ter em vista, simultânea ou comparativamente, essa dialética entre poderes, ou seja, entre a sociedade política e a sociedade civil organizada (FAVERO, 2011, p. 29).

Essa conferência proclamou, através do artigo 3º, da Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, universalização do acesso à educação e promoção da equidade, reconhecendo que a educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. O documento discute o processo de aprendizagem na perspectiva dos quatro pilares da educação: saber ser, saber fazer, saber conviver e saber conhecer, apresentados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional para a Educação do Século XXI<sup>65</sup>.

A Conferência Mundial de Educação para todos significou um marco para a EJA brasileira. Como consequência do reconhecimento do fracasso das campanhas de alfabetização e das necessidades formativas frente à rápida transformação no âmbito econômico, tecnológico e no campo das comunicações, a alfabetização e a educação dos adultos passaram a ser tratadas como parte integrante da Educação Básica.

Influenciado pelos princípios da referida conferência, o Brasil aprovou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº. 9.394/96. Em seu Artigo 37, Seção V, Capítulo II, o documento apresenta a EJA como modalidade da Educação Básica. Em contrapartida, a nova LDB não discute ou inclui a questão do analfabetismo. No ano de 1991, o país apresentava uma taxa de 20% de pessoas não alfabetizadas, o que correspondente a 19 milhões de pessoas com 15 anos ou mais.

A década de 1990, nos seus primeiros anos foi marcada pela efervescência da abertura política do país voltou à democracia. Nesse cenário, o Brasil tornou-se um espaço cheio de esperança. Em relação à educação, a expectativa para a EJA se concentrava em torno da viabilidade das ações com investimento público voltado para a Educação dos Jovens e Adultos, em atendimento à demanda existente para essa modalidade de ensino. No período, no entanto, concretizaram-se as políticas públicas voltadas para a universalização do ensino para crianças e adolescentes.

Desse período, passeia por minhas memórias, a intensidade do vivido com os meus alunos. O olhar secundário das políticas públicas para o público de jovens e adultos reverberava no chão da escola, que possuía uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos. Convivíamos com a escassez de materiais didáticos e o empobrecimento das oportunidades de aprendizagem pelas propostas imediatistas de aligeiramento do tempo e dos conteúdos.

---

65 O documento na íntegra encontra-se disponível em:< <http://unesdoc.unesco.org/images/>>.

A prevalência do desinteresse oficial assemelhava-se ao vivido no cotidiano escolar e conseguia tingir, com tons frios e cinzentos, a estampa plural dos alunos. Homens e mulheres eram subalternizados, marcados pelo “fracasso escolar”, exclusão, preconceitos e discriminação. Os alunos eram considerados obscuros, sem vez e sem voz, com saberes desvalorizados e conhecimento classificado como vulgar e em oposição à ciência.

Como o meu caminhar ia na contramão dessa realidade, preferia seguir os ensinamentos do poeta Manoel de Barros (1996): “É no ínfimo que eu vejo a exuberância”. Com essa inspiração poética, focava na potencialidade do saber daqueles indivíduos e, todos os dias, aprendíamos muito com os saberes que brotavam das vivências cotidianas.

Martins (2000, p.59), ao falar sobre os desafios da vida, os desafios da ciência e renovação do pensamento sociológico, faz a uma reflexão sobre o lugar do conhecimento de senso comum na vida cotidiana. Em suas palavras: “O senso comum é comum não porque seja banal, ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social”. Para o autor, o conhecimento do homem simples assume condição de legítimo e revelador de cenários sociais forjados na relação entre indivíduos e estruturas sociais.

A fala de Martins (2000) se entrelaça com o meu fazer. Sem ter consciência, na época, eu reconhecia a validade dos conhecimentos daqueles sujeitos, que superavam a falta do saber legitimado pela ciência com uma prática densa de sentido e saber. Martins (2000) constata em sua investigação, o mundo do homem simples e seu relacionamento, preocupações, perspectivas materiais e imateriais circundantes da complexa sociabilidade na modernidade, as suas condições de atuação no processo histórico e, também, seu fazer histórico.

Com esses argumentos, repiso o nosso dizer: o trabalho de Martins (2000) traz contribuições significativas para o nosso estudo. Em nossa pesquisa, enfocamos sobre a memória de um sujeito, cuja voz e saberes foram deixados à margem da história oficial, portaanto, as ideias desse autor foram fundamentais para a compreensão do conhecimento do sujeito simples como válido e legítimo. De certo modo, um contrassenso, em uma sociedade na qual paradigmas valorizam e legitimam os saberes advindos dos modelos científicos e espaços acadêmicos.

De volta ao meu caminhar, mais adiante, no ano de 1996, foi criado o Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF)<sup>66</sup>, regulamentado

---

66 O FUNDEF foi implantado, nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, quando, a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental passou a vigorar. A maior inovação do FUNDEF

pela Lei N° 9.424, de 1996, com regras claras de financiamento para o ensino fundamental. Por não ser contemplada com as fontes de financiamento, a EJA ficou secundarizada. Assim, os Estados e municípios foram desestimulados a ampliar a oferta dessa modalidade de ensino.

Mais uma vez, se escrevia na lápide da existência dessa modalidade a marginalização. Um constante caminhar para fora da pauta da agenda das reformas educacionais se estabelecia. Ao analisar a conjuntura política governamental da época e a educação, Frigotto (2002, p. 57, 59) afirma:

A partir da extinção da Fundação Educar em 1990 até 2002 não há efetivamente nenhuma política pública, com investimentos no campo educacional. No âmbito organizativo e institucional a educação básica, de direito social de todos, passa a ser cada vez mais encarada como um serviço prestado e adquirido no mercado ou na filantropia [...]. Nesse período, a política educacional brasileira esteve subordinada a doutrina dos organismos internacionais. [...] as reformas implementadas foram pautadas pelo desmonte da esfera dos direitos, da esfera pública e passam a produzir políticas de alívio à pobreza.

No contexto acima descrito, o Governo Federal, no tocante à Educação de Jovens e Adultos, alinhou as diretrizes educacionais ao modelo neoliberal de políticas estatais. Essa medida promoveu a diminuição da presença do Estado e de sua atuação nas políticas públicas e sociais, a partir da implementação de ações e programas focados em políticas compensatórias, que encobriram a ausência de compromissos do Estado e de políticas públicas consolidadas.

Em síntese, na década de 1990, encontram-se, voltados para a alfabetização de jovens e adultos: o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC)<sup>67</sup>; o Programa Alfabetização Solidária (PAS); e o Programa Brasil Alfabetizado. Este último, está ligado ao foco do estudo, portanto será detalhado nos demais tópicos deste capítulo.

O Programa Alfabetização Solidária (PAS) ganhou visibilidade a partir de sua criação no ano de 1996, na V Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos, em Hamburgo, na Alemanha. Essa Conferência contribuiu para o decênio da alfabetização, a partir de 1998, em homenagem ao educador Paulo Freire.

---

consiste na mudança da estrutura de financiamento do Ensino Fundamental (1ª a 8ª séries do antigo 1º grau) no País, ao subvincular uma parcela dos recursos a esse nível de ensino. Além disso, introduz novos critérios de distribuição e utilização dos recursos correspondentes, promovendo a partilha de recursos entre o Governo Estadual e os Governos Municipais de acordo com o número de alunos atendidos em cada rede de ensino. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br> >. Acesso em: 13 ago. 2017.

67 Com duração de apenas um ano e sem implementação efetiva, o plano pretendia reduzir em 70% o número de analfabetos no país, nos 5 anos seguintes.

Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 124), o PAS tratou-se de um programa de alfabetização “[...] com apenas cinco meses de duração, destinado prioritariamente ao público juvenil e aos municípios e periferias urbanas em que se encontram os índices mais elevados de analfabetismo do país”. Do tempo de duração, um mês destinava-se à formação dos alfabetizadores e os outros quatro para a efetivação da alfabetização.

Criado para atender os municípios com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) inferior a 0,5%, prioritariamente nas regiões Norte e Nordeste, o PAS assumiu como objetivo reduzir os índices de analfabetismo no Brasil, com foco nos jovens de 12 a 18 anos. Voltado a um grupo bem restrito, o programa reforçou a preferência das opções políticas do Brasil pela EJA, com a utilização de programas pontuais, aligeirados na execução, em lugar do investimento arrojado em políticas públicas sólidas consolidadoras do acesso, permanência, sucesso e efetivação da garantia do direito à educação das pessoas jovens e adultas.

A preocupação com a alfabetização de adultos encontra-se mencionada, em termos de políticas públicas, no primeiro Plano Nacional de Educação (PNE). Ancorado na legislação brasileira e nos movimentos da sociedade civil, foi aprovado pela Lei N° 10.172/2001, para um período de dez anos (2001 – 2010). Com redefinição de princípios, diretrizes e estratégias de ação, previa erradicar o analfabetismo adulto em dez anos.

Destacam-se as seguintes metas voltadas à EJA, estabelecidas no PNE de 2001 (BRASIL, 2001, p.102-104):

- Criação de programas com a finalidade de alfabetizar dez milhões de jovens e adultos, em cinco anos e, até o final da década, a superação dos índices de analfabetismo;
- Garantia da oferta, em cinco anos, de EJA equivalente às quatro séries iniciais do Ensino Fundamental para 50% da população de 15 anos e mais, que não tenha atingido esse nível de escolaridade;
- Inclusão, a partir da aprovação do PNE, da EJA nas formas de financiamento da Educação Básica

O número de pessoas não alfabetizadas, mencionado anteriormente, comprova a ausência do cumprimento das metas do PNE, que não passaram do plano das intenções. Seus efeitos concretos, de fato, foram insuficientes na superação do analfabetismo. É válido ressaltar, ainda, o declínio da taxa de analfabetismo no país, os números caíram de 39,6%, em 1960, para os atuais 8,3% da população com 15 anos ou mais.

Observa-se como positiva a redução dos indicadores de analfabetismo, mas deve-se reconhecer a alfabetização como um direito de todos e dever do Estado. A garantia desse direito

reclama ações efetivas, com bases duradouras, diferentes dos modelos vistos na trajetória histórica da educação de jovens e adultos no Brasil.

Ao trazer à lume a semente a ser germinada no terreno das políticas públicas da EJA, entendo: *A lição sabemos de cor!*<sup>68</sup> - Ao longo do tempo, a história nos mostra a efetivação do direito à educação para todos os jovens e adultos, reivindica o desamarrar de muitos “nós atados” nas esferas social, econômica e cultural. Os esforços precisam garantir e consolidar o acesso e a permanência de jovens e adultos em projetos educativos de escolarização inicial e continuada, cúmplices do compromisso da formação e emancipação do ser humano. Arremato essa reflexão com mais um verso da canção: *só nos resta aprender!*

## **2.2 Programa Brasil Alfabetizado e o seu embasamento legal**

Os voos alçados nesta viagem têm permitido um rastro de aprendizagem. Neste pedaço da estrada, à procura de novos achados, se revela o horizonte das normas, resoluções e documentos da legislação brasileira, balizadores da criação, implementação e funcionamento do Programa Brasil Alfabetizado. O olhar minucioso nos documentos oficiais destaca, nesse inventariar, a trajetória histórica do referido programa e a pormenorização da sua institucionalização. O dizer das resoluções mostra a sua composição inicial e o seu redesenho nessa década e meia de existência.

Desde o seu desenho inicial, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) tem como foco a alfabetização de jovens, adultos e idosos. Sua criação data da primeira década do século XXI, pelo Decreto N° 4.834, de 08 de setembro de 2003, em substituição ao Programa Alfabetização Solidária. Nesse momento, o Ministério da Educação (MEC) instituiu a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA), que, no ano subsequente, substituída pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD).<sup>69</sup>

O Programa Brasil Alfabetizado, institucionalizado pelo Ministério da Educação (MEC), nasceu em consonância com a Legislação Educacional Brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei N° 9394/96, em seu Artigo 37, assegura que “[...] a educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade certa (BRASIL, 1996).

---

68 Canção “Sol de Primavera”, composição de Beto Guedes e Ronaldo Bastos (1979).

69 Atualmente, a Secretaria é denominada Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). O nome foi alterado pelo Decreto n°7480, de 16 de maio de 2011.

O PBA, considerado pelo MEC etapa inicial para o ingresso na EJA, apresentou, no seu nascedouro, uma meta ousada: abolir o analfabetismo no País até o final de 2010 e promover a inclusão educacional através da efetiva alfabetização de jovens e adultos com 15 anos ou mais, que não tiveram acesso à leitura e à escrita.

Desenvolvido por meio de parcerias com os Estados, Municípios, Instituições Alfabetizadoras e coordenado pelo MEC, este programa prioriza o atendimento aos municípios com taxa de analfabetismo superior a 35% da população. Os recursos financeiros são repassados às instituições parceiras, mediante transferência direta, após análise e aprovação de projetos de alfabetização.

O PBA não é mais o mesmo do seu desenho inicial. Na trajetória desses quatorze anos de implantação, teve seu percurso alterado várias vezes. As reformulações de caráter financeiro, administrativo e pedagógico estão expressas nas principais Resoluções lançadas pelo MEC, com o propósito de regulamentar o programa.

Em seu primeiro ano de funcionamento, com estrutura definida sob a Resolução N° 18, de 10 de julho de 2003, apesar de alardeado pelos órgãos oficiais como “porta de entrada para a cidadania”, o PBA se efetivou de forma tímida. O documento basilar apresentava a proposta de alfabetização com a duração de seis meses. A meta expressa era alfabetizar 20 milhões de brasileiros analfabetos, a partir de 15 anos, até 2006.

Para garantir o pretendido, os Municípios e Estados receberiam apoio técnico e financeiro da União. Nesse primeiro ciclo, os recursos eram insuficientes para o alcance da meta, além das ações desvinculadas da educação básica. A Resolução N° 18, de 10 de julho de 2003, não sinaliza a continuidade dos estudos para os egressos das turmas de Alfabetização do PBA.

Ao voltar o olhar para os documentos oficiais, é perceptível o aparato legal mais complexo a cada etapa de funcionamento do Programa. No ano de 2004, em seu segundo ciclo, a Resolução N° 14, de 25 de março de 2004, apresentou pequenos avanços em relação à anterior. Nessa edição, teve início a exigência do Plano de Trabalho para os órgãos parceiros interessados em aderir. Contempla os diversos segmentos sociais: população indígena, populações de campo, remanescentes de quilombolas e pessoas com deficiência, como beneficiários do programa. Conforme se observa, o programa, nessa fase, sinalizou a preocupação com a continuidade dos estudos para os seus egressos.

O Programa Brasil Alfabetização como política pública voltada para EJA, em seu terceiro ciclo, no ano de 2005, teve sua estrutura definida pela Resolução/CD/FNDE N° 23, de

8 de junho de 2005. O destaque, nesse documento, diz respeito à contextualização das metas conforme as diretrizes do PNE de 2001. O referido plano indicava o progressivo atendimento a jovens e adultos no 1º Segmento da EJA. Assim teve início a articulação da alfabetização e a continuidade da escolarização aos egressos do PBA.

Em seguida, a Resolução/CD/FNDE Nº 33, de 3 de julho de 2007, promoveu o maior número de mudanças administrativas e pedagógicas no Programa. Essa etapa objetivou a universalização do ensino fundamental e apresentou a alfabetização como estratégia para o alcance dessa meta. A Substituição do Plano de Trabalho pelo Plano Plurianual de Alfabetização (PPALFA), uma dessas mudanças, consistiu, num planejamento detalhado das ações alfabetizadoras, por um período de quatro anos.

Foram definidos também critérios pedagógicos para a seleção dos alfabetizadores, de modo que somente deve exercer essa função quem tem formação mínima de Ensino Médio. Além disso, elevou a carga horária mínima de Formação Inicial e enfatizou a continuidade da escolarização como um dos princípios da alfabetização.

Relacionada de modo estreito à realidade acima descrita está a minha trajetória profissional. No vai e vem de lembranças, a memória da experiência vivida. Assumi o primeiro desafio como formadora de alfabetizadores na vigência da Resolução/CD/FNDE Nº 33, de 3 de julho de 2007. Ao revisitar a experiência, posso concluir, muitos pontos apresentados pela referida Resolução, o município de Baraúna/RN não conseguia efetivar, com destaque para: alfabetizar em curto espaço de tempo e garantir a continuidade dos estudos aos egressos das turmas de Alfabetização. Ao término de cada etapa, uma parcela significativa de alfabetizandos das turmas da zona rural não conseguia prosseguir os estudos por falta de escolas nas comunidades do campo com a oferta da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Entre o proposto nos documentos e a prática havia um fosso: uma realidade que, ao invés de animar e atizar o exercício do enfrentamento por parte do poder público, provocava o esgueirar-se.

A Resolução/CD/FNDE Nº 36, de 22 de julho de 2008, por sua vez, definiu as bases de funcionamento do PBA, no exercício de 2008. Seu destaque está na solicitação da Secretaria (SECAD) aos parceiros, para apresentarem, no fim desse ciclo, um plano de execução da Agenda de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização de Jovens e Adultos<sup>70</sup>, com vistas a

---

70 De acordo com o MEC, a Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos tem o objetivo de firmar um pacto social, para melhorar e fortalecer a educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil. A proposta é reunir periodicamente representantes de diversos segmentos da sociedade, de cada estado brasileiro, para trabalhar em conjunto, seguindo a filosofia do compromisso pela educação, impetrada pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). A intenção é estabelecer uma agenda de

fortalecer as políticas públicas de EJA. Em sua sétima fase, o PBA tinha o formato desenhado pela Resolução Nº 12, de 03 de abril de 2009. Nesse ciclo, o Programa apresentou os seguintes objetivos descritos no art. 2º da Resolução (BRASIL, 2009):

- I - Contribuir para superar o analfabetismo no Brasil, promovendo o acesso à educação como direito de todos, em qualquer momento da vida, universalizando a alfabetização de jovens, adultos e idosos e a progressiva continuidade dos estudos em níveis mais elevados, com a responsabilidade solidária da União com os Estados, com o Distrito Federal e com os Municípios.
- II - Colaborar com a universalização do ensino fundamental, apoiando às ações de alfabetização de jovens, adultos e idosos nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios por meio tanto da transferência direta de recursos financeiros, em caráter suplementar, aos entes executores que aderirem ao Programa quanto do pagamento de bolsas a voluntários.

Pela primeira vez, após sete anos de funcionamento, uma Resolução apresentou o princípio da educação ao longo da vida. Para os ciclos posteriores foram lançadas quatro novas Resoluções<sup>71</sup>. O Quadro a seguir foi construído a partir do recorte desses últimos documentos lançados pelo MEC para a normatização do PBA. Nele, apresento os principais aspectos, que assinalam a estrutura do Programa nas etapas de 2010 a 2013. A sistematização dos itens analisados nas Resoluções Nº 06 de 16 abril de 2010; 32, de 1º de julho de 2011; 44, de 05 de setembro de 2012; 52, de 11 de dezembro de 2013, objetiva uma visualização detalhada das principais transformações do programa na esteira das últimas etapas.

Quadro 1 - Programa Brasil Alfabetizado – Resoluções Normativas (2010, 2011, 2012 e 2013)

(Continua)

Resolução	Órgãos Parceiros	Forma de Parceria	Formação dos Alfabetizadores	Ações de apoio à Alfabetização e EJA
-----------	------------------	-------------------	------------------------------	--------------------------------------

compromissos para o ano, em que cada Estado trace metas para a educação de jovens e adultos. O Ministério da Educação é responsável por acompanhar a implementação dos trabalhos em cada localidade. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12308&Itemid=619](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12308&Itemid=619)>. Acesso em: 1 ago. 2017.

71 Disponíveis em: < <http://www.fnede.gov.br>>. Acesso em: 18 jul. 2017

<p>Nº 06, de 16 abril de 2010</p>	<p>Estados, Distrito Federal e Municípios,</p>	<p>Termo de Adesão Elaboração ou revisão do Plano Plurianual de Alfabetizado As ações a que se destinam as transferências automáticas dos recursos financeiros para: -A alfabetização de jovens, adultos e idosos; -Intérpretes de LIBRAS; -Formação inicial e continuada; -Transporte para os alfabetizando; -Aquisição de gêneros alimentícios; de material escolar e pedagógico - Reprodução dos Testes Cognitivos.</p>	<p>A formação inicial dos alfabetizadores e dos coordenadores de turmas deverá ter carga horária de, no mínimo, 40 (quarenta) horas presenciais, A formação continuada dos alfabetizadores será de responsabilidade do gestor local, em conjunto com os coordenadores de turmas, e deverá ter carga horária mínima de 4 (quatro) horas/aula quinzenais ou 2 (duas) horas semanais.</p>	<p>Apresentar, até o final do exercício de 2010, o plano de execução para sua Agenda de Desenvolvimento o Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos e para a implantação da Comissão Estadual de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos</p>
---------------------------------------	--	--	--	---

Quadro 1 – Programa Brasil Alfabetizado – Resoluções Normativas (2010, 2011, 2012 e 2013)

(Continuação)

Nº 32, de 1º de julho de 2011	Estados, Distrito Federal e Municípios,	Preenchimento, no SBA, do relatório de situação final dos alfabetizados das turmas finalizadas dos ciclos 2008, 2009 e 2010, aos quais o EEx tenha aderido. Aplicação obrigatória dos testes cognitivos de leitura/escrita e matemática aos alfabetizados.	O plano de formação inicial e continuada poderá ser implementado pelo EEx diretamente ou em parceria com uma instituição formadora. Como as instituições de ensino superior, as instituições da rede federal de educação profissional e tecnológica, as instituições comunitárias de ensino superior.	O EEx que ainda não oferece cursos de EJA em seu sistema deve indicar em seu PPA qual as alternativas públicas de continuidade da escolarização disponíveis, providenciando as condições necessárias para a matrícula dos egressos do PBA nesses cursos.
Nº 44, de 05 de setembro de 2012	Estados, Distrito Federal e Municípios,		Os planos das etapas inicial e continuada deverão considerar orientações estabelecidas nos "Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Alfabetizadores-coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores" e "Matriz de Referência Comentada de Matemática e Leitura e Escrita",	Orientar e encaminhar os egressos do PBA aos cursos de EJA ofertados no sistema público de ensino. Os egressos do PBA com idade entre 18 e 29 anos, encaminhar às turmas do Projovem Urbano.

Quadro 1 – Programa Brasil Alfabetizado – Resoluções Normativas (2010, 2011, 2012 e 2013)

(Conclusão)

Nº 52, de 11 de dezembro de 2013	Estados, Distrito Federal e Municípios,	A adesão ao Programa Brasil Alfabetizado será plurianual, devendo ser renovada a cada triênio	Mantem redação da Resolução Nº 44 de 05 de setembro de 2012	Mantem a redação da Resolução Nº 44 de 05 de setembro de 2012.
----------------------------------	---	---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações do Portal MEC<sup>72</sup>.

Com base nos dados sistematizados no Quadro 1, em um rápido comparativo com as Resoluções apresentadas ao longo desse diálogo com os documentos normativos do PBA, é possível perceber, embora se observe a disponibilidade do Governo Federal, via MEC/SECADI em aperfeiçoar o PBA, as últimas Resoluções sintetizadas no quadro acima, confirmaram os pontos apresentados nas edições anteriores do Programa. Elas reafirmam a obrigatoriedade da Agenda de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos para a implantação da Comissão Estadual de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, para a garantia do princípio da continuidade dos egressos do PBA na modalidade de EJA dos municípios.

São mantidas as transferências automáticas dos recursos financeiros, em caráter suplementar, para os Estados, Distrito Federal e Municípios. Os dados indicam a permanência das ações alfabetizadoras e da formação inicial e continuada dos alfabetizadores sob o mesmo aspecto das edições anteriores. O que nos garante afirmar, o formato do PBA não sofreu modificações nessas últimas etapas.

Percorrer os documentos oficiais permitiu o transitar em meio aos avanços e retrocessos do PBA. Nesse percurso, visualizamos a falta de diálogo entre as políticas públicas direcionadas ao público de jovens e adultos. São nítidos os pontos expressos no arcabouço legal, avanços quanto ao respeito ao princípio da educação como um direito. No entanto, o escrito nas Resoluções dista da realidade encontrada nos locais de funcionamento das turmas no chão dos municípios brasileiros.

O Programa nasceu em 2003, com a prerrogativa de “erradicar o analfabetismo”, mas, após década e meia de existência, o número de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos, no país ultrapassa o patamar de 12 milhões. A marca da descontinuidade das ações incide nos resultados. E “para não dizer que não falei das flores”<sup>73</sup> é preciso reconhecer, apesar de muitas

72 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

73 Frase extraída da canção *Pra não Dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré (1968).

dificuldades, o PBA apresentou avanços. Por abranger todo o território nacional, o referido programa se apresenta como uma importante estratégia de inclusão social, avanço discutido na próxima seção, na qual será analisado o embasamento teórico-metodológico do Programa Brasil Alfabetizado.

### **2.3 Fundamentos teóricos-metodológicos do Programa Brasil Alfabetizado**

Na busca dos materiais para a escrita deste tópico, encontrei velhos borrões no meu baú de guardados, perdidos e achados nas minhas caixas de relíquias. Ao olhar um postal, recordações à flor da pele. As imagens dos lugares da memória, avivadas pela moldura daquele cartão, me motivam a invocar os caminhos dessa parte da viagem. A narrativa visual do antigo bilhete postal encanta com os seus quadros paisagísticos e convida outros à viagem.

Os percursos feitos resultam de escolhas e de tomadas de atitude grudadas em nossos desejos. Mergulhar no universo do referencial teórico da proposta de alfabetização é uma oportunidade de trazer à tona momentos, por mim testemunhados com os alfabetizadores e alfabetizados na esteira do Programa Brasil Alfabetizado. Este propósito esteve insculpido no meu pensamento desde muito antes do início desta investigação. No ano de 1998, durante a formação continuada *Parâmetros em Ação*<sup>74</sup> desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Norte e destinada aos professores da rede estadual de ensino, participei de uma discussão sistemática a respeito do uso de textos como unidades de ensino nas salas de alfabetização e elementos de reflexões sobre a psicogênese da escrita<sup>75</sup>.

Não saí daquele momento ileso. Ao trilhar os estudos sobre o processo de alfabetização, em meio a tantas informações e descobertas as dúvidas afloravam. Como desenvolver uma prática com base no diálogo, se a postura dialógica sempre foi ausente em minha formação?

---

74 Tinha como propósito apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores e especialistas em educação, de forma articulada com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para a Educação Indígena e da Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos. A ideia central desse projeto é favorecer a leitura compartilhada, o trabalho conjunto, a reflexão solidária, a aprendizagem em parceria. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

75 A Psicogênese da Língua Escrita descreve como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostrando que a aquisição desses atos linguísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético, ou seja, o aluno, na fase pré-silábica do v=caminho que percorre até alfabetizar-se, ignora que a palavra escrita representa a palavra falada, e desconhece como essa representação se processa. Ele precisa, então responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Como oportunizar a aprendizagem significativa, contextualizada e por compreensão, se a minha prática é robustecida pelo ensino prescritivo? Como construir estratégias metodológicas que englobem a perspectiva de alfabetizar e letrar? Não compreendia o papel dos alunos como aprendizes protagonistas, responsáveis pela própria aprendizagem. Mas, a formação ancorada na relação teoria e prática produziu um efeito essencial. A situação foi encantatória e, ao mesmo tempo, imperativa. Impregnada por minha incompletude, me vi envolta das palavras da minha mãe: “estude, aprenda para virar gente”. Dessa experiência irradiadora, sai decidida a percorrer um caminho de cuidar e alicerçar minha própria formação, ação considerada fulcral no exercício da docência.

Fruto dessa decisão, no ano de 1999, entrei no Curso de Especialização em Educação, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com os estudos voltados para o eixo Alfabetização, experiência relatada neste texto dissertativo no tópico 1.3, intitulado *Trajatória Docente na Educação Básica e a Travessia de Docente à Professora Formadora*, folha 66. No mesmo ano, ao assumir uma turma do 1º Nível de EJA<sup>76</sup>, as orientações pedagógicas sugeridas pelos materiais didáticos e pela proposta curricular da escola me instigaram a um contínuo processo de busca. Desempenhava uma prática considerada eficaz para o ensino da leitura e da escrita: o ensino com a cartilha e a memorização das letras e das sílabas como elemento central do processo de alfabetização. Romper com essa prática pedagógica consolidada não era uma atitude simples. Eu precisava entender o processo de aquisição da língua escrita articulados às práticas sociais.

Nas andanças pelo mundo, no ano de 2008, ao assumir a função de formadora dos alfabetizadores do PBA, no seu sexto ciclo de existência, reencontrei a necessidade de me encharcar com os conhecimentos das dimensões técnica e política da alfabetização. Um momento singular em meu processo formativo, pois, nessa experiência pude experimentar tensões, dúvidas e questionamentos, que me mobilizaram a prosseguir na prática de formadora. A foto a seguir (Foto 11) aviva as minhas lembranças desse momento primeiro. A cena retrata a etapa de socialização realizada pelas alfabetizadoras ao final do estudo sobre *Como Alfabetizar com Textos*, o qual eu medieei no encontro de formação inicial do Programa Brasil Alfabetizado.

---

76 Hoje, equivale aos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

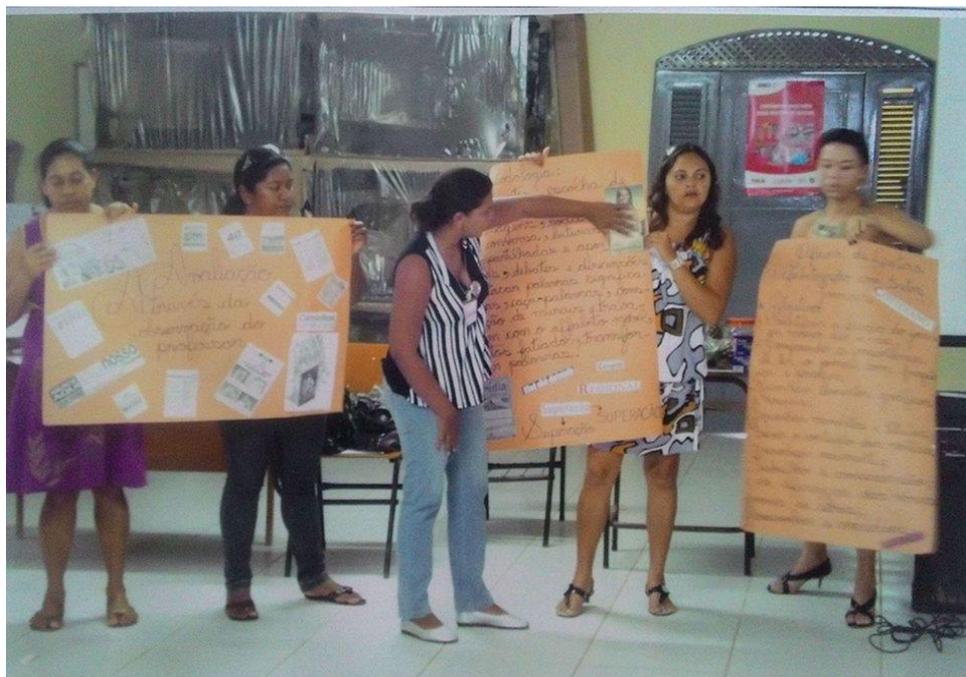


Foto 11 - Momento de formação para alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, promovido pela autora, no município de Baraúna/RN.  
Fonte: Secretaria de Educação de Baraúna/RN, 11/03/2010

Na atuação como formadora tive oportunidade de vivenciar as dificuldades e os avanços da trajetória do PBA no município de Baraúna. No início de sua implementação o Programa não possuía documento norteador da sua proposta pedagógica em âmbito nacional. Os Entes Executores organizavam o trabalho de orientação pedagógica aos alfabetizadores conforme os documentos legais e institucionais direcionados à modalidade de educação de jovens e adultos.

No ano de 2011, o Ministério da Educação estabeleceu os Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado. Conforme o documento, a proposta pedagógica do programa deve tomar como base a pluralidade de concepções e referenciais teóricos, metodológicos e avaliativos na perspectiva da formação crítica e emancipadora dos sujeitos. Enfoca ainda, a concepção de alfabetização como parte de uma política de educação pautada nos princípios de inclusão, de equidade e de garantia dos direitos dos sujeitos

A alfabetização, entendida como apropriação inicial da leitura, tem sido objeto de pesquisa de estudiosos de diferentes áreas. Nas últimas décadas, por seu caráter plural, o termo passou por mudanças conceituais significativas. Para uma compreensão da proposta de alfabetização adotada pelo PBA cabe, aqui, trazer o pensamento e lições de freireanas. Conhecido como “Cidadão do Mundo” o educador Paulo Freire ao ouvir os silêncios ensurdecedores dos esfarrapados e excluídos construiu ao longo de trajetória o respeito ao saber

e à cultura populares, integra os seus escritos às suas vivências. Ao narrar o seu processo de alfabetização nos mostra a importância dessa experiência para a proposta de educação construída em articulação com a vida concreta. Freire (1989, p. 11) “[...] fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com as palavras de meu mundo, não do mundo maior de meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos o meu giz [...]”

Segundo Freire (1989) dar sentido ao signo escrito é o propósito primeiro do aprender a ler e escrever. Numa lógica mais ampla, alfabetização é um instrumento de conscientização desenvolvido na perspectiva dialógica e problematizada, não é apenas a apropriação de uma técnica do código escrito, mas ir além. Freire (1989, p. 7) enfatiza:

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

Na citação, o autor remete a profícuas discussões sobre o processo de aprendizado da leitura. Portanto, relevante para os objetivos deste trabalho, por nos ajudar na compreensão do conceito de alfabetização. Ao dar ênfase ao compromisso político, que a educação deve assumir, Freire (1967) nos faz refletir sobre o sentido do aprender a ler não se limitar, apenas, a decifração de signos gráficos, postulado pelo sujeito da nossa pesquisa. Na escuta das histórias de vida do poeta Nildo da Pedra Branca, mote deste estudo, ele narrou sobre o processo de “domesticação” da escola. Instituição preocupada em promover o domínio dos padrões acadêmicos de escolarização, se esquece de instigar o exercício crítico nos alunos. Em outras palavras, a escola não favorece a leitura do mundo, como compreensão e transformação da realidade. O poeta sujeito da nossa pesquisa contou ter aprendido a “brigar” pela transformação da sua realidade fora da escola.

Isso nos permite afirmar, os ensinamentos da escola estão descolados da reflexão crítica da leitura do mundo e do potencial de transformação social disposta na proposta de educação libertadora defendida por Freire (1989). Ler a palavra no exercício crítico de reler o mundo torna o indivíduo capaz de identificar as condições da sua realidade e de atuar sobre elas, no sentido de compreender e lutar pela transformação das desigualdades vividas. Um desafio ainda a ser galgado por nossas escolas.

Trago Freire (1996) e os seus ensinamentos para o centro deste estudo, porque sua discussão, no campo da alfabetização de adultos, dialoga com os objetivos centrais da nossa pesquisa. Esse autor me permitiu refletir acerca dos pressupostos metodológicos defendidos pela proposta pedagógica do PBA. Aspectos alicerçados na aquisição da leitura aliado às práticas sociais, propostos pelo referido programa, foram pensados e consolidados por Freire em seu Método de Alfabetização, desde a década de 1960.

A apropriação dos conhecimentos técnicos e linguísticos da leitura da palavra, no Método Paulo Freire, se dá em uma conjuntura discursiva de interlocução e interação social, na qual linguagens e realidade estão entrelaçadas, isso porque a alfabetização não se dá em um contexto neutro. É um processo de conscientização e uma forma de ação política. É, pois, um ato de conhecimento emancipatório do sujeito, e não um ato benevolente de transferência de saberes.

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), o autor destaca o caráter eminentemente político da alfabetização, ao aludir a escolha do alfabetizador por uma opção de educação bancária ou libertadora. Na opção bancária, Freire (1987, p. 34) afirma:

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, não sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador.

Conforme o exposto, no modelo de educação bancária, os saberes são doados pelos alfabetizadores e os alfabetizados os recebem de modo passivo e os arquivam. O oposto é visto na opção libertadora, nesse modelo a problematização se sobrepõe, o sujeito fala, critica, propõe e participa de forma ativa do seu processo de aprendizagem. Ele não é um mero espectador, mas um agente interveniente no mundo e protagonista de sua história. Assim, em Freire (1987), há um chamamento explícito para a importância da participação do homem na luta por sua humanização. Esse processo significa conquista de liberdade e autonomia do sujeito.

Ao sugerir a pedagogia do crescimento, na qual educadores e educandos se descobrem como seres em formação, o autor se contrapõe à tradicional visão de educação como transmissão mecânica de conteúdos e defende uma educação emancipadora e transformadora (FREIRE, 1987, 1996 e 2007). A partir desse modelo de educação associado à mobilidade, à problematização, ele cria uma concepção de ensino, cujo foco está na abordagem dos conteúdos

relacionados aos diversos contextos sociais e aos saberes da experiência da vida cotidiana dos sujeitos.

Na obra *Educação como Prática da Liberdade* Freire (1967) apresenta os pressupostos filosóficos e políticos do seu método de alfabetização de ensino para adultos. Estes pressupostos estão embasados em uma Educação Libertadora, como ato político e emancipatória do ser. Segundo o mestre pernambucano, a educação e a democratização da cultura são elementos inseparáveis, como inseparáveis, também, são a democracia e a conscientização.

Nessa relação de dependência, o ato de educar torna-se, antes de tudo, potencializador do ato de libertação em comunhão entre os homens. Para Freire (1980), a concepção de diálogo se entrelaça com a de cidadania, entendida por ele como conquista do direito à participação na construção da vida social. Um processo além da leitura da palavra, carregado de significações, a partir de problematização da realidade social.

Ao romper com as visões convencionais dos métodos de alfabetização mecanicista, Freire (1980, p. 40) subverteu as práticas da época. Ele elaborou um método articulado com o objetivo de alfabetizar além das cartilhas e, contribuiu para a projeção de uma alfabetização de adultos voltada à democratização como prática histórica e social. Encontramos em seu livro *A importância do ato de ler*, explícito o princípio orientador do seu projeto político-pedagógico de alfabetização: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p.09).

Da citação acima é possível apreender a materialidade do seu método de alfabetização de adultos com a marca do seu pensamento. O seu projeto de educação tem como base o respeito pelo sujeito aprendente, na conquista da autonomia e no diálogo como princípios metodológicos. A decifração da palavra emana da “leitura” do mundo particular dos sujeitos do/no mundo.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* o autor, mais uma vez, nos inspira com a ideia do desenvolvimento da aprendizagem dialógica, processo capaz de perceber e ler a história humana, que contribui para a emancipação do ser e sua liberdade.

O Método de Paulo Freire<sup>77</sup> dá ênfase ao estudo de grupo. As salas de aula transformaram-se em fóruns de debate, com os Círculos de Cultura. O método tem início pelo levantamento do universo vocabular dos alunos, palavras e temas centrais da realidade social do educando. Para Freire (1987, p. 6), “[...] estas palavras são chamadas geradoras porque,

---

<sup>77</sup> Detalhado em Freire (1967).

através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras”. Através do estudo das famílias silábicas que compunham as palavras geradoras, o alfabetizando apropriava-se do conhecimento do código escrito a partir da reflexão sobre sua história de vida.

Em sua andarilha caminhada em favor da educação dos sujeitos às margens, o educador Paulo Freire aportou em terras potiguares. No ano de 1963, pôs em prática, no município de Angicos, a experiência de alfabetização de adultos por ele idealizada. O trabalho desenvolvido nas *40 horas de Angicos*<sup>78</sup> considerado revolucionário, alcançou projeção nacional e internacional. Conforme o documento organizado pelo Instituto Paulo Freire e Comissão de Anistia (2012), a experiência de Angicos alfabetizou 300 trabalhadores rurais em 45 dias. O feito, além de alfabetizar, buscou a politização dos homens e mulheres envolvidos no processo. Assim, concretizou a relação teoria e prática, cerne do ideário freireano.

Nesta pesquisa, atravessada pelo pensamento freireano, um alerta nas palavras fartas de esperança da minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, chama a adentrar aos lugares e veredas dos locais da investigação. Assim, os textos ganham *status* de movimento, de ação, de leituras plurais, desencadeando um Mestrado ativo, participativo na relação de diálogo com os escritos do nosso mote e os contextos locais.

Na edificação do exercício de idas e vindas, no ano de 2016, o grupo de orientandos da professora, no qual me insiro, realizou a primeira visita ao cenário da experiência *As 40 horas de Angicos*. O sol a pino daquela manhã de sábado de 19 de março, testemunhou o nosso olhar observador e o desejo de encontramos os alunos remanescentes de Paulo Freire, os protagonistas do projeto pioneiro de alfabetização de adultos. Na procura por alguém, que fosse como uma bússola a nos guiar, chegamos à praça da Matriz de Angicos/RN. A cidade comemorava os festejos do seu padroeiro, o local fervilhava de pessoas. Nessa página primeira de ida a cidade de Angicos/RN, a poética do encontro: pelas pistas dadas por uma professora na Praça da Matriz, percorremos casa a casa dos alunos de Paulo Freire.

Nas brumas das memórias daqueles sujeitos, pude observar marcas da alfabetização pensada por Freire. As narrativas dos seis alunos com os quais conversamos, naquele dia,

---

78 Não se trata de um número mágico, nem de escolha arbitrária. Com folga e margem de segurança, correspondia ao mínimo de tempo estimado para assegurar plena aprendizagem dos mecanismos da leitura e da escrita numa língua como a nossa. Por outro lado, parecia aceitável pedir a uma população sacrificada, que consagre uma hora cada noite, durante quase dois meses, para se alfabetizar. Revista de Informação do Semiário – RISA, Angicos, RN, v. 1, n. 1, p. 22-46, jan./jun. 2013. Edição Especial. Disponível em: <<http://www.redetis.iipe.unesco.org>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

revelam a importância de terem vivido aquela experiência, apesar de curta, afinal, foram alfabetizados nas *40 horas de Angicos*, intensa e presente no cotidiano daqueles sujeitos.

Esses sujeitos refizeram em suas lembranças, o momento da chegada do educador pernambucano no município, anunciada em carro de som que fazia o convite para as aulas da “Escola de Paulo Freire”. Atravessados por sentimentos e afetos, suas vozes falaram da alegria nos momentos das aulas e da tristeza, quando receberam a notícia do fim dos ensinamentos e a determinação de dar fim, ou seja, rasgar os cadernos e livros para não irem presos. Considerada subversiva, a experiência motivou a perseguição e prisão de Paulo Freire pelo Regime Militar. Do feixe de memórias dos sujeitos da experiência angicana e suas narrativas afloram o legado de Freire, que continua a ressoar em suas vidas.

Na sequência de fotos (Fotos 12 e 13), estão alguns dos momentos vivenciados no estudo de campo trilhado em Angicos/RN. A primeira foto (Foto 12) registra o momento da visita da Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar e os seus mestrandos a Casa da Cultura Palácio Paulo Freire, encravada no centro da cidade, no prédio, onde funcionou a estação ferroviária da cidade.



Foto 12 - Estudo de campo na cidade de Angicos/RN. Em 19/03/2016  
Fonte: Arquivos da Autora (2016).



Foto 13 - Roda de conversa com um aluno remanescente de Paulo Freire, na Cidade de Angicos/RN. Em 19/03/2016.  
Fonte: Arquivos da Autora (2016).

Na foto (Foto 13), o cenário, a casa de um ex-aluno de Paulo Freire, nos serviu de acolhimento. A imagem registra o momento da nossa roda de conversa a respeito da experiência vivida nas aulas com o educador pernambucano. Um encantamento perpassava a feição no rosto de seu Belota<sup>79</sup>. O ecoar da sua voz ao narrar a própria memória viva, nos fez perceber como aquela experiência permanece impregnada em sua alma.

Ao entregar-me ao exercício de fazer o enlace entre os saberes teóricos postulados por Paulo Freire e à prática com a vivência da experiência de ida ao contexto, no qual a teoria se concretizou, pude perceber, mesmo com a ruptura abrupta da sua proposta por todo período ditatorial em nosso país, a materialidade do seu modelo de alfabetização repercute em programas educacionais até os dias atuais.

O modelo progressista de educação como ato político, defendido por Freire (1967), vigora os documentos orientadores das ações do Programa Brasil Alfabetizado. Em âmbito nacional, o programa toma como referencial teórico a concepção freireana de educação. De acordo com os *Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado* (BRASIL, 2011a, p. 9), o processo alfabetizador:

---

<sup>79</sup> Nome fictício para preservar a identidade do sujeito mencionado. A escolha do nome pela autora se justifica por ter sido entre os ex-alunos ouvidos, o vocábulo mais lembrado das palavras geradoras utilizadas nas aulas da experiência de Angicos/RN.

É dialógico e incorpora diferentes elementos, é necessário pensar uma metodologia que transcenda a perspectiva puramente técnica de aquisição da escrita, possibilitando aos jovens, adultos e idosos, aprendizagens significativas, compreendendo a escrita como patrimônio sociocultural e o processo de alfabetização em estreita relação com a vida dos sujeitos. Desta forma o processo de alfabetização deverá contemplar: a escrita da língua portuguesa e a matemática a partir de uma abordagem que considere as relações das práticas cotidianas vivenciadas nos diversos contextos sociais; as práticas de leitura considerando diferentes linguagens, valorizando aspectos relacionados à diversidade cultural e, o mundo do trabalho, garantindo a apropriação de conhecimentos e direitos que contribuam para o exercício da cidadania.

Da citação acima é possível depreender a alfabetização defendida como um processo de construção do conhecimento além da apropriação do código escrito, desenvolvido na perspectiva dialógica e problematizada. Semelhante ao defendido por Freire (1980), cujos objetivos não ficam restritos ao aprendizado das ações do ler e do escrever, mas envolvem a aprendizagem da capacidade crítica e reflexiva da realidade dos educandos. Nesse modelo problematizador, no qual homens e mulheres se tornam sujeitos de suas histórias, a educação deve ser instigadora de uma modificação no tipo de relacionamento do sujeito aprendente com a realidade.

O excerto analisado explicita o referencial norteador do PBA bebe da herança da pedagogia libertadora do educador pernambucano Paulo Freire. Com base no modelo de alfabetização como prática histórica e social, o PBA orienta-se pela perspectiva da ampliação do ensino, inclusão social, exercício da participação, diálogo e entre os envolvidos, como procedimentos essenciais para a formação crítica e emancipadora dos sujeitos.

Os dados apresentados no Quadro 2, a seguir, nos ajudam a visualizar as orientações do documento *Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores*. O referido documento tem como função dar suporte à elaboração da dimensão teórico/metodológica da formação e da ação alfabetizadora nas salas de alfabetização.

Da análise das informações descritas neste quadro, na verdade a síntese do referencial teórico/metodológico do programa PBA, posso reafirmar a intrínseca relação entre as referências pedagógicas norteadoras do programa e a proposta de educação fundamentada no ideário freireano.

Quadro 2 - Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil alfabetizado.

Concepção de Alfabetizando	Sujeito histórico ativo na construção do seu aprendizado.
Concepção de Aprendizagem	Construção coletiva do conhecimento e valorização das experiências dos sujeitos durante todo o processo formativo. Contempla e valoriza as aprendizagens que se desenvolvem nos contextos formais, não formais e informais, mas é necessário que o sistema público de educação garanta, aos jovens, adultos e idosos, oferta contínua e permanente, da alfabetização ao ensino médio, de uma educação de qualidade.
Conceito de Alfabetização	A alfabetização como meio de democratização e cultura. Parte de uma política de educação que está pautada nos princípios de inclusão e de equidade e de garantia dos direitos dos sujeitos.
Metodologia	O processo alfabetizador é dialógico e incorpora diferentes elementos, é necessário pensar uma metodologia que transcenda a perspectiva puramente técnica de aquisição da escrita, possibilitando aos jovens, adultos e idosos, aprendizagens significativas, compreendendo a escrita como patrimônio sociocultural e o processo de alfabetização em estreita relação com a vida dos sujeitos.
Conteúdos de Formação dos Coordenadores de Turmas e Alfabetizadores	A especificidade da educação de jovens e adultos; O desenvolvimento histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil; o processo histórico-sócio-cultural de humanização (relação homem-natureza, sociedade e cultura); As contribuições de Paulo Freire; as dimensões técnica e política da alfabetização; As concepções de alfabetização de jovens e adultos no Brasil, fundamentos e respectivas metodologias; construção da língua oral e escrita na alfabetização de jovens e adultos (como os alfabetizadores e alfabetizados ensinam e aprendem); metodologias de formação de leitores e mediadores de leitura, práticas sociais de leitura e inserção social dos sujeitos; função social da leitura e da escrita, da matemática e de outros campos do conhecimento; Utilização de material didático-pedagógico e literário como suportes no processo de alfabetização; A importância do registro e avaliação das aprendizagens para a melhoria da prática pedagógica de alfabetização; registro, análise e reflexão das práticas desenvolvidas como subsídio para o desenvolvimento de novas ações; A apropriação da escrita e da leitura como exercício de cidadania

Quadro elaborado pela autora a partir do documento: *Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores* (BRASIL, 2011). Em: 05/10/2017.

Os postulados defensores do sujeito aprendente como sujeito ativo na aquisição e produção do conhecimento e o destaque para a alfabetização como um ato criador, além do domínio do código escrito, como parte de um processo mais amplo de letramento, na perspectiva do diálogo e da participação dos sujeitos envolvidos, nos permitem assegurar que a proposta pedagógica do PBA é consubstanciada nos paradigmas de uma educação crítico/libertadora.

Na análise dos pressupostos teórico/metodológicos, constatamos princípios pedagógicos essenciais para a construção de projetos educativos emancipatórios e inclusivos. Os pressupostos balizadores da prática educativa do programa apresentadas no Documento de

*Diretrizes para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores* e pormenorizados no quadro supracitado enriquecem o inventariado que intenciono fazer dos marcos, histórico e legal, do Programa Brasil Alfabetizado, neste trecho do trabalho dissertativo.

#### **2.4 Programa Brasil Alfabetizado no município de Baraúna/RN: Fazer falar o silêncio pelas lembranças na voz de um caminhante**

O repisar da expressão “a boniteza” de Freire (2012, p.25) inspira-me a ancorar no lugar de onde falo. Os ventos apontam para o cenário da cidade de Baraúna/RN.

Mapa 1 - Localização do Município de Baraúna/RN



Fonte: IBGE (2010).

Base de Dados: IBGE (2010).

Sistematização dos dados: José Alexandre Ramos Neto

Elaboração do Mapa: José Alexandre Ramos Neto

É chegado o momento de situar o município de Baraúna/RN. Nosso chão, terra querida, outrora denominada “Rancho do Sabiá”. Conforme demonstra o mapa, a cidade Baraúna tem sua localização geográfica na região limítrofe entre os estados do Rio Grande do Norte e o Ceará. Baraúna fica no Estado do Rio Grande do Norte, na mesorregião Oeste Potiguar e faz

parte da Microrregião de Mossoró. De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a população total de Baraúna é de 24.182 habitantes.

Encontramos o embrião da história do município em algumas versões explicativas para o fato. Moradores antigos narram a história de Baraúna ter nascido de uma localidade denominada “Rancho do Sabiá”, local de abrigo para os tropeiros vindos do Ceará para Mossoró, que repousavam embaixo do pé de Sabiá.

Outra interpretação é defendida por Luiz da Câmara Cascudo<sup>80</sup>. Segundo o historiador, o nome do município é originário de uma planta chamada Ibiráúna. Há ainda uma versão distinta que lança um olhar para o ano de 1935, quando a Prefeitura de Mossoró, município vizinho, inaugurou o primeiro poço artesiano da região, hoje localizado no centro da cidade.

Nesse mesmo ano, através da Lei Municipal Nº. 889 foi criado o Distrito de Baraúna, na condição de Distrito pertencente a Mossoró. Em seguida, por meio de um plebiscito decidiu-se elevar o Distrito de Baraúna à categoria de Município, e pela Lei de Nº. 5.107, em 15 de dezembro de 1981, a cidade desmembrou-se do município de Mossoró.

A paisagem rasteira composta pela vegetação da caatinga é um convite ao alargamento do olhar por entre os lugares desse encantador município. As imagens apresentadas nas páginas deste texto dissertativo têm por objetivo, retratar as experiências e materializar as ambiências onde a pesquisa foi tecida. No mosaico de imagens a seguir, trago espaços do município de Baraúna/RN como lugar de memória.

As imagens a floraram lembranças do meu encontro com Baraúna/RN. Os meus laços com o município datam do ano de 1986. Ainda adolescente, casei-me com um filho da cidade e desde então passei a ir ao município a cada fim de semana. Após anos de laços afetivos e profissionais com a cidade, recebi, em 2014, o Título de Cidadã Baraunense, concedido pela Câmara Municipal.

---

80 Luís da Câmara Cascudo foi um dos maiores pesquisadores do folclore brasileiro. Pode se dizer que suas contribuições vão para além da etnografia, ciência da qual foi um grande especialista. Sua obra foi importante, também, no campo da literatura bem como da cultura da infância. Pesquisador, escritor e folclorista potiguar, formado em Direito pela Faculdade de Recife, Câmara Cascudo concluiu em Natal o Curso de Etnografia. Sua formação ocorreu ainda na área médica, na qual estudou até o 4º ano em Salvador e, posteriormente, no Rio de Janeiro. Nasceu em Natal (RN) em 1898 e aos seis anos já sabia ler e faleceu em sua terra Natal em 1986. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/educacao/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.



Praça da Matriz



Lajedo da Escada



Parque Nacional da Furna Feia



Poço da comunidade de Vertentes

Foto 14 - Praça da Matriz – Fonte: Site patativadoassare<sup>81</sup>.

Foto 15 - Lajedo da Escada – Fonte: Arquivos da Autora (2017).

Foto 16 - Poço de Vertentes – Fonte: Arquivos da Autora (2017).

Foto 17 - Parque Nacional da Furna Feia – Fonte: Isis Evelen (2016)<sup>82</sup>.

A cidade de Baraúna possui o histórico de sua economia ser baseada nas atividades agrícolas. A relativa fertilidade do solo propiciou historicamente a constituição de uma forte sociedade agrária no município. Com a implantação da tecnologia irrigada, o município expandiu a produção a sua produção agrícola, que se destaca como um dos maiores produtores de fruticultura irrigada do Rio Grande do Norte, produtos tais como: melão, mamão, melancia, banana e cebola são principais cultivados e exportados para o mercado internacional.

Quanto ao cenário educacional, as estatísticas revelam que vários caminhos levam o Programa Brasil Alfabetizado ao município de Baraúna/RN. Segundo os dados do Censo Demográfico de 2000, considerando-se a população municipal de 15 anos ou mais de idade, o município possuía uma taxa de 38,39% de pessoas não alfabetizadas. O índice de analfabetismo

81 Disponível em: <<http://patativadoassare.com>>. Acesso em: 23 ago. 2017

82 Disponível: <<http://www.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

justifica a urgência do município desenvolver iniciativas de oferta de turmas de alfabetização de pessoas jovens e adultas, bem como a sua adesão ao Programa Brasil Alfabetizado.

O município de Baraúna-RN segue a lógica do contexto brasileiro. A Prefeitura Municipal de Baraúna, através da Secretaria Municipal da Educação e do Desporto, com o objetivo de ampliar as oportunidades educacionais para jovens e adultos com 15 anos ou mais, que não tiveram acesso à educação básica na idade adequada, fez adesão ao Programa Brasil Alfabetizado (PBA), no ano de 2004. Nesse período, beneficiou trabalhadores assentados rurais e a população jovens e adultos que, por motivos diversos, não tiveram acesso à leitura e à escrita. Duas ações básicas norteavam o desenvolvimento do PBA no município: A Formação de Alfabetizadores e Alfabetização de Jovens e Adultos.

O PBA visa o atendimento prioritário aos municípios com alta taxa de analfabetismo. A cada ano Governo Federal publica a resolução do Programa, entre os meses de junho e julho. O município faz a adesão, lança o edital de seleção; cadastra os bolsistas, realiza a formação e cadastro de turmas. Em seguida, promove a formação inicial dos alfabetizadores e coordenadores de turma, concluída a formação inicial, efetiva o funcionamento das turmas. O local de funcionamento das turmas é sugerido pelo MEC, conforme um mapeamento com a demanda de pessoas não alfabetizadas anunciada nos índices oficiais do município. Os alfabetizadores atuam em múltiplos espaços como escolas, creches, residências cedidas, centros comunitários e sindicatos.

Na busca de caminhos para contemplar as singularidades do funcionamento do PBA no município de Baraúna/RN, nos deparamos com silêncios de fontes oficiais. Os documentos analisados no Portal do FNDE/MEC não disponibilizam os dados específicos por município. Ausências ressignificadas pelas memórias e a voz de quem cumplicou a trajetória do Programa no município. Legitimar a voz e creditar valor aos conhecimentos às histórias dos homens e mulheres comuns ancoram nossa investigação. A reconstrução da experiência vivida e da memória da alfabetizadora Lúcia de Fátima Azevedo contribui para a escrita do percurso histórico do PBA na cidade de Baraúna-RN.

A Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima Azevedo de Souza mostrou-se receptiva ao nosso convite para narrar a sua experiência de alfabetizadora no PBA. A educadora é recém-formada em pedagogia, reside no Sítio Juremal, localizado cerca de nove quilômetros de Baraúna e atuou como alfabetizadora do PBA, segundo seus relatos, nos últimos cinco anos do Programa, período equivalente às etapas de 2010 a 2014. Ensinava na escola Amaro Cavalcante próxima à sua residência. Exerceu as atividades com turmas de 25 alunos, com idades entre 16 a 70 anos,

que são trabalhadores do campo, domésticas, trabalhadoras rurais e funcionários das pedreiras da região. No processo de rememorar o Programa Brasil Alfabetizado, a educadora discorre com convicção, o que significou para ela ter vivido a experiência de ensinar a ler e escrever.

Gostei muito dos anos que eu pude participar do Programa, porque eu acho que é um programa riquíssimo e que a nossa região necessita muito desse suporte, desse apoio. Às vezes, uma etapa não era suficiente. Eles aguardavam a etapa seguinte, pra novamente se inscrever, pra novamente participar, nem que fosse como ouvinte. Para mim o programa teve um impacto muito grande. Porque o primeiro ano que eu entrei eu não tinha noção do que eu ia apresentar, eu sabia que ia ensinar adultos. Mas de que forma? Então quando comecei a ver aquele planejamento eu fui me apaixonando, cada ano que tinha uma nova formação, que eu ia aprendendo coisas novas. Eu me formei como professora não foi na faculdade foi nesses programas. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

As entrelinhas da fala da Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima parecem referir-se ao alto índice de pessoas não alfabetizadas existente ainda na cidade de Baraúna. Segundo os dados do IBGE Censo de 2010, a taxa de 28,73% da população baraunenense é de pessoas não alfabetizadas. Para a maioria desses sujeitos, o PBA representa uma oportunidade ímpar dos educandos voltarem aos bancos escolares, oportunidade ainda de sentido maior para os cidadãos habitantes da zona rural. Sem as aulas do Programa na comunidade, os alunos precisam se deslocar para as escolas da zona urbana. Barreiras comprometedoras do acesso, permanência e sucesso de aprendizagem desse público à escola.

Tais barreiras impeditivas podem ser traduzidas, na falta do transporte escolar e no aspecto do horário das aulas. No tocante ao horário, as turmas são organizadas no noturno, assim, há os alunos que trabalham e não chegam a tempo, há ainda as mulheres que alegam a não participação nas aulas pelo fato dos esposos não permitirem. Quando a Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima fala “A nossa região necessita muito desse apoio”, é possível perceber o seu clamor pela garantia do direito à educação para todos. A professora diz da dependência do município em relação à política do Governo Federal, ao término de cada etapa, os alunos esperam a próxima, pois o município não possui uma política pública de continuidade dos estudos para os egressos do PBA.

Quando narra o orgulho de ter sido alfabetizadora do programa, vejo a alegria manifesta. A educadora Lúcia de Fátima fala sobre uma experiência fundante em sua formação. Ao dizer; “Eu me formei como professora não foi na faculdade, foi nesses programas”, podemos inferir uma crítica às lacunas trazidas da sua formação inicial. A professora demonstrou consciência

de que a universidade não consegue ensinar tudo ao futuro professor. Sua narrativa anuncia a força formativa do programa para o seu constituir-se professora.

Estimulada a mencionar os ensinamentos e saberes adquiridos no PBA, a alfabetizadora afiançou ter aprendido, nas formações do programa, a dimensão didática dos aspectos práticos e metodológicos de como alfabetizar os adultos. Em sua narrativa aponta:

A formação era excelente, com professores muito capacitados e com material de qualidade, subsídios muito bons que eles traziam. Comecei a ver uma realidade que eu não conhecia antes. É uma realidade muito mais humana, você trabalhar com adultos, com problemas, com família, com trabalho, lhe forma cada vez mais. A atuação no Programa me ajudou a trabalhar hoje, com o público infantil também. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

Conforme revela a primeira parte desse fragmento, a formação do PBA considerada pela professora de excelente qualidade explorou conteúdos sobre o processo de alfabetização numa perspectiva inovadora, ainda não vista por Lúcia de Fátima. Em seus relatos, a alfabetizadora expressou o encantamento e a dúvida inicial com o tratamento dado pelos formadores à didática de alfabetizar sem o uso da cartilha. A metodologia de alfabetizar a partir do uso de diversos textos e os suportes como papel de luz, conta de água, registro de nascimento, cordéis e textos de jornais foi algo que a deixou preocupada, pois era algo ainda desconhecido.

Na segunda parte da narrativa, a professora tece fios de aprendizados na experiência docente, que vão além dos conhecimentos acadêmicos e disciplinares. Apoio-me em Tardif (2010) quando a professora fala sobre os conhecimentos, que brotam e florescem dos aspectos relacionais e faz referência ao quanto a experiência com a alfabetização de adultos, transformou o seu fazer pedagógico. Para o autor, os saberes utilizados no contexto da profissão docente fiam-se na própria experiência do professor, que provêm de várias fontes e naturezas diversas (TARDIF, 2010).

Ao reconhecer a formação docente como resultado da junção de saberes e chamar atenção para a importância do saber experiencial, ao saber da prática, o qual Tardif (2010, p.110) conceitua como “[...] aquele que está ligado não somente à experiência de trabalho, mas à história de vida [...] que significa estar incorporado à vivência do professor, à sua identidade, ao seu agir, às suas maneiras de ser”, o autor apresenta relevante contribuição para este trabalho.

Nossa pesquisa tem como fio condutor o questionamento sobre como os saberes alicerçados nas experiências do cotidiano de um poeta popular, contribuíram para o seu

constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado. Em consonância, Tardif (2010) centra o seu olhar em pensar a formação fundamentada nas experiências vividas, pois, historicidade da pessoa expressa e imprime os saberes, sobretudo, os experienciais. A abordagem tardifiana constrói um elo com a nosso estudo por discutir os saberes da experiência como ponto de referência para construção dos saberes docentes.

As experiências e saberes da prática estão constituídas pelas vivências do cotidiano da Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima. Frente aos conhecimentos forjados na prática de alfabetizadora no PBA, a professora fez questão de registrar repetida vezes, o significado do Programa para o município e para os educandos, jovens e adultos. Ao dizer de si, Lúcia de Fátima, fala também sobre o outro, sobre os seus alunos e os ganhos do programa. A esse respeito, com poucos silêncios, ela afirma:

O Programa foi muito importante para os alunos. O Programa abriu muito a mente deles a respeito de tudo, de ser cidadão, do eu, da importância deles se sentirem importantes “pra” sociedade. Não era só a questão do ler, e escrever. O aprender a ler. Não era só essa a questão, deles despertarem para a leitura, mas também deles como cidadãos como pessoa, eles passavam a se sentir importantes. Eles saiam do Programa sabendo que eram importantes. Eu tive alunos com uma evolução muito boa. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

Nessas memórias narradas, muitas pistas e reflexões sobre a relevância do Programa para os educandos estão nesse fragmento. Como narra a Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima, nesta expressão “eles passavam a se sentir importantes”, diz do sentido do exercício da cidadania por parte desses alunos, como condição para uma participação plena na sociedade. Ao estarem excluídos dos bens sociais e estruturais, de certa forma, na maioria das vezes, eles estão ausentes do exercício da cidadania. Da voz da professora, carregada de afetos, é possível inferir o desejo dos educandos do reconhecimento de si mesmo, da valorização de sua própria autoestima e da valorização da imagem pessoal, buscada pelos educandos, quando voltam aos bancos escolares.

Em seus relatos, a alfabetizadora Lúcia de Fátima recorda pontos positivos do Programa. Ressalta a qualidade dos livros didáticos como a Coleção *Viver e Aprender – Alfabetização* da Editora Global e o livro *É Bom Aprender*, autores: Cassia Garcia de Souza, Marinez Meneghello, Ângela Passos da Editora FTD são direcionados para o público adulto. Conforme a professora, o material combatia a infantilização do ensino e práticas similares ao público infantil e resguardava a especificidade da educação de adultos. Lúcia de Fátima partilha, ainda, algumas dificuldades na execução do Programa, como a assiduidade dos alunos afetada pelo

cansaço da jornada de trabalho e a preocupação, quanto aos encaminhamentos por parte dos órgãos oficiais para os egressos continuarem os seus estudos. Na voz da educadora:

Teve alunos que estudaram e depois passaram para EJA. A questão é que o EJA para, parou lá. Então quer dizer que aqueles alunos poderiam evoluir cada vez mais até fazer uma faculdade. Não é? Mas o que acontece? Essa questão que os programas vêm, mas param, estacionam. E aquelas pessoas ficam esperando. Aquilo ali, é uma oportunidade que eles têm. Tem pessoas que trabalham o dia todo. Lá é a comunidade deles tudo é mais fácil pra eles. Se eles tiverem que se locomover pra cidade de Baraúna ou pra de Mossoró, já é outra coisa, eles têm que acordar cedo, 4 horas da manhã. Então, eles tendo essa oportunidade dentro da comunidade próximo de sua casa eu acho que é muito melhor pra eles por que já dá aquele incentivo. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

Nesse recorte narrativo da professora, identifiquei uma passagem carregada de esperança: “Então quer dizer que aqueles alunos poderiam evoluir cada vez mais até fazer uma faculdade. Não é?”. Nessas reflexões, vemos mais uma vez, a voz da professora levantar o grito pelo direito à educação para os seus alunos jovens, adultos e idosos. Na sua fala, ao questionar a paralização do programa, Lúcia de Fátima traz a reflexão crítica das limitações das políticas públicas para a alfabetização de jovens e adultos se sustentarem em programas pontuais sem a garantia de continuidade. Isso indica a necessidade de políticas de Estado. Convivemos com a ausência de políticas públicas sólidas e continuadas para a garantia do acesso e a continuidade dos estudos num fluxo permanente e contínuo.

Os fios da memória da alfabetizadora se cruzam com os fios da minha experiência na condição de formadora do Programa. O objetivo do PBA apresenta a alfabetização como estratégia de universalização do Ensino Fundamental. A tônica da continuidade dos estudos, como foi visto em tópico anterior, está presente no arcabouço legal do referido Programa. A legislação prevê metas de progressivo atendimento a jovens e adultos das turmas de alfabetização. Quanto a esse aspecto o Ministério da Educação, (BRASIL, 2011a):

[...] Tem intensificado ações que propiciem a aproximação institucional do PBA com as ações de EJA desenvolvidas pelos Sistemas Públicos Estaduais, Distrital e Municipais, induzindo o debate e as orientações necessárias acerca das propostas curriculares elaboradas pelos entes federativos, considerando suas experiências mobilizadoras, destinando recursos financeiros via FUNDEB para garantir a oferta pública de EJA, subsidiando estados, municípios e DF para o estabelecimento de metas de atendimento da população egressa do PBA, dentre outros.

Na citação acima, destaco a afirmação explícita, conforme a legislação vigente que compete aos municípios a responsabilização quanto à oferta de vagas no ensino fundamental na modalidade de EJA da rede para os alunos egressos do PBA. Nesse contexto, o poder municipal ao assinar o termo de adesão ao PBA, além dos recursos recebidos do Governo Federal é chamado ao compromisso de assegurar a educação como um direito de todos.

A narrativa da professora, ao clamar pela continuidade dos egressos das classes de alfabetização do PBA, atravessou a minha história de vida. Na minha trajetória como formadora no PBA, empreendi ações articuladas com o Programa com o propósito de fortalecer a EJA no município de Baraúna. Dentre as ações por mim empreendidas cito a criação do Comitê Municipal de Alfabetização e de Educação de Jovens e Adultos de Alfabetização e a realização, no ano de 2010, do 1º Seminário de Educação de Jovens e Adultos.

Em um fragmento do Jornal *Gazeta do Oeste*, da cidade de Mossoró/RN (Foto 18), destaco a ênfase dada à realização do *I Seminário de Educação de Jovens e Adultos na cidade de Baraúna/RN*. A reportagem noticia a situação da educação de jovens e adultos no município e sobre a necessidade da realização do seminário, pensado com o propósito de discutir as políticas públicas voltadas para EJA.

As discussões e os estudos realizados no seminário provocaram a mobilização de educadores e alunos em prol da reivindicação de vagas para os egressos das turmas de alfabetização. No entanto, persistiu o descompasso entre as recomendações propostas pela legislação e a consolidação da expectativa de continuidade da trajetória educacional dos educandos jovens e adultos. Até a etapa referente ao ano de 2014, última executada em Baraúna, o município ainda não possuía estratégias definidas e articuladas para o encaminhamento dos egressos do PBA para as turmas de EJA. Baraúna não vencera o desafio de organizar e desenvolver políticas públicas locais voltadas para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.



Foto 18 - Veículo de comunicação escrita da cidade de Mossoró dá destaque à realização do I Seminário de Educação de Jovens e Adultos do município de Baraúna/RN.

Fonte: Arquivos da autora (14/10/2010).

Na lembrança de Lúcia de Fátima, o papel da leitura na formação dos alunos e o lembrar de como trabalhava o processo inicial de alfabetização com os seus alunos:

Existe ainda muita gente leiga de muitas coisas, e os horizontes, o norte tem que ser aberto pra essas pessoas, pra eles começarem a entender que a vida muitas vezes, não é o que a gente acha que se resume ao nosso trabalho, a nossa família, que tem um leque muito maior de oportunidades que a gente pode conhecer e a leitura é a porta pra tudo isso. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

A metáfora na expressão “a leitura é uma porta pra tudo isso”, apresenta reflexões relevantes acerca do quanto podemos enriquecer o processo formativo dos nossos alunos através da leitura. Nossa narradora aloja o conhecimento a respeito da importância do papel da leitura na formação humana, em sua própria formação leitora construída no decurso de sua vida em contextos com a família, escola e momentos de formação continuada. Em sua fala há o pressuposto de que por meio da leitura, há uma maior apreensão de conhecimentos. Segundo seu relato, ela demanda um esforço significativo com o uso de livros e diversos suportes textuais para ampliar o repertório e desenvolver a competência leitora dos seus alunos, pois a partir desse conhecimento eles poderão acessar muitos outros saberes. A alfabetizadora foge às

práticas vigentes, que argumentam o uso de textos quando os alunos já dominam a leitura. No fragmento abaixo Lúcia de Fátima narra como se coloca na contracorrente de alfabetização mecânica, funcional, que o ler e escrever são reduzidos à aquisição de algumas habilidades técnicas. No dizer da nossa narradora, para alfabetizar os seus educandos:

Usava muito gênero textual, usava muito a realidade do dia a dia. Então, os gêneros textuais faziam com que a gente tivesse um leque oportunidades pra trabalhar com eles. Desde a lista de supermercado, que era uma coisa corriqueira, do dia a dia até um jornal, que muitos [...] - Ah! Eu tenho tanta vontade de ler jornal, eu acho tão chique - eles falavam. Que é uma coisa que tem na nossa comunidade, tinha nas cidades como Mossoró e outras, mas que viam e queriam entender o 'tava' dizendo ali e só viam a leitura de imagem. Então, o gênero textual era onde eu batia na tecla pra fazer com eles aprendessem, por que eu achava que era uma forma mais [...] eles aprendiam mais rápido e era mais atrativo pra eles. (Entrevista com Lúcia de Fátima Azevedo, Baraúna/RN, 18/08/2017).

A fala da Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima é interessante pelo acréscimo do componente da função social dos textos escritos nas suas aulas de alfabetização. Na narração, ela denota a concepção de alfabetização, que sustentava a sua prática alfabetizadora e elucida um processo de descoberta de metodologia de ensino. Em sua compreensão, a alfabetização se constitui um processo em estreita relação com a vida dos sujeitos, num contexto discursivo de interlocução e interação.

A prática alfabetizadora da professora possui uma referência sublinhada na proposta de educação e alfabetização de adultos pensada por Freire (1980): aquisição da palavra a partir dos gêneros discursivos relacionados ao cotidiano dos alunos. Para Freire (1980), a alfabetização parte da exigência de uma investigação, por parte dos educadores, da realidade dos alfabetizandos e da leitura, que os educandos fazem dessa realidade. Essa seria a forma dos alunos construírem sua autonomia e emancipação no exercício da criticidade e da palavra/mundo. A marca do pensamento freireano aparece, quando a alfabetizadora toma como ponto de partida a realidade vivida pelo aluno, quando usa o diálogo como instrumento pedagógico e quando considera o alfabetizando como alguém com um saber.

As narrativas da Prof.<sup>a</sup> Lúcia de Fátima, pedaços de um vitral interpretativo de atribuições se sentido, nos colocaram diante da compreensão do panorama histórico do Programa Brasil Alfabetizado no município de Baraúna/RN. Memórias permeadas de sentimentos e repletas de informações nos conduziram para além dos horizontes institucionais do Programa. Os dizeres da alfabetizadora nos levaram à esteira dos avanços e limitações

singulares de um Programa pensado para garantir o direito à educação de milhões de jovens e adultos em todo o país.

No município de Baraúna-RN, o PBA conseguiu fomentar ações de alfabetização e contribuir para o recuo do número de analfabetos na cidade. Contudo, o município necessita avançar quanto à elaboração e ao desenvolvimento de políticas públicas articuladas para a garantia do acesso à educação como um direito de todos em qualquer momento da vida.

Encontramos legitimidade e complexidade na voz da alfabetizadora Lúcia de Fátima, um sujeito, muitas vezes marginalizado pela história oficial, tratado como anônimo e sem história por isso, nem sempre tem a fala registrada. Ouvir e revelar o que está silenciado provoca um pronunciar ao mundo na perspectiva de transformação da realidade. Provoca um laborar esperança. Conforme nos ensinou Freire (1987, p.44) com os seus escritos e a sua prática. “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”.

O capítulo seguinte continuará encharcado com a voz de um sujeito lançado para as margens das versões da historiografia oficial. Nos próximos caminhos, enveredaremos nas narrativas da história de vida, dos saberes, aprendizagens experienciais da vida e fazeres calcados nas experiências do cotidiano do poeta Nildo da Pedra Branca personagem central desta investigação.

### **CAPÍTULO 3**

## **NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DO POETA NILDO DA PEDRA BRANCA:(RE) TRILHANDO EXPERIÊNCIAS FORMADORAS COMO RECURSO DE (AUTO)FORMAÇÃO**

PREPARE O SEU CORAÇÃO / PRAS COISAS QUE EU VOU CONTAR...

GERALDO VANDRÉ ( 1966 )

O TEMPO ME FEZ POETA  
FUI CRIADO NO SERTÃO  
RASGANDO O BUXO NA TERRA  
ADORANDO A NATUREZA  
E A SUA DECORAÇÃO

NILDO DA PEDRA BRANCA ( 2005 )



Prossigo a viagem. Do asfalto à estrada de chão batido sigo rastros, pistas, tateio caminhos, lugares e ambientes. Vou por uma trilha, segundo os dizeres de Guimarães Rosa (1986), abundante de paisagens variadas, de encontros e desencontros com pessoas, paradas para um descanso, outros encontros e outras paisagens. Nessa nova paragem, me deparo com as memórias narradas, trançadas e urdidas pelo poeta Nildo da Pedra Branca. No diálogo com o mote teórico, tomo a memória como elemento central da escrita. Iniciar o percurso desta parte da dissertação me fez lembrar os versos de um poeta de minha admiração, Eduardo Galeano (1994, p. 16). Ele diz: “[...] para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida”.

À luz das ideias de autores referência do método (Auto)Biográfico, com destaque para Josso (2010) e Souza (2006), neste capítulo, pretendo identificar, nas narrativas (Auto)biográficas do poeta popular Nildo da Pedra Branca, os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras que potencializaram sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional. Busco a cosedura das suas narrativas com os fios teóricos forjados desde o início deste trabalho. Narrativas de sua história de vida, seus saberes, aprendizagens experienciais da vida e fazeres calcados nas vivências do cotidiano, da relação com a terra e nos diversos espaços do meio social. Junto ao referencial teórico virão à tona os processos formativos inerentes e constitutivos do protagonista da investigação. O seu aprender e a transformação desse sujeito pelas relações contantes, tecidas na labuta do cotidiano.

Neste suave passeio, trago à baila as narrativas (Auto)biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca, adentro na intensidade da sua história de vida, suas memórias de infância, o cotidiano e suas experiências, com o objetivo de identificar seus saberes de histórias de vida e das experiências formadoras, que potencializaram sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional.

Os fios da narrativa do poeta Nildo da Pedra Branca versam sobre família, sentimentos, seu ofício, sonhos, superações, dores e aporias. A história de vida do saber comum do nosso personagem é densa e encorpada de experiências formativas. Enredada em teias de dificuldades e vulnerabilidade social. Sua trajetória indica para um lugar de tensões, de vivência, de luta, resistência nas pegadas da superação. O modo inspirador como foi tecida sua história singular, fecunda de experiências e saberes formativos, fez brotar em mim, o desejo de trazê-lo como protagonista desta análise. O poeta Nildo da Pedra Branca inscreve em sua história de vida a marca do empoderamento de si. Eis a razão da necessidade de suas experiências serem narradas e compartilhadas.

### 3.1 O poeta por ele mesmo: Alegrias e agruras de um poeta sertanejo

Eu sempre quis ser poeta!  
 Quis falar do meu sertão.  
 Quase não fui à escola  
 Nem missa e nem procissão  
 Só via meu pai falando  
 Dos cabras de Lampião.  
 Dos comboieiros nas estradas  
 E algumas músicas tocadas  
 De Luiz rei do baião

[...]

Pisando pedra e espinho  
 Da luta não me cansava  
 Nem si quer pensava em casa  
 Só trabalhava sozinho  
 Cortei mato, abri caminho  
 Não sabia as consoantes  
 Do alfabeto distante  
 Nunca vi um professor  
 Posso um dia ser doutor  
 Pois hoje sou estudante.

Nildo da Pedra Branca (2005, p. 02).

Os versos do poeta José Antônio da Silva, conhecido por Nildo da Pedra Branca, formam um tecido narrativo a partir da vida do cotidiano. É possível sentir em seus versos, o repisar de um sentimento entrelaçado com o mundo vivido. De modo simples e sensível sua narrativa testemunha memórias eternizadas em seus poemas.

Os fragmentos acima evidenciam as memórias e lembranças de experiências de vida, com destaque para a sua relação com a arte e o valor da poesia popular. A voz do poeta e as suas narrativas se transformaram em ferramenta essencial para a tessitura de sua história de vida. Como aponta Thompson (1992, p. 301), deve-se considerar a “[...] narrativa como forma principal pela qual os seres humanos dão sentido à própria experiência”.

Assumo, aqui, a perspectiva da abordagem das histórias de vida e o trabalho com as narrativas, defendidos por Josso (2010). Em seus estudos com uso da abordagem biográfica, a autora nos faz perceber a importância de se estudar os fenômenos sob o ponto de vista das próprias pessoas, em seus contextos de vida. Nas palavras de Josso (2010, p. 33):

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em histórias de vida diz respeito, em primeiro lugar, à nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam produzir conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimentos que os institua como sujeitos.

A abordagem metodológica das histórias de vida e o trabalho com as narrativas, defendidos por Josso (2010), demonstram a centralidade do sujeito ativo como protagonista de sua própria história, ou seja, como ator e autor. Josso (2010) apresenta reflexões metodológicas sobre o método (Auto)biográfico e a compreensão dos processos de (auto)formação dos sujeitos. Afirma que as narrativas singulares em cada sujeito como metodologia de pesquisa, valorizam as dimensões pessoais do ser, seus sentimentos, afetos, suas trajetórias de vida e experiências vividas.

As narrativas de experiências formadoras nos permitem compreender as mudanças que ocorrem no plano pessoal e social. "É neste movimento dialético que nos formamos como humano" (JOSSO, 2004, p.54). O relato implicado na compreensão da trajetória subjetiva desse sujeito e na importância de trazer à tona a sua voz, historicamente silenciada, é uma proposta, segundo Sousa Santos (2011, p. 329), para:

Revalorizar os conhecimentos e as práticas não hegemônicas que são afinal a esmagadora maioria das práticas de vida e de conhecimento. [...] propõe que aprendamos com o Sul, sendo, neste caso, o Sul uma metáfora para designar os oprimidos pelas diferentes formas de poder. [...] esta opção pelos conhecimentos e práticas oprimidas, marginalizadas, subordinadas não tem qualquer objetivo museológico. Pelo contrário, é crucial conhecer o Sul para conhecer o Sul em seus próprios termos, mas também para conhecer o Norte. É nas margens que se faz o centro.

No diálogo com esse autor, apresento as experiências do poeta Nildo da Pedra Branca como reveladoras de saberes construídos no cotidiano de um sujeito à margem. Seus poemas são fontes de conhecimento por provocarem a tarefa de pensar como podemos aprender com as vozes subterrâneas, com as experiências e saberes erguidos no cotidiano dos homens simples, saberes vistos como "menores", destituídos do rigor lógico da ciência. Trata-se de uma experiência com o olhar para possibilitar ao indivíduo perceber-se no mundo, por meio de suas leituras e narrativas, como atuante da própria história e não como mero espectador.

Os encontros com Nildo da Pedra Branca foram realizados em sua residência, localizada no Sítio Pedra Branca, na zona rural do município de Mossoró/RN. O cenário, por fazer parte do seu *ethos*, aflorou os aromas e aqueceu as suas recordações. O ambiente impregnado da

essência do enunciador conferiu a preservação da memória física e espacial e concedeu-lhe conforto e bem-estar para, como ator, narrar suas experiências.

O poeta nasceu em Mossoró, no dia 24 de março de 1972. Filho de Luiz Venâncio da Silva, agricultor, e de Luzia Soares da Silva, parteira e rezadeira<sup>83</sup>. Tonou-se homem simples do sertão, agricultor, cordelista, violeiro e poeta popular. De olhar ávido, sorriso despendido no sempre e voz entusiasta, eternizou o seu lugar de infância, o Sítio Pedra Branca, via palavra poética e o carrega no próprio nome como forma de homenagear a pequena comunidade rural localizada a dez quilômetros da cidade de Mossoró/RN. Palco do seu existir, por ele adotado como moradia desde os quatro anos de idade, quando lá chegou. Pedra Branca é o local onde permanece até os dias atuais.

Ao percorrer e descer os caminhos por entre a caatinga espinhosa e árvores que rareiam, chegamos<sup>84</sup> ao cenário de inspiração do poeta. Ele foi me apresentando minúcias das belezas daquele lugar. Era o quarto sábado do mês de agosto de 2017, numa manhã de verão nos sentamos à sombra do pau branco<sup>85</sup>. O cenário carregado de sentimentos podia ser visto no farfalhar das folhas ao vento. Refúgio sagrado para a criação dos seus poemas. Ao tocar o chão daquele espaço afetivo, o poeta Nildo da Pedra Branca evocou as lembranças de infância e rememorou as suas raízes e influências poéticas, descritas no fragmento abaixo:

Foi uma infância difícil, sem escola, mas o que degustava melhor da roça era as glosas do meu pai. É o assobio dele o aboio dos vaqueiro que eu escutava. Musicalmente, eu escutava Eliseu Ventania, Jacson do Pandeiro, Luís Gonzaga, e assistindo cantoria pelo menos a cada mês ou dois meses na minha região tinha cantoria. Os poetas da época era João Liberalino, Elizeu Ventania, Oneso Maia, Luíz Campo, Chico Porfiro, Manuel Gonçalves, Nenem Ozana, José Ribamar, Manuel Gomes, Chico Pedra, Nestor Bandeira. Então, Chico Constantino. Esses foram os poetas que fizeram mais parte da minha infância. Meu pai, a cada dois meses, trazia uma dupla de violeiro, ou outro vizinho da comunidade trazia também esses violeiros. Severino. [...] então, fui criado, à noite, assistindo terço, novena e sempre acontecia em casas diferente disbulha

---

83 Mulher, geralmente idosa, que tem poderes de cura por meio de benzimento. A rezadeira especialista em quebranto, mau-olhado, vento caído, enquanto reza em cruzeiros sobre a cabeça do doente, usa pequenos ramos verdes, que vão murchando por adquirirem o “espírito” da doença que lhe fazia mal. CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo. Global Editora. 2001.

84 Eu, o poeta Nildo da Pedra Branca e Alexandre Ramos que no dia dava assistência na gravação das falas e na feitura das fotos.

85 Espécie encontrada na Caatinga dos estados do CE, RN e PB. Árvore de médio porte, decídua na estação seca, 5-10 m de altura, tronco cilíndrico, de 30-40 cm de diâmetro. Folhas simples, pecioladas, lanceoladas, cartáceas, alterno-espinaladas, glabras, com nervuras proeminentes na face abaxial. Flores brancas, levemente perfumadas, corola campanulada, cálice condescido e persistente nos frutos. Fruto núcula indeiscente, sementes brancas. Disponível em: < <http://floraufersa.blogspot.com.br>>. Acesso: 28 ago. 2017.

de feijão. Quando tinha uma quantidade de feijão que era colhido na roça, se juntava cinco, seis famílias e um dizia pro outro: ‘tal noite é disbulha na casa de fulano, tal noite é na casa de ciclano’. E então eu fui educado com cordel, porque minha mãe era uma leitora de cordel.<sup>86</sup> (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Dessa narrativa, saltam muitos personagens: João Liberalino, Elizeu Ventania, Oneso Maia, Luíz Campos, Chico Porfírio, Manuel Gonçalves, Nenem Ozana, José Ribamar, Manuel Gomes, Chico Pedra, Nestor Bandeira e Chico Constantino. Na fala, adornada pela emoção, o poeta, sujeito desta pesquisa, narra com orgulho o fato de estar em meio a expressivos nomes e vozes da literatura de cordel da região desde muito cedo. É recorrente a citação de eventos domésticos ou, na vizinhança, que denotam momentos de prazer, descontração e/ou contato com diversas manifestações artísticas.

Na infância, apesar do quadro precário, viveu o deleite das cantorias, das emboladas, a escuta e o fascínio pelos folhetos de cordel. O gosto pela poesia, herdado do pai, contador de anedotas, e da mãe, uma voraz leitora de cordel, marcam o início da sua trajetória poética, mesmo bem antes de se descobrir poeta. O cenário da infância mostra uma positividade do espaço como suporte de uma materialidade na arte motivada pela presença de muitas vozes e expressões artístico-culturais.

Em seus dizeres, o poeta expressa: “O que vivi na minha infância serviu muito pra adolescência, pra adulto e até a pessoa que sou hoje”. Na análise da narrativa, identifico as experiências no ambiente da infância representadas por imagens vivas. A presença da oralidade, com as performances mais variadas de interação com poemas e expressões artísticas, constitui o primeiro marco formativo da identidade do poeta e do cidadão Nildo da Pedra Branca. Na descrição de sua história de vida, o nosso narrador deixa transparecer o amor por seu lugar, o cuidado com a terra, o respeito pelo ser humano e pela cultura do sertão, valores transmitidos na infância, influências inerentes ao seu constituir-se poeta.

Na sua fala, é possível observar o contributo da convivência com os repentistas e poetas da época de criança como decisiva para a construção do seu tornar-se poeta. Reconstruída por sua memória, sua narrativa reforça as contribuições do método (Auto)biográfico, por falar de aprendizagens significativas dos processos vitais de formação. Como indicam Souza e Passegi (2008), através das narrativas, o sujeito tem a oportunidade de dizer para si e para o outro o como se constituiu.

---

86 Como forma de respeitar a fala de Nildo da Pedra Branca, optamos por fazer a transcrição literal das suas narrativas.

Na continuidade da entrevista, o poeta Nildo da Pedra Branca destaca as experiências de aprendizagem vividas mais tarde, com aquele por ele considerado o seu mestre na poesia, o poeta, repentista e letrista Luiz Campos. Reconhece os ensinamentos do mestre, o seu encorajamento. A forma como narrou a convivência e o aprendizado com Luiz Campos exala sentimentos de alegria. O seu olhar refletia o brilho e a gratidão expressos em sua fala:

Meu mestre, que eu tinha como mestre na poesia, era Luiz Campo. Luiz Campo gostava de mandar eu declamar. Pedia pra mim declamar e aprendi muita coisa com ele. Visitei muito, fiquei ao lado dele até a morte. [...] Ele dizia ‘é como se eu fosse um filho’. É tanto que ele era meu cumpadre, cumpadre de fogueira. É padrinho da minha filha mais velha. Era como se fosse pai com filho. [...] O que eu mais aprendi com Luiz foi a forma de declamar e, acredito, que fazer a rima perfeita. Uma vez ele me deu um livro e falou: ‘você não dê fim a este livro porque aí diz tudo. Você siga ele que você não vai se perder nas rimas, na métrica’. Luiz mostrou, ele mostrava a poesia e também o lado da concórdia e da discórdia. Mostrava o sofrimento que o poeta passa nos dias atuais diante dessa sociedade que, muitas vezes, não entende e não valoriza o lado da cultura. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

No crepúsculo da narrativa, os versos pilam miúdo e espalham os grãos do existir. A sua performance, no momento de narrar, faz as histórias ecoarem dentro de mim e aquecem as minhas memórias. Nas palavras de Bosi (1994, p. 55), “[...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição”. O enredo do poeta me trouxe lembranças afetivas das experiências do tempo de infância. Reconstitui imagens e sentimentos.

Adentrar na memória do outro é também rememorar a minha. A rememoração é um evocar de vozes. É sentir a companhia dos primos nas veredas do matagal; o aroma da terra do fogão a lenha; o cantar dos pássaros ao acordar cedinho; o caminhar pelos pedregulhos, para chegar ao roçado; o sabor da declamação dos cordéis na debulha do milho e do feijão nas noites enluaradas no terreiro da casa grande do sertão.

Esse entrelaçamento de testemunhos e lembranças associados às experiências de vida trazem à reflexão o que foi dito por Halbwachs (2006, p.30), estudioso pioneiro em defender a memória como fenômeno social. O sociólogo afirma: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Nesse caso, até mesmo as nossas memórias mais íntimas e particulares não devem ser pensadas em termos individuais, pois memória é sempre construída em grupo, embora não haja memória fora da esfera pessoal.

Halbwachs (2006) traz uma nova vertente para a noção de memória e apresenta os quadros sociais que as compõem. Seu conceito é referente à memória como elemento de conexão entre o indivíduo e a sociedade. É possível entender a memória coletiva como as lembranças e pensamentos comuns aos indivíduos do grupo e, para mantê-la viva, é preciso os sujeitos pensarem e se lembrarem de forma coletiva.

Na ótica halbwachiana, para reconstruir o sujeito desta escrita é necessário recorrer a eventos e acontecimentos passados, nos quais esteve em companhia de outras pessoas. A história do narrador desta pesquisa é a história de tantos outros. A sua fala está cheia da fala dos outros. Os estudos de Halbwachs (2006) ancoram a nossa compreensão quanto ao entendimento do papel fundamental desempenhado pela memória coletiva nos processos que permitem ao poeta Nildo da Branca partilhar, por meio das narrativas de suas experiências, um conjunto de significados.

Nas lembranças do poeta, a sua memória individual resulta de diversas combinações das construções sociais com as quais se relacionou ao longo da vida. Sua voz se junta a outras vozes para construir, através da sua memória individual, uma produção social da memória. Os poetas populares agregaram a função de conservar vivas as histórias mantidas pela tradição. Eles revivem e revisitam o passado. Por isso, a pertinência da contribuição de Halbwachs (2006) neste trabalho.

Nas reminiscências do poeta, as lembranças da mãe, responsável por lhe apresentar os encantos do cordel, ecoam em sua voz. Ao longo de sua narrativa, torna presente, em várias passagens, a figura materna, com as primeiras lições do ABC e do cordel. Suas memórias afloram muita emoção. Através do seu mergulho em tempos idos, ganha vida a voz do poeta:

O maior ensinamento da minha mãe foi me fazer um leitor de cordel. Eu aprendi a ler [com] minha mãe lendo cordel em disbulha de feijão. Minha mãe catava cordel, né? Lembro que tinha um cordel que ela cantava: ♪No ano oitenta e cinco do outro século passado, na fazenda Pitombeira, município de Condado, morava ali seu Francisco amarelo empapuçado. Lhe chamavam cobra choca. Sem ter de família um nome, foi criado por uma velha trapilha. Passava fome. Preparou uma arapaca para pegar Lobisomem. Só que a minha mãe tinha a voz bunita, não era essa voz roqueina que eu tenho♪. Então, ela cantava verso, né? Então, essas coisas que ela cantava. Tem coisa que ela cantava que ela nem lembra mais, mas era bem afinada e o pessoal aplaudia, né? Então, uma das melhores coisas que eu aprendi com ela, se minha mãe não fosse uma leitora de cordel eu acredito que eu não era poeta hoje. [...] Vei no sangue, misturou Assú com Mossoró. Assú conhecida a terra dos poetas. Meu pai dizia algumas glosas da luta do dia a dia e a minha mãe era uma leitora de cordel. [...] as cantorias de viola, mais de dez ou doze cantadores, quando eu chego nessa calçada aí [aponta para a casa de taipa do seu pai] eu

sinto o cheiro de poesia, ainda da minha meninice. Pai sempre fazia cantoria. O que eu aprendi com os dois velhos é mais ou menos isso de bom, né? (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Na descrição de sua história, é possível perceber a importância do papel da família para o poeta Nildo da Pedra Branca, apreendida como agente formador. Ambiente de aprendizagens significativas auferidas pelo entrelaçamento dos fios das relações afetivas, culturais e educativas. Ao narrar sobre o seu processo inicial de alfabetização, afirma ter sido alfabetizado pela mãe, com uso do cordel, recurso marcante na aprendizagem e no desenvolvimento do poeta. Estávamos diante do que nos diz Josso (2010, p. 40): “Os contos e as histórias de nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”.

Da figura paterna guarda, na memória, as experiências formadoras dos conhecimentos sobre o manejo de afagar a terra, os animais e o amor pelas coisas do campo. O seu pai, preocupado com a subsistência da família, ensinou os filhos a tirarem o sustento da roça. Todos da casa começaram muito cedo a capinar o roçado, faziam desde a aurora ao crepuscular do dia. A sua narrativa abaixo, fala-nos sobre os saberes mediados pelo pai:

Pai, levava a gente pra roça, pra tirar o sustento da terra. Me ensinou a ser agricultor. Me ensinou a ser homem, a respeitar. Meu pai era um homem educado, não sabia sequer assinar o nome, mas ele era um homem educado. E aprendi a ser homem com ele. Era honesto, sincero. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Essa fala leva à compreensão da importância dada aos conhecimentos utilitários da agricultura, ancorados em uma educação tecida na existência e experiência vivida. O poeta Nildo da Pedra Branca expressa sua relação alicerçada com as coisas e as encantarias do sertão, lugar infiltrado em suas veias: a terra, os animais, a poesia. Manifesta o seu aprendizado emergido da experiência com a terra, trilhado com o pai. Nos fios dessa construção, o nosso narrador reflete sobre as marcas dos saberes deixadas em sua dimensão humana. Saberes que lhe impulsionaram uma maneira de conceber a vida, de vivê-la. Durante a entrevista, as lembranças da figura paterna despertavam no poeta um olhar reflexivo, algumas vezes, no momento da nossa conversa, pausas, suspiros e silêncios. Ao olhar para si, o poeta Nildo da Pedra Branca, se percebe e se lê como humilde, honesto e trabalhador graças aos ensinamentos do seu genitor. O pai o educou com saberes do homem simples do sertão.

Ao declarar: “Pai não sabia sequer assinar o nome, mas ele era um homem educado” o poeta revela os ensinamentos de Freire (1989). Seu Luiz Venâncio da Silva, pai do nosso narrador ancorou os seus conhecimentos na leitura de mundo defendida por Freire (1989) e na experiência aprendida no decorrer da vida. Saberes múltiplos constituídos na relação com a família, com a comunidade e com a natureza que ampliam o sentido da sua vida.

Percebo, ainda, na fala do poeta, a perspectiva apontada por Brandão (1981), quando afirma não existir uma única educação, mas sim “educações”, pois ela está presente em todos os lugares e permeia o cotidiano das pessoas. Na verdade, "existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor" (BRANDÃO, 1981, p. 19).

Como Freire, Brandão (1981) concebe o ponto de origem da apreensão do saber a partir da sua própria realidade social, uma realidade concreta da vida cotidiana das pessoas, geradora de diversas possibilidades de aprendizagem sob tantas formas. A educação do lavrador, na voz do poeta, possui uma singularidade. Essa educação aparece interligada à vivência com os elementos da natureza e o chão/terra do seu lugar. No nosso entendimento, envolve a sua própria identidade e a sua cultura.

O poeta Nildo da Pedra Branca narra “o velho pai” como referência do seu conhecimento de mundo e da identidade e pertença com o seu lugar. A profunda relação com a terra/chão; o limpar de enxada; a leitura da chegada da chuva, com o cortar do relâmpago ou o tempo de seca anunciado pelo não florir do pau branco; a plantação, a apanha do algodão; a criação de animais, o cheiro do barro. Suas falas são ancoradas no sentimento de pertença ao meio rural nordestino, canto agregador de identidade. Em seu relato o entrevistado afirma:

A minha identidade sertaneja vem desde o meu pai. Pai nunca quis sair do sertão. Eu nunca tive vontade de sair nem um segundo do sertão. Tá na minha alma, no meu espírito. O sertão está entre as melhores coisas pra mim. Eu sinto o cheiro do barro molhado da casa de taipa. Quem me vê nos palcos, vê sempre A minha marca é o chapéu de couro, é o sertão. Só posso sair do sertão se for obrigado, mas se eu sair do meu sertão, da minha zona rural pra morar numa cidade, talvez vá só uma parte, a outra metade de mim fica presa ou morta aqui. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

De pés plantados na terra/sertão, Nildo da Pedra Branca em sua narrativa revela os traços e linhas de uma vida construída e revigorada pelo contato pleno com a natureza e cultura sertaneja. Em seu relato sobre o sertão, diz-nos: “A minha identidade sertaneja vem desde o meu pai. Pai nunca quis sair do sertão”.

Na fala do narrador, percebo um mundo de vida pulsante nesse sertão como espaço de aprendizagem e fonte de apropriação de saberes. A afirmação incisiva “Eu nunca tive vontade de sair nem um segundo do sertão” confere uma expectativa de valorização do meio rural, remete ao sentido da vida no campo como lugar de formação, sobrevivência e valores aprendidos com o seu pai foi vital para a sua marca de pertença ao sertão e do seu ser camponês, elementos constituintes da sua própria história e do seu aprendizado.

O fragmento de narrativa, acima analisado, anuncia a perspectiva apontada por Gadotti (2000) em seu livro *Pedagogia da Terra*, de que para compreender o ser humano precisamos aprender as linguagens da Terra, suas formas de comunicação, seu viver biológico. Para isso, carece de observá-la nas suas manifestações e sob um olhar do ponto de vista político-educacional.

Em diálogo com o autor citado, seguem, nas memórias ruralistas do narrador Nildo da Pedra Branca, a sua percepção da terra sob o olhar amoroso e educativo. Suas lembranças trazem, pela palavra, o apego às tradições sertanejas, os ritmos, símbolos e rituais, que compõem o aprender no cotidiano do sertão e a sua maneira de viver.

Nesse lugar, nosso narrador aprendeu sobre o respeito e o cuidado com a terra, como plantar, colher, cuidar dos animais, as formas de sobrevivência e de si reinventar nos tempos áridos da seca, momentos de súplica aos céus pela chuva. Ele se encontrou com a expressiva leitura da paisagem desse lugar. Instruiu-se sobre o exercício de esperar diante dos dramas da escassez da sequeidão. Construiu o sentido do florescer da vida renovada nos tempos de fartura de inverno. Nesse cenário, os modos de fazer e aprender desse sujeito sertanejo são inseparáveis da natureza e dos contextos vividos.

O poeta deixa aflorar o cotidiano e abre as portas para a beleza do sertão em seus versos e no seu viver. São versos e falas preñes de sentido e elementos identitários. Em um momento da narrativa ele afirma: “[...] o sertão está entre as melhores coisas pra mim. Eu sinto o cheiro do barro molhado da casa de taipa. Quem me vê nos palcos vê sempre, a minha marca é o chapéu de couro, é o sertão”. Nesse fragmento identifico o seu ancorar na simbologia e nos rituais do lugar como uma tática de resistência, como sugere Certeau (2005), para mostrar a sua identidade com o meu rural.

Segundo Certeau (2005), os sujeitos comuns inventam para si um emaranhado de táticas, que expõem astúcias e produzem invenções como forma de reagir, subverter e modificar os acontecimentos do cotidiano de suas vidas. Essas táticas são engendradas por Nildo da Pedra Branca, ao apregoar os ritos de sua comunidade e fazer uso dos elementos simbólicos em sua

indumentária, com destaque para o chapéu de couro, a camisa xadrez e o chinelo de arrasto, típicos do tipo tradicional nordestino e que comunicam a sua identidade. Nas pequenas resistências estabelecidas no cotidiano, as transformações são, de forma sutil, tramadas pelos sujeitos comuns.

No “disbulhar” das suas memórias, o narrador fala das experiências pessoais a partir do seu lugar de origem, território marcado por lutas, esperanças, saberes e encantamentos. Lugar de relevância na sua trajetória e visão de mundo. O poeta Nildo da Pedra Branca evoca a si mesmo como personagem de uma história, cujo palco central e fonte inesgotável de matéria-prima, na produção de versos, é a sua vida de camponês. Afirma o seu pertencimento identitário com o seu lugar: o campo/chão/terra.

Na sua narrativa, o amor por seu lugar apontado em cada palavra, gesto e olhar, nos levava a enxergar no seu corpo a imagem cartográfica do sertão. Nele, a impressão é de vermos: as folhagens, as moitas de mato, os galhos e garranchos das plantas, o ninho dos pássaros, o comportamento dos animais, o perfume das flores da caatinga, o aboio do vaqueiro, o chão rachado cortado pela estiagem, o aroma da terra molhada do tempo de inverno, a água fria da cacimba, o gemido do gado, as intermináveis prosas com a vizinhança, os valores da cultura camponesa. As agruras e alegrias do sertão estão infiltradas no espírito do sertanejo Nildo da Pedra Branca e o habitam por inteiro.

Para o nosso poeta, a palavra é nascida no chão do sertão. Ele eleva o tom da voz e enfatiza: *Meu Mundo é a poesia mesmo!* Para representar seus momentos criativos, no quintal da sua casa, sob o sol do pingo do meio dia, embevecidos por suas lembranças, fizemos uma foto (Foto 19) à sombra do pau branco, em nossa primeira sessão de narrativas (Auto)biográficas, no dia 02 de agosto. A imagem, que nos aproxima da espessa cortina de nuvens no céu, registra um encontro denso em histórias narradas. Ao dividir conosco o significado daquela árvore, Nildo da Pedra Branca faz questão de tratá-lo como o seu pé de poesia. O local lhe traz a paz necessária à criação da sua obra. Em seguida, o poeta espalhou os seus tesouros.



Foto 19 - O poeta Nildo da Pedra Branca e a pesquisadora em uma conversa à sombra do pau branco – local de inspiração do poeta para a criação dos seus poemas.  
Fonte: Arquivos da Autora (02/08/2017).

Nesse mesmo momento, escavamos as páginas amareladas dos cordéis, alguns abocanhados pelo cupim. Espalhadas histórias embaralhadas de alegrias, zangas, tristezas, proezas de coisas do cotidiano. Os folhetos lidos e cantados por sua mãe. Ao sentir a sua textura, o ressoar de muitas vozes e o cheiro impregnado naquelas folhas amareladas engendraram os fios a tecer as suas memórias. Estampado na retina do cordelista, o encantamento transparecia para si a epifania: o nascedouro do seu ser poeta.

No lastro da intensidade do momento vivido, as lembranças faziam a sua voz vibrar. Em meio ao folhear dos cordéis, as palavras vieram das mais diferentes formas, desde os relatos orais ou, sob a forma de um inspirado poema declamado:

Na poesia eu encontro  
Tudo que tem de beleza  
As cores do arco-íris  
A paz da mãe natureza  
Está nos verdes dos campos  
Nos olhos dos pirlampos  
Feito pelo criador  
No frio da madrugada  
Na choupana abandonada

Nas asas de um beija-flor<sup>87</sup>

Saborear esse poema me proporcionou a liberdade de viajar nas asas do beija-flor e sentir o aroma das flores beijadas. Sentir o encanto de sua poesia, a natureza eternizada em seus versos, espalhou ao nosso redor uma atmosfera de leveza e inundou a minha alma de sentimentos. Seus versos educam os nossos sentimentos, a nossa dimensão estética e, sobretudo, dimensão humana. O poeta Nildo da Pedra Branca é um artesão das palavras rimadas. Emocionado, recitou parte do poema: *Um cordel com poesia* de sua autoria, para nos falar sobre o que é ser poeta.

Como nos lembra outra poesia: às vezes é preciso “esconder-se por trás das palavras para mostrar-se”. Manoel Barros (2013, p. 136-138). Como fez o nosso narrador, Nildo da Pedra Branca nos disse que ser poeta é o dito no poema: “É ver poesia em todo lugar! “É viver sem saber que está vivo! É mentir fazendo ficções é acreditar nos seus ideais é olhar a criança e ver a poesia nos olhos dela [...]. Isso é ser poeta. Se eu pudesse só vivia da poesia”.

O relato me conduz a deduzir que esse fragmento simboliza parte da essência da vida do narrador, pois transmite a sua alegria de ser poeta, de, com efervescente criatividade e imaginação, fazer brotar beleza das coisas simples da vida por ter um olhar diferente, aberto à sensibilidade. Transformar galhos, troncos, pedras, clamores, contar a terra e a vida em versos e levá-los mundo a fora alterou a existência humana do narrador/poeta e educador do sertão, Nildo da Pera Branca. Aqui o sujeito da nossa pesquisa revela um desejo vindo das entranhas, comum aos alquimistas das artes, o sonho de viver a poesia, impressa em sua alma e desse ofício poder (sobre) viver.

Ao buscar as memórias do tempo em que principiou a carreira de poeta, relatou uma trajetória marcada por adversidades, esforço, superação e empoderamento. Desse lugar de dificuldades por ele elencadas, como o abandono da escola e o trabalho precoce na infância, organizou sua narrativa sobre quando deu seus primeiros passos para a publicação dos seus cordéis. Nesse processo, considerado fundamental: o apoio e o reconhecimento por parte dos seus professores da sua arte de ser poeta. Em seu relato, é possível ouvir os ecos de alegria provenientes da conquista. Nosso personagem compartilha esse momento em sua vida:

Cheguei a escrever, com 18 anos de idade, algumas quadrinhas, algumas sextilhas. Nunca me adaptei. Não imaginava que iria ser um poeta, mas sempre eu declamava. Depois dos 25 anos de idade, eu escrevi um pouco do

---

87 Poema recitado no momento da entrevista realizada no dia 12 de setembro de 2017.

sertão, mas tinha vergonha e medo de mostrar o que tinha escrito. Depois dos 30 anos eu retornei à sala de aula, o EJA. Com três meses de aula, eu falei que ia desistir, porque a dificuldade era grande, além que eu tinha que trabalhar durante o dia pra sustentar a família: quatro filhos e uma mulher. E então os professores me pediram: não faça isso, passe uma semana em casa e retorne pra gente conversar. E quando eu retornei novamente eles falaram: você não vai desistir da escola, por que você pode não ser um bom aluno mas você é um poeta. [...] eles pegaram meu material e imprimiram meus primeiros duzentos cordéis. E a gráfica, na época, a Gráfica de Rebouças, me deram mais vinte exemplares. Isso aconteceu numa terça-feira. No sábado, eu não tinha nenhum exemplar, tinha vendido todos. [...] com uns dois meses depois foi quando lancei *As Coisas do Meu Sertão e o Duelo de um bebo com um crente mal educado* que se tornou um gracejo...E aí por diante começou a minha vida artística. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Nesse trecho da narrativa do poeta, pontos foram relevantes, quais sejam: o retorno à escola e o seu êxito quanto a assumir-se como poeta. Após 15 anos fora dos bancos escolares, matriculou-se no 3º Nível<sup>88</sup> em uma escola de Educação de Jovens e Adultos, distante a 10 quilômetros da sua comunidade. No excerto, é observado que o teor das dificuldades da permanência na escola persistiu. Situação muito parecida com a vivida na infância.

Na condição de “arrimo” de família precisava largar os estudos para lutar pela sobrevivência. Reconheceu o caminho doloroso de privações como o alavancar da sua descoberta como poeta e assim construir uma nova forma de escrever a sua história. A partir dos estudos de Josso (2010), percebo o poeta ter ressignificado a sua história de vida a partir dessa experiência formadora para o seu processo formativo e autoformativo. No olhar de Josso (2010, p.37):

A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, por que o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida.

Na diversidade de laços de afinidade tecidos por Nildo da Pedra Branca no processo de (auto)formação, a experiência foi edificante. Ao ser incentivado por seus professores, ele tomou consciência da sua condição de poeta. Constatado, nessa situação, um redimensionamento humano e profissional do narrador. O seu fazer poético transformou a sua existência. O assumir-

---

88 Hoje, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais

se poeta se revela como uma “experiência-formadora”. Ele podia identificar-se e era identificado como poeta. Foi uma trilha de busca, conquista e prazer. As suas narrativas descortinam os fios, que conduziram à constituição do sujeito aprendente.

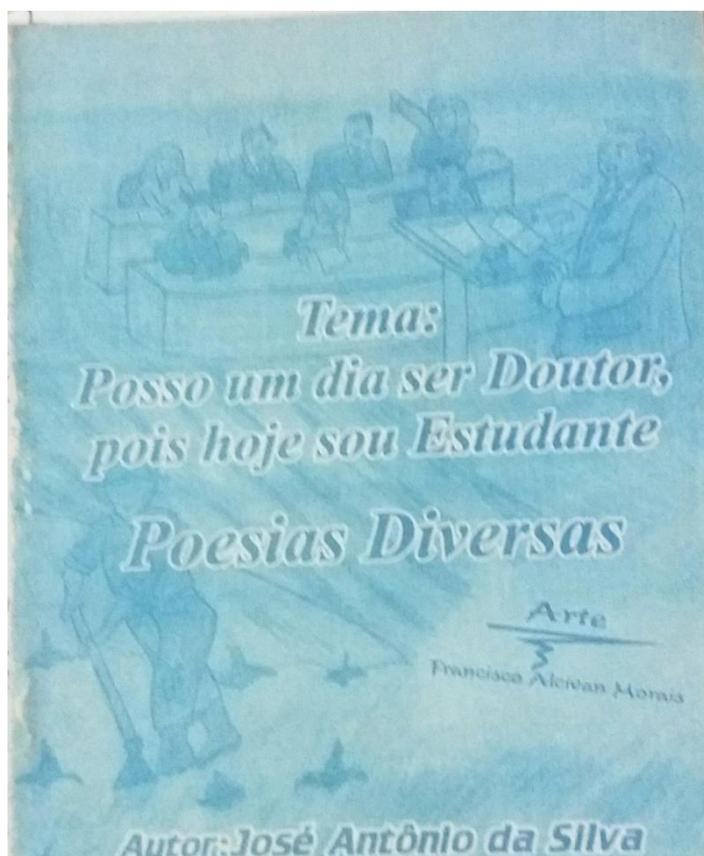


Foto 20 - Exemplar original do primeiro Cordel publicado por Nildo da Pedra Branca.

Fonte: Acervo do poeta Nildo Pedra Branca (05/03/2005).

Na foto acima (Foto 20), o registro fotográfico do único exemplar do primeiro cordel publicado pelo poeta no ano de 2005. Ele o guarda com muito zelo. Na época da citada publicação, assinava os seus trabalhos com o nome de batismo. A nova assinatura com a marca e o aroma do lugar Pedra Branca surgiu três anos após os seus primeiros folhetos, como sugestão do poeta mossoroense Antônio Francisco.

Em seus argumentos, Antônio Francisco alegou que o nome Nildo Silva não causava tanto impacto quanto o “rochoso” e forte Nildo da Pedra Branca. Para o nosso narrador, o reconhecimento dado por um baluarte da poesia como o poeta Antônio Francisco lhe deu exuberante alegria. Falou-nos da impressão de sua mãe o ter parido naquele dia. O batismo artístico com o recém-adquirido nome, aflorou o sentimento de ter nascido de novo.

Na continuidade da sua fala, ressignifica a narratividade com lentes aumentativas da cena. Ao mexer no seu baú de memórias, encontrou a opacidade de um momento traumático. Junto com as lembranças do percurso de assumir-se poeta e enveredar pelos palcos, um sentimento de tristeza e uma preocupação por vezes o visitam. Ele expressou a dor provocada pela humilhação de conviver com a ausência de apoio e falta de valorização de sua arte pelo poder público. A narrativa construída pelo poeta ilustra o sentimento de desvalorização de sua arte.

As dificuldades, elas se misturam com [...] como é que eu posso dizer? Com a desvalorização, discriminação. Um dos lamentos piores que eu vejo, um exemplo, pra se apresentar em Mossoró Cidade Junina<sup>89</sup> – O maior São João do mundo, o maior São João do Nordeste têm aquelas propagandas mentirosa. Não passa de uma mera ficção. O governante que entra, seja ele quem for. Eu acho que tá com três ou quatro que eu conheço de perto e todos que entram e diz “valorização do artista da terra”. Não é uma valorização [...] esse ano, no Mossoró Cidade Junina, foi expulso do palco eu, Maurílio, Raimundinho, João Gavião, Antônio Francisco, Luís o baixista. [...] Quando Maurílio tava cantando a primeira música, chegou outra pessoa e disse: ‘você têm só uma hora e toquem ligeiro por que vai uma banda aí, essa banda vai subir nesse palco’. [...] fizemos 20 minutos de apresentação e vim me embora morrendo de pena. Os outros artistas, um se lastimava, cada um dizia uma coisa. São atos que deixa a gente constrangido, a gente sem chão. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

No momento dessa fala, o poeta parecia revirar as páginas de um livro de contos de uma trama dolorida. Na medida em que narrava os fatos, era possível perceber o poeta revisitar os lugares. Parecia reconstruir as cenas em desenhos mentais. Ao rememorar os fatos de quando foi retirado do palco do evento que deveria legitimar a voz da cultura dos artistas locais, o tom da voz, a expressão do olhar e a linguagem corporal mudavam conforme o enredo da trama. Expressou em longos segundos o testemunho de um ressentimento. A narrativa dolorosa sublinha um lamento da alma, uma dor coletiva. Sobre esse ressentimento Elias (2001, p.136) enuncia alguns aspectos a saber:

Esse ressentimento surge quando um grupo *outsider* socialmente inferior, desprezado e estigmatizado, vê-se pronto a exigir a igualdade não apenas legal, mas também social, quando seus membros começam a ocupar na sociedade majoritária as posições que lhes eram antes inacessíveis ou seja, quando começam a entrar diretamente em competição com os membros da maioria enquanto indivíduos socialmente iguais.

---

89 Um evento junino realizado anualmente na cidade de Mossoró/RN, durante o mês de junho.

Nesse contexto, a luta de Nildo da Pedra Branca ao postular um espaço de respeito e valorização aos artistas da terra, narra o ressentimento do grupo à margem das convenções sociais e da ordem instituída, como forma de resistência emergida pela contestação. Ainda no cenário dos sentimentos doloridos, o poeta sujeito da pesquisa consegue, com profunda sensibilidade, revelar uma preocupação:

Eu tenho medo, por exemplo, daqui há 15 anos, talvez eu não exista, possa até existir e não ver mais uma pessoa com 30 anos de idade ou 20 anos de idade vivendo da literatura de cordel em Mossoró. Se pudesse, passaria toda semana, tava dentro de uma sala de aula, tava em qualquer canto mostrando, insistindo, porque o cordel já resistiu a tantas guerras. [...] mas na nossa região é lamentável uma cidade do tamanho de Mossoró... não tem apoio. Tamo perdendo s talento e não tá surgindo ninguém, por não ter apoio. Isso é preocupante. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

É pertinente destacar nessa fala do poeta Nildo da Pedra Branca sua indignação sobre a falta de respeito dispensada pelo poder público à cultura popular. O poeta supracitado traz consigo a inscrição do cordel como parte da nossa herança cultural. Uma poesia que comunica o lugar, diz das pessoas e tradições de um povo. Ela expande a sensibilidade humana, faz o ser humano refinar os sentidos e alargar a percepção de si e do mundo. Em analogia ao ato do cultivo do roçado, o narrador salienta, “[...] o terreno sem adubo, sem semente, sem o acariciar a terra e amor à plantação, não permite o fecundo desabrochar das flores e fruto”. As políticas públicas carentes de incentivo e apoio à cultura popular não germinam os grãos da beleza através dos encantos do cordel e, assim, não disseminam a literatura de cordel a outras gerações. Ele finaliza: “Se pudesse toda semana tava dentro de uma sala de aula, tava em qualquer canto mostrando o pulsar vivo do cordel e insistia”. No instante dessa fala, vimos nos olhos marejados do poeta o desejo de manter viva sua arte.

Esse fragmento pode explicar, a partir das ideias de Certeau (2005), as táticas criadas e utilizadas pelos sujeitos comuns, “as burlas”, para escaparem das situações de domínio impostas pelos mais fortes. O poeta aponta como dimensão para o êxito e preservação da literatura de cordel a educação. Ir às escolas, como faz o poeta em seu cotidiano, revela-se como uma prática de natureza tática, por transgredir a ordem dos mais fortes. A voz de bravura e resistência da cultura e identidade sertaneja faz morada em seus versos. É difícil não beber na fonte da esperança cultivada por nosso narrador.

### **3.2 O poeta na peleja de sua escolarização: reminiscências doloridas entre o desejo de estar na escola e o abandono pela necessidade de trabalhar**

De olhos fitos no horizonte, como quem buscasse o cortar do relâmpago no céu, os fios da memória do poeta camponês teciam as lembranças da aventura de experimentar o chão de uma escola, lugar, na sua trajetória de vida, de reinvenção de si. Estudar não poderia ser uma atividade incluída no rol dos compromissos prioritários e afazeres da família. Em muitos momentos, ao relatar os sofrimentos de sua vida, o poeta se emocionou, por exemplo, quando falou das dificuldades para estudar. Todos da casa, adultos, homens, mulheres e crianças, possuíam como opção primeira o trabalho na roça, motivados pelas condições de vida e obstáculos característicos desse território.

A importância da educação em sua vida e o lamento pela falta de oportunidade para estudar foi um ponto significativo em nossas conversas. Tomo, neste momento, o caso da sua relação de peleja com a escola. Em seu relato, o poeta evoca uma memória do pai carregada de admiração. “O velho Pai”, sertanejo, lavrador e não alfabetizado foi o responsável por concretizar a chegada da escola no Sítio Pedra Branca. No ano de 1979, seu Luíz Venâncio doou uma casa para a sede da escola na comunidade. Nesse cenário, Nildo da Pedra Branca iniciou sua trajetória de escolarização, aos sete anos de idade. Ao revisitar as suas lembranças dos primeiros anos escolares o poeta elabora a seguinte narrativa:

Existia escola no Jucuri e era distante pra gente ir. Pelo menos o primeiro e o segundo ano, tinha que fazer aqui na Pedra Branca. E minha irmã estava concluindo o LOGOS II. Era ela e Maria das Graças. Então, de imediato, o diretor do Jucuri, que era Expedito Dantas, disse: ‘você vão ter que ficar sendo professoras aqui, que você já tão concluindo’. Então, meu pai doou essa casa pra ser a escola [...] Da família de doze irmãos todos aprenderam a ler. Todos estudaram muito pouco. O material, quem comprava era a minha irmã, que era a professora e também ela trazia de amigas dela. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Antes do seu Luíz Venâncio trazer a escola para a comunidade, as crianças da Pedra Branca precisavam se deslocar para uma comunidade distante a seis quilômetros. Muitas delas não possuíam condições para o deslocamento e abandonavam os estudos. Ver a escola no seu próprio quintal não significou a quebra de barreiras, quanto ao acesso e permanência do menino Nildo no ambiente escolar.

Em sua caminhada inicial de escolarização, o poeta narra ter trocado, em várias ocasiões, o caderno e o lápis pela enxada e o machado. Por esse motivo, foi reprovado repetidas vezes. A pouca idade não o impedia de realizar o trabalho duro no roçado. Não se tratava de uma escolha individual para começar a trabalhar, mas de não ter as condições para estudar. Dos seus doze irmãos, apenas uma obteve êxito na educação formal e se tornou a primeira professora da escola da comunidade. A falta de sucesso na caminhada escolar dos demais não pode ser atribuída ao esmorecimento ou falta de interesse pelos estudos. O fato do seu pai ceder a casa para a escola da comunidade demonstra o valor positivo e a importância dos estudos para essa família.

Da informação relacionada ao pouco tempo de escolarização e baixo nível de escolaridade dos irmãos do poeta, destaco a falta de acesso à educação, um direito fundamental, assegurado pela legislação do nosso país, mas ainda distante da vida de muitos cidadãos brasileiros, sobretudo, das classes populares. As condições socioeconômicas no contexto de um sistema marcado por relações construídas à luz das desigualdades sociais, como o do Brasil, tangenciam as classes menos favorecidas às margens e alijadas dos seus direitos. Logo, a educação para as classes menos favorecidas firma-se como estratégia<sup>90</sup> de inclusão social.

A partir de uma educação libertadora, na qual a conscientização se apresenta como uma das principais tarefas dessa concepção, Freire (1967) propõe uma nova maneira de ler o mundo. Em seus estudos, ele defende a educação como uma ferramenta de transformação social e chama atenção para o que denomina de exercício da esperança. Para Freire (2014, p.16) é necessário “[...] desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados”. No ideário freireano são encontrados contributos para a feitura de uma sociedade mais justa e inclusiva, a mesma esperançada por Nildo da Pedra Branca.

Ao narrar os anos de estudo na escola fundada em sua casa, o poeta recordou as relações estabelecidas com as professoras e os colegas. Demonstrou uma relação construída com uma

---

90 Estratégia utilizada, aqui, segundo Certeau (1994), para o referido autor o cotidiano é um “espaço praticado”, produzido histórica, social e temporalmente, por praticantes, sujeitos simples que fazem esse cotidiano por meio de tecnologias do agir que configuram estratégias ou táticas. Elas podem ser silenciosas ou explícitas em práticas de astúcias para a superação das adversidades diárias que garantam sua sobrevivência.

grande aproximação e vínculo afetivo. Apontou com saudade as amizades e guarda em suas memórias ternas lembranças da sua primeira professora e irmã, Maria das Graças, considerada, por ele, sua segunda mãe.

Apesar do olhar afetivo lançado à escola as primeiras letras, o personagem também falou sobre a produção de marcas negativas referentes às atitudes autoritárias de docentes. Em sua narrativa, evidenciou o uso dos instrumentos de punição e outros dispositivos disciplinadores, como a palmatória. Sobre os citados instrumentos disciplinadores, Nildo da Pedra Branca, diz-nos “[...] eu alcancei à palmatória no primeiro ano [...] Eu não entendia bem porque batiam”.

Quando questionado sobre os motivos pelos quais os alunos sofriam punições, relatou ter levado “bolos com a palmatória” duas vezes, pois era considerado um aluno de bom comportamento. Os castigos eram destinados aos alunos com dificuldade em aprender o conteúdo e para aqueles com comportamentos inadequados, os considerados indisciplinados. Estimulado a refletir sobre o significado dessa experiência, afirmou: “[...] representava o coronelismo, a ditadura, a arrogância. Você botar na cabeça, você sendo um monitor, um professor que vai ter que bater no aluno pra que ele melhore. É uma tristeza!” Conclui o poeta Nildo da Pedra Branca, com um olhar de reprovação.

O testemunho revelador dos procedimentos autoritários dos professores, urdido em sua narrativa, demonstra o que Freire (2005) identifica o discurso opressor. Vale destacar, as ideias freireanas se opõem aos procedimentos autoritários mencionados. O educador pernambucano sustenta o diálogo como prática essencial para o ato de ensinar e aprender. Na sua visão, o diálogo é o princípio da libertação do sujeito. Freire (2005, p.59) enfatiza “O diálogo crítico e libertador, por isso mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação”. Sob essa ótica, o aluno é um sujeito com direito à voz, e as relações não são domesticadoras ou de subserviência, como as relações descritas pelo personagem desta pesquisa.

O poeta narrador não esconde a sua predileção por sua primeira escola, mas, passados os três anos iniciais, era chegada a hora da travessia. No ano de 1984, deu continuidade aos estudos na escola da comunidade do Jucuri, distante a seis quilômetros da Pedra Branca. Caminho longo e difícil feito sobre pedras, poeira, travessias de currais e espinhos. Na sua narrativa, fica viva a questão da ida para a escola Municipal Ricardo Vieira do Couto, que lhe impunha mais dificuldades ao seu trajeto de escolarização. Ele traz à tona as primeiras lembranças da nova escola:

Eu fui reprovado logo os dois primeiros ano, na 4ª série, porque eu ia trabalhar. Eu era reprovado por falta. Eu fazendo a 4ª série com a finada Francisca Lucas de Paula. Quando eu passei da 4ª série pra 5ª série, eu tava com sessenta e duas faltas. Aí ela disse: ‘José Antônio, você está reprovado por falta, mas as suas nota tá perfeita...você tem uma inteligência’. Na 5ª série, reprovado também logo no primeiro ano, pra trabalhar. [...] meu pai me aproveitou mais na roça, eu já tava com quase 15 anos. Eu gostava de estudar e gostava também de trabalhar mais meu pai. [...] é claro que eu achava a escola muito interessante, mas na hora que eu via o meu pai sozinho duía por dentro. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Dividindo o tempo entre o trabalho na roça e o desafio no caminho para chegar à escola, o menino Nildo se depara com mais uma barreira em seu processo de escolarização, a reprovação. Nessa nova escola, acumulou uma sucessão de reprovações. Fica claro, na sua fala, o seu interesse pelo espaço escolar. Possuía boa relação com a aprendizagem, mas isso não bastava para o alcance do sucesso escolar.

Sigo de ouvido aguçado, a escuta atenta daquele que carrega os versos dentro de si, narrativas, muitas vezes, seguidas por muitos palmos de poemas. No lastro das memórias do seu tempo de escolarização, as lembranças parecem saltitar da mente do poeta. Rememora, neste momento, a conquista do seu primeiro prêmio com a declamação de cordéis. Emocionado descreve a proeza da seguinte forma:

A primeira poesia que eu vi dentro da escola, na escola, numa terceira série. Assim, mandaram eu decorar uma poesia. Essa professora também já é falecida, Gilka Fernandes dos Santos, chamavam ela de Moça. Na 3 série, eu tava no Jucuri. Ela mandou eu decorar uma poesia pra o dia da independência, quando arquear a bandeira. Mas, era só uma quadrinha. Eu tinha o que? dez, onze anos. A poesia: ‘estando no Riacho do Ipiranga, ao seu lado ele parou tirando a espada da bainha com fé bem alta brandou.’ Eu sei que quando eu disse esse verso, que me pediram pra decorar, a diretora me deu o material escolar. E em seguida, com três dias após, teve uma bela voz pra criançada lá. Uma pessoa com violão e eu fui cantar na mais bela voz. Eu sei que eles (professores) me admiravam. Eu achava que admiravam, eu era uma pessoa diferente, né? (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

No trecho acima, vemos uma reflexão pertinente, quando ele admite se reconhecer uma pessoa diferente. Ao ser questionado sobre essa diferença o nosso personagem deixou transparecer que a habilidade em memorizar os cordéis e a desenvoltura em declamá-los em público causava respeito e admiração por parte dos professores e dos colegas. A fala revela o entremear da arte em sua história de vida como um elemento para o empoderamento do poeta.

Nildo da Pedra Branca, ao se afirmar como sujeito de ação, reconheceu suas próprias forças, passou a ter confiança em si mesmo.

A intensidade e a riqueza das histórias do poeta pronunciam o seu empoderamento, defendido por Freire (1979) como algo que acontece na vida do indivíduo com o propósito de melhorar sua autoafirmação, experiência vital para que tenha as condições de alargar seus horizontes e perspectivas de vida. Através desse processo de crescimento, o poeta transforma-se em sujeito ativo e fortalece suas competências, os seus posicionamentos nas tomadas de decisões e enfrentamento de situações diversas e adversas. No retorno ao olhar lançado à trilha do vivido no seu tempo de escola, surge na fala do nosso interlocutor um instante de pausa e silêncio. A narrativa sublinha um lamento sem demonstrar marcas de revolta ou lamúria. “Em 88, eu parei na 5ª série. Aos dezesseis anos, abandonei de vez. Fui trabalhar de carteira assinada para ajudar em casa”.

Na compreensão que traça em sua narrativa, as barreiras impeditivas da sua escolarização o acompanharam ao longo de sua trajetória, desde a mais tenra idade à fase adulta. Dentre as memórias evocadas, o poeta fala com frequência sobre as reprovações e o abandono. Discorre também sobre as suas privações e negativas ao direito à educação.

O dito revela os anseios e necessidades não apenas do sujeito Nildo da Pedra Branca, mas de uma parcela da sociedade brasileira residente em espaços rurais, cidadãos obrigados a conviver com a escassez de políticas públicas de educação para os meios rurais. O deslocamento dos sujeitos da comunidade rural para as escolas da cidade de Mossoró aparece com frequência na voz do interlocutor como uma das principais causas do fracasso escolar dos alunos da comunidade.

Após abandonar a escola, na adolescência, Nildo da Pedra Branca passou quase duas décadas distante da escola formal, quando, em 2004, se matriculou na Modalidade de Jovens e Adultos, na escola municipal Alexandre Linhares, em Mossoró/RN considerada por ele, a instituição de ensino mais próxima da sua comunidade. Ao vasculhar a sua memória atrás dos achados dessa experiência, a fala impregna-se de positividade, resiliência e superação.

Quando eu comecei a estudar, o estudo me salvou em tudo. Os professores, alunos, a sala de aula [...] eu não precisei mais voltar pra roça, nem precisei de trabalhar como funcionário de empregado. Então, a minha sobrevivência veio de dentro da escola. Depois de adulto, eu acabei de criar a minha família com cordel. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Ao interpretar esse fragmento da narrativa do poeta, sobre o papel da educação na sua vida, vejo, na sua trajetória, a reinvenção de si, através da educação. Verifico o empoderamento desse sujeito. Tais observações me fazem lembrar de Freire (1997), quando se reporta a uma educação emancipatória do ser. Para esse educador, os sujeitos, por meio da educação, se descobrem como homens no mundo, capazes de transformar a realidade. Compreendo, também, a escolha do poeta pela escola como tática para a preservação identitária do cordel para as gerações futuras.

Nessa mesma escola, Nildo da Pedra Branca concluiu o ensino fundamental anos iniciais. No ano de 2007, deu início ao ensino médio, em outra escola. A cada empreitada uma nova peleja. Segundo o poeta, no início do ensino médio:

Aconteceu a greve e eu também sofri perseguição à noite, quando vinha de moto. Então, passei a ir em ônibus escolar. Fiquei com medo de ir de moto, tentativa de assalto, tentei me livrar. Outra vez, atiraram, quando eu vinha né? Atiram em mim. Desci a pista, era assalto. Não, agora só vou pra escola se for em transporte escolar mesmo, que tinha o ônibus. E ainda passei um mês, mais ou menos, indo. E aí atrasou, o governo na época atrasava, não pagava o transporte escolar e eu também acabei não indo. Depois, eu resolvi ir na moto. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Em suas lembranças, estão guardadas as dificuldades no trajeto da conquista da escolarização formal. Fluem da sua memória os desafios e ganhos para o seu processo formativo, no percurso considerado por ele inconcluso. A determinação e a busca pelo saber o têm levado a enfrentar e superar os seus limites, rumo à conquista de novas possibilidades. Pela força da voz e da vida versificada, o poeta conta sobre as tentativas ainda sem êxito de ingresso para o ensino superior. Na última delas, fez a opção pelo Curso de Licenciatura em Educação no Campo (LEDOC)<sup>91</sup>, ofertado pela Universidade Federal do Semi-Árido.

[...] me inscrevi no LEDOC, já tem quatro anos atrás. Quando cheguei o tema era esse, a redação era essa: o campo, o campo antes e hoje. E então, essa redação eu vou fazer em forma de poesia. E fiz a redação em forma de poesia

---

91 O curso visa contribuir para a valorização da educação do campo, voltada para a realidade do semiárido. Os(as) educadores(as) do campo formados pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) estarão preparados para compreender a realidade social e cultural específica das populações que vivem no e do campo e incorporar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento social. O curso pretende conferir o Diploma de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação para docência multidisciplinar nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio. As habilitações são: “Ciências Humanas e Sociais” e “Ciências da Natureza”. Este curso é ofertado em regime de alternância entre Tempo Escola e Tempo Comunidade. Disponível em: <<https://prograd.ufersa.edu.br>>. Acesso em: 17 set. 2017.

e sabia que não era legal pra quem tava à frente. A comissão não aceita aquilo, jamais iria aceitar, mas eu digo, eu vou arriscar. Então, eu não passei na redação. [...] eles zeraram minha redação por conta disso. [...] E depois eu fui convidado para fazer uma apresentação para os alunos do LEDOC, eu fui. E falei: ‘eu escrevi de propósito mesmo’. E um indagou: ‘mas pra que você fez isso? Você sabe, se você tivesse feito uma redação simples até você tinha passado, porque ninguém nunca quebrou isso.’ É por isso que eu fiz dessa forma, eu fiz a propósito, por que ninguém nunca fez. [...] eu queria que quem fosse mudado fosse esse sistema de vocês. [...] O que que tem uma redação em forma de poesia? É uma lei? Isso é uma lei que foi criada? Tem um número essa Lei? Foi registrada? É crime? É pecado não passar na redação porque fez em forma de poesia? Deixo a pergunta no ar. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Desses fragmentos de fala do narrador, salta a busca por novos saberes, nos mais variados espaços sociais, e do controle de sua própria vida e história. Crava a sua marca alojada na resiliência, superação e determinação diante das interdições. Dos achados referentes às experiências formadoras, que potencializaram a sua trajetória formativa, em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, a experiência nas tentativas de acesso ao ensino superior denota a garra com que luta contra as barreiras impostas pela vida.

O poeta demonstra significativa capacidade em se reconhecer como sujeito em potencial e superação. Ele inspira o exercício da luta e da esperança, quando diz: “[...] eu queria que quem fosse mudado fosse esse sistema de vocês”. O posicionar-se cravado nessa fala do poeta, frente aos desafios e criticar os procedimentos autoritários de uma instituição, responsável por difundir a ideia do conhecimento oficial como o único saber válido, trata-se de uma perspectiva da ordem do estranhamento das condições de desvantagens e inquietar-se diante delas.

No evento narrado, convém observar uma forma de resistência à uniformização das rígidas normas do universo acadêmico. O poeta Nildo da Pedra Branca aponta profunda indignação e, ao indagar sobre a rigidez dos processos e o seu não ingresso no ensino obstaculizado por impedimentos legais, desafia a academia a quebrar paradigmas. “O que, que tem uma redação em forma de poesia? É uma lei? Isso é uma lei que foi criada? Tem um número essa Lei? Foi registrada? É crime? É pecado não passar na redação porque fez em forma de poesia? Deixo a pergunta no ar”.

No dizer do narrador, a tentativa da ordem posta, em circunscrever a sua participação na academia, é algo distante do seu entendimento, pois ele se percebe como um sujeito de trânsito livre nas várias esferas sociais. Conforme podemos vislumbrar no seguinte fragmento narrativo:

Eu sou convidado por professores das universidades pra fazer oficina de cordel, sou convidado pelo padre da comunidade para acompanhar a missa, sou membro da Academia Mossoroense de Cordel. Sei entrar e sair desses lugar como o meu pai me ensinou com dignidade e de cabeça erguida. Resolvo minhas coisa, pago meus imposto, participo das lutas e movimentos sociais. Então, por que a trava tão grande nas porta de um Curso Superior? (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Essa forma de resistência narrada, desse produzir-se intenso, combativo, questionador e, por vezes, subversivo, em busca da apropriação do saber, se constitui uma forma desse sujeito se apropriar da própria vida, de auto afirmar-se, de teimar em ser protagonista e não apenas receptor passivo. Para Charlot (2000, p. 60): “Adquirir saber permite assegurar-se de um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, [...] e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente”.

Com base nas ideias de Charlot (2000), é possível perceber que para o poeta Nildo da Pedra Branca ter conhecimento é se empoderar, pois a partir dos conhecimentos conquistados, o sujeito passa a explorar mais seus direitos e impor-se diante da sociedade desvalorizadora do seu papel na sociedade. O anseio de mudanças, o desejo pelo conhecimento, a vontade de aprender e de conquistar novos espaços, assim como de lutar por uma sociedade mais consciente, apresentados em seus relatos, denotam o seu empoderamento no ofício do viver.

Na construção da sua narrativa, o seu potencial autoformativo, movido pelo desejo de ingresso na academia, em busca pelo conhecimento-emancipação, evidencia a relação dialógica com a nossa pesquisa. O poeta desbrava um caminho na busca de legitimidade dos seus saberes na academia. Em consonância, este estudo intenciona trazer a voz esquecida desse sujeito simples, colocado à margem de espaços relevantes da sociedade, para o espaço acadêmico, no intuito de desamararrar os nós, que mantêm atada a compreensão do saber científico como conhecimento único e superior.

A fala do nosso narrador me leva a refletir com os estudos de Freire (1979) acerca da conscientização e desenvolvimento da consciência crítica. Segundo Freire (1979, p.28), “[...] quanto mais conscientizados nos tornarmos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”. Conforme o ideário freireano, o nosso narrador Nildo da Pedra Banca ultrapassou o estágio da consciência ingênua e alcançou a consciência crítica. Ele assenta o seu processo formativo na busca pela autonomia. Na sua constante interação com o mundo, o poeta, no ato de responder aos desafios da vida, lê a realidade, engaja-se e age para transformá-la.

### 3.3 Do sertão de lutas aos palcos dos Movimentos Sociais: memórias de conquistas tecidas entre sonhos, suores e versos<sup>92</sup>

Volto a folhear minhas memórias. Em um rápido sobrevoo às reminiscências do meu primeiro encontro com o poeta e suas histórias de vida nos locais da pesquisa, relembro a sua experiência cercada de encanto e admiração. A foto abaixo (Foto 21) registra uma roda de conversa com as crianças da comunidade, realizada no dia 12 de agosto de 2017. Na intensidade do sol, no terreiro da casa do poeta-narrador, o alpendre foi o seu palco. No momento da foto (Foto 21), o poeta desfiava suas narrativas, as ricas miudezas<sup>93</sup> das suas experiências de vida e do cotidiano, às crianças da comunidade de Pedra Branca.



Foto 21 - O poeta Nildo da Pedra Branca em sua residência, narra sua história de ida para as crianças da sua comunidade.

Fonte: Arquivos da autora (12/08/2017).

A cena foi um convite à apreciação do momento. Guardei o meu material e recursos planejados para a narrativa com o personagem da nossa pesquisa e entreguei-me ao deleite. Sacudi a poeira, desacelerei o ritmo do viver frenético de cada instante e joguei-me como parte

92 As memórias do poeta provocaram a inserção deste tópico, construído no percurso das sessões (auto)biográficas. Na voz do narrador, encontra-se impregnada a sua formação humana e profissional, potencializada pelos saberes adquiridos nas experiências com os movimentos sociais. Saberes e fazeres mobilizadores à vida e à construção da própria cidadania.

93 O termo utilizado com sinônimo de minúcias e pormenores.

daquela paisagem. Fechei os olhos e pude lembrar muitas vezes das histórias e dos versos que semearam a minha infância. Em silêncio, sentimentos como admiração, prazer, espanto, satisfação e felicidade tomavam conta do meu ser. A narrativa acompanhada dos versos seguia um ritmo lento, como em obediência a outro tempo. O dedilhar da viola pincelava uma atmosfera mágica. Sentir as crianças sem pestanejar embaladas e envolvidas pela experiência embebedou-me a alma. Aquela apresentação tinha ares e concheio de um programa familiar. Diante do cenário, refleti quão fecundo é o mundo das narrativas.

A imagem da roda de narrativas do poeta com as crianças dá o tom ao pensamento de Benjamin (1994, p. 42), quando afirma: “[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e que elas se perdem quando as histórias não são mais conservadas, quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”. Um dos problemas centrais discutidos pelo crítico alemão diz respeito ao empobrecimento ou declínio das experiências, o que, na sua opinião, leva ao definhamento do espírito da arte narrativa. Em seu ensaio, *O Narrador*, Benjamin (1994) anuncia sobre o desaparecimento e a morte da arte de narrar. Para ele, “[...] se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

De conversa suave e tom acolhedor, nos longos dedos de prosa, o narrador, Nildo da Pedra Branca, informou sobre a dinâmica das rodas de conversas como algo impregnado em sua rotina. Através de projetos, como o *Misturando Poesias* e o *Natal* para as crianças os quais realiza na comunidade, ele resgata as formas tradicionais das narrativas. O exemplo da prática do poeta permite ilustrar a possibilidade esperançosa de manter a valorização de experiência e o intercâmbio pela narração oral de histórias.

Contar e ouvir histórias são ações intrínsecas ao ser humano. Nós somos sujeitos de narrativas. O ato de narrar significa um reencontro de experiências disseminado de pessoa a pessoa, capaz de deixar estampados na memória das gerações elementos essenciais à vida dos sujeitos. Narrar fatos, vivências e experiências nos permite compreender quem somos e como nos tornamos quem somos.

Na escuta do outro, ou seja, nas narrativas (Auto)biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca, percebo uma dimensão relevante do seu processo de formação pessoal e profissional: o caminho trilhado pelas lutas e o engajamento social. O lembrar a história de vida do sujeito propicia conceber a forma como o sujeito se faz e se forma no caminho da existência. Nesse instante, cravei o meu olhar para esse aspecto da composição do meu narrador. O caminho escolhido por ele para cultivar o aprender, trilhar os sonhos e encaminhar a vida no contexto de

engajar-se e preocupar-se com o outro, através dos movimentos sociais, espaço de troca de conhecimentos e contextos de formação.

Em nossos encontros, o ato de narrar possibilitava a Nildo da Pedra revisitar sua história. No contar e ouvir instalou-se a partilha do vivido, numa possibilidade de ampliação do eu e do outro. No encontro do dia 12 de setembro de 2017, estávamos à mesa no terreiro. Acompanhava-nos o canto dos pássaros, as galinhas com suas ninhadas, as canções dos rádios da vizinhança e uma forte ventania. Entre um cafezinho e um punhado de versos, o nosso narrador apresentou alguns exemplares de jornais, que guarda com orgulho.

Na foto a seguir (Foto 22), o poeta aparece como líder na linha de frente de um movimento na luta por melhores condições de vida para os moradores do Assentamento Independência, localizado a quinhentos quilômetros da comunidade de Pedra Branca.



Foto 22 - Veículo de comunicação escrita da cidade de Mossoró destaca o protesto dos moradores do assentamento Independência/Sítio Pedra Branca por melhorias de infraestrutura.

Fonte: Arquivos do poeta Nildo da Pedra Branca (29/06/2007).

Por considerar a construção dos saberes em diversos ambientes do contexto social, quando me debrucei sobre as memórias do nosso narrador em relação aos seus laços com os movimentos sociais, me senti seduzida pelos fortes traços e ideais de luta e de liberdade apontados em sua narrativa. Mostrou-me a reportagem e, a partir das memórias, percorreu um

caminho de dores, suores e tensões, como se o tempo e os fatos estivessem sendo vividos naquele instante. Apontou o olhar para a direção inversa do local onde estávamos e narrou:

Essa Terra (o assentamento destacado no jornal) que hoje é uma terra de assentamento, parte dessa terra pertenceu a meu avô e pertenceu a meu pai. Então, nós fomos vendidos dentro dessa terra. O dono dessa terra era um tio da minha mãe, com o nome de Zecão. Vendeu essa terra a Chiquinho Germano com nós dentro, em 1976. [...] Então, Chiquinho Germano retirou, expulsou pai e meu avô do terreno e deu uma indenização que se ele num quisesse dar um centavo não teria dado, porque ele comprou. Lembro pai com 12 filhos dentro de casa. [...]. Saímos dessa terra, é a 500 metros da Pedra Branca. Em 94, essa terra foi invadida por os sem-terra. Entrou eu meu irmão, dois irmãos e sobrinho. Entramos também para ganhar essa terra e agente conseguimos ganhar. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

As vivências trazidas por essas memórias reafirmam a história de vida do poeta, atravessada pela terra/chão. Com apenas quatro anos de idade, o poeta, sujeito da pesquisa viveu o processo de ruptura com o que considera sagrado, a sua terra/chão. A sua família ficou “desgarrada” da terra. Ele tem memórias vivas daquela época: as dificuldades do pai por não ter para onde ir com seus doze filhos. Lembranças impressas no tecido da sua existência. Para ele, aquele traumático episódio demarcou em seu ser o que faria ao longo de sua vida: somar nas lutas em defesa pelos mais fracos e pela terra.

Lutas e purgações são conferidas nos fragmentos da sua (Auto)biografia. A experiência é representada na narrativa: “[...] então, nós fomos vendidos dentro dessa terra. Meu tio segundo vendeu essa terra a Chiquinho Germano com nós dentro”. Em tom de denúncia, o poeta Nildo da Pedra Branca expressa a sua purgação a respeito das relações de dominação, traduzidas numa projeção dominação/dominados e de posse e subalternização das classes inferiorizadas. Na sua reconstrução da memória, assinala nunca ter se conformado com a injustiça social. No último fragmento da narrativa o poeta revela um alento: reaver a terra da família. O regresso àquele chão tem o sabor de justiça feita, significa o orgulho por ter lavado a honra do pai e do avô.

De volta ao mote da reportagem do jornal, (Foto 22), apresentada na página 156 deste texto dissertativo, o poeta, ao “caminhar para si” (JOSSO, 2010, p.83-84) organizou suas experiências. Nas narrativas (Auto)biográficas acionou as lembranças e me contou como se deu a sua aproximação com os movimentos reivindicatórios:

Quando eu comecei essa espécie de liderança, foi ter ouvido o que o meu avô sofreu, meu pai sofreu, as pessoas dessa comunidade sofria. Eram escravos de coronéis [...] E eu via com outros olhos. Ainda existe um ranço do coronelismo na nossa região e, no momento de dezoito anos, dezenove anos, comecei

enfrentar, bater de cara com essas pessoas. Eu fui criado vendo esses coronéis e jurando que nunca ia ter medo deles. [...] eu fui crescendo nesse vazio do sertão, vendo o grande batendo no pequeno. [...] Mas eu dizia se um dia eu me entender de gente eu não vou deixar um grande açoitar o pequeno na minha frente. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Na história, revisitada na memória do poeta, a narrativa revela um contexto marcado por profundas desigualdades sociais. Expressa não uma luta por um interesse próprio, mas o seu comprometimento com a coletividade. A divisão desigual da terra e das riquezas caracteriza a história da comunidade de Pedra Branca e a do Brasil. Nesse panorama histórico, econômico, social e cultural de luta pela terra, pelos direitos da comunidade e pela garantia da sobrevivência, o poeta, sujeito da pesquisa intensificou suas lutas nos movimentos. Afirmou ter participado de protestos e movimentos em prol de causas coletivas desde a infância, quando não podia ir à escola por falta do ônibus escolar. Com o propósito de chamar atenção das autoridades responsáveis, ele conseguia mobilizar os colegas e juntos faziam protestos nas ruas da comunidade até o ônibus regularizar a rota. A luta pelo direito ao transporte escolar em sua comunidade perdura até os dias atuais.

Nas brumas da memória, nosso personagem reconstruiu as lembranças de uma manifestação realizada no ano de 2008. Na época, os alunos da comunidade corriam o risco da reprovação por falta, em virtude da ausência do ônibus escolar. Segundo os relatos de Nildo da Pedra Branca, os manifestantes atearam fogo e interditaram a pista. O protesto conseguiu atrair a vinda do Secretário de Educação do Estado à comunidade. Após uma longa reunião, o representante da Secretaria de Educação do Estado firmou o compromisso de sanar o problema.

Mesmo que componha a memória do personagem, a temática dos movimentos sociais foge à intenção deste estudo, por isso não será discutida com profundidade. Deve ficar claro que consideramos tais movimentos como espaços de educação não formal<sup>94</sup>, de aprendizagens e empoderamento. O intuito em trazê-los para a esteira da pesquisa é na busca de compreender seu caráter educativo e os saberes propiciados ao processo formativo do sujeito investigado. Em continuidade à escuta, quando indagado sobre a pauta mais frequente de reivindicações,

---

94 A educação não formal é definida por Gonh (2010, p.33) como “Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico para a cidadania, entendendo o político como formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagens e produção de saberes que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como a multiplicidade de programas e projetos sociais”.

motivadora dos manifestos, o poeta informou que as maiores peijas da comunidade foram por água, transporte escolar e a briga pela terra. Nas suas lembranças à frente dos movimentos, retomou a narrativa do episódio da luta pela terra pertencente ao seu pai e ao avô. Em suas memórias estão as imagens das situações de riscos, descritas em sua fala:

Em 94, veio a revolução da reforma agrária para invadir o terreno. Eu entrei no meio, foi uma luta grande enfrentada. Tive que dormi fora de casa. Perseguições policiais, foram alguns presos. Foi uma das maiores lutas que enfrentaram para conseguir um terreno de reforma agrária, vizinho aqui a Pedra Branca, a duzentos metros. [...]. É perigoso, já enfrentei arma. Meu pai dizia se cê não tiver cuidado cê vai morrer. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

A narrativa acima remete à construção de uma identidade de resistência a uma situação de opressão, ao mesmo tempo é singular quanto à significação da terra para o agricultor. A luta pela terra se justifica pela recomposição social, cultural e afetiva, restabelecida pelo vínculo do sujeito com a terra.

Com a intenção de saber se as experiências vividas nos movimentos sociais teriam deixado heranças e marcas na trajetória formativa e, de que forma contribuíram para sua formação nas dimensões humana e profissional, o poeta foi incentivado a buscar em sua memória o significado e as suas aprendizagens na participação nos combates sociais. Nildo da Pedra Branca expressou de modo enfático um ponto central da dimensão educativa dos movimentos para o seu desenvolvimento em sua trama de vida: “O que serviu pra mim foi melhorar os meus conhecimentos de saber o que era um líder”. Nessa narrativa, a ênfase dada aos conhecimentos adquiridos com os movimentos sociais mostra o quanto a experiência foi significativa para a sua vida. Ele disse ter aprendido muito nas reuniões, debates e discussões para decidirem, no coletivo, as causas das lutas e o modo como direcionar e organizar os participantes nos embates.

O poeta Nildo da Pedra Branca reconhece os movimentos sociais como fonte de aquisição de saberes. Segundo seus relatos, participar e estar envolvido nas atividades desses movimentos lhe permitiram vivenciar experiências coletivas de vida, resistência e o desenvolvimento do compromisso com a causa social em prol de sua própria existência. Quando diz: “A luta também te ensina” nosso narrador reforça o reconhecimento a respeito dos movimentos sociais como espaço de formação e de fortalecimento para sua permanência na luta cotidiana. Lugar que provoca o sujeito a pensar, refletir e analisar ações coletivas, essas

aprendizagens acontecem no cotidiano, no processo de luta e do próprio trabalho. Tal fato encontra consonância nos escritos de Arroyo (2003, p. 32) quando afirma:

Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação. Nos relembram quão determinantes são, no constituir-nos seres humanos, as condições de sobrevivência. A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana.

Ao estabelecer uma interlocução com os escritos do autor citado, é adequado afirmar, o caráter educativo dos movimentos sociais, confirmado pelas aprendizagens, que se desenvolve através das vivências partilhadas, do diálogo, das negociações e confrontos vividos no dia a dia das relações sociais. No seio das lutas sociais, o nosso personagem adquiriu saberes e desenvolveu competências que os qualificaram a participar de forma mais ativa da vida em sociedade, com maior grau de consciência por sua ação política na busca por direito e melhores condições de vida humana. Na sua (Auto)biografia, o poeta Nildo da Pedra Branca trouxe histórias de si e reconstruiu saberes adquiridos nos movimentos e lutas sociais, considerados por ele necessários a outras dimensões da vida:

Eu lembro que nos primeiros momento que eu entrei nas lutas sociais eu ia várias vezes pra Natal. E contar histórias da minha comunidade, às vezes fazia verso nas reuniões, nos estudos, sempre eles me colocavam pra dizer versos escrever versos, isso em 94/95. Eu ia pela CTP – Comissão Pastoral da Terra. Eu fazia parte do Sindicato. Era estudo de agricultores, de como lidar com a terra, às vezes era coisa que a gente sabia, mas o que eu via, era que eles queria que a gente passasse os versos do sertão, a música de raiz. Então fui aprendendo, aprendendo, pra saber chegar ao adolescente, a criança, professor, o médico. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

No fragmento acima, destaca-se, a reflexão do nosso narrador sobre um ambiente formativo encorajador do diálogo com o cotidiano articulado à cultura. As entrelinhas da fala do poeta Nildo da Pedra Branca me permitem fazer a inferência de que ao pensar sobre o aprendizado adquirido nos estudos e debates promovidos pelos movimentos sociais, nosso narrador aloja, nessa experiência, os primeiros passos para a sua atuação com crianças e jovens como monitor e alfabetizador<sup>95</sup> nos programas sociais como o Mais Educação e o Brasil

---

95 Para atuar como monitor e alfabetizador dos Programas Mais Educação e Programa Brasil Alfabetizado o candidato deve ter concluído no mínimo o ensino médio.

Alfabetizado. No seu discurso, encontramos o caráter de processualidade do ato de aprender. Para ensinar é preciso desejar aprender a cada dia.

### **3.4 Um galope à beira mar na esteira da formação: fecundas tramas na experiência docente e de formador do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA**

Embrenhar-me nas memórias do poeta Nildo da Pedra Branca, a percorrer rotas e caminhos entrelaçados por desafios, não constitui tarefa fácil, porém, a aventura é instigante. Por meio das relações e interações com os outros e com suas histórias de vida é possível aprender a respeito do mundo e sobre nós mesmos. As veredas do percurso da narrativa (Auto)biográfica do sujeito narrador desta pesquisa me permitiram o entrecruzar das nossas histórias, que me ensinaram a refletir sobre a minha formação e a ressignificar os meus conhecimentos. Como atividade formadora, a experiência de escuta do outro traz a possibilidade de ampliar nossa trajetória de formação e nossa própria história. As vozes narradas transformam quem narra e, também, quem escuta.

A arte de viver e aprender ganha voz e tons de musicalidade na narrativa do poeta. Sua fala se revela por um transbordar de versos, como se fosse o caminho natural de sua voz. No labor das notas, rimas com linhas e entrelinhas da poesia, sigo em busca de compreender como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (Auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Para destacar, em suas narrativas, as experiências de aprendizagem e sua formação como educador nos programas sociais, bem como as implicações para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado, iniciarei esta seção com o diálogo sobre percurso vivido pelo narrador, no processo de mediação do conhecimento com os alunos em ambientes escolares.

Na tessitura das narrativas, o personagem chamou atenção por trazer a marca de muitos rumos trilhados na sua trajetória de ocupações e profissões. Nildo da Pedra Branca disse ter sido agricultor, trabalhador braçal, agente de crédito, pedreiro, feitor de frente emergência, servente, mestre de casa de taipa, vigilante, mestre de cerca e monitor do Programa Mais Educação.

Com um olhar reflexivo sobre si, rememorou um fato muito difícil ocorrido no ano 2000, responsável pelos novos enredos e percursos profissionais após ter exercido, por muitos anos, a profissão de agricultor. Desde criança, tirava o sustento da terra. Plantava no período

do inverno e no verão arrancava toco e árvores para a feitura do carvão. Em virtude dos impedimentos legais quanto ao corte de madeira na região, o poeta precisou abandonar o assentamento e procurar um emprego na cidade. Conseguiu uma vaga de vigilante numa instituição denominada Conelho Franterno da Comunidades Integradas de Mossoró e Baraúna, apoiada pela Visão Mundial<sup>96</sup>. Desenvolveu fortes laços com essa instituição. Seus caminhos profissionais foram fortemente influenciados pelos trabalhos dessa organização, responsável por propiciar a primeira experiência de Nildo da Pedra Branca como monitor em uma sala de aula. Sobre a evocação dessa experiência, ele mesmo falou:

Comecei no CONFRACIM como vigilante. Eu participava das reuniões e estudos. Vinha instrutor de Fortaleza, vinha pessoa que fazia simpósio de Pernambuco, dos Estados Unidos, do Peru, Japão, China e diante dessas reuniões eu sempre falei demais. E disseram vamos aproveitar esse cara, ele sabe falar. Passei a ser agente nas comunidades e depois monitor. Eu era monitor do PDA Jucuri [...] Eu lecionava o cordel, a poesia popular nas comunidades, eram comunidades urbanas e rurais de Mossoró e Baraúna. Para crianças e adolescentes eu passava a oficina de cordel dentro das sala de aula, com os professores. Do trabalho foi feito o livro *Cartilha de versos e poesias: Construído a cidadania*. Os versos são das crianças que, na época, eu fiz o trabalho. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Essa sequência de episódios trazida pelo poeta, sujeito da pesquisa, em sua narrativa, exemplifica o seu olhar atento e sua determinação frente às oportunidades. A partir da leitura da nova conjuntura de não poder mais tirar da terra o seu sustento e o da família, ele se pôs na condição de agente de superação, buscou outras possibilidades e se reconstruiu. O entusiasmo ao contar a sua inserção como monitor no ambiente escolar revela uma representação positiva de si e o quanto essa experiência foi significativa em sua vida. Ele relatou não ter hesitado, em nenhum momento, ao receber o convite para ser monitor, mesmo sem ter passado por formação específica. Apostou nos conhecimentos acumulados ao longo da caminhada e assumiu a nova empreitada. Embevecido de emoção, mostrou o livro de versos produzido com a turma em que lecionou. Para ele, a experiência de lidar com gente e com situações diversas foi determinante para a sua segurança na prática do ensino do cordel às crianças e jovens.

As narrativas (Auto)biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca dialogam com os estudos de Tardif (2010) sobre os saberes dos professores. Nos resultados dos seus estudos, o

---

96 Organização não governamental com atuação no Brasil há 41 anos. Tem como objetivo ajudar crianças e adolescentes a terem acesso a programas sociais que levam educação, lazer e saúde às comunidades mais carentes. Disponível em: <<http://www.visaomundial.org.br>>. Acesso em: 06-out-2017.

autor chama a atenção para a diversidade de saberes que atravessam a prática docente e caracteriza os saberes profissionais dos professores como temporais. Admite que parte significativa daquilo que os professores sabem advém de suas histórias de vida. São saberes dependentes das condições laborais concretas em que ocorrem as suas práticas (TARDIF, 2010). Para esse autor, os saberes docentes não são compostos apenas do conhecimento científico sistematizado na academia, mas de conhecimentos plurais e heterogêneos, advindos de várias fontes e momentos.

Os relatos do poeta Nildo da Pedra Branca, destacados no tópico anterior, confirmam a importância dada aos conhecimentos imersos em sua ação, potencializados por suas vivências com e no mundo. São saberes desenvolvidos por ele no âmbito de sua atuação profissional, fincados na experiência e por ela validados. Os saberes experienciais do narrador não são etéreos, conforme lembra Tardif (2008, p. 11), são os saberes “dele”, envoltos “em sua experiência de vida, com a sua história profissional e com as suas relações com os alunos em sala de aula”. Saberes forjados na e sobre a realidade concreta.

Na voz do poeta, sujeito da pesquisa, ecoa o sentimento de satisfação sobre as suas primeiras experiências docentes. A perspectiva autoformativa está impregnada nas suas lembranças, ao dizer, por exemplo: “Uma das coisas que eu aprendi foi ser o que sou às custas dos alunos, porque com a criança você aprende a ser mais íntegro, ser mais amável. Aprendi muito com a criançada, a gente tinha aula de cidadania”.

Esse fragmento narrativo mostra a visão do poeta/narrador quanto ao espaço da sala de aula, considerado por ele um local de troca e de produção de saberes entre professor e aluno. O recorte da narrativa ainda indica a prática educativa do narrador, atravessada por questões e valores formativos para além da simples transferência dos conteúdos ou do saber dito escolar. Os valores propulsores da construção de um ensino mais humano encontram-se implícitos na relação entre docente e discente e na produção do conhecimento realizada no espaço de sala de aula. O dizer de si emocionado do poeta Nildo da Pedra Branca sobre o relevante aprendizado decorrente da experiência aguçou minha curiosidade em querer saber sobre como ocorria o processo de ensino e aprendizagem nas oficinas de cordéis. Ele ressaltou:

Começo as oficinas contando um pouco da história de vida. Conto como surgiu o cordel, como surgiu a poesia em minha vida e procuro encaixar a quadrinha... sextilha e também as normas e as técnicas como se fazer o cordel, o que precisa. Se eu converso com os alunos dez minutos já estou aprendendo com eles. Tudo que a criança diz tem sentido. Eu pergunto: que título vocês querem? O que eles vão falando eu vou captando, vou colocando aqui no

papel. Daqui eu escrevo a poesia, com as palavras deles e com eles. Sobre poesia. Na hora que a gente coloca, ele diz: Isso aqui foi eu que fiz? É como se eles tivesse saciado. É que nem uma horta, você planta uma e bota o vigia, se o vigia der às costas eles arrancam mas, se você plantar com eles e botar os meninos pra aguardar, eles num arrancam não, cuidam. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 26/08/2017, grifos nossos).

Nos trechos acima, há uma proposta de trabalho atravessada e mediada pela narrativa e pela arte. Nildo da Pedra Branca, ao detalhar a metodologia das oficinas de cordéis, deixa claro no seu fazer pedagógico o papel do aluno como protagonista, sujeito do próprio conhecimento e ativo na busca da feitura de si. Também fica nítido o papel do professor como não sendo o único detentor do conhecimento. O narrar do poeta permite inferir um modelo de aula diferente daquele centrado na transferência mecânica do saber, por meio da qual o aluno recebe os conteúdos prontos e acabados.

Para o interlocutor desta investigação não basta ensinar conteúdo sem sentir o sabor de construí-lo e vivê-lo. Desprendido de uma prescrição curricular, o personagem sujeito teceu uma prática a partir de uma intensa relação dialógica com aqueles meninos e meninas. Ao permitir em suas aulas a participação ativa dos alunos, Nildo da Pedra Branca conduz aos ensinamentos freireanos, que trazem para o cenário educacional a perspectiva da educação libertadora e dialógica praticante da “pedagogia da comunicação” (FREIRE, 1983 p. 69). Segundo tal perspectiva, o educando não pode ser concebido como mero depósito que recebe, guarda na memória e repete o conteúdo comunicado. Acerca disso Freire (1983, p. 84) escreve:

Os homens, em seu processo, como sujeitos do conhecimento e não como recebedores de um ‘conhecimento’ de que outro ou outros lhe fazem doação ou lhes prescrevem, vão ganhando a ‘razão da realidade. Esta, por sua vez, e por isto mesmo, se lhes vai revelando como um mundo de desafio e possibilidades; de determinismos e de liberdade, de negação e de afirmação de sua humanidade; de permanência e de transformação; de valor e desvalor; de espera, na esperança da busca, e de espera sem esperança, na inação fatalista.

Em complemento Freire (1983, p. 65) afirma:

[...] conhecer é muito mais que assimilar conteúdos universalmente construídos, é expressão e comunicação. É estabelecer relações, formar vínculos. Fora do mundo da comunicabilidade [...] é impossível dar-se o conhecimento humano.

Pelas características expostas sobre o ato de conhecer, reduzi-lo ao mero ato mecânico de memorizar informações é negar a essência histórica e social do homem. O aprendizado

acontece na interação, nas relações sociais. Isso permite afirmar que o modelo de educação dialógico e emancipatório do ser se constitui um desafio às nossas escolas, permeadas pelo silenciamento dos educandos, vistos como objetos ou recipientes vazios. No modelo emancipatório, pautado no diálogo, o homem se constrói, critica sua vida e aprende com os outros. Nesse contexto, se encaixa a concepção de Homem do narrador personagem desta pesquisa, sujeito e ser de relações. A relação com o outro é uma dimensão essencial na formação pessoal e profissional do poeta Nildo da Pedra Branca.

Através da escuta atenta, sigo no encalço das pegadas e pistas que podem me ajudar a compreender como os saberes alicerçados nas experiências do cotidiano do poeta popular Nildo da Pedra Branca contribuíram para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado. Nas tramas da sua trajetória perpassam múltiplas experiências formadoras. No olhar para os seus saberes, seus fazeres e experiências, o poeta anuncia o caminho percorrido em várias escolas públicas da cidade de Mossoró como monitor de práticas de leitura e escrita nas oficinas de letramento dos programas Mais Educação e Mais Cultura.

Convidado a atuar nas salas dos alunos com dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, enfrentar o desafio foi o caminho traçado pelo sujeito da pesquisa. Ao tecer suas lembranças, o personagem revela em sua narrativa a estratégia utilizada para alcançar o principal objetivo da empreitada: promover o aprendizado e o gosto pela leitura.

A primeira vez que eu fui convidado pra ser monitor do programa Mais Educação foi pra o colégio Manuel Justiniano, pra ensinar Letramento. Dona Socorro Bezerra foi quem convidou. Ela disse: Nildo, você vai ensinar letramento no Mais Educação. Eu nunca ensinei letramento [Ele respondeu]. Não, mas dá certo. Você faz oficina de cordéis com professores, com aluno, já passou por instituições, dá certo [Disse dona Socorro]. [...] tinha pessoas com 13, 14 anos que não sabia ler, não conseguia ler. Então, eu ensinava a ler, lendo com o cordel e escrevendo o cordel. Fui também para o colégio Dom Costa e, dois meses depois, foi duas crianças inscrita para o prêmio COSERN Literatura de Cordel e eles ganharam o prêmio. Um tirou em primeiro e o outro em segundo [lugar]. Passei por uns oito colégio. Fui trabalhar a literatura de cordel e incentivar o jovem e o adolescente a ler. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 26/08/2017).

Vemos aqui como o narrador denota a utilização dos cordéis como instrumentos para elevar o nível de leitura dos alunos. Sua narrativa do poeta Nildo da Pedra Branca chama atenção pelo desafio posto: ensinar a ler com texto como unidade central. Quando percorri a minha trajetória de formação no item 1.3, intitulado Tempo de Travessia: narrativas sobre

transformar-me professora formadora de outros educadores, presente na folha 66 deste texto dissertativo, pude refletir quão difícil foi compreender e vivenciar no chão da escola o processo de alfabetizar letrando, proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mesmo depois de ter participado de cursos e formação. Essa situação me faz inferir as dificuldades superadas pelo poeta protagonista da pesquisa ao realizar o trabalho. Ao ser questionado pelo aprendizado dos educandos, ele destacou a produção vitoriosa dos alunos nos concursos fora da escola e defendeu os ganhos em termos de leitura e cultura obtidos pelos estudantes.

Durante o diálogo com o poeta, em cada palavra ecoava o amor pela vida e pela educação. No contexto das oficinas, ao propiciar as vivências de leitura e escrita na perspectiva de práticas sociais, com a participação dos alunos em relação a essas práticas, o poeta supracitado mostrou que a arte do cordel integrou os envolvidos e canalizou o conhecimento para o aperfeiçoamento da leitura dos educandos.

Neste momento, meu olhar mira para o seu trabalho desenvolvido nas turmas de alfabetização de jovens e adultos. Ao buscar, no túnel de suas lembranças, as marcas e recuperar os significados da experiência vivida com o público das salas de alfabetização de jovens e adultos, constrói a seguinte narrativa:

Brasil Alfabetizado, escola de jovens e adultos tinha aqui na comunidade de Pedra Branca e na comunidade de Independência. Nessa época, eu tirava umas noite, faltava a minha escola e ia visitar essas duas escolinhas pra recitar versos e fazia versos com eles. Passei uns seis meses fazendo esse trabalho voluntário com jovens e adultos. Eu tinha facilidade de lidar com pessoas, né? Eu ensinava um pouco de poesia, um pouco de música, ensinava a ler fazendo quadrinha, sextilha, era uma troca. [...] aprendia com eles. Eles sabiam mais do que eu. Aprendi mais do que ensinei. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 02/09/2017).

Dessa fala, vê-se a dimensão humana que move o poeta e orienta suas ações. O narrar de Nildo da Pedra Branca expressa como foi o seu envolvimento e aproximação com o público alvo das classes de alfabetização de adultos. O convite partiu de alguns professores preocupados com a evasão dos alunos. A troca de saberes entre o poeta e os educandos trazia inovação para as aulas. É possível perceber, no fragmento acima, o caráter voluntário da iniciativa, o compromisso social do poeta em preocupar-se com o outro. Sua fala deixa explícitos seus ensinamentos de alteridade e entrega ao outro.

Observo ainda os traços coletivos, que permeiam seu itinerário de vida. Ao refletir sobre a vivência descrita, ele afirma que considera um dos melhores trabalhos já realizados. Conseguia ajudar os professores, estimulava os alunos, divulgava os seus cordéis e colaborava

para preservar essa arte literária. O estar nas escolas me faz entender a sua “tática”. O poeta, Nildo da Pedra Branca sempre enxergou o chão da escola como *locus* privilegiado para a preservação da literatura de cordel, expoente da cultura popular.

A ida às turmas do Programa Brasil Alfabetizado exigia o esforço maior do poeta. Na época, ele estudava à noite, fazia o ensino médio e faltava as suas aulas para desenvolver as oficinas de cordéis com os jovens, adultos e idosos das escolas próximas à comunidade de Pedra Branca. A sua inserção nas salas de alfabetização de adultos se constitui um momento chave na vida do personagem, marcado por perdas e ganhos, por isso, de um potencial formador. Entre os ganhos nesse trajeto se destaca o papel crucial dessa experiência para a conquista de novas possibilidades: o trabalho desenvolvido anos depois com os alfabetizadores das turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Caminhos novos se evidenciavam e o poeta Nildo da Pedra Branca continuou a percorrê-los com êxito. Incitado a refletir sobre as oficinas de formação com os alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, afirmou:

Foi uma das maiores experiências aquela com os professores em Baraúna. Por que? Eu já tinha feito outras oficinas, já tinha feito no colégio Lavoisier Maia, no Padre Dehon, na UERN, mas não tinha feito em outra cidade e quando me deparei na Secretaria de educação foi muito gostoso fazer. Eu via que eles queriam aquilo, eles queriam aprender. É um orgulho pra mim, um poeta da Pedra Branca chegar e dar aula pra professores. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 26/08/2017).

Nessa fala, expressa com amabilidade, tomado pelo gosto e laços de satisfação, o narrador rememora a fruição de “chegar e dar aula pra professores”. Percebe-se, no trecho acima, a relevância atribuída por ele às atividades desenvolvidas com os educadores, interessados em aprender com o poeta.

Sua narrativa revela a intensidade, força e o seu empenho nas atividades nas quais se envolve. A relevância da experiência de formação vivenciada no ano de 2012, com alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado do município de Baraúna/RN, está registrada com detalhes no tópico 1.4 desta trilha dissertativa, intitulado Na trilha da formação, cruzar caminhos: o eu na construção da pesquisa (Auto)biográfica e o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca, expresso na página 77.

O poeta evoca a aprendizagem mais significativa da experiência vivida com alfabetizadores: reconhecer a responsabilidade de que, para ele, trabalhar com os professores

teria a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos. E segue o relato: “O que me deixava mais tranquilo é que os professores sabiam de muitas coisas, mas se a oficina era de cordel, eu, com base nos meus conhecimento, sabia que de cordel entendia eu. Então, fazia uma troca de saber na sala”.

Das narrativas (Auto)biográficas do personagem é possível depreender que a experiência das oficinas de formação para os alfabetizadores de jovens e adultos representou um intenso percurso de aprendizagem para si, uma vivência edificante para o seu processo autoformativo. Quando indagado sobre a fonte de onde aprendeu os conhecimentos necessários para trabalhar com os alfabetizadores e com professores, ele revelou o ponto crucial deste estudo em tela:

O aprendizado acontece no contato com as pessoas. A minha vida toda foi lidar com gente. O aprendizado acontece com o mundo e com a natureza. A minha formação maior foi com a vida, com o dia a dia. Com o dia a dia eu não aprendi só o que eu ia aprender na sala de aula, eu aprendi o contexto geral. Na minha história, eu acho que eu não fui criança, eu fui adolescente, eu não fui adolescente eu fui adulto, eu não fui adulto eu já fui velho. [...] na escola eu ia aprender Matemática, Geografia, Português, História, Ciências, Inglês e etc., isso eu ia aprender. Com certeza eu não ia ser o brigalhão, comunista. Eu ia ficar na educação escolar. Eu imagino que fosse daquela forma. Eu não ia entender o sofrimento do outro lado. [...] se eu tivesse continuado os estudos, acho que hoje eu era uma pessoa formada, mas eu não enfrentara o coronelismo, os fazendeiros, brigando por terra, brigando pelas causas sociais. A minha educação não seria da forma que é. Não ia ser essa pessoa que sou, mais abusiva com os descasos. A vida me ensinou a me importar mais com o outro. A educação não é só a escola, a escola, certo, é o primordial, mas educação é você saber conviver com tudo e com todos; entender todos os laços, todas as classes. E isso a vida me ensinou. A vida ensina no amor, na dor, na luta, no sofrimento. (Entrevista com Nildo da Pedra Branca, Mossoró/RN, 12/09/2017).

Os fios condutores da fala do sujeito narrador chamam atenção pela autenticidade e por sua ampla leitura de mundo. No resgatar de suas trajetórias formativas, o poeta Nildo da Pedra Branca revela as situações vividas, as reflexões construídas e os posicionamentos assumidos. Ele se reconhece na figura de um lutador aguerrido, de ativa participação social, protagonista e com uma consciência crítica que lhe permite lutar contra a estrutura vigente.

Um importante aspecto a se destacar nos fragmentos acima diz respeito a sua crítica à organização curricular da escola no que se refere ao distanciamento entre os conhecimentos valorizados pela escola e os saberes da vivência dos alunos. De novo, sua fala chama por Freire (1996), quando este ressalta a relação entre os conteúdos programáticos escolares e a experiência cotidiana dos educandos. Assim indaga Freire (1996, p. 33): “Por que não

estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. A fala do poeta Nildo da Pedra Branca, evidencia essa questão ao deixar claro que o sistema escolar, ao fazer essa cisão “vida x escola”, não promove uma formação voltada para a construção do pensar crítico e autônomo, mas reserva ao educando o papel de mero espectador, educado sob a égide do silêncio e da docilidade.

Ao partilhar seus conhecimentos o poeta/narrador versa sobre a sua essência de alteridade. Ele diz: “A vida me ensinou a me importar mais com o outro”. Sua trajetória de vida, construída com luta, dor e superação, enredou os fios do seu jeito de ser: um sujeito que se autoconstrói no seu cotidiano, num processo de emancipação e humanização, de atitude e ação, de respeito e preocupação com o outro.

A vida é mesmo cheia de aprendizagem! As memórias e a história de vida do poeta Nildo da Pedra Branca revelam significativas “experiências formadoras” (SOUZA, 2006, p.113). Experiências, segundo o autor citado, empreendidas nos tempos e espaços de convivências e nas mais diferentes convivências na itinerância da vida. O poeta, protagonista desta pesquisa, ao olhar para a singularidade do seu processo de formação, revela o que foi formativo para si. Percebo, nas suas narrativas, o trilhar de um itinerário (auto)formativo, por meio de fontes diversas: a terra, os cordéis, as pessoas, as lutas nos movimentos sociais. Essas experiências potencializaram a sua autonomia e o instituíram como um sujeito ativo no fazer-se como pessoa de enorme capital humano e como profissional.

As narrativas do poeta expostas a seguir, no Quadro 3, revelam como Nildo da Pedra Branca, a partir das experiências vividas no cotidiano e nas relações com o outro, com a terra e com o mundo, construiu os seus saberes e como esses saberes o potencializaram na sua constituição como pessoa e profissional. A partir da análise da voz do personagem, identifico os seus saberes e fazeres ancorados nas experiências mediadas na trama do cotidiano e alimentados pelos ensinamentos vivenciados nas experiências de sua trajetória de vida, nos contextos sociais, na fertilidade do aprendizado com o sertão, na educação informal, familiar e comunitária.

No Quadro 3, na coluna da esquerda, a voz do poeta, sujeito da pesquisa, mostra os seus saberes das experiências formadoras, construídos no decurso da vida. Na coluna da direita, trago a minha análise interpretativa/reflexiva a respeito de como os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras potencializaram a trajetória formativa do narrador personagem desta

pesquisa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, com ênfase em sua atuação no PBA.

Quadro 3 - A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência e a atuação do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA

(Continua).

<p style="text-align: center;"><b>OS SABERES DAS EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA VOZ DE NILDO DA PEDRA BRANCA</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>COMO OS SABERES POTENCIALIZARAM O SEU PERCURSO DE FORMAÇÃO PARA ATUAÇÃO NO PBA. UMA PISTA INTERPRETATIVA</b></p>
<p>• <b>Saberes do ser camponês/Saberes da terra</b>            “Meu pai levava a gente pra roça e a gente fazia todo serviço. Aprendi a tirar o sustento da terra com o meu pai”.</p> <p>“Aprendi a ser lavrador a amar as coisa do sertão. Aprendi a ser homem com o meu pai. A minha identidade sertaneja vem desde o meu pai”.</p>	<p>Pulsam em suas narrativas sobre o campo, lugar sagrado de sua origem, os saberes da alteridade, germinados da sua relação com a terra, atravessados em sua constituição humana. Correm nas suas veias a seiva e o sangue dos ensinamentos dos ancestrais do seu lugar. Para o poeta Nildo da Pedra Branca, o sentido da vida no sertão, como lugar de formação, sobrevivência, bem como os valores aprendidos com o seu pai sertanejo e a sua relação profunda e subjetiva com a terra, transformaram a sua maneira de ver o mundo e a sua existência. Enxergo em sua fala a respeito dos aprendizados oriundos dos cuidados com a terra uma educação de valorização da vida e do outro. A experiência e significação de um homem “moldado” no chão sertão, e de identidade, produziu valores que refletem em sua forma de atuar na vida pessoal e profissional. O poeta protagonista da nossa pesquisa, quando iniciou sua prática pedagógica nas salas do BPA, o fez com o propósito de ajudar os professores preocupados com o alto índice de evasão nas turmas de alfabetização de jovens e adultos.</p>

Quadro 3 - A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência e a atuação do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA

(Continuação).

	<p>Ele se permite viver e doar-se. Nele identifico a sua dimensão humana ancorada nos saberes da alteridade. As habilidades do saber ser são potencializadoras do seu modo de produzir a vida, referência humanista da educação em Freire (2011).</p>
--	---

<p>• <b>Saberes do contexto familiar</b></p> <p>“O maior ensinamento da minha mãe foi me fazer um leitor de cordel. Eu aprendi a ler, minha mãe lendo cordel em disbulha de feijão”.</p> <p>“O que vivi na minha infância serviu muito pra adolescência, pra adulto e até a pessoa que sou hoje”.</p>	<p>As emoções e marcas evidenciadas pelas memórias do poeta Nildo da Pedra Branca revelam o referencial dos seus pais como a seiva da vida, o primeiro marco formativo da sua identidade de poeta e cidadão. A fecunda experiência de aprender a ler com a mãe cantando cordel foi edificante para o processo formativo e autoformativo do narrador. A sua implicação com a educação popular e o uso em sua prática pedagógica do cordel como fonte de saber e perpetuação da cultura popular, efeito da influência social e cultural herdada dos pais, dá sentido ao seu trabalho de alfabetizar os estudantes. A semente lançada pela mãe, no princípio da vida do poeta, germinou em solo fértil, fincou raiz na constituição da sua identidade docente com repercussão positiva nos processos da prática exercida com os alunos e professores do PBA.</p>
<p>• <b>Saberes de Superação</b></p> <p>“Depois dos 30 anos eu retornei à sala de aula. O EJA, com três meses de aula, eu falei que ia desistir. Porque as dificuldades era grande.”</p> <p>“[...] quando eu retornei novamente eles [os professores] falaram: você não vai desistir da escola, porque você pode não ser um bom aluno mas você é um poeta. [...] Eles pegaram meu material e imprimiram meus primeiros duzentos cordéis”.</p> <p>“Quando eu comecei a estudar a escola e o estudo me salvou em tudo. A minha sobrevivência veio de dentro da escola”.</p>	<p>Nas reflexões sobre o vivenciar e saber lidar com situações adversas, habilidades requeridas aos educadores das classes de alfabetização de jovens e adultos, saberes embebecidos pela persistência, garra e alteridade, é possível perceber que, após sua trajetória escolar, cheia de interrupção por ingressar de forma precoce no mundo do trabalho, o poeta Nildo da Pedra Branca lança um olhar à escola como uma travessia de volta à esperança. Ao alojar na educação o seu projeto de vida na permanente busca de ser mais (FREIRE, 1997), ele se fez sujeito responsável pela sua história, ativo e atuante no seu processo de existência. Identifico nesse exercício ávido, o sujeito da pesquisa projetar-se como indivíduo de sua própria história. A autonomia o impulsionou ao espaço da sala de aula como alfabetizador e formador de professores do PBA. Suas conquistas advêm do fundamento de uma educação viva, dinâmica, libertadora, que transforma, emancipa e empodera o sujeito.</p>

Quadro 3 - A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência e a atuação do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA

(Continuação).

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes em Processos Participativos nos Movimentos Sociais</b></li> </ul> <p>“Quando eu comecei essa espécie de liderança [nos Movimentos Sociais] foi ter ouvido o que o meu avô sofreu, meu pai sofreu, as pessoas dessa comunidade sofria, eram escravos de coronéis.” Eu jurei que não queria aquilo pra mim”.</p> <p>“O que serviu pra mim foi melhorar os meus conhecimentos de saber o que era um líder”.</p>	<p>Na fala do interlocutor Nildo da Pedra Branca suas vivências, marcadas pelos saberes adquiridos através das relações de diálogos, negociações e confrontos vividos nas lutas dos Movimentos Sociais, deixaram os rastros de cooperação e comprometimento com as decisões coletivas. O caráter pedagógico da participação potencializou atitudes que atravessaram a sua prática educativa no PBA, comprometida com a formação de indivíduos conscientes dos seus direitos e deveres. Prática encharcada pelas palavras do educador Freire (1981), ao defender a educação como um ato político. Ensinar vai além da transmissão de informações, o educador necessita atentar para a formação ética dos educadores. Precisa conscientizá-los sobre a importância do desenvolvimento de uma reflexão crítica da realidade em que estão inseridos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes da experiência docente</b></li> </ul> <p>“A minha primeira experiência dentro de sala dando aula. Eu era monitor do PDA Jucuri. Eu lecionava o cordel, a poesia popular nas comunidades urbanas e rurais de Mossoró e Baraúna. Lecionava para crianças e adolescentes. [...] Nas turmas do Brasil Alfabetizado era uma troca. [...] aprendia com eles, sabiam mais do que eu. Aprendi mais do que ensinei”.</p>	<p>Emerge nessa narrativa a percepção do poeta Nildo da Pedra Branca a respeito do ensinar como possibilidade de troca. Experimentar a aprendizagem forjada na experiência do cotidiano o fez compreender que ensinar é um exercício compartilhado no cotidiano dos sujeitos sociais. As falas trazem à reflexão o dito por Josso (2010, p.40). Para a autora, as narrativas de formação “contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”. Nessa perspectiva, o poeta Nildo da Pedra Branca diz dos seus saberes erguidos da experiência e por ela legitimados. Saberes experienciais (TARDIF, 2010), propulsores e determinantes para o seu ingresso no PBA. Apreendo da sua fala o processo de formação como uma construção de sentido iniciada pelo próprio sujeito, revelador de um movimento de identidade docente, descoberto com a aprendizagem experimentada na prática. Essas experiências produziram saberes plurais e diversificados a respeito da prática educativa, balizadores da sua docência.</p>

Quadro 3 - A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência e a atuação do poeta Nildo da Pedra Branca no PBA

(Conclusão).

<p>• <b>Saberes com os professores</b></p> <p>“Uma das maiores experiências foi aquela com os professores em Baraúna. Eu já tinha feito outras oficinas, já tinha feito no colégio Lavoisier Maia, no Padre Dehon, na UERN, mas não tinha feito em outra cidade”.</p> <p>“A minha vivência foi lutar com gente. [...] Se você lutar com gente e ler você aprende e ensina melhor o que aprendeu. Mas a minha maior formação, eu aprendi com a vida”.</p>	<p>Esses fragmentos da narrativa do nosso narrador coincidem com os ensinamentos de Freire (1981), ao defender o empoderamento do sujeito forjado com ele - o oprimido - e não para ele. Nessa linha de raciocínio, o empoderamento implica conquista, avanço e superação por parte daquele que se empodera, sujeito ativo do processo. Quando expressa o orgulho de ensinar aos professores, o poeta Nildo da Pedra Branca demarca nessa experiência significativa o sentimento de fortalecimento da sua autonomia. Ao sentir o respeito dos professores depositado naquele homem simples, do sertão, como ele mesmo se apresenta - poeta, pobre, preto, lavrador e sertanejo, que chegou à condição de estar em meio aos docentes na condição de formador -, o poeta Nildo da Pedra Branca toma consciência do seu processo de empoderamento. As relações de troca e construção de conhecimento com os educadores, na experiência de formador de professores, geraram mudanças na paisagem da sua vida pessoal, social e profissional, alteraram a sua forma de interagir com o mundo, porque dimensionaram e fortaleceram o seu processo formativo.</p>
--	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora em 12/11/2017, a partir das narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca.

Verifico na trajetória do poeta Nildo da Pedra Branca, explicitada nas narrativas do Quadro 3, seu posicionamento quanto à especificidade e importância do contexto escolar e acadêmico em seu processo formativo, demonstrado pelas inúmeras lutas travadas para permanecer nos bancos escolares. No entanto, faz questão de partilhar os saberes das qualidades de ordem ética, afetiva e de alteridade, princípios balizadores da sua dimensão humana, construída não na escola, mas alicerçada nas relações com as pessoas, na relação simbiótica com a terra e com sertão, nos movimentos sociais. Os saberes práticos da experiência vivida, assimilados pelo narrador em sua trajetória de vida, estão impregnados na constituição do seu ser. Esses saberes construídos na vida contribuíram para que o poeta Nildo da Pedra Branca se tornasse o que ele é hoje.

É permitido afirmar que as recordações das aprendizagens experienciais da vida e fazeres calcados nas experiências vividas, presentes na fala do poeta supracitado, confirmam a essência deste estudo. O poeta Nildo da Pedra Branca possui uma experiência formadora

ancorada nas vivências do seu cotidiano plural, experiências estas nascidas com o suor de vivências que dão provas de um conhecimento importante e legítimo.

De acordo com as análises, interpretações e compreensões das narrativas (Auto)biográficas do narrador, encontro fecundos processos formativos consolidados ao longo de sua trajetória de vida. Ao exercitar a reflexividade sobre as suas vivências, o referido poeta, pela força de significação aplicada ao aprendizado, traz à tona as suas experiências formadoras. Os saberes construídos com o pai, as lutas sindicais, a experiência de tornar-se poeta e à docência no PBA resultaram em transformações existenciais e cognitivas ocorridas no sujeito da pesquisa. Para Josso (2010), a vivência adquire o status de experiência formadora em função do saber resultante dessa reflexão sobre nosso modo de simbolizar o que nos aconteceu e como a experiência nos afetou na compreensão da experiência vivida.

Mergulhar nas memórias do referido poeta levou-me a compreender, através da sua histórias de vida, como os seus saberes alicerçados nas experiências do cotidiano contribuíram para o seu constituir-se alfabetizador e formador de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado. Durante o trabalho como docente e formador do citado programa, o poeta construiu e mobilizou saberes experienciais ligados a sua cultura e a sua história de vida.

No percurso da narrativa de si, a partir da reflexão retrospectiva do sujeito, o narrador descreveu a percepção de como o aprendido e ressignificado com as experiências afetaram a constituição do seu ser, no sentido do fortalecimento da sua autonomia, formação humana e empoderamento.

A narratividade do poeta Nildo da Pedra Branca mostrou as experiências de vida como instrumento para o desenvolvimento humano e reafirmou a potencialidade formativa das narrativas (Auto)biográficas. Sua experiência de falar de si deixou claro que, por intermédio das narrativas, é possível observar como tecemos o nosso cotidiano, a nossa realidade, o caminho da nossa existência na relação com outro e, assim, refletir e ressignificar o nosso aprendizado humano e profissional. O exercício de pensar sobre si, falar de si e para si possibilita o conhecimento de si (Souza, 2006) e a autofomação.

Dar significação à história de vida de um sujeito comum, possuidor de um vasto aprendizado produziu em mim um novo olhar quanto à compreensão dos espaços da formação. Entendi que estes espaços não se delimitam ao local de uma instituição de ensino formal e que não podemos deixar escapar os vários espaços de aprendizagem potencializados pelo mundo da vida cotidiana. Vida e cotidiano estão entrelaçados nos conteúdos a serem aprendidos, ponto repisado na fala do poeta Nildo da Pedra Branca: “Passei pela escola primária e secundária. Na

universidade chegarei já, de forma audaz. Li muitos autores e livros geniais, mas a escola da vida. Ah! essa me ensinou muito mais”.

**ARREIMATE EM NOVOS PONTOS DE PARTIDA: MUITO POR PRODUZIR**

**A VIDA**



Na travessia de construção do texto, a metáfora de uma viagem acompanhou-me. A cada passo dado pude mergulhar no interior de mim e me encontrar nas narrativas emergidas de vozes de contestação, resistência, afetos e edificação da vida. O trabalho com as narrativas (Auto)biográficas, além de ferramenta de investigação, tanto possibilita a (auto) formação dos sujeitos como promove a tomada de consciência de si e do outro. As narrativas permitem reconhecer o homem na sua inteireza, como ser de razão e de emoção. Elas possibilitam emergir os aspectos conscientes e inconscientes das relações existentes na formação.

Ao chegar à derradeira parada dessa travessia, lembrei-me da poetisa Adélia Prado e de um poema que diz assim: “Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento[...]” (PRADO, 1986, p.124). Sem dúvida, o enlace afetivo é essencial à construção do viver e ao atentar para esse fato um coro de sentimentos me invade. A relação de aprendizagem construída ao longo desse um ano e meio de Mestrado, tecida pelos caminhos dos laços do afeto e subjetividade, provoca-me, neste momento de arremate dos contornos finais desta dissertação, um regozijo e, ao mesmo tempo, *sintomas de saudade*.<sup>97</sup>

Ao trilhar as veredas percorridas nesta investigação, senti-me profundamente envolvida no ato de trazer para o centro das discussões a estética das coisas miúdas da experiência do cotidiano. Na missão de analisar como os saberes e experiências formadoras contribuem para a (auto)formação e desenvolvimento profissional e pessoal, busquei resgatar, por meio das narrativas (Auto)biográficas, a história de vida e os saberes do poeta Nildo da Pedra Branca, sujeito simples, de voz abafada, marginalizada pela história oficial.

Neste momento, preciso retomar a memória e rever os caminhos percorridos, bem como os desafios enfrentados e as conquistas realizadas. Com raízes na infância, *quando a poesia realmente fez folia em minha vida*<sup>98</sup>, este trabalho, nascido das minhas inquietações, começou a ser semeado a partir do ano de 2015, quando conquistei uma vaga para cursar, como aluna especial, a disciplina *Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica*, no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da UERN.

Nas aulas, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar aquecia as discussões a respeito do método (Auto) biográfico. À época, tive acesso aos aportes teórico/metodológicos do referido método. A professora Ana Lúcia, como no dizer do poeta Manoel de Barros, “[...]jesticadora de

---

97 Trecho da canção *Sintomas de Saudade*, de Marisa Monte (2001).

98 Trecho da canção *Era Uma Brincadeira*, de Peninha (1977).

horizontes, plena de vivências e alteridade”, em suas aulas espalhava a beleza do ler e praticar, atiçava voos e animava sonhos. Assim, enveredei nas pesquisas (Auto)biográficas. Essas experiências foram fundamentais para a minha aprovação como aluna regular do Programa de Pós-Graduação da UERN, no ano de 2016.

Desde o princípio, persigo o objetivo de analisar, por meio das narrativas (Auto)biográficas de um poeta popular, como os saberes e experiências formadoras contribuíram para sua (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal. O vigor dos conhecimentos construídos a partir dos estudos com o método (Auto)Biográfico conduziu-me a escolha do problema, do sujeito da pesquisa e dos objetivos dessa investigação, tecida nas intensidades das experiências vividas, com a tônica das subjetividades humanas. Sob o signo do inconcluso, essas linhas se constituem a saideira de um fim provisório<sup>99</sup>. Nelas, comunico os achados, que por ora, encontrei nessa trajetória investigativa.

Optei por adentrar em minhas experiências de vida, vivências e em meu percurso formativo no Programa Brasil Alfabetizado na perspectiva da pesquisa (Auto)biográfica. A narratividade sobre minha trajetória de vida, marcada pelo envolvimento com a magia e beleza do circo e pela poesia popular, desde o tempo de infância, elucidou os traços básicos da significação e motivação da escolha da problemática da pesquisa, legitimado por minha pertença e identidade com a temática fincada no meu eu como raiz, plantada ainda quando criança. Ao revisitar o percurso da formação apresentei as singularidades do encontro com Nildo da Pedra Branca, poeta popular, sujeito inspirador/protagonista da problemática da pesquisa.

Em meio às reflexões erigidas, a tônica de uma experiência fundante em meu processo formativo: a aproximação com o método (Auto)Biográfico, por meio do qual abordei as particularidades da pesquisa e sua importância para a minha vida. O método me permitiu trazer para o centro do estudo as narrativas de um sujeito comum. Por valorizar a singularidade dos sujeitos, a (Auto)biografia viabiliza o diálogo, a análise e a discussão entre os diversos aspectos do universo pesquisado; é capaz de traduzir a complexidade do percurso vivido em uma pesquisa com o foco na subjetividade humana.

Diante do processo de revisitar as minhas memórias de formação e de praticar a pesquisa (Auto)biográfica, mergulhada em minhas inquietudes, entendo que o primeiro objetivo específico, de “relatar minhas experiências de vida, vivências e experiências formativas no

---

<sup>99</sup> Provisório porque ainda há muito o que explorar e produzir sobre a temática.

Programa Brasil Alfabetizado na perspectiva da pesquisa (Auto)biográfica”, foi atendido. Escutar e analisar as minhas experiências possibilitou um agir sobre elas com o intuito de mediar a construção de um conhecimento significativo para mim e para o outro. Adentrar e expor minha singularidade pelo ato de descrever minhas memórias lançou-me em um profundo processo reflexivo. Através da escrita de mim mesma pude mergulhar no meu interior, voltar ao passado, dialogar com os meus anseios, frustrações, medos, dúvidas, afetos. Esse processo aprendente e de autoformação me ensinou reviver e reconstruir minha própria vida.

Percorri as trilhas das políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos promovidas pelo Governo Federal nas duas últimas décadas. O intuito dessa viagem foi atender ao segundo objetivo específico deste trabalho, que consistiu em inventariar a trajetória histórica do Programa Brasil Alfabetizado e o seu embasamento legal.

As informações encontradas no decorrer da pesquisa revelam a necessidade do desamarrar de muitos “nós atados”, nas esferas social, econômica e cultural, em relação ao direito à educação para todos. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em sua edição mais recente da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (Pnad), que tem 2011 como ano de referência o país possui 12.9% milhões de pessoas não alfabetizadas, estatística reveladora de uma exclusão social de uma parcela significativa da população. Como afirma Vale (2008, p. 13), “não saber ler e escrever constitui a marca da desvalorização social e cultural. Numa sociedade em que a classe dominante valoriza o padrão culto de linguagem escrita e falada, o não domínio adequado da Língua Pátria significa fator de discriminação social, cultural e ético”. Com efeito, os sujeitos alijados do direito à educação veem suas oportunidades diminuídas no mundo do trabalho, na inserção social, cultural e na dimensão humana.

Como resposta ao elevado número de pessoas não alfabetizadas no país, em 2003, com a prerrogativa de “erradicar o analfabetismo” nasceu o Programa Brasil Alfabetizado. Mas, após uma década e meia de existência, o número de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos, no país, ultrapassa o patamar de 13 milhões.

Vale lembrar que o direito à educação está no âmbito do direito fundamental. Entretanto, no perfazer de uma linha cronológica das Políticas Públicas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil a opção caminha por situar a educação como um direito social garantido em dispositivos legais, porém distante da realidade de muitos homens e mulheres não alfabetizados em situação de maior vulnerabilidade e excluídos dos direitos básicos de cidadania. Diante desses dados, a pesquisa me fez compreender que os esforços precisam garantir e consolidar o

acesso e a permanência de jovens e adultos em projetos educativos de escolarização inicial e continuada, cúmplices do compromisso da formação e emancipação do ser humano.

Trouxe ainda uma análise dos princípios teórico-metodológicos da proposta pedagógica do PBA e um relato da efetivação desse programa no município de Baraúna-RN. Essa tarefa exigiu uma busca por fontes inéditas, pois, no município, há poucos registros e pesquisas sobre a temática. Considero essa análise um dos pontos potentes do estudo, visto que por meio dela encontrei a intrínseca relação entre as referências pedagógicas norteadoras do programa e a proposta de educação fundamentada no ideário freireano. Os postulados defensores do sujeito aprendente como sujeito ativo na aquisição e produção do conhecimento e o destaque para a alfabetização como um ato criador, além do domínio do código escrito como parte de um processo mais amplo de letramento, na perspectiva do diálogo e da participação dos sujeitos envolvidos, deixaram a evidência de que a proposta teórico/metodológica do PBA bebe na fonte dos paradigmas de uma educação crítico/libertadora defendida por Freire (1981).

Ao estabelecer essa relação enxerguei a tarefa de promover uma discussão sobre a efetivação do PBA no município de Baraúna-RN, uma peleja cara para mim, em virtude da escassez de documentos a respeito da temática no município. No percurso da pesquisa, as agruras foram confirmadas. Deparei-me com a impossibilidade de acesso aos documentos oficiais<sup>100</sup> responsáveis pelo desenho e execução do referido programa no município. Em discussão com a minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia, a respeito de como daria prosseguimento a esse tópico da investigação, em tom sereno, lúcido, embalada pela sensibilidade e sabedoria, ela me sugeriu erguer o tópico a partir da escuta de um sujeito que tivesse, com pertença, caminhado pelo programa na cidade de Baraúna. Sugestão acatada, meu primeiro passo foi cair em campo. Mapeei a localização de alfabetizadores que atuaram no programa e consegui marcar a entrevista com a alfabetizadora Lúcia de Fátima Azevedo.

Recém-formada em pedagogia, a professora residente no Sítio Juremal, localizado cerca de nove quilômetros de Baraúna, atuou como alfabetizadora do PBA nos últimos cinco anos do programa, período equivalente às etapas de 2010 a 2014. Destaco a importância do seu olhar e suas lembranças. Em sua voz encontrei a expressão do processo histórico, social e metodológico do referido programa na cidade de Baraúna/RN, aspectos silenciados pelas fontes oficiais. Por meio das suas narrativas pude observar a força formativa do programa para os

---

100 Na época da pesquisa, o município de Baraúna/RN passava por uma transição de governo e a senha do Sistema que aloja os dados do PBA ainda não havia sido regularizada perante o MEC.

alfabetizadores que aprimoravam a sua prática nas formações inicial e continuada ofertadas pelo referido programa, e para os alfabetizados, em sua maioria trabalhadores rurais. Marcados pelo estigma do abandono da escola ainda na infância, estes sujeitos enxergam o PBA como uma nova oportunidade para o aprendizado da leitura e da escrita. A pesquisa mostrou que Baraúna/RN ainda apresenta a elevada taxa de 28,73% de pessoas não alfabetizadas. Portanto, o município carece da continuidade desse programa que, por ora, está paralisado em virtude da alegativa dos cortes orçamentários do Governo Federal.

Pelos detalhes da trajetória histórica do desenho do PBA, o esmiuçar das Resoluções que compõem a sua base legal e a análise da sua estrutura teórico/metodológica, é possível perceber que o segundo objetivo específico desta investigação, de inventariar a trajetória histórica do Programa Brasil Alfabetizado e o seu embasamento legal, foi alcançado.

Ao trazer à tona as narrativas (Auto)biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca, protagonista deste estudo, respondi ao objetivo de identificar, nas narrativas (Auto)biográficas do poeta popular, os saberes de histórias de vida e as experiências formadoras que potencializaram a sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional. Dei voz as suas histórias de vida, seus saberes, aprendizagens experienciais da vida e fazeres calcados nas vivências do cotidiano, da relação com a terra e nos diversos espaços do meio social.

No primeiro momento do ensaio (Auto)biográfico do poeta Nildo da Pedra Branca estão suas memórias e lembranças puxadas dos laços com a família e de experiências de vida, com destaque para a sua relação com a arte e o valor da poesia popular em sua vida. Em sua narrativa observei a descrição de sua história de vida, o transparecer do amor por seu lugar, o cuidado com a terra, o respeito pelo ser humano e pela cultura do sertão, valores e saberes dos seus ancestrais transmitidos na infância e influências inerentes ao seu constituir-se poeta. Nas interpretações das falas do narrador, as marcas evidenciadas pelas memórias revelaram o referencial dos seus pais como o primeiro marco formativo da sua identidade de poeta e cidadão.

Nas conversas, o perfume da poesia dos seus versos, brotados do chão do sertão, inebriava as trilhas das minhas reflexões. Com a fluidez em seus dizeres, suas narrativas denotam histórias marcadas por dores, lutas, agruras, alegrias, aprendizagens constantes, superações, conquistas e empoderamento. Após flunar por suas memórias de infância e evidenciar a contribuição da convivência com os repentistas e poetas da época de criança como decisiva para a construção do seu tornar-se poeta, Nildo da Pedra Branca narrou os momentos

difíceis da sua trajetória escolar. Na condição de “arrimo” de família, ainda na infância, o narrador abandonou os estudos para lutar pela sobrevivência.

A escuta do relato de vida desse poeta revelou a sua identidade inscrita no chão do seu lugar: o sertão. A narrativa de suas lembranças a respeito da peleja da escolarização me permitiu evidenciar memórias de superação e empoderamento. O poeta trouxe ainda ao diálogo uma experiência formadora para o seu processo formativo e autoformativo (JOSSO, 2010) ao relatar que quando retornou à escola, na fase adulta, com a ajuda dos seus professores, Nildo da Pedra Branca foi incentivado a assumir-se poeta e a iniciar carreira de artista profissional. Assim, ressignificou a sua história de vida. Ele lutou contra as adversidades e foi capaz de se reinventar poetizando as suas experiências de vida. O seu fazer poético transformou a sua existência e, hoje, ele reconhece o papel da educação na sua trajetória de vida. Compreende a reinvenção de si através da educação e segue sua luta na tentativa de ingressar na academia.

Nesta investigação, percebi, por meio da voz do poeta Nildo da Pedra Branca, o seu caminhar na permanente busca de “ser mais” (FREIRE, 1997). Os fios da memória que enredam a trajetória desse poeta revelam o seu empoderamento a partir do aprender nas relações tecidas na labuta do cotidiano. Mostram também os conhecimentos que o impulsionaram ao espaço da sala de aula como alfabetizador e formador de professores do PBA.

Olhar para a história de vida do poeta popular Nildo da Pedra Branca com a perspectiva de identificar nas suas narrativas (Auto)biográficas os saberes de histórias de vida e as experiências formadoras me permitiu evidenciar que os saberes germinados da relação do poeta com a natureza, com outro, com os Movimentos Sociais, com o cordel e com o solo fértil da vida potencializaram sua trajetória formativa e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional. As aprendizagens experienciadas, ancoradas na experiência vivida e ressignificadas por esse sujeito, bem como suas conquistas advêm do fundamento de uma educação viva, dinâmica e libertadora, que transforma, emancipa e empodera o sujeito.

Atendidos os objetivos propostos, o trabalho representa uma significativa contribuição para reflexão nos espaços de formação docente. Por meio de sua realização pude constatar que as histórias de vida, além do seu significado investigativo, representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra e para os outros. De forma mais clara, as narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, formação e aprendizagem. Enquanto atividade formadora, a experiência de escuta do outro nos coloca na possibilidade de ampliar nossa trajetória de formação e nossa própria história.

Como contribuição acadêmica e científica este trabalho se juntará às demais pesquisas locais do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN com a abordagem e utilização do método (Auto)biográfico. As investigações encontradas no banco de dissertações do referido programa refletem acerca da história de vida de sujeitos considerados cidadãos comuns, distanciados do panteão da academia. Situam-se num paradigma capaz de privilegiar as subjetividades dos sujeitos e se contrapõem a um paradigma de ciência pautada na objetividade, além de revelarem a práxis humana (FERRAROTI, 2010). Com enfoque na história de vida de um poeta popular e suas experiências formadoras para a (auto)formação e desenvolvimento profissional e pessoal, considero a pertinência e autenticidade do nosso estudo.

A revisitação das memórias do sujeito narrador desta pesquisa, centrada na trilha do seu aprendizado ao longo da vida, provocou nele mesmo uma tomada de consciência da riqueza da sua trajetória experiencial e de sua formação. Sua atuação como alfabetizador e formador no Programa Brasil Alfabetizado, foco desta discussão, representou um marco formativo na vida do poeta Nildo da Pedra Branca, além de propiciar um caminho para articular a arte da poesia com a arte de ensinar e aprender, estratégia por ele concebida como uma tática para a preservação e perpetuação do cordel às novas gerações.

Das experiências narradas e do prazer pelo ensino brotou o desejo de aprimorar a sua prática e de continuar crescendo como profissional e como pessoa. Por consequência, o poeta Nildo da Pedra Branca galga o trilhar da profissionalização docente por meio do ingresso no ensino superior. No momento atual, ocupa uma cadeira na Academia Mossoroense de Literatura de Cordel (AMLC) e investe esforços em sua aprovação no processo seletivo da Universidade Federal do Semi-Árido, para o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A tecitura desta dissertação, ao eleger as experiências de um homem comum, visto pela História oficial como sujeito “dos de baixo”, permitiu-me uma melhor compreensão da valorização dos seus saberes, brotados das experiências praticadas e vividas no seu cotidiano. A escuta da voz do poeta, sertanejo, homem do campo, transbordante de alteridade, superação e ensinamentos da educação da vida, possibilitou-me um significativo crescimento acadêmico, profissional, mas, sobretudo, humano.

No narrar da experiência vivida no Programa Brasil Alfabetizado, na cidade de Baraúna/RN, o poeta Nildo da Pedra Branca, tomado por intensa estesia, com frequência manifestou o sentimento de gratidão ao cordel e revelou a vontade de ver esse artefato cultural voltar a ensinar o sertão a ler, como o fez em seu tempo de infância. Segundo ele, “a carta de

ABC do sertão foi o folheto de cordel. Pelos caminhos dos versos, o sertanejo se educava. E era um aprender que penetrava no coração das pessoas”. Localizo nessas palavras uma pista para embrenhar-me em um novo percurso de pesquisa: analisar o potencial educativo e literário do cordel na alfabetização das turmas de EJA do município de Baraúna/RN. Tons, cores, rimas e formas que me ataçam para a continuidade em um programa de doutoramento.

No decorrer deste caminhar, sem a pretensão de encontrar verdades disso ou daquilo, outras inquietações ficam em aberto, traços que transcendem os limites do que buscava para o momento. A experiência de percorrer as veredas do sertão na escuta de um autêntico sertanejo me fez palpitar o desejo de refletir sobre os processos educativos emanados do sertão, sobre as marcas da educação desse lugar em sua gente. Chamou-me, ainda, muito a atenção a poesia do poeta Nildo da Pedra Branca enquanto instrumento de autoconhecimento. A intensidade da sua obra e a relação entre memória e poesia, instigam a novas investigações. Portanto, esta pesquisa está aberta a novos olhares e se apresenta como ponto de partida para outros destinos.

## REFERÊNCIAS



ABREU, Luís Alberto de. Processo Colaborativo: Relato e Reflexões sobre uma Experiência de Criação. **Cadernos da ELT**, n. 2. [S.l.], 2004.

ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. O Papel do coordenador pedagógico. **Revista Educação**. São Paulo, v. 12, n. 142, p. 7-11, fev. 2009.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan./jun. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BARROS, M. **Retrato Do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya. 2013.

\_\_\_\_\_. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática expositiva do chão. Poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824**. Brasília, 1824. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)>. Acesso em: 05 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa (1988)**. Brasília, 1988. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 05 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Decreto Nº 4834, de 08 de setembro de 2003. Cria o Programa Brasil Alfabetizado, institui a Comissão Nacional de Alfabetização e a Medalha Paulo Freire, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 de set. de 2003. Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**: aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, 2001. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 05 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 05 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. SECAD. **Documento Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado**: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores. Brasília, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 52, de 11 de setembro de 2013.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos para a transferência automática de recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios, e para o pagamento de bolsas aos voluntários que atuam no ciclo 2013 do Programa. Brasília, 2013. Disponível em: <file:///D:/Downloads/resolucao\_cd\_52\_2013>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 44, de 05 de setembro de 2012.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos para a transferência automática de recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios, e para o pagamento de bolsas aos voluntários que atuam no Programa, no ciclo 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\_docman&view=download&alias=13799-res44-05092012-pdf&category\_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 32, de 1º de julho de 2011.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos relativos à transferência automática a estados, municípios e ao Distrito Federal dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado no exercício de 2011, bem como ao pagamento de bolsas aos voluntários que atuam no Programa. Brasília, 2011b. Disponível em: <www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\_tipo=RES&num\_ato=00000032&seq\_ato=000&vlr\_ano=2011&sg>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 06, de 16 de abril de 2010.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos relativos à transferência automática a Estados, ao Distrito Federal e a Municípios dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado no exercício de 2010, bem como ao pagamento de bolsas a voluntários que atuam no Programa. Brasília, 2010. Disponível em: <www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\_tipo=RES&num\_ato=00000006&seq\_ato=000&vlr\_ano=2010&sgl>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 12, de 03 de abril de 2009.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos para a transferência automática dos recursos financeiros para o exercício de 2009, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios e para o pagamento de bolsas no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado. Brasília, 2009. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes\_2009/res012\_03042009.pdf>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 36, de 22 de julho de 2008.** Estabelece orientações, critérios e procedimentos para a transferência automática dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios e para o pagamento de bolsas no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado no exercício de 2008. Disponível em: <www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=getAtoPublico&sgl\_tipo=RES&num\_ato=00000036&seq\_ato=000&vlr\_ano=2008&sgl>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 45, de 18 de setembro de 2007.** Revoga as Resoluções CD/FNDE Nº s 12, 13, 32 e 33 de 2007, estabelece os critérios e procedimentos para a transferência automática dos recursos financeiros aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, e estabelece orientações e diretrizes para a concessão de bolsas no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado no exercício de 2007. Brasília, 2007a. Disponível em:

<[https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\\_tipo=RES&num\\_ato=00000045&seq\\_ato=000&vlr\\_ano=2007&sgl](https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000045&seq_ato=000&vlr_ano=2007&sgl)>. Acesso em: 31jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 33, de 03 de julho de 2007.** Estabelece os critérios e procedimentos para a transferência automática dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios no exercício de 2007. Brasília, 2007b. Disponível em:

<[www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\\_tipo=RES&num\\_ato=00000033&seq\\_ato=000&vlr\\_ano=2007&sgl](http://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000033&seq_ato=000&vlr_ano=2007&sgl)>. Acesso em: 31jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 23, de 08 de junho de 2005.** Estabelece os critérios e os procedimentos para transferência automática dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios. Brasília, 2005. Disponível em: <[www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\\_tipo=RES&num\\_ato=00000023&seq\\_ato=000&vlr\\_ano=2005&sgl](http://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000023&seq_ato=000&vlr_ano=2005&sgl)>. Acesso em: 31 jul.2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 14, de 25 de março de 2004.** Estabelece orientações e diretrizes para a assistência financeira suplementar a projetos educacionais no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado, a ser executado pelo FNDE no exercício de 2004. Brasília, 2004. Disponível em:

<[www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\\_tipo=RES&num\\_ato=00000014&seq\\_ato=000&vlr\\_ano=2004&sgl](http://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000014&seq_ato=000&vlr_ano=2004&sgl)>. Acesso em: 31 jul.2017

\_\_\_\_\_. **Resolução CD/FNDE Nº 18, de 10 de julho de 2003.** Estabelecer orientações e diretrizes para a assistência financeira suplementar a projetos educacionais no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado, para o ano de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: <[https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl\\_tipo=RES&num\\_ato=00000018&seq\\_ato=000&vlr\\_ano=2003&sgl](https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000018&seq_ato=000&vlr_ano=2003&sgl)> Acesso em: 31jul.2017.

BRANDÃO, C.R. **O que é Educação.** São Paulo, Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, Conceito: Círculo de Cultura, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Passagens** (Org.). São Paulo: IMESP, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Tradução: Bruno Magne. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 2000.

CORALINA, Cora. **Poesia.** São Paulo: Comep/Edições Paulinas, 1989. LP vinil. Reedição em "CD". Trilha sonora Eduardo Assad. (Poemas declamados pela autora, por sua filha Vicência Brêtas Tahan e pelo ator Hilton Viana). Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br>> Acesso em: 21 abr. 2017.

COSTA, M. M. F. da. **O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação de valores institucionais.** 1999, 204 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola brasileira de administração pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.

COUTO, Mia. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar.** São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000.

DENZIN, N. K. **Interpretando a vida de pessoas comuns:** Sartre, Heidegger e Faulkner. Dados, v. 27, n. 1, 1984.

DIAS, Gonçalves. **Canção do Exílio.** Brasil: Nova Aguilar, 1988. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/livros/cancao-do-exilio/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

DI PAULA, Benito. **Proteção às borboletas.** Álbum Som13. Rio de Janeiro, 1977. LP. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/benito-di-paula/109762/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

DOMINICÉ, Pierre. **A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 345-357, maio/ago. 2006.

DO NASCIMENTO, Luíz Gonzaga; TEIXEIRA, Humberto. **Assum Preto.** [S.l], 1950. LP. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz\\_Gonzaga#Discografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gonzaga#Discografia)>. Acesso em: 31 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **A triste partida.** Álbum Patativa do Assaré - Poemas e Canções. Fortaleza, 1979. LP. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz\\_Gonzaga#Discografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gonzaga#Discografia)>. Acesso em: 31 jul. 2017.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FÁVERO, Osmar. Políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In: SOUZA, José dos Santos; SALES, Sandra Regina (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERNANDES, Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle. **Como nossos pais.** Álbum Alucinação. LP. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/belchior/44451/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 4.ed; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 - 2003

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler em:** três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981-2005

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967 - 2013

\_\_\_\_\_. **Escola** (Poema). Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 - 2011.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire.** Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994-2014.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org). **O método (Auto) biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a construção democrática no Brasil: da ditadura civil-militar à ditadura do capital. In: ALGEBAILLE, Eveline Bertino. **Democracia e Construção do Público no pensamento educacional brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo, Petrópolis, 2000.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes.** Porto Alegre: L&PM, 1994.

**GAZETA DO OESTE.** Mossoró, 29 jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Mossoró, 14 out. 2010.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. **Sol de primavera.** Álbum Sol de Primavera. Londres: EMI, 1979. LP. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/?q=GUEDES%2C%20Beto%3B%20BASTOS%2C%20Ronaldo.%20Sol%20de%20primavera>>. Acesso em: 29 set. 2016.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, v. 13, n.37, p.108-130. maio/ago. 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSSO, Marie Christine. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (Auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988-2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LIMA, João Ferreira de. **As Proezas de João Grilo**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2007.

LOPES, C. Atualidade das críticas ao Behaviorismo Radical: proposta de uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. X, n. 1, p. 119-123, 2008.

MACHADO, António. **Poesias completas**. 14. ed. Madri, Espanha: Calpe. “Provérbios y cantares”, 1973.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MASIERO, Cláudia Gisele; SILVA, Cristina Ennes. Herança cultural e linguagem em Vida Maria. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Anais eletrônicos**. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2013.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Do Campo à Universidade**: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mossoró, 2013.

MELERO, Miguel López. Es posible contruir una escuela sin exclusiones? **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília-SP, v. 14, n. 1, p. 3-20, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>?> Acesso em: 29 set. 2016.

MELO, Antônio Francisco Teixeira de. **Um Bairro Chamado Lagoa do Mato**. Mossoró: Ed. Queima Bucha. [s/d].

MONTE, Marisa. **Sintomas de saudade**. 2001. Londres: EMI. CD. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/marisa-monte/47264/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

NASCIMENTO, Milton. **Encontros e Despedidas**. França: Barclay Records, 1985. LP. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47425/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Márcia Betânia. **As Contribuições do Proformação/Pedagogia/UERN para a melhoria da prática pedagógica de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

PAIVA, Vanilda Pereira>. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1983.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Representações sociais da escrita: uma abordagem processual. In: CARVALHO, Maria do Rosário de; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOBRINHO, Moisés Domingos (Org.). **Representações sociais**. Mossoró-RN: Fundação Guimarães Duque/ Fundação Vingt- un rosado, 2003.

\_\_\_\_\_. **A (re)invenção de si na formação docente**. In: SOUZA, E.C. de; MIGNOT, A.C.V. (Org.). Histórias de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

PENINHA. **Era tudo uma brincadeira**. Álbum Peninha. [S.l]: Polygram, 1977. LP. Disponível em: <<http://peninha.art.br/discografia>>. Acesso em: 02 ago.2017.

PÉREZ, C. L. V. Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras. In: 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA: IMAGENS E CIDADANIA. Rio de Janeiro, 2003. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.lab-edu>. Acesso em: 02 ago. 2017.

PESSOA, Fernando. **Poesias inéditas**. Lisboa: Ática, 1995 [imp. 1990].

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 124.

QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.

RAMOS, R.C.B. Tecnicismo e construtivismo: **notas sobre a implementação da Proposta de Educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte**. Monografia (Especialização em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN. 1999.

\_\_\_\_\_. Um breve estudo sobre as práticas pedagógicas e a inclusão escolar dos alunos com deficiência que participam do AEE. In: CARVALHO, Edimir de; CRVALHO, Carmem Silva B.F. (Org.). **Práticas pedagógicas: entre as teorias e as metodologias as necessidades educativas especiais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

\_\_\_\_\_. Diálogos com quem ousa nascer a cada momento para a eterna novidade do mundo: experiências formadoras e a escrita de si como recurso para (auto) formação. In: II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas. Mossoró/RN, 2015. **Anais Eletrônicos**. Disponível em:< <http://ernab2015.blogspot.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Inclusão escolar e a formação continuada do PNAIC para professores alfabetizadores das escolas do campo do município de BARAÚNA- RN. In: III Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade, Inclusão Social- SEADIS. Mossoró/RN- UERSA, 2015.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RIBEIRO, Gilmar Lopes. **Parques eólicos: impactos socioambientais provocados na região da praia do Cumbe, no município de Aracati Ceará**. 2013.

SARRES, Michael. **Filosofia Mestiça – Le Tiers-instruit**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1993. Atlas. Madri: Madri, 1994.

SILVA, José Antônio. **Posso um dia ser doutor, pois hoje sou estudante**. Poesias Diversas. Mossoró, RN, 2005. (Folheto de cordel).

\_\_\_\_\_. **Evento Maravilhoso**. (Poema Declamado no II Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas, na Universidade do estado do Rio Grande do Norte). Mossoró, RN. 2016.

\_\_\_\_\_. Narrativas (Auto) Biográficas do poeta Nildo da Pedra Branca. **Entrevista concedida para a pesquisa**. Mossoró, RN, 12 set. 2017.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n 16, p. 20-45, jul./dez.2006. UNITED NATIONS EDUCATIONAL, ISCIENIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil**. Lições da prática. Brasília, 2008.

SOUZA, E. F. Histórias de vida? A memória resgatada através da atividade corporal. **Revista Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 27-41, 1997

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: <imagem.pro.br/ frames>. Acesso em: 23 set. 2009.

SOUSA SANTOS, B. **Portugal: ensaio contra a autoflagelação**. Coimbra: Almedina, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005-2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO: Jomtien, 1990.

VALE, José Misael Ferreira do. Uma aposta no professor. In: KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro. (Org.). **Educação de Jovens e adultos UNESP/ALFASOL: contextos e práticas**. 1.ed. Bauru: Canal6, 2008.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores.** Álbum Geraldo Vandré no Chile. Chile: Banco Benvirá, 1968. LP. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

VIDA MARIA. Direção Marcio Ramos. 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, Trio Filmes, VIACG. DVD (8 min. e 34 seg).

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida.** São Paulo: Ed. Agir, 2005.

## **ANEXOS**

## ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
 LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
 INCLUSÃO

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, José Antônio da Silva, brasileiro, casado, residente no Sítio Pedra Branca, município de Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Entre memórias, rimas e versos: experiências formadoras na voz de um poeta popular no Programa Brasil Alfabetizado – Baraúna/RN**, desenvolvida por Rosilene da Costa Bezerra Ramos e orientada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação a utilização fotos/imagens e/ou depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 de agosto de 2017.

*José Antônio da Silva*

Assinatura do participante

RG/CPF 1283168 / CPF- 904646134-34

*Rosilene da Costa Bezerra Ramos*

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 1245794 / CPF- 785465.594-49

*Valcione Alves da Cunha Soares*

Assinatura da testemunha

RG/CPF 974.618

## ANEXO B - CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
 LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E  
 INCLUSÃO

### CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS

- 1- Pelo presente documento, Luícia de Fátima Paiva Azerêdo de Souza (nome), Luícia de Fátima Paiva Azerêdo de Souza (nacionalidade), Brasileira (estado civil) Canadá (profissão), Professora RG 002.337.069 emitido por SSP CPF 060.388.604-3E, residente e domiciliada na Rua Go Gomen 1 (Sítio Juvinal) na cidade de Baraúna/RN, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte a à pesquisadora Rosilene da Costa Bezerra Ramos a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre as entrevistas prestadas no mês de agosto de 2017, na cidade de Baraúna/RN.
- 2- Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a entrevistada, proprietária original das entrevistas de que trata este termo, terá indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais, sobre as referidas entrevistas, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer citação.
- 3- Fica, pois, a Universidade do estado do Rio Grande do Norte e pesquisadora Rosilene da Costa Bezerra Ramos, autorizados a utilizar as referidas entrevistas, no todo, ou em partes, editadas ou integrais, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

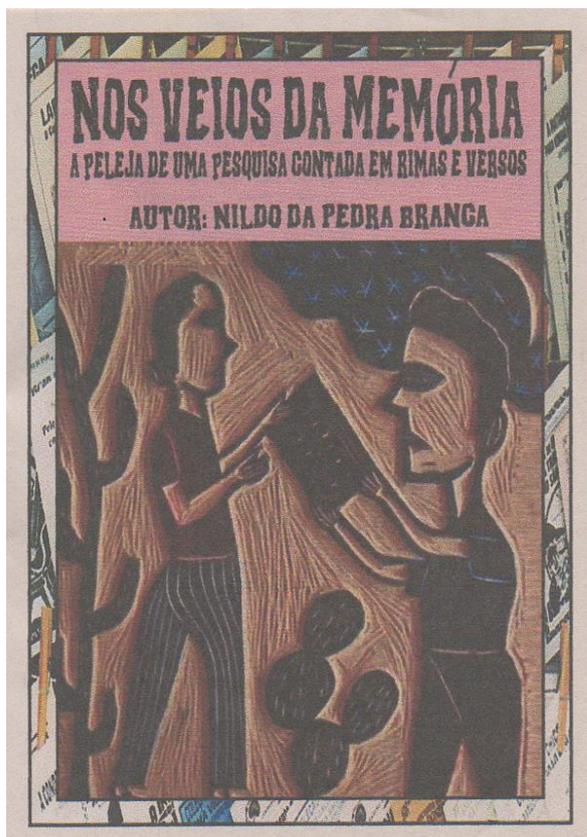
Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em (03) três vias de igual teor e para um só efeito.

Mossoró-RN, 08 de agosto de 2017.

Luícia de Fátima Paiva Azerêdo de Souza  
 Assinatura da participante  
 RG/CPF 002.337.069/060.388.604-36

Rosilene da Costa Bezerra Ramos  
 Assinatura da pesquisadora  
 RG/CPF 1245794/785.465.594-49

## ANEXO C – CORDEL NOS VEIOS DA MEMÓRIA



1  
Ela com os passos curtos  
Veio aqui me encontrar  
Pra fazer sua pesquisa  
Chegou a me visitar  
Com três vezes por mês  
Foi assim que ela fez  
A minha história contar.

2  
Foi uma grande peleja  
Essa pesquisa era assim  
Eu falava ela escrevia  
Todas memórias de mim  
Tem coisa que eu não esqueço  
E lembrei bem do começo  
Época boa e tempo ruim.  
Lá na lagoa do mato.

3  
Rosilene sempre frisa  
Com olhar de educadora  
Sempre diz gosto de mais  
De Ana Lúcia professora  
Tem um imenso respeito  
Pois Ana de todo jeito  
É uma mestre inspiradora.

4  
Essa pessoa que eu falava  
Merece a minha atenção  
É a Rosilene Ramos  
Pessoa de estimação  
Uma ótima educadora  
Essa meiga professora  
Faz parte do meu sermão.

1

5  
Ela com os passos curtos  
Veio aqui me encontrar  
Pra fazer sua pesquisa  
Chegou a me visitar  
Com três vezes por mês  
Foi assim que ela fez  
A minha história contar.

6  
Foi uma grande peleja  
Essa pesquisa era assim  
Eu falava ela escrevia  
Todas memórias de mim  
Tem coisa que eu não esqueço  
E lembrei bem do começo  
Época boa e tempo ruim.  
Lá na lagoa do mato.

7  
Rosilene sempre frisa  
Com olhar de educadora  
Sempre diz gosto de mais  
De Ana Lúcia professora  
Tem um imenso respeito  
Pois Ana de todo jeito  
É uma mestre inspiradora.

8  
Professora Ana Lúcia  
Pessoa espetacular  
É humilde e cautelosa  
Sabe tudo decifrar  
Só passa boa mensagem  
E diz que o bom de uma viagem  
É com seu cangaço viajar.

2

9  
Eu sou meio arigó  
Mas eu vi perfeitamente  
Rosilene conversando  
Comigo e bem sorridente  
Acenando bem com o dedo  
Diz que já tem até medo  
Quando está na sua frente.

10  
Mas tudo isso é meiguice  
Ou coisa do coração  
Ela responde a mãe  
Mas a Ana Lúcia não  
Mas isso tudo é carisma  
Com certeza não é cisma  
É a própria admiração.

11  
E assim continuamos  
Ela sempre inquieta  
Eu passei informações  
Sem fugir da minha meta  
Ela não perdia nada  
Nem se sentia cansada  
Forte igualmente uma atleta.

12  
Hoje me sinto feliz  
Coloco na minha rima  
Por que ela levantou  
Até minha autoestima.  
Tudo o que ela perguntava  
Aos poucos eu falava  
Olhando sempre pra cima.

3

13

Teve até algum gracejo  
Ou até mesmo manobra  
Porque a minha sobrinha  
Pedi pra eu tirar uma cobra  
Da casa de mãe Luzia  
Rosilene só sorria  
Mas com coragem de sobra.

14

Até mesmo quando ela  
Vinha me entrevistar  
Deixava fortalecido  
E com o melhor pensar  
Esse método narrativo  
Foi usado por Cristo vivo  
Sou capaz de apostar

15

Em toda essa pesquisa  
Eu tive admiração  
Falamos da terra quente  
Do nosso seco sertão  
E assim melhorou meus dias  
Em varias manhãs vazias  
Ficamos de prontidão.

16

E é que mais eu gostei  
Quando ela falou um dia  
Que conheceu Luiz campos  
Gosta sim da cantoria  
Mora onde mãe já morou  
Com mãe ela conversou  
Uma conversa-sadia.

4

17

Mas também nessa pesquisa  
Eu me senti com um bom grado  
Porque ela assim falou  
Sobre os ídolos do passado  
Paulo Freire e Belchior  
Isto sim só me deixou  
Cada vez, mais enforcado.

18

Outra coisa que fiquei  
Recheado de emoção  
Rose também foi da época  
Das desbulhas de feijão  
Tinha uma tia em Apodi  
E quando ela estava ali  
Ouvia declamação.

19

Na casa com o chão batido  
Sobre a luz do lampião  
Escutava algumas loas  
No pé daquele torrão  
As estórias de Trancoso  
Com um peve maravilhoso  
Narrando com atenção.

20

Partilhar história vivida  
Só me fez acreditar  
Que entre memórias e rimas  
Tenho muito a contar  
Dividir sabedoria  
Quem faz tudo com alegria  
Não tem quem possa o calar

5

21

Aqui eu só escrevi  
Um pouco dessa pesquisa  
Momentos que eu vivi  
Sentindo o calor da lida  
Com você na minha frente  
Narrei de alma contente  
A ensinança da vida

22

Terminada essa pesquisa  
Te, peço que não se esqueça.  
Eu escrevi um resumo  
Desde quinta até á terça  
Rose pode acreditar  
Eu não consigo tirar  
As perguntas da cabeça.

23

Portanto essa pesquisa  
deixa a gente bem focado  
e mostra que o programa  
Brasil alfabetizado  
tem sim grande qualidade  
e pessoas de bondade  
que tem e faz seu legado.

24

Ela fica de exemplo  
com toda filosofia  
e vê que o povo simples  
tem ciência e maestria  
lá em Baraúna eu vi  
e nunca mais esqueci  
leitura com poesia.

6

25

E pra quem é curioso  
Está tudo registrado  
no portal do POSEDUC  
Vá curiar com cuidado  
veja o site minha gente  
olhe bem ligeiramente  
Pra não ficar congestionado

É preciso dar a César  
o que a César pertence  
pesquisa biscoito fino  
De resultado excelente  
feita pela professora  
é mais que uma educadora  
é mulher mossoroense.

Fim

Mossoró 14 de março de 2018  
Poeta Nildo da Pedra Branca.

7



Cordel escrito em homenagem a pesquisa de mestrado intitulada: intitulada Entre Memórias, Rimas e Versos: Experiências Formadoras na voz de um Poeta Popular no Programa Brasil Alfabetizado – Baraúna/RN, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da UERN.

Mestranda: Rosilene da Costa Bezerra Ramos

Orientadora: Profª Ana Lúcia Oliveira Aguiar  
PhD em Educação.



O Poeta José Antônio da Silva . . . Conhecido por (Nildo da Pedra Branca) nasceu no dia 24 de Março de 1972, na cidade de Mossoró/RN. Filho de Luiz Venâncio da Silva e Luzia Soares da Silva. Idealizador do projeto misturando as poesias que tem como parceiro seu amigo Maurílio Santos, Nildo também é educador popular tendo mais de vinte cordéis publicados e sempre gosta de frisar. Enquanto Cristo existir jamais vai abrir mão de seus ideais.

Impressão:



Quem antes não tinha nada e hoje tem tudo  
Sabe que nem o tudo é tudo  
Mais sabe que o nada sem tudo é nada.

Contato com Nildo da Pedra Branca  
(84) 99909-5670 / 3314-4854